



**Escola Superior de Educação João de Deus**

Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II, III e IV

# **Relatório de Estágio Profissional**

**Mariana Schreck Castelo Branco Trindade**

Orientadora: Professora Doutora Paula Colares Pereira dos Reis

Lisboa, julho 2012









## **Escola Superior de Educação João de Deus**

Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II, III e IV

# **Relatório de Estágio Profissional**

**Mariana Schreck Castelo Branco Trindade**

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em  
Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, sob a orientação da  
Professora Doutora Paula Colares Pereira dos Reis

Lisboa, julho 2012



## Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao Prof. Doutor António Ponces de Carvalho, diretor da Escola Superior de Educação João de Deus (ESEJD), pelo ensino de excelência que promove nesta instituição. A exigência e rigor científico a que nos acostumou fazem com que todos os formandos sejam reconhecidos pelos seus pares, no exterior.

De seguida, agradeço à minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Doutora Paula Colares Pereira, pelo apoio, amizade, disponibilidade e orientações constantes, ao longo da minha formação. Agradeço, também, aos docentes da ESEJD pelos conselhos e conhecimentos teóricos com que me dotaram, em particular à Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Filomena Caldeira, por ser uma referência, na sua forma de ser e de ensinar.

O meu profundo agradecimento a todos os professores cooperantes que, ao longo destes últimos cinco anos, me ajudaram a melhorar a minha prática pedagógica, especialmente à Professora Margarida Oliveira pois é, para mim, um modelo e um exemplo de como eu quero vir a ser.

Agradeço ainda aos funcionários da ESEJD pela disponibilidade e auxílio que me prestaram durante este percurso.

À minha mãe, agradeço tudo o que fez por mim ao longo da minha vida. Todo o amor, dedicação, carinho, amizade, segurança, compreensão e força que me deu nos momentos em que duvidei de mim e quis desistir. Obrigada, mãe, por todo o seu apoio incondicional.

Agradeço à minha restante família, sobretudo à Avó Tatão, por terem acreditado em mim e me terem ajudado a alcançar este objetivo.

Às minhas amigas Céu, Francisca e Suzana, obrigado pela amizade, paciência, alegria e partilha, e por me terem ajudado sempre que precisei. Agradeço também à Rosi por se ter disponibilizado a rever este documento.

Agradeço aos meus irmãos, principalmente ao Tiago, e a todas as crianças que se cruzaram no meu caminho, ao longo deste percurso, pois, sem elas, nada disto seria possível, e por me terem desafiado a inovar e a criar estratégias diferentes para que todos pudessem aprender.

A todas as pessoas que estiveram direta ou indiretamente ligados à elaboração deste trabalho, muito obrigada.





*“Escolhe um trabalho de que gostes, e não terás  
que trabalhar nem um dia na tua vida...”*

Provérbio chinês

Confúcio (551 a.C. – 479 a.C.)



# Índice Geral

Índice de Figuras .....	XV
Índice de Quadros .....	XIX
Introdução.....	1
1. Identificação do local de Estágio.....	3
2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional.....	4
3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional.....	4
4. Identificação do grupo de Estágio.....	5
5. Descrição da metodologia utilizada .....	5
6. Pertinência do Estágio Profissional.....	6
7. Cronologia/Duração.....	7
CAPÍTULO 1 – Relatos diários .....	9
1.1. 1ª Secção – 2.º Ano (Bibe Verde) .....	11
1.1.1. Caracterização da Turma.....	11
1.1.2. Caracterização do Espaço .....	13
1.1.3. Rotinas.....	14
1.1.4. Horário .....	15
1.1.5. Relatos diários .....	17
1.2. 2.ª Secção – 3.º Ano (Bibe Azul claro) .....	36
1.2.1. Caracterização da Turma.....	36
1.2.2. Caracterização do Espaço .....	37
1.2.3. Rotinas.....	38
1.2.4. Horário .....	38
	XI

1.2.5.	Relatos diários .....	40
1.3.	3. <sup>a</sup> Secção – 4. <sup>o</sup> Ano (Bibe Azul Escuro).....	64
1.3.1.	Caracterização da Turma.....	64
1.3.2.	Caracterização do Espaço .....	65
1.3.3.	Rotinas.....	66
1.3.4.	Horário .....	66
1.3.5.	Relatos diários .....	67
1.4.	4. <sup>a</sup> Secção – 1. <sup>o</sup> Ano (Bibe Castanho) .....	81
1.4.1.	Caracterização da Turma.....	81
1.4.2.	Caracterização do Espaço .....	82
1.4.3.	Rotinas.....	83
1.4.4.	Horário .....	83
1.4.5.	Relatos diários .....	84
1.5.	5. <sup>a</sup> Secção – Seminário de Contacto com a Realidade Educativa .....	111
1.5.1.	Caracterização da Turma.....	111
1.5.2.	Relatos diários .....	111
1.6.	6. <sup>a</sup> Secção – Colégio particular, 5. <sup>o</sup> e 6. <sup>o</sup> Anos .....	118
1.6.1.	Caracterização da Turma e Horário .....	119
1.6.2.	Caracterização do Espaço .....	119
1.6.3.	Rotinas.....	119
1.6.4.	Relatos diários .....	119
1.7.	7. <sup>a</sup> Secção – Jardim-Escola João de Deus, 2. <sup>o</sup> Ciclo – 5. <sup>o</sup> Ano.....	146
1.7.1.	Caracterização da Turma.....	146
1.7.2.	Caracterização do Espaço .....	147

1.7.3.	Rotinas.....	148
1.7.4.	Horário .....	148
1.7.5.	Relatos diários .....	149
1.8.	8. <sup>a</sup> Secção – 4. <sup>o</sup> Ano (Bibe Azul escuro) .....	169
1.8.1.	Caracterização da Turma.....	169
1.8.2.	Caracterização do Espaço .....	169
1.8.3.	Rotinas.....	170
1.8.4.	Horário .....	171
1.8.5.	Relatos diários .....	172
CAPÍTULO 2 – Planificações .....		191
2.1.	Fundamentação teórica .....	193
2.1.1.	O que é a planificação?.....	193
2.1.2.	Finalidades da planificação .....	194
2.1.3.	Tipos de planificação .....	195
2.1.4.	Modelo T de aprendizagem.....	197
2.2.	Planificações fundamentadas .....	198
CAPÍTULO 3 – Dispositivos de avaliação .....		213
3.1.	Fundamentação teórica .....	215
3.1.1.	O que é a avaliação? .....	215
3.1.2.	Finalidades da avaliação.....	217
3.1.3.	Tipos de avaliação .....	219
3.2.	Dispositivos de avaliação.....	223
3.2.1.	Avaliação da atividade n.º 1 – Matemática (1. <sup>o</sup> Ano) .....	223
3.2.2.	Avaliação da atividade n.º 2 – Estudo do Meio (3. <sup>o</sup> Ano) .....	227

3.2.3.	Avaliação da atividade n.º 3 – Língua Portuguesa (5.º Ano).....	232
3.2.4.	Avaliação da atividade n.º 4 – Matemática (5.º Ano) .....	237
3.2.5.	Avaliação da atividade n.º 5 – Ciências da Natureza (5.º Ano).....	244
3.2.6.	Avaliação da atividade n.º 6 – História e Geografia de Portugal (5.º Ano)	247
Reflexão final.....		253
Considerações finais.....		255
Limitações ao estudo .....		259
Novas pesquisas.....		260
Referências Bibliográficas .....		261
Referências eletrónicas.....		268
Legislação.....		268

## Índice de Figuras

Figura 1 – <i>Sala de aula do 2.º Ano</i> .....	14
Figura 2 – <i>Outra perspetiva da sala de aula do 2.º Ano</i> .....	14
Figura 3 – <i>Representação do bibe utilizado no 2.º Ano</i> .....	16
Figura 4 – <i>Caixa de Calculadores Multibásicos aberta</i> .....	17
Figura 5 – <i>Exemplo de um Geoplano com figuras construídas</i> .....	20
Figura 6 – <i>Jogo "Tangram"</i> .....	22
Figura 7 – <i>Sala de aula do 3.º Ano</i> .....	37
Figura 8 – <i>Outra perspetiva da sala de aula do 3.º Ano</i> .....	38
Figura 9 – <i>Representação da bata utilizada pelos alunos do 3.º Ano</i> .....	39
Figura 10 – <i>Caixa de Cuisenaire aberta</i> .....	45
Figura 11 – <i>Exemplo do desafio distribuído na aula</i> .....	47
Figura 12 – <i>Material matemático não estruturado utilizado na aula</i> .....	48
Figura 13 – <i>Calculadoras para números complexos</i> .....	52
Figura 14 – <i>Sala de aula do 4.º Ano</i> .....	65
Figura 15 – <i>Outra perspetiva da sala de aula do 4.º Ano</i> .....	66
Figura 16 – <i>Representação da bata utilizada pelos alunos do 4.º Ano</i> .....	67
Figura 17 – <i>Sala de aula do 1.º Ano</i> .....	82
Figura 18 – <i>Outra perspetiva da sala de aula do 1.º Ano</i> .....	82
Figura 19 – <i>Representação do bibe utilizado no 1.º Ano</i> .....	84
Figura 20 – <i>Construção da Casa e material manipulável não estruturado utilizado na aula</i> .....	86
Figura 21 – <i>Construção do poço com o 3.º e 4.º Dons de Fröebel</i> .....	90

Figura 22 – Construção da cama com o 4.º Dom de Fröebel.....	92
Figura 23 – Construção realizada na aula: Fonte e Cavalos.....	101
Figura 24 – Construção do Templo.....	106
Figura 25 – Construção da Ponte .....	106
Figura 26 – Construção da Casa .....	106
Figura 27 – Construção livre n.º 1.....	107
Figura 28 – Construção livre n.º 2.....	107
Figura 29 – Construção livre n.º 3.....	107
Figura 30 – Capa do livro lido na Biblioteca .....	114
Figura 31 – Sala de aula do 5.º Ano .....	147
Figura 32 – Outra perspetiva da sala de aula do 5.º Ano .....	147
Figura 33 – Capa da obra "Chocolate à Chuva", de Alice Vieira .....	150
Figura 34 – Cartaz da peça "Querida Matemática" .....	151
Figura 35 – Frações equivalentes.....	159
Figura 36 – Passagem para fração irredutível .....	159
Figura 37 – Alunos no "Media Lab".....	162
Figura 38 – Visita de estudo à Caravela Vera Cruz .....	163
Figura 39 – Aula no laboratório.....	164
Figura 40 – Jogo do Mickey Mouse (pormenor).....	167
Figura 41 – Jogando ao "Mickey Mouse".....	168
Figura 42 – Sala de aula do 4.º Ano .....	170
Figura 43 – Outra perspetiva da sala de aula do 4.º Ano .....	170
Figura 44 – 4.º Ano A à porta do Museu do Traje e da Moda.....	175
Figura 45 – Avaliação realizada pelos alunos no final da visita.....	176



Figura 46 – <i>Realizando o protocolo experimental</i> .....	178
Figura 47 – <i>Circuito já montado</i> .....	178
Figura 48 – <i>Aula de Matemática</i> .....	180
Figura 49 – <i>Representação de potências com algarismos móveis</i> .....	181
Figura 50 – <i>Proposta de trabalho na área da História de Portugal</i> .....	181
Figura 51 – <i>Construção do poço com o 5.º Dom de Fröebel</i> .....	186
Figura 52 – <i>Proposta de atividade na área da Matemática</i> .....	224
Figura 53 – <i>Gráfico das notas obtidas pelos alunos na atividade n.º 1</i> .....	227
Figura 54 – <i>Proposta de atividade na área do Estudo do Meio (exercício 1)</i> .....	228
Figura 55 – <i>Proposta de atividade na área do Estudo do Meio (exercício n.º 2)</i> .....	229
Figura 56 – <i>Gráfico das notas obtidas pelos alunos na atividade n.º 2</i> .....	232
Figura 57 – <i>Proposta de atividade na área da Língua Portuguesa (exercícios 1 e 2)</i> .....	233
Figura 58 – <i>Proposta de atividade na área da Língua Portuguesa (exercícios 3, 4 e 5)</i> .....	234
Figura 59 – <i>Gráfico das notas obtidas na atividade n.º 3</i> .....	237
Figura 60 – <i>Proposta de trabalho na área da Matemática para o 2.º Ciclo (exercícios 1 e 2)</i> .....	238
Figura 61 – <i>Proposta de trabalho na área da Matemática para o 2.º Ciclo (exercícios 3 e 4)</i> .....	239
Figura 62 – <i>Proposta de trabalho na área da Matemática para o 2.º Ciclo (exercício 5)</i> .....	240
Figura 63 – <i>Proposta de trabalho na área da Matemática para o 2.º Ciclo (exercícios 6 e 7)</i> .....	240
Figura 64 – <i>Gráfico das notas obtidas pelos alunos na atividade n.º 4</i> .....	243
Figura 65 – <i>Grelha de avaliação de competências (resultados)</i> .....	245

Figura 66 – <i>Gráfico das classificações médias obtidas pelos alunos, por critérios....</i>	246
Figura 67 – <i>Proposta de trabalho na área da História e Geografia de Portugal.....</i>	248
Figura 68 – <i>Gráfico das classificações obtidas pelos alunos na atividade n.º 6 .....</i>	251

## Índice de Quadros

Quadro 1 – Cronograma de estágio.....	7
Quadro 2 – Áreas de aprendizagem e dificuldades sentidas pelos alunos do 2.º Ano	11
Quadro 3 – Horário do 2.º Ano.....	16
Quadro 4 – Áreas de aprendizagem e dificuldades sentidas pelos alunos do 3.º Ano	37
Quadro 5 – Horário do 3.º Ano.....	39
Quadro 6 – Horário do 4.º Ano.....	67
Quadro 7 – Áreas de aprendizagens e dificuldades sentidas pelos alunos do 1.º Ano .....	81
Quadro 8 – Horário do 1.º Ano.....	83
Quadro 9 – Horário do estágio realizado no 2.º Ciclo.....	118
Quadro 10 – Horário do 5.º Ano.....	148
Quadro 11 – Horário do 4.º Ano.....	171
Quadro 12 – Exemplo de uma Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem .....	197
Quadro 13 – Plano de aula da Área de Matemática no 2.º Ano .....	200
Quadro 14 – Plano de aula da Área de Estudo do Meio no 3.º Ano .....	202
Quadro 15 – Plano de aula na Área da Língua Portuguesa no 5.º Ano.....	204
Quadro 16 – Plano de aula na Área da Matemática no 5.º Ano .....	206
Quadro 17 – Plano de aula na Área das Ciências da Natureza no 5.º Ano .....	208
Quadro 18 – Plano de aula na Área da História e Geografia de Portugal no 5.º Ano	210
Quadro 19 – Escala de Lickert inicial .....	223
Quadro 20 – Escala de Lickert utilizada na avaliação das atividades.....	223

Quadro 21 – Grelha de avaliação da atividade n.º 1 .....	225
Quadro 22 – Grelha de correção da atividade n.º 1 .....	226
Quadro 23 – Grelha de avaliação da atividade n.º 2 .....	230
Quadro 24 – Grelha de correção da atividade n.º 2 .....	231
Quadro 25 – Grelha de avaliação da atividade n.º 3 .....	235
Quadro 26 – Grelha de correção da atividade n.º 3 .....	236
Quadro 27 – Grelha de avaliação da atividade n.º 4 .....	241
Quadro 28 – Grelha de correção da atividade n.º 4 .....	242
Quadro 29 – Grelha para avaliação de competências.....	244
Quadro 30 – Escala de avaliação de competências.....	245
Quadro 31 – Grelha de avaliação da atividade n.º 6 .....	249
Quadro 32 – Grelha de correção da atividade n.º 6 .....	250

# Introdução



## **1. Identificação do local de Estágio**

No primeiro ano de Mestrado, o local escolhido para realizar a unidade curricular de Estágio Profissional I e II foi um Jardim-Escola João de Deus em Lisboa.

Esta escola está situada no centro da cidade de Lisboa; localiza-se numa zona urbana de fácil acesso rodoviário e de estacionamento. Está rodeado por uma zona habitacional, comercial e de serviços. As instalações são compostas por dois edifícios. No edifício maior funciona a creche – dos quatro meses até aos dois anos –, uma parte do Ensino Pré-Escolar – dos quatro aos cinco anos –, sendo formado por quatro salas de aula, um salão (designado sala da socialização, para ambas as turmas dos quatro anos). O primeiro ano, do 1.º Ciclo, também se encontra no r/c. No primeiro andar, existem seis salas de aula onde funciona o resto do 1.º Ciclo (2.º, 3.º e 4.º anos). No edifício menor encontram-se as duas salas dos três anos, no r/c, e no 1.º andar, o ginásio. O Jardim-Escola possui três complexos de casas de banho para meninos, meninas e pessoal docente e não docente (separadamente), um refeitório, uma cozinha, uma sala de informática, uma despensa, um vestiário, uma sala para os estagiários, uma sala para os educadores/professores, um gabinete para a direção, uma sala com a biblioteca e uma sala dos computadores. Existem, ainda, três recreios, um com mosaicos, de um dos lados do edifício, outro com pavimento mole (esponja) e um pátio com chão calcetado.

No segundo ano de Mestrado, os locais onde realizei as Unidades Curriculares de Estágio Profissional III e IV foram um colégio particular, em Lisboa, e outro Jardim-Escola João de Deus, fora de Lisboa.

O Colégio está situado em Lisboa e acolhe alunos desde o Ensino Pré-Escolar, até ao 12.º Ano. O edifício principal do Colégio é composto por 4 pisos, sendo que o último é utilizado como residência da comunidade religiosa. Os restantes pisos englobam: as salas de aula do 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico, e do Ensino Secundário, os laboratórios de Físico-Química e Ciências Naturais, os serviços administrativos, reprografia, papelaria e bar, as Capelas, e dos departamentos disciplinares e salas de reuniões. Dentro do recinto do Colégio, encontram-se ainda o Jardim de Infância, o edifício do 1.º Ciclo, os refeitórios, o auditório, piscina e pavilhão desportivo, a Igreja, os campos de jogos, a biblioteca e a sala de ballet.

O Jardim-Escola está situado nos arredores de uma cidade do Ribatejo. É composto por um edifício único, onde funcionam a Creche, o Ensino Pré-Escolar e os

1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico. Este edifício pode ser dividido em duas partes. Na parte mais recente, encontram-se duas salas para o 2.º Ciclo, um laboratório com despensa e duas casas de banho, para além de cacifos para os alunos guardarem os seus pertences. O acesso, à parte nova, faz-se através da cantina. A parte mais antiga da escola tem dois pisos. No 1.º piso, encontram-se o ginásio, com um palco, dois balneários, o gabinete da diretora, a sala de informática e a biblioteca da escola, a cozinha e a cantina. O 2.º andar está dividido em três partes: de um lado, encontram-se as três salas da Creche, duas casas de banho, uma sala das mães, que também funciona como sala de apoio, e uma cozinha para a preparação dos alimentos dos lactentes; no meio, encontramos o salão, e as salas dos Bibes Amarelo e Azul; do outro lado, estão as 4 salas de aula do 1.º Ciclo e duas casas de banho. Todas as salas do 2.º andar têm uma porta que dá acesso direto para o recreio exterior.

Após as férias da Páscoa, realizei novamente o Estágio Profissional no Jardim-Escola João de Deus, de Lisboa, referido em primeiro lugar.

## **2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional**

Este relatório está dividido em introdução, três capítulos, reflexão final, referências bibliográficas. Na introdução é identificado o local de estágio, a importância da elaboração deste relatório, a identificação do grupo de estágio, a metodologia utilizada (técnica escolhida para recolher os dados), a pertinência do estágio e o respetivo cronograma. Seguem-se três capítulos: o primeiro, organizado por secções (uma por cada período de estágio), inclui os relatos diários, as inferências e fundamentações teóricas; do segundo constam as planificações elaboradas ao longo de todo o período de estágio; e o terceiro capítulo está reservado para os instrumentos de avaliação utilizados. Para finalizar, na reflexão final, serão apresentadas as considerações finais, as limitações ao estudo e as novas pesquisas.

## **3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional**

A elaboração deste relatório surge no âmbito do Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico (EB), da Escola Superior de Educação João de Deus (ESEJD) e constitui uma ferramenta importante na minha vida profissional futura, pois nele figuram os relatos diários do Estágio Profissional I, II, III e IV que realizei ao longo



do mestrado, e também algumas planificações das aulas que me foram solicitadas bem como os dispositivos de avaliação que elaborei de forma a complementar o trabalho realizado ao longo do mesmo.

#### **4. Identificação do grupo de Estágio**

Durante o primeiro ano do Mestrado, o estágio profissional foi realizado no 1.º Ciclo do EB. Assim, os mestrandos foram divididos em grupos de dois, tendo eu ficado com a minha colega G. A G. é uma pessoa calma mas, um tanto ou quanto ansiosa e pouco segura de si mesma. Apesar de ter muitas capacidades, não acredita que as tem, o que por vezes a prejudica, pois em muitas situações ficou nervosa quando não havia razão para tal. No entanto, sempre me ajudou e apoiou em todos os períodos do estágio que realizámos juntas e, quando foi necessário, na elaboração de materiais para as aulas.

No segundo ano do Mestrado, realizei o meu estágio profissional no 2.º Ciclo do EB, sendo que os mestrandos foram novamente divididos em grupos, e fiquei com a colega H e com a colega I. Quando voltámos para o 1.º Ciclo, fiz grupo apenas com a H. Considero a I uma pessoa tranquila, mas algo despreocupada e pouco rigorosa, no que diz respeito ao trabalho. Já a H é uma pessoa alegre e criativa, esforçada e trabalhadora; sinto que aprendi muito com ela, principalmente a embelezar os materiais e as minhas propostas de trabalho para as aulas.

#### **5. Descrição da metodologia utilizada**

A metodologia utilizada para a recolha de dados com vista à elaboração deste relatório foi a observação direta e a recolha documental. As observações realizadas foram observações participantes, num total de 758 horas, distribuídas da seguinte forma: no 1.º Ciclo do EB, observei uma turma de cada ano de escolaridade, ao longo de três manhãs por semana (das 9h às 13h), num total de 328 horas, durante o ano letivo 2010/2011 e no Seminário de Contacto com a Realidade Educativa, 40 horas; no 2.º Ano do Mestrado, a observação fez-se durante dois dias por semana, num total de 12 horas semanais, às terças e sextas-feiras, no 2.º Ciclo do EB, ao longo do ano letivo 2011/2012, perfazendo um total de 270 horas, aproximadamente; após as férias

da Páscoa, a observação realizou-se, também, às terças e sextas-feiras, num total de 12 horas semanais, mas no 1.º Ciclo, perfazendo um total de 120 horas.

Quivy e Campenhoudt (1998) definem a metodologia utilizada, mais especificamente a observação direta como:

aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela directamente ao seu sentido de observação. [...] Os sujeitos observados não intervêm na produção da informação procurada. Esta é manifesta e recolhida directamente neles pelo observador. (p. 164)

Tal como foi referido anteriormente, de forma a fundamentar as minhas observações e inferências, também recorri à análise de documentos (projeto curricular de turma, dossiês de turma, legislação, entre outros), para incluir opiniões e/ou estudos de autores e investigadores da área.

## **6. Pertinência do Estágio Profissional**

A realização do Estágio Profissional é pertinente pois dá-nos a possibilidade de trabalhar numa sala de aula sob a orientação de um professor que já está no ativo. Ao estagiar desde o primeiro ano da Licenciatura, pudemos deparar-nos com dificuldades que, de outra forma, não teríamos oportunidade de encontrar e, que seriam, eventualmente, um grande choque se tais dificuldades ocorressem no primeiro ano de trabalho. O Estágio Profissional oferece bastante experiência e preparação para o que será a nossa vida profissional.

O facto de sermos avaliados nas aulas assistidas e de recebermos *feedback*, sobre as nossas estratégias, dos professores e colegas que estiveram a assistir, durante as reuniões que se realizam a seguir às aulas, permite-nos modificar as nossas ações e crescer enquanto futuros profissionais do Ensino. As críticas positivas e negativas que nos são feitas ajudam-nos, a melhorar a nossa atuação, visto que nos tornamos melhores nas aulas que lecionaremos posteriormente, e também a percebemos quais as ideias que devemos continuar a sustentar e quais as que devemos abandonar.

Todo este período de Estágio Profissional serviu, sem dúvida, para me fazer crescer enquanto ser humano, mas também a melhorar a minha prática pedagógica.

## 7. Cronologia/Duração

De forma a compreender melhor o relatório que se segue, e para uma leitura mais rápida, apresento, no quadro 1, o cronograma de estágio que foi realizado de acordo com a seguinte ordem: 2.º Ano, 3.º Ano, 4.º Ano, 1.º Ano, no Jardim-Escola João de Deus de Lisboa, no ano letivo de 2010/2011.

Durante o ano letivo 2011/2012, no 2.º Ciclo do Ensino Básico: 5.º Ano e 6.º Ano, no colégio particular; e no 5.º Ano num Jardim-Escola João de Deus fora de Lisboa; e no 1.º Ciclo do Ensino Básico: no 4.º Ano, do Jardim-Escola João de Deus de Lisboa.

Quadro 1 – Cronograma de estágio

<b>Ano de Escolaridade</b>	<b>Período de estágio</b>
<b>2.º Ano (Bibe Verde)</b>	12 de outubro a 26 de novembro de 2010
<b>3.º Ano (Bibe Azul claro)</b>	30 de novembro de 2010 a 14 de fevereiro de 2011
<b>4.º Ano (Bibe Azul escuro)</b>	15 de fevereiro a 15 de abril de 2011
<b>1.º Ano (Bibe Castanho)</b>	2 de maio a 1 de julho de 2011
<b>Colégio particular 5.º Ano e 6.º Ano</b>	26 de setembro de 2011 a 24 de janeiro de 2012
<b>Jardim-Escola João de Deus 5.º Ano</b>	31 de janeiro a 21 de março de 2012
<b>4.º Ano (Bibe Azul escuro)</b>	10 de abril a 22 de junho de 2012

Para terminar, gostaria ainda de referir que este relatório foi elaborado de acordo com as normas APA (American Psychological Association) e Azevedo (2000), a fim de respeitar todas as normas internacionais estabelecidas para a elaboração de trabalhos científicos.



# **CAPÍTULO 1 – Relatos diários**



### 1.1. 1ª Secção – 2.º Ano (Bibe Verde)

Período de estágio de 12 de outubro a 26 de novembro de 2010, 1.º Ciclo do EB, Professora EN.

#### 1.1.1. Caracterização da Turma

Esta turma é constituída por 24 alunos, 13 do sexo masculino e 11 do sexo feminino e, todos com sete anos de idade, feitos até dezembro.

Os alunos que frequentam o 1.º Ciclo são, na maioria, alunos que já frequentaram o ensino Pré-Escolar, porque o regulamento desta instituição assim o prevê. Existem, no entanto, algumas exceções, como as transferências; vinte e dois alunos frequentam o Jardim-Escola desde o Bibe Amarelo (3 anos) e dois alunos entraram no Bibe Azul (5 anos).

Na turma, e de acordo com as informações fornecidas pela professora da sala, três alunos revelam dificuldades de aprendizagem e, de uma forma geral, a turma sente interesse por todas as áreas curriculares. É de referir ainda que se identifica um aluno com problemas comportamentais. As dificuldades sentidas pelos alunos ao nível das aprendizagens, conforme se pode verificar no quadro 2, estão assinaladas com um xis e são as seguintes:

Quadro 2 – Áreas de aprendizagem e dificuldades sentidas pelos alunos do 2.º Ano

Oralidade	X Escrita
Leitura	Raciocínio
Compreensão da leitura	X Cálculo
Resolução de Problemas	Conceitos
Funcionamento da Língua	Vocabulário
X Ortografia	

A escola dispõe de recursos para apoio aos alunos com dificuldades de aprendizagem. O 1.º Ciclo tem duas educadoras/professoras de apoio que ajudam nas aulas, durante o período das 11h às 16h 30m, com um plano estabelecido semanalmente para apoiar todas as turmas em tempos iguais. É a professora titular de turma que dá as indicações dos alunos que, em cada dia, serão apoiados e em que atividades. O professor da turma disponibiliza, naturalmente, todo o apoio e presença

direta junto dos alunos que revelam mais dificuldades e maior insegurança durante o tempo letivo, promovendo o ensino individualizado e a adaptação de trabalhos sempre que se verifica esta necessidade. Como já foi referido, também são elaborados Planos Educativos Individuais (PEI) para os alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), aprovados no Conselho de Docentes. Estes Planos são vistos e assinados pela Direção do Jardim-Escola, pela Professora Titular, pela Professora de Apoio e pelo Encarregado de Educação.

O Decreto-Lei n.º 319/91, de 23 de agosto, que atualiza a Lei de Bases do Sistema Educativo, veio introduzir o conceito de NEE:

[...] A substituição da classificação em diferentes categorias, baseada em decisões de foro médico, pelo conceito de «alunos com necessidades educativas especiais», baseado em critérios pedagógicos;

A crescente responsabilização da escola regular pelos problemas dos alunos com deficiência ou com dificuldades de aprendizagem;

A abertura da escola a alunos com necessidades educativas especiais, numa perspectiva de «escolas para todos»;

Um mais explícito reconhecimento do papel dos pais na orientação educativa dos seus filhos;

A consagração, por fim, de um conjunto de medidas cuja aplicação deve ser ponderada de acordo com o princípio de que a educação dos alunos com necessidades educativas especiais deve processar-se no meio menos restritivo possível, pelo que cada uma das medidas só deve ser adoptada quando se revele indispensável para atingir os objectivos educacionais definidos [...] (p.4390).

Desta forma, os problemas das crianças devem ser tratados sob uma perspectiva educativa, privilegiando a integração dos alunos com NEE nas classes de ensino regular, inserindo o conceito de “Escola para Todos”, introduzido pelo Decreto-Lei n.º 319/91.

De acordo que o Decreto-Lei acima referido e após o seu surgimento, em Portugal, as NEE passam a ser vistas como incapacidades que se reflitam numa ou mais áreas de aprendizagem, resultantes de deficiências de ordem sensorial, motora ou mental, de perturbações da fala e da linguagem, de perturbações graves da personalidade ou do comportamento ou graves problemas de saúde. As NEE podem ter diversas causas, tais como: físicas, sensoriais, intelectuais, emocionais e dificuldades de aprendizagem; podem, além disso, ter um carácter temporário ou permanente.



Ainda de acordo com o decreto antes citado, todas as crianças devem ser tratadas em condições de igualdade de oportunidades e de imparcialidade, em matéria de educação, e todas as crianças com NEE têm direito ao ensino público, gratuito e de qualidade, tal como todas as outras.

Na Conferência de Salamanca sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das NEE, de 1994, foi também acordado que:

As escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Aquelas deveriam incluir crianças deficientes e super-dotadas, crianças de rua e que trabalham, crianças de origem remota ou de população nómada, crianças pertencentes a minorias linguísticas, étnicas ou culturais, e crianças de outros grupos desfavorecidos ou marginalizados. [...] No contexto desta Estrutura, o termo "necessidades educacionais especiais" refere-se a todas aquelas crianças ou jovens cujas necessidades educacionais especiais se originam em função de deficiências ou dificuldades de aprendizagem. Muitas crianças experimentam dificuldades de aprendizagem e portanto possuem necessidades educacionais especiais em algum ponto durante a sua escolarização. (p.3)

Deste modo podemos perceber que nenhuma criança pode ficar fora do ensino.

### **1.1.2. Caracterização do Espaço**

A sala do 2.º Ano é relativamente ampla, bem iluminada e está decorada com cartazes e outros elementos alusivos a conteúdos lecionados neste ano de escolaridade. Esta sala apresenta uma particularidade, que é o facto de ter duas portas: a primeira dá para o corredor (e casas de banho), e a outra permite a passagem para a sala do outro 2.º Ano. Esta particularidade faz com que a sala seja um local de passagem de alunos, professores, funcionários e estagiários, sendo constantes as entradas e saídas de pessoas.

As mesas estão dispostas em cinco filas, com cinco mesas em cada uma, todas orientadas para o quadro. Em cada fila, três alunos estão juntos (as mesas encostadas à janela), e os outros dois alunos estão juntos, mas separados dos outros três. Há ainda um aluno cuja mesa está encostada à secretária da professora. As figuras 1 e 2 mostram duas perspetivas diferentes da sala de aula do 2.º Ano.



Figura 1 – Sala de aula do 2.º Ano



Figura 2 – Outra perspectiva da sala de aula do 2.º Ano

### 1.1.3. Rotinas

As rotinas diárias desta turma seguem o horário elaborado no início do ano, apresentado mais à frente. No entanto, há rotinas que são comuns a toda a escola, e ainda rotinas características de cada ano/turma. Hohmann e Weikart (1997) descrevem a rotina diária como:

[...] uma estrutura para os acontecimentos do dia – uma estrutura que define, ainda que de forma pouco restrita, a maneira como as crianças utilizam as áreas e o tipo de interações que estabelecem com os colegas e com os adultos durante períodos de tempo particulares. (p.224)

O acolhimento dos alunos do 1.º Ciclo faz-se no ginásio da escola. No entanto, durante o período de primavera/verão, quando os dias são mais quentes, os alunos ficam à espera das professoras no recreio. Às nove horas, uma das professoras de cada ano vai buscar as duas turmas e conduzi-las às casas de banho; de seguida, os alunos vão para as respetivas salas de aula.

Já na sala de aula, cada turma tem a sua rotina própria. No caso do 2.º Ano, após os alunos regressarem da casa de banho, a professora dá os bons dias e começa a trabalhar o que tem planeado para esse dia. Pelas aulas que tive oportunidade de observar, a professora desta sala começa por trabalhar a área da Matemática.

Por volta das 11h15m, a professora pede aos alunos para terminarem as tarefas que estavam a realizar, distribui o lanche (ou pede ao “chefe de lanche” para o fazer) e, depois, os alunos fazem um comboio. De seguida, dirige os alunos até ao recreio, onde estes têm a oportunidade de brincar livremente. O intervalo tem a duração de trinta minutos; após esse período, as professoras chamam as crianças e levam-nas à casa de banho, antes de voltarem para a sala.

Segundo Hohmann e Weikart (1997), o recreio é um período do dia

[...] destinado à brincadeira física, vigorosa, barulhenta. [...] Sem a limitação das quatro paredes, muitas crianças sentem-se à vontade para se movimentar, falar e explorar. Os adultos acompanham as crianças nas suas brincadeiras activas, conversam com elas e apoiam-nas, [...] conforme necessário. O tempo no exterior permite às crianças brincarem juntas, inventar os seus próprios jogos e regras e familiarizarem-se com os ambientes naturais. Permite, também aos adultos observar e interagir com as crianças num contexto que as faz sentirem-se confortáveis. (p.231)

O intervalo para o almoço começa às 13 horas, tendo a duração de uma hora e trinta minutos. Os alunos do 2.º Ano almoçam sempre no refeitório da escola. Quanto à rotina da parte da tarde, não a posso descrever porque não tive possibilidade de a observar durante o período de estágio nesta turma.

#### **1.1.4. Horário**

No início de cada ano letivo, são elaborados os horários de cada turma. Estes são estabelecidos tendo em conta as orientações curriculares para a elaboração dos mesmos e para cada nível de ensino, conforme se pode verificar no quadro 3 que se segue. O horário da turma foi fornecido pela professora da sala.

Quadro 3 – Horário do 2.º Ano

HORAS	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
09:00 09:30	Leitura				
09:30 10:00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
10:00 11:00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
11:00 11:40	Recreio/Higiene				
11:40 12:50	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
12:50 13:30	Higiene/Almoço				
13:30 14:30	Recreio/Higiene				
14:30 15:30	Língua Portuguesa	Educação Física	Inglês	Matemática	Língua Portuguesa
15:30 16:10	Estudo do Meio	Matemática	Expressão Plástica	Estudo do Meio	Informática/Biblioteca
16:10 17:00	Música	Estudo do Meio	Expressão Plástica	Estudo do Meio	Assembleia de turma
17:00 17:15	Higiene/Lanche / Saída				

Notas:

➤ Este horário é suscetível de alterações ao serviço da interdisciplinaridade e/ou situações imprevistas.

➤ **Atendimento de Pais** – 2ª-feira das 16h10m às 17h.

➤ **Programação conjunta** – 3ª-feira das 14h30m às 15h30m.

Os alunos que frequentam os Jardins-Escolas João de Deus usam, obrigatoriamente, um bibe. A cada faixa etária é atribuída uma cor que permite distinguir facilmente as crianças e saber, de imediato, a que turma/ano de escolaridade pertencem. Na figura 3, podemos encontrar a representação do bibe utilizado pelos alunos do 2.º Ano.

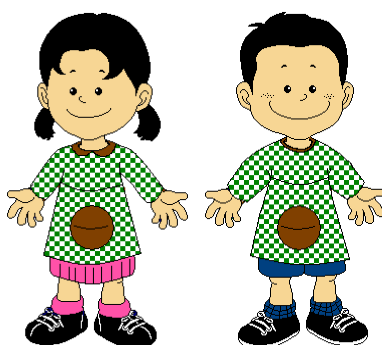


Figura 3 – Representação do bibe utilizado no 2.º Ano

### **1.1.5. Relatos diários**

#### **12 de outubro de 2010**

Neste primeiro dia de estágio, a minha colega G e eu fomos recebidas pela professora da sala, que nos apresentou à turma e nos pediu que déssemos um apoio mais individual a dois alunos que apresentam dificuldades de concentração e aprendizagem.

Depois, a professora iniciou o dia com uma ficha de Matemática, sobre o dobro, a metade, o triplo e a terça parte. Após a resolução da ficha e respetiva correção, a professora distribuiu outra ficha, desta vez de Língua Portuguesa, para abordar o género e o número dos nomes. Depois do intervalo, os alunos tiveram uma aula de Estudo do Meio e falaram sobre o ano comum e o ano bissexto.

#### **Inferências**

Quando fomos apresentadas à turma, a professora fez questão de salientar que tanto a colega G como eu tínhamos a mesma autoridade que a professora e que teríamos que ser respeitadas tanto quanto a professora o era. E referiu ainda que, tal como obedecem à professora NE, os alunos também teriam que nos obedecer, o que na minha opinião foi bastante importante e pertinente.

#### **15 de outubro de 2010**

No segundo dia de estágio, a professora começou por trabalhar com o material matemático Calculadores Multibásicos (figura 4). Conversou com as crianças sobre as regras de manipulação do mesmo e ditou o exercício. Fez ainda a leitura de números por ordens e por classes e colocou questões sobre o algarismo de maior e menor valor relativo e absoluto.



Figura 4 – Caixa de Calculadores Multibásicos aberta

Depois destes exercícios, a docente pediu aos alunos para dizerem números de acordo com critérios que estabeleceu (ex.: “João, diz um número ímpar menor que 10. Ana, diz-me um número par menor que 30 e maior que 15.”), que ia escrevendo no quadro. De seguida, pediu a uma criança para ir ao quadro colocar os números por ordem crescente, depois chamou outras crianças para virem sublinhar o primeiro número, o quinto, o sétimo... e para circundar o segundo, o sexto... Por fim, a professora deixou os alunos brincarem com o material.

Após o intervalo, os alunos utilizaram o manual para ler um texto. Numa ficha de trabalho que tinha sido distribuída previamente pelo “chefe de material” (que é escolhido todas as semanas), as crianças realizaram um exercício ortográfico sobre o texto e também a classificação morfológica de nomes presentes numa frase dada.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Ao utilizar materiais manipuláveis na aula de Matemática, a professora torna a aquisição de certos conceitos matemáticos abstratos mais simples de serem compreendidos pelos alunos. Os materiais manipuláveis tornam a aprendizagem mais lúdica e estimulante, para além de fazerem a ponte entre o concreto (material) e o abstrato (conceitos a serem aprendidos). Desta forma, os materiais manipuláveis são “objetos ou coisas que o aluno é capaz de sentir, tocar, manipular e movimentar. Podem ser objetos reais, que têm aplicação no dia-a-dia, ou podem ser objetos que são usados para representar uma ideia” (Reys 1971, citado por Matos & Serrazina, 1996, p.193).

De acordo com várias leituras que realizei, muitos autores são consensuais no que diz respeito aos manuais escolares, pois consideram que estes constituem um instrumento importante e vantajoso para os professores, uma vez que neles estão reunidos uma grande variedade de textos, de extensão e complexidade progressivamente alargada e adaptadas à idade das crianças, para além de conterem unidades centradas na comunicação oral e escrita, e ainda atividades de funcionamento da língua.

A estrutura da maior parte dos manuais de Língua Portuguesa disponíveis no mercado, segue os Princípios Orientadores do Programa Língua Portuguesa do Currículo Nacional, do 1.º Ciclo (Ministério da Educação, 2004):

[...] O programa apresenta, os domínios Comunicação oral, Comunicação escrita, Funcionamento da Língua — Análise e reflexão, em três blocos distintos, mas pressupondo uma prática integrada. Os conteúdos atualizam os

diferentes domínios, operacionalizando-se num processo pedagógico centrado nos alunos que, em interação na turma, com o professor, constroem a sua aprendizagem. Progressivamente, pelo uso da Língua, pela valorização de vivências, conhecimentos, referências e interesses, pela reflexão oportuna e integrada sobre o funcionamento da Língua, o aluno evolui para práticas mais normativizadas da comunicação oral e escrita. [...] (p.135)

Desta forma, os manuais são utensílios a que os professores podem recorrer para os ajudar na tarefa da escolha e seleção dos textos, tendo apenas que os analisar e escolher aqueles que considerem ser os mais bem adaptados, tendo em conta as características dos alunos.

Os exercícios ortográficos e caligráficos são realizados regularmente, por norma todos os dias; a professora da sala procura intercalar os exercícios, ora um ora outro. Os exercícios caligráficos são muito benéficos para as crianças porque, mesmo no 2.º Ano do EB, muitos alunos ainda não têm uma caligrafia regular. Conforme afirmam Pereira e Azevedo (2005, p.26), “[...] A cópia pode ser um meio útil para ajudar as crianças a formar letras e palavras, mas o excesso de cópias pode reduzir a motivação e as oportunidades de aprender [...]”.

No que diz respeito à ortografia, Zorzi (2003, citado por Pereira & Azevedo, 2005) considera essencial que:

A criança seja capaz de identificar semelhanças sonoras entre as palavras, o que pode resultar em estratégias de escrita, e que se dê conta das possibilidades de construção silábica e das variações de intensidade de uma sílaba para outra, ou seja, da noção de tonicidade. Só compreendendo estes aspectos, é que as crianças irão pondo de lado as hipóteses ortográficas, o que significa ser capaz de pensar nas palavras, não só a partir da sua estrutura sonora, mas também a partir de um referencial visual, considerando a forma gráfica que as palavras têm. (p.44)

Os mesmos autores apontam o exercício ortográfico de palavras soltas ou de frases (textos) como atividades que contribuem para o domínio da ortografia e afirmam que:

Aos sete, oito anos, embora as crianças tenham dificuldades no domínio do código, as aprendizagens fundamentais são a ideia de frase e o conceito de texto, como conjunto de frases. [...] Aprender a escrever implica compreender os diferentes usos que as pessoas fazem da escrita, que não se reduz aos usos que a escola faz ao solicitar cópias, ditados, completação de frases, redações... Implica compreender as funções sociais da escrita, isto é, que ela é usada para dar ou receber informações, para questionar, para convencer, para instruir, para permitir a organização das pessoas no tempo e no espaço, para divertir, para entreter... (pp.45-46).

Trabalhar a escrita e a ortografia na sala de aula é um passo essencial que contribui muito para o desenvolvimento e maturação das capacidades dos alunos.

**18 de outubro de 2010**

Tal como no segundo dia de observação, também neste a professora iniciou o dia utilizando um material matemático, o Geoplano. Depois de explicar as regras de utilização do material em questão, a professora realizou, com um Geoplano colado no quadro, construções com figuras geométricas, e escreveu no quadro as principais figuras geométricas já trabalhadas, lembrando as suas características. De seguida, efetuou simetrias verticais, horizontais e diagonais. Por fim, deixou tempo para os alunos realizarem construções livres.

Para a aula de Língua Portuguesa, a professora distribuiu um texto inédito de Alice Vieira, “De camelo até Belém”, fez a leitura e interpretação do mesmo, e um exercício ortográfico do texto e explorou, na gramática, os nomes próprios.

### **Inferências e fundamentação teórica**

O Geoplano é um material manipulável estruturado (figura 5) que, tal como definido por Serrazina e Matos (1998):

Foi criado pelo matemático inglês Calleb Gategno e é um bom material para a exploração de problemas geométricos. [...] O geoplano mais comum consiste numa base de madeira onde se espetam pregos de modo a formarem uma malha, que pode ter várias texturas. Normalmente é acompanhado por um conjunto de elásticos (de preferência coloridos) que vão permitir desenhar (p.183).

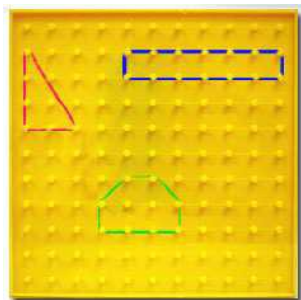


Figura 5 – Exemplo de um Geoplano com figuras construídas

Mais uma vez, quero reforçar a ideia de que o uso de materiais manipulativos estruturados e não estruturados na aprendizagem da Matemática é indispensável, pois ajudam as crianças a adquirir conceitos abstratos de uma forma mais fácil, para além de tornar a aprendizagem mais apelativa. Assim, segundo as Orientações Curriculares e Programas do EB – 1.º Ciclo, (1997, citadas por Ponte & Serrazina, 2000, p. 130), “[...] na aprendizagem da Matemática, como em qualquer outra área, as crianças estão fortemente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição. Neles, a



criança deverá encontrar resposta à sua necessidade de exploração, experimentação e manipulação”.

O Geoplano é uma excelente ferramenta que pode ser utilizada para auxiliar os professores no trabalho e ensino das figuras e formas geométricas planas, e tudo o que com elas se relaciona. Com este material ainda podem ser abordados vários conceitos, tais como: medidas, lados, simetrias, áreas, perímetros, ampliação e redução de figuras.

## **19 de outubro de 2010**

Este dia começou com um trabalho de Matemática elaborado com lã, para a classificação das linhas quanto à sua forma.

Depois do intervalo, os alunos leram um texto de Sophia de Mello Breyner Andersen, que constava no manual, “O parque no Outono” (adaptado e com supressões). Para além de exercícios de funcionamento da língua (análise morfológica, sinais de pontuação, classificação das palavras quanto ao número de sílabas e à acentuação) as crianças também fizeram um exercício caligráfico.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Quando chegámos à sala, a professora disse-nos logo que precisava muito da nossa ajuda pois queria realizar o trabalho com lã e, dado que os alunos ainda são pequenos, iriam necessitar de um grande apoio, caso contrário o trabalho demoraria muito mais tempo e não ficaria limpo ou bem apresentado.

Cohen (1981, citado por Lima, 2002a) afirma que:

[...] a essência de um controlo profissional e de um crescimento intelectual contínuos reside no contacto estimulante com pares de desafiam constantemente as ideias existentes acerca das crianças, do currículo, da gestão da sala de aula e de problemas mais vastos ligados à relação entre a escola e a comunidade. (p.41)

Neste caso, a nossa presença foi essencial porque pudemos dar apoio à professora da sala, auxiliando-a no trabalho com os alunos, fazendo com que a atividade decorresse com normalidade e com que todos os alunos tivessem atingido os objetivos propostos.

**22 de outubro de 2010**

Este dia iniciou-se novamente com a área da Matemática, mas a professora alterou a disposição da sala e colocou os alunos, aos pares, frente a frente, para trabalharem com o material matemático, *Tangram* (figura 6). Os alunos realizaram construções com a ajuda da professora, lembraram o nome das figuras geométricas e as suas características.



Figura 6 – Jogo "*Tangram*"

Após o intervalo, e já com a sala na sua configuração habitual, as crianças realizaram um exercício ortográfico de palavras soltas e um exercício de expressão escrita. No segundo exercício, os alunos tinham que colocar, em três retângulos distintos, uma personagem, um local e uma ação que depois iriam utilizar no seu trabalho. Para terminar o exercício, tinham que ilustrar a história.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Segundo Caldeira (2009, p. 391), "[...] o Tangram é um jogo ou "quebra-cabeças" de origem chinesa. [...] As diferentes peças são obtidas a partir da dissecação de uma figura geométrica segundo determinadas condições, permitindo depois a obtenção de novas figuras através da recombinação das partes obtidas".

Quanto à finalidade deste material, e ainda para esta autora, o mesmo:

tem um lugar no ensino da Matemática. Ajuda a desenvolver as inteligências lógico-matemática, espacial e intrapessoal. [...] permite actividades que envolvem a manipulação de figuras geométricas, fazendo inúmeras composições, transformações e rotações de figuras geométricas [...]. O Tangram favorece uma diferente abordagem da geometria. [...] pode-se obter uma variedade de formas: figuras geométricas, animais, objectos e figuras abstractas [...]. (p.398)

Baseado numa abordagem construtivista de Vygotsky (s.d., citado por César, 2001), podemos afirmar que os jogos e o ato de brincar têm um papel importante na construção do ser Humano; as relações interpessoais são fundamentais para atingir o

conhecimento. Sendo o jogo um processo lúdico e motivador durante o qual a criança brinca, se diverte, aprende e interage com outros (crianças e adultos), pode-se afirmar que este é e deve ser sempre uma parte integrante da educação e do crescimento de todas as crianças.

Assim, quando a professora utiliza jogos na aula de Matemática, desenvolve, nos alunos, conhecimentos, capacidades, destrezas, valores e atitudes, de uma forma mais lúdica e estimula as crianças a participarem em atividades, fazendo com que elas aprendam quase sem se aperceberem.

## **25 de outubro de 2010**

Nesta segunda-feira, todos os alunos do 1.º Ciclo realizaram uma ficha de avaliação formativa de Estudo do Meio. Quando cheguei à sala, as carteiras estavam dispostas de uma forma diferente do habitual, estavam separadas umas das outras. A ficha é realizada ao mesmo tempo por todas as crianças.

Depois do intervalo e já com a sala na sua configuração habitual, os alunos fizeram a leitura de um texto “O rapaz que vivia na televisão”, de Luísa Ducla Soares, e executaram exercícios de funcionamento da língua.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Segundo Abrecht (1994):

A avaliação formativa não é uma *verificação* de conhecimentos (ao contrário da avaliação sumativa). É antes o *interrogar-se sobre um processo*; é o refazer do caminho percorrido, para refletir sobre o processo de aprendizagem em si mesmo, sendo útil, principalmente, para levar o aluno a considerar uma trajetória e não um estado (de conhecimentos), dando sentido à sua aprendizagem e alertando-o, ao mesmo tempo, para eventuais lacunas ou falhas de percurso, levando-o, deste modo, a buscar – ou nos casos de menor autonomia, a solicitar – os meios para vencer as dificuldades (pp. 18-19).

Segundo Cardinet (1979, citado por Abrecht, 1994, p. 31), a avaliação formativa “[...] tem como finalidade guiar o aluno no seu trabalho escolar. Procura situar as dificuldades sentidas pelo aluno, ajudando-o a descobrir modos de progredir na aprendizagem.”

A avaliação deve ser utilizada pelos professores ao longo do ano letivo, sempre que tal lhes pareça necessário, e de forma a poderem orientar as suas práticas educativas.

## **26 de outubro de 2010**

O dia de hoje começou pela área da Língua Portuguesa, onde os alunos continuaram a explorar o texto utilizado na véspera: “O rapaz que vivia na televisão”. Depois de terminada a leitura, realizaram exercícios práticos de funcionamento da língua, pois no dia seguinte teriam que fazer a ficha de avaliação formativa de Língua Portuguesa, assim como um exercício caligráfico.

Na área da Matemática, as crianças resolveram exercícios práticos de consolidação da matéria que ia sair na ficha de avaliação formativa que seria na sexta-feira.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Quando a professora trabalha, na sala de aula, os conteúdos que os alunos devem saber para as fichas de avaliação formativa, ajuda os que têm mais dificuldades a estudar. Muitas vezes, quando chegam a casa, as crianças com estas idades esquecem-se que têm fichas de avaliação e/ou trabalhos de casa e, se não tiverem um apoio dos pais, “desligam” da escola e só pensam em brincar, atividade que também é muito importante para o seu desenvolvimento.

Sobre a importância da Família, Reis (2008, p. 36) afirma que “não é possível uma Educação adequada e completa sem a existência da Família.” Mais à frente, Gervilla (2001, citada por Reis, 2008, p. 36) menciona que “a família é o pilar fundamental para o crescimento da criança”.

O apoio que os pais dão em casa e o seu envolvimento na vida escolar dos filhos são indispensáveis para um bom desenvolvimento da criança, tanto a nível pessoal como académico.

## **29 de outubro de 2010**

Tal como aconteceu na segunda-feira, neste dia, as mesas estavam todas separadas, para a realização da ficha de avaliação formativa de Matemática; todos os alunos do 1.º Ciclo realizaram a prova à mesma hora.

Depois do intervalo e com a sala arrumada na sua configuração habitual, os alunos trabalharam Língua Portuguesa, leram um texto “Finalmente...um lar”, de Madalena Gomes, fizeram a interpretação do mesmo e um exercício caligráfico. De

seguida, a professora abordou os constituintes da frase: o Grupo Nominal e o Grupo Verbal.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Apesar do modelo adotado pela escola ser um modelo homogêneo, existem, em quase todas turmas, crianças com níveis, de conhecimentos e cognitivos, diferentes.

Gardner (1995) define a avaliação como:

a obtenção de informações sobre as capacidades e potenciais dos indivíduos, com o duplo objetivo de proporcionar um *feedback* útil aos indivíduos e informações proveitosas para a comunidade circundante. O que distingue a avaliação da testagem é o facto de a primeira favorecer as técnicas que eliciam informações formais no curso do desempenho habitual, e a sua apreensão com o uso de instrumentos formais administrados num ambiente neutro, descontextualizado. (pp. 150-151)

Mais à frente no seu livro, o mesmo autor expõe a sua posição em relação aos instrumentos de avaliação:

[...] a maioria dos instrumentos de testagem tende muito a favorecer duas variedades de inteligência: a linguística e a lógico-matemática. Os indivíduos abençoados com esta combinação específica provavelmente terão sucesso em quase todos os tipos de testes formais, mesmo que não sejam particularmente aptos no domínio que está a ser investigado. [...] A solução [...] é desenvolver instrumentos que sejam justos para com a inteligência, que examinem diretamente a inteligência-em-operação, em vez de seguir através do desvio da linguagem e das faculdades lógicas. (p.152)

Tendo em conta o nível de conhecimentos das crianças e para que não fiquem desmotivados perante uma ficha de dificuldade elevada, alguns alunos têm fichas de avaliação diferentes das dos seus colegas.

### **2 de novembro de 2010**

Na área da Matemática a professora explicou a numeração romana e os alunos realizaram uma ficha de trabalho com exercícios práticos sobre o tema abordado.

Na área da Língua Portuguesa, as crianças efetuaram a correção oral da ficha de avaliação formativa.

### **Inferências e fundamentação teórica**

A meu ver, o tema da numeração romana é um assunto complexo mas, se for dado de forma lúdica e através de uma história, irá suscitar interesse nos alunos e tornar-se-á menos complexo porque pode ser encarado como um jogo.

Quanto à correção oral da ficha de avaliação, Neto, Marujo e Perloiro (1999) reforçam a ideia que

Nunca ninguém na vida conseguiu aprender sem errar. O erro é qualquer coisa que se faz e que, mais tarde, depois de reflectir, gostaríamos de ter feito de forma diferente. [...] Cada erro ensina-nos o que temos que corrigir e leva-nos a aproximar-nos da realização mais perfeita da tarefa. O erro é valioso [...] (pp.116-117)

Desta forma, considero que a correção é importante porque os alunos têm acesso às suas provas e podem ver os exercícios que erraram, contribuindo para a sua aprendizagem.

### **5 de novembro de 2010**

Na sexta-feira, a professora começou por nos pôr a par da matéria que tinham abordado na véspera, os sólidos geométricos; explicou que tinham lembrado a definição de poliedros e não poliedros, quais os principais sólidos geométricos, os seus nomes e características. No final, realizaram um pequeno jogo. Depois da explicação, o “chefe de material” distribuiu uma ficha com exercícios práticos de consolidação da matéria dada no dia anterior.

Após o intervalo, as crianças utilizaram o manual para ler um texto de banda desenhada com o título “A preocupação da Rita”. Depois de realizarem um exercício ortográfico, a professora abordou novamente os constituintes da frase (grupo nominal e grupo verbal), e acrescentou o Grupo Móvel.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Ao eleger todas as semanas “chefes” de material, de lanche, de casa de banho, de cantina... a professora está a responsabilizar as crianças, tornando-as mais responsáveis e autónomas, contribuindo assim para o seu desenvolvimento pessoal. Tal como defende Cordeiro (2010, p. 216), a responsabilidade é “um conjunto de capacidades que se desenvolvem e aprendem, que incluem: respeito e solidariedade com os outros; respeito por si próprio; honestidade; integridade; defesa de valores em

que se acredita; [...] capacidade de sonhar e de fantasiar, mas igualmente de entender a realidade e saber as limitações.”

Todas as semanas, a professora tem o cuidado de mudar os “chefes”, permitindo que todos os alunos experienciem os diferentes cargos.

Em relação à aula de Matemática, penso que a geometria no espaço é um conteúdo muito interessante de lecionar, pois, todos os dias, os alunos estão em contacto com objetos de três dimensões, manipulando-os em vários contextos. Atualmente, o Programa de Matemática do Ensino Básico (M.E., 2007) refere que:

[...] se exige da escola uma formação sólida em Matemática para todos os alunos: uma formação que permita aos alunos compreender e utilizar a Matemática, desde logo ao longo do percurso escolar de cada um, nas diferentes disciplinas em que ela é necessária, mas igualmente depois da escolaridade, na profissão e na vida pessoal e em sociedade [...] (p.3)

Assim, e de acordo com o programa acima citado, a área da Matemática no EB deve contribuir para o desenvolvimento pessoal do aluno, deve oferecer a formação matemática essencial a outras disciplinas e à prossecução dos estudos (tanto em Matemática como noutras áreas). Por fim, deve contribuir igualmente para a absoluta realização do aluno na participação e desempenho sociais e na aprendizagem ao longo da vida.

Mais especificamente em relação à Geometria e Medida, temas integrados na disciplina da Matemática, o Programa de Matemática do EB (ME, 2007) descreve que os mesmos devem:

Desenvolver nos alunos o sentido espacial, com ênfase na visualização e na compreensão de propriedades de figuras geométricas no plano e no espaço, a noção de grandeza e respectivos processos de medida, bem como a utilização destes conhecimentos e capacidades na resolução de problemas geométricos e de medida em contextos diversos. (p.20)

É relevante que os professores relacionem os conteúdos que lecionam com o dia-a-dia dos alunos pois, ao fazê-lo, tornam a aprendizagem mais motivante e significativa e contribuem de forma mais significativa para o desenvolvimento das capacidades das crianças.

## **8 de novembro de 2010**

Nesta manhã de observação, foi a minha colega de estágio que deu aula. Ela começou por abordar a área da Língua Portuguesa, durante a qual teve que falar

sobre o texto dramático. Para dar este tema, elaborou um texto e distribuiu uma imagem a cada criança. O texto que mostrou aos alunos fazia interdisciplinaridade com o tema de Estudo do Meio, sendo que cada personagem era um alimento diferente. As carteiras estavam dispostas em “U” e a colega foi circulando de forma a auxiliar todos. De seguida, explicou a roda dos alimentos e realizou uma pequena atividade com a colaboração dos alunos.

Depois do intervalo, a colega recorreu a um *powerpoint* para abordar as unidades de medida de tempo. Fez um pequeno jogo e, para terminar, distribuiu uma ficha de consolidação dos conhecimentos.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Quando a colega estava a realizar a atividade de Estudo do Meio – construção de uma roda dos alimentos com alimentos verdadeiros – e porque já era perto da hora do intervalo, as crianças ficaram um pouco agitadas, o que resultou em burburinho e conversas paralelas. No entanto, como o material que tinha era apelativo e a minha colega impôs limites às crianças, acabou por conseguir gerir toda aquela agitação. Depois do intervalo, e pelo facto da estagiária ter mudado de estratégia, as crianças colaboraram na aula até ao final, e estiveram sempre interessadas.

No seu livro, Caldeira (2009) expõe que

Tem sido apontado pela literatura que os materiais na prática educativa são facilitadores duma aprendizagem significativa, quando aliam o sentido lúdico ao jogo, visto que a criança pode desenvolver-se e interagir com o meio, de forma a desenvolver capacidades intelectuais, afectivas e sociais. (p.12)

Desta forma, utilizando materiais, cativamos melhor a atenção dos alunos que se sentem motivados e interessados e participam mais ativamente na aula.

### **9 de novembro de 2010**

Neste dia, foi a minha vez de dar aula. Os temas que me foram atribuídos foram os seguintes: Língua Portuguesa – o texto informativo, Matemática – as horas, Estudo do Meio – o prazo de validade dos alimentos. Como tal, decidi organizar a minha manhã de aulas da seguinte forma: o dia começou com Língua Portuguesa e, para contextualizar o tema, conversei com as crianças sobre acontecimentos do dia-a-dia e sobre as diferentes formas que as pessoas têm de obter informações. De seguida, distribuí um jornal gratuito (do próprio dia) a cada criança e dei tempo para



que todos o folheassem e explorassem. Depois, expliquei quais as partes que habitualmente constituem um jornal e desenvolvi o tema da aula em torno de uma notícia – texto informativo. Para terminar esta área, pedi a colaboração do chefe de material para distribuir uma ficha onde estava uma imagem (havia cinco imagens diferentes), que os alunos tinham que utilizar para elaborar uma notícia, respondendo às perguntas: O que aconteceu? Onde aconteceu? Como aconteceu? Porque aconteceu?

Quando estava a dar a aula de Língua Portuguesa, a professora EN lembrou-se que os alunos tinham uma ação de formação sobre a importância da higiene oral, no ginásio da escola, nesse dia de manhã. Então, a aula de Língua Portuguesa foi encurtada e, depois de recolher as fichas, conversei com os alunos sobre as suas rotinas e hábitos alimentares e sobre o modo de conservação dos alimentos, antes da invenção do frigorífico. Seguidamente, alertei-os para a importância de verificarem o prazo de validade dos alimentos que consumimos e para terminar realizei um pequeno jogo: coloquei um calendário no quadro e distribuí um alimento a cada aluno (iogurte, leite, cereais). As crianças tinham que fazer uma cruz no dia em que terminava o prazo de validade desse alimento e dizer, tendo em conta o dia em que estávamos, se podíamos ou não utilizar esse alimento de forma segura. Conforme a resposta, os alunos tinham que colocar o alimento numa caixa verde (se o alimento estivesse dentro do prazo de validade) ou numa caixa encarnada (se o alimento estivesse fora do prazo de validade).

Terminado o jogo, as crianças foram até ao ginásio da escola e assistiram à ação de formação sobre a higiene oral. Quando esta terminou, os alunos voltaram à sala e distribuí-lhes um relógio em cartolina. Conversámos sobre a importância das horas no dia-a-dia e ensinei-lhes a utilizar o relógio analógico.

### **Inferências**

Apesar de ter preparado a aula com antecedência e elaborado os materiais cuidadosamente, era a minha primeira aula nesta turma e neste ano letivo, e talvez a estratégia que utilizei não tenha sido a melhor. Também não estava à espera que os alunos tivessem uma ação de formação nesse dia. A sessão deveria ter durado quinze/vinte minutos, mas acabou por durar quarenta e cinco minutos, o que fez com que os alunos não tivessem intervalo. Por esse facto, as crianças estavam cansadas e saturadas, não tiveram tempo para descontraí-las e brincar e portanto estavam mais agitadas na última área (Matemática), não tendo conseguido focar a atenção, fazendo

com que a aula não tivesse decorrido da melhor forma. Penso que os alunos com mais dificuldades não ficaram a perceber a mensagem e, por isso, os objetivos da aula não foram atingidos a 100%.

No geral, considero que apesar dos acontecimentos inesperados, a aula foi conseguida e que a mensagem que queria passar chegou às crianças.

## **12 de novembro de 2010**

Hoje, os alunos começaram por realizar um exercício ortográfico de palavras soltas e, de seguida, resolveram exercícios de funcionamento da língua.

Depois do intervalo, os alunos realizaram uma ficha de Matemática, onde tiveram que resolver exercícios práticos sobre a matéria que tinham estado a aprender durante a semana.

### **Inferências**

Ao realizar exercícios ortográficos de palavras soltas, a professora tenta utilizar as palavras em que os alunos costumam dar muitos erros ou cuja grafia seja mais complexa, por exemplo: exercício, comum, feminino. Treinando essas palavras a docente ajuda os alunos a escreverem corretamente.

## **15 de novembro de 2010**

Tal como sucedeu no décimo segundo dia de estágio, hoje também foi a minha vez de dar a manhã de aulas. Os temas que me tinham sido atribuídos foram: Matemática – Prova dos 9 da subtração; Língua Portuguesa – Consulta do dicionário; Estudo do Meio – Higiene do vestuário.

Para começar a manhã, pedi a colaboração dos alunos para estabelecer as regras de sala de aula e expliquei a estratégia de comportamento que ia utilizar. Depois, conversei com as crianças sobre o que já tinham aprendido anteriormente na área da Matemática (Prova dos 9 na adição). De seguida, pedi ajuda ao “chefe de material” para distribuir uma ficha de Matemática cujas situações problemáticas resolvi, no quadro e introduzi o tema da aula. Os alunos realizaram a prova dos 9 das situações problemáticas que tinham resolvido.

Terminada a ficha, pedi novamente a colaboração do “chefe de material” para distribuir outra ficha, desta vez de Língua Portuguesa. O texto que escolhi foi um excerto do livro *A Menina do Mar*, de Sophia de Mello Breyner Andersen, realizei a leitura modelo e solicitei a leitura do texto por parte de algumas crianças. Depois, coloquei oralmente algumas perguntas de interpretação e, por fim, introduzi o dicionário, auxiliando os alunos com mais dificuldades na procura do significado das palavras pedidas.

Depois do intervalo, mostrei-lhes uma apresentação em *powerpoint* e conversámos sobre a higiene do vestuário. Neste *powerpoint* estava incluído um vídeo que mostrava o processo de fabrico de calças de ganga, desde a recolha do algodão, ao transporte e transformação até as calças serem distribuídas pelas lojas. Os alunos gostaram muito do filme e pediram que o passasse novamente: estavam muito curiosos e interessados e colocaram questões bastante pertinentes no decorrer do filme.

No final da aula, levei as crianças para o ginásio, onde realizámos um jogo em que os participantes tinham que mudar de lugar de acordo com a roupa que tinham vestida. O jogo pode ser realizado no exterior e no interior e, inicialmente, é jogado com os participantes sentados em cadeiras (sem braços). No entanto, modifiquei-o de forma a poder ser jogado no ginásio da escola: todos os participantes fazem uma roda e é-lhes entregue uma “bolacha” (pequeno tapete redondo de borracha) que deixam no chão e colocam-se de pé em cima da mesma. A pessoa que está a orientar o jogo começa no centro da roda e grita: “Salada de frutas a quem tem... (peça de roupa e cor)!”; todos os jogadores que têm uma peça de roupa com as características pedidas pela pessoa que estava no meio, têm que sair da sua bolacha e procurar uma bolacha vazia. A pessoa que estava no meio deve tentar ocupar uma bolacha, ficando assim, sempre um jogador de fora. A pessoa que ficou sem lugar fica no centro e grita novamente “Salada de frutas a quem tem ...”. À medida que o jogo ia avançando, foram sendo tiradas bolachas, e assim ficaram cada vez menos alunos até se encontrar o vencedor.

Depois de acabar o jogo, os alunos vestiram os bibes, fizeram o “comboio” e foram conduzidos ao refeitório para almoçar.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Esta aula decorreu de uma forma completamente diferente da minha primeira experiência. Seguindo o conselho da professora da sala, adotei uma estratégia de comportamento que me ajudou na gestão dos alunos dentro da sala de aula.

Sobre as regras na sala de aula, Amado e Freire (2002) explicam que quando o professor estabelece regras básicas como o respeito e a solidariedade, quando reforça positivamente os comportamentos desejáveis e sanciona os menos adequados, colabora definitivamente para a prevenção de situações de indisciplina.

A minha estratégia de comportamento consistia em borboletas de quatro cores diferentes (azul, verde, amarelo e encarnado). Os alunos foram separados por filas, e todas as filas começaram com uma borboleta azul. Se o comportamento fosse desadequado, a borboleta era substituída por outra de cor diferente. Da mesma forma que se o comportamento fosse adequado, a borboleta também era substituída.

Para fazer o jogo, depois de estarmos todos no ginásio, pedi aos alunos para tirarem os bibes. Ficaram muito surpreendidos por estarem sem o bibe vestido, alguns estranharam, outros ficaram muito divertidos e compararam as suas roupas. Não estava à espera desta reação por parte das crianças mas depois percebi o seu espanto pois estão habituadas, no contexto da escola, a ver apenas o bibe e não a roupa dos colegas.

Gostei muito de dar esta segunda aula, fiz uma abordagem diferente, pois já conhecia os alunos e penso que decorreu melhor do que a primeira. Senti-me muito bem com os alunos e, pelas reações que observei, acho que os próprios também gostaram desta manhã.

### **16 de novembro de 2010**

Hoje, foi a vez da minha colega de estágio dar a sua segunda manhã de aulas. Esta começou por distribuir um texto, que leu em conjunto com os alunos e, de seguida, colocou algumas perguntas de interpretação. Depois ajudou-os a procurarem no dicionário o significado de algumas palavras.

Antes do intervalo, a colega recorreu a uma apresentação em *powerpoint* e abordou, na área de Estudo do Meio, a higiene dos espaços coletivos, tendo feito um pequeno jogo no final.

Após o intervalo, a colega utilizou algarismos móveis e realizou algumas operações de subtração, com as respetivas Provas dos Nove.

### **Inferências e fundamentação teórica**

A minha colega preocupou-se sempre em fazer interdisciplinaridade dos temas. Tal como define Pombo (1994, p. 13), a interdisciplinaridade é “qualquer forma de combinação entre duas ou mais disciplinas [...]” e envolve “[...] alguma reorganização do processo de ensino/aprendizagem e supõe um trabalho continuado de cooperação dos professores envolvidos.”.

De certa forma, a interdisciplinaridade ajuda na construção da aula porque permite que a mesma tenha um fio condutor, fazendo com que as crianças se sintam motivadas para aprender, mesmo que seja um só docente.

Mais tarde, Pombo (2004) dedica-se à interdisciplinaridade na escola, descrevendo-a como:

[...] o progresso acelerado do conhecimento e a velocidade da sua fragmentação colocou a escola numa situação de crise sem precedentes. Ela tem cada vez mais coisas para ensinar; conhecimentos cada vez mais especializados, desintegrados e dispersos, mais afastados da experiência imediata e, [...] mais distante dos alunos. [...] Pela sua parte, os professores – fustigados também eles pelas consequências do progresso – [...] têm vindo a apontar para a interdisciplinaridade enquanto prática de ensino capaz de permitir enfrentar o impacto curricular dessa situação. (pp. 116-117)

Por vezes, a interdisciplinaridade nem sempre é possível, pois os temas que nos são dados não o permitem.

### **19 de novembro de 2010**

Devido à realização da Cimeira da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN/NATO) em Lisboa, muitas crianças não foram à escola neste dia. Apenas com metade dos alunos presentes, a professora começou por distribuir uma ficha de Matemática, durante a qual as crianças tiveram que fazer a leitura de números e resolverem exercícios práticos sobre a matéria dada anteriormente. Durante esse

período, a minha colega e eu estivemos a auxiliar a professora com os preparativos para a Festa de Natal.

Nos restantes dias de estágio no 2.º Ano, nem a minha colega nem eu assistimos às aulas dadas pela professora da sala visto que estivemos, no ginásio, a preparar os cenários para a Festa de Natal.

## **22 de novembro de 2010**

Quando chegámos ao estágio, a professora EN não quis que fossemos logo continuar os cenários. Depois, fomos chamadas para assistir à aula do colega J, no 3.º Ano. Quando chegámos à sala, já a aula tinha começado: os alunos estavam a ler um texto sobre o número  $\pi$ . Depois de fazer perguntas de interpretação e análise gramatical, o estagiário fez interdisciplinaridade com a Matemática, tendo realizado exercícios sobre o perímetro do círculo. Quando estava a assistir à aula do meu colega, uma estagiária veio chamar-me pois eu ia ter uma aula surpresa.

Quando cheguei à sala do 2.º Ano deparei-me com treze estagiários dentro da sala, para além da professora da equipa de Supervisão Pedagógica que ia ver a minha aula. Assim, a professora disse-me para dinamizar o texto “Festa na Escola” de Luísa Ducla Soares, presente no manual. Comecei por falar com os alunos e por relembrar as regras de sala de aula e, adotei a mesma estratégia de comportamento que tinha utilizado na minha última aula (as borboletas). Fiz a leitura modelo do texto e coloquei perguntas de análise gramatical (análise morfológica e grupos constituintes da frase). Depois pedi a alguns elementos da turma para lerem o texto e dei por terminada a aula.

Depois da aula seguiu-se a reunião com os alunos estagiários que deram aulas, com os que assistiram às mesmas, com as professoras da equipa de Supervisão Pedagógica e com as professoras cooperantes, para discussão e análise da aula, que durou até à hora do almoço.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Tal como o nome indica (aula surpresa), fui mesmo apanhada de surpresa, e portanto não estava preparada para dar a aula; fiquei um pouco nervosa, e ainda mais pelo facto de ter visto treze estagiários dentro da sala para assistir à mesma. Depois de ler o texto não elaborei perguntas de interpretação, o que foi errado, pois o texto

era muito divertido, falava sobre o Carnaval e sobre mascarados e, se tivesse feito interpretação do texto, talvez se tivesse gerado um clima mais descontraído e os alunos teriam participado mais na aula. No entanto, como estava bastante nervosa, esqueci-me completamente de o fazer. Tirando as perguntas de interpretação, que não foram feitas, penso que a aula foi conseguida.

As reuniões que se sucedem às aulas são um fator importante na nossa formação pois, a partir do *feedback* que nos é dado pelas orientadoras da Equipa de Supervisão Pedagógica, ganhamos consciência das nossas capacidades e competências, mas também das nossas dificuldades.

Como refere Alarcão & Roldão (2008):

“O feedback está presente como elemento orientador, estimulador e regulador.” [...] “Após essas leituras fiquei muito mais elucidada sobre algumas questões relativas a esta problemática (...). Deste modo, nas minhas semanas de intervenção, irei pôr em prática algumas estratégias (...). Caso não resultem, terei de reorientar a minha actuação noutra sentido, tendo sempre em vista a aprendizagem dos alunos.” (p.31)

É através dos comentários construtivos que recebemos, por parte das orientadoras, das professoras cooperantes e dos colegas, nessas reuniões que ajustamos as nossas estratégias e que crescemos enquanto futuros profissionais da Educação.

## **23 e 26 de novembro de 2010**

Quando a minha colega e eu chegámos ao Jardim-Escola, acolhemos os alunos com a professora e auxiliámos na rotina da manhã e de seguida fomos para o ginásio, para continuarmos os cenários da Festa de Natal.

## **29 de novembro de 2010**

No último dia de estágio nesta turma, a professora EN estava um pouco diferente do habitual, e pediu-nos para não irmos logo para o ginásio. Ficámos um pouco dentro da sala e depois a professora deixou-nos ir para o ginásio fazer os cenários. Neste dia, também estavam na mesma sala três estagiárias do 1.º Ano da Licenciatura, que nos foram auxiliar.

Enquanto estávamos no ginásio, uma estagiária veio chamar a minha colega G para ir dar aula. Assim, deixámos a realização dos cenários entregues às estagiárias do 1.º Ano e fomos para a sala.

Quando chegámos, apenas lá estava a professora da equipa de Supervisão Pedagógica que ia assistir à aula. A colega dinamizou um texto do manual, realizou perguntas de interpretação e de análise gramatical. Após a aula, seguiu-se a reunião com os alunos estagiários que deram aulas, com os que assistiram às mesmas, com as professoras da equipa de Supervisão Pedagógica e com as professoras da sala, para discussão da aula, que durou até à hora do almoço.

### **Inferências**

Sei que a G ficou nervosa quando soube que ia ter uma aula surpresa, mas acabou por conseguir controlar os nervos e a aula foi conseguida.

Penso que ajudou bastante o facto de apenas estar uma estagiária a assistir, ao contrário do que sucedeu comigo, que tinha treze. Os alunos participaram na aula e estiveram sempre interessados. A estagiária não cometeu erros e conseguiu manter a disciplina.

## **1.2. 2.ª Secção – 3.º Ano (Bibe Azul claro)**

Período de estágio de 30 de novembro de 2010 a 14 de fevereiro de 2011. 1.º Ciclo do Ensino Básico, Professora LA.

### **1.2.1. Caracterização da Turma**

A caracterização desta turma foi elaborada a partir de informações fornecidas pela professora da sala. Esta turma frequenta o 3.º Ano, é constituída por vinte e um alunos, onze do sexo masculino e dez do sexo feminino. Vinte alunos frequentam o Jardim-Escola desde o Bibe Amarelo (3 anos), e um desde o 2.º Ano. Seis alunos revelam dificuldades de aprendizagem e, de uma forma geral, a turma sente maior interesse pelas áreas de Língua Portuguesa e Estudo do Meio. Ainda, e segundo as informações cedidas pela professora da sala, as áreas de aprendizagem nas quais os



alunos sentem mais dificuldade estão assinaladas com um xis, no quadro 4, que se segue.

Quadro 4 – Áreas de aprendizagem e dificuldades sentidas pelos alunos do 3.º Ano

Oralidade	Escrita
Leitura	Raciocínio
Compreensão da leitura	X Cálculo
Resolução de Problemas	Conceitos
Funcionamento da Língua	Vocabulário
X Ortografia	

De acordo com as avaliações realizadas pela professora da sala, identificam-se quatro alunos com problemas comportamentais.

### 1.2.2. Caracterização do Espaço

A sala de aula do 3.º Ano situa-se no primeiro andar do edifício principal, junto ao ginásio. De todas as salas de aula, é a maior, em termos de área, o que facilita a circulação tanto da professora como dos alunos e estagiários e também permite à professora da sala optar por qualquer disposição das mesas. A sala encontra-se decorada com elementos alusivos a conteúdos lecionados neste ano de escolaridade, tal como se pode verificar nas figuras 7 e 8, que se seguem.



Figura 7 – Sala de aula do 3.º Ano



Figura 8 – Outra perspectiva da sala de aula do 3.º Ano

### **1.2.3. Rotinas**

Uma vez que estes alunos frequentam o 1.º Ciclo do EB, as suas rotinas são idênticas às rotinas dos outros alunos que frequentam o mesmo ciclo de ensino. No entanto, cada turma tem as suas rotinas específicas. As rotinas diárias desta turma seguem o horário elaborado no início do ano, apresentado mais à frente.

### **1.2.4. Horário**

No quadro 5, que se segue, apresento o horário desta turma, fornecido pela professora da sala. É de notar que as áreas de Língua Portuguesa e Matemática têm uma carga horária semanal maior do que as outras áreas.

A área de Língua Portuguesa tem uma carga horária de oito horas semanais, a área da Matemática tem sete horas semanais. A área de Estudo do Meio tem uma carga horária de quatro horas semanais mais uma hora de Clube de Ciências.

Quadro 5 – Horário do 3.º Ano

	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h00m 10h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h00m 11h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h00m 11h30m	- - - Tempo de jogos - - -				
11h30m 13h00m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13h00m 14h30m	- - - Almoço/Recreio - - -				
14h30m 15h30m	Estudo do Meio	Música	História de Portugal	Computadores/ Biblioteca	História de Portugal
15h30m 16h30m	Educação Física	Clube de Ciências	Estudo do Meio	Trabalhos Manuais	Inglês
16h30m 17h00m	Área de Projeto Arrumar trabalhos	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Trabalhos Manuais	Assembleia de turma
17h00m	- - - Lanche - - -				

\* Programação conjunta – 5.ª feira, das 14h30m às 15h30m

\* Atendimento aos Encarregados de Educação – 3.ª feira das 14h30m às 15h20m

\* O Estudo Acompanhado e a Formação Cívica são dados sempre que necessário, durante as várias áreas curriculares.

Tal como foi referido na secção anterior, os alunos utilizam um bibe. Nos 3.º e 4.º Anos, as crianças utilizam uma bata, em vez de um bibe. A figura 9 representa a bata utilizada pelos alunos do 3.º Ano.

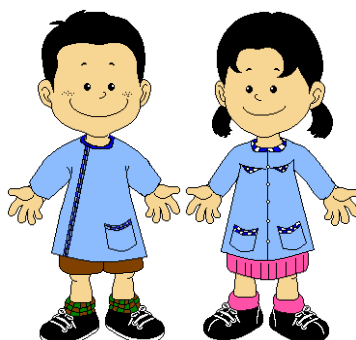


Figura 9 – Representação da bata utilizada pelos alunos do 3.º Ano

### **1.2.5. Relatos diários**

#### **30 de novembro, 2, 6, 7 e 10 de dezembro de 2010**

No primeiro dia de estágio nesta turma, tanto a minha colega como eu apresentámo-nos à professora da sala e comunicámos que estávamos disponíveis para a auxiliar no que fosse preciso. Assim, e tal como sucedeu no período de estágio anterior, até ao dia 10 de dezembro de 2010, a G e eu não assistimos às aulas dadas pela professora da sala visto que estivemos, no ginásio, a realizar cenários e outros materiais para a Festa de Natal da escola.

#### **Inferências**

Nestes cinco dias de estágio tanto a minha colega como eu estivemos no ginásio da escola com os outros estagiários a preparar tudo o que faltava para a Festa de Natal. Apesar de não termos estado com os alunos, penso que durante este período se gerou um bom momento de convívio e colaboração entre os estagiários, visto que todos nos ajudámos no que era preciso, mesmo quando os materiais não eram para a turma onde estávamos a estagiar. E ainda tivemos oportunidade de ir assistindo a alguns ensaios.

#### **13 de dezembro de 2010**

Por não estar bem de saúde, não me foi possível comparecer neste dia de estágio.

#### **14 de dezembro de 2010**

Neste dia realizou-se a Festa de Natal do Jardim-Escola, que teve lugar no auditório do Centro Paroquial da Igreja. A Festa teve início às 10h e prolongou-se durante todo o dia. Quando me fui embora, por volta das 19h 15m, ainda estava a decorrer a Festa do 4.º Ano.

A Festa foi organizada da seguinte forma: os alunos do Pré-Escolar apresentaram-se primeiro, divididos em três momentos (Bibe Amarelo, Bibe Encarnado e Bibe Azul), seguidos dos alunos do 1.º Ciclo que também estiveram divididos por turmas, neste caso em quatro momentos (Bibe Castanho, Bibe Verde,

Bibe Azul claro e Bibe Azul escuro). Entre a apresentação de cada faixa etária, havia sempre um intervalo, para que as respectivas famílias se pudessem sentar.

### **Inferências e fundamentação teórica**

A Festa de Natal é um momento importante na vida dos alunos pois ensaiam durante algum tempo antes, preparam todos os cenários e acessórios que vão utilizar na festa e mostram aos pais aquilo que preparam. No final, da festa os professores convidam os alunos e os seus familiares para irem lanchar à respetiva sala, o que proporciona um convívio mais informal, fazendo com que a família e a escola fiquem mais próximas.

Segundo Lima (2002b, p.284), “a relação escola-família tem vindo a ganhar visibilidade, havendo hoje uma consciência alargada sobre a importância e a necessidade de os pais se envolverem na escolaridade dos filhos.”

Mais à frente, o mesmo autor salienta os benefícios desta relação para os diferentes intervenientes na Educação:

Nos alunos, o envolvimento parental conduz a uma maior motivação, a mais aproveitamento escolar e a um melhor comportamento disciplinar. Nos pais, verifica-se uma melhoria da sua auto-estima e o acesso a informação que lhes é útil, tanto para orientar os filhos, como para si, conduzindo-os muitas vezes a prosseguir a sua própria formação académica. Nos professores, o envolvimento parental pode tornar o seu trabalho mais facilitado e bem sucedido, além de mais bem visto, porque compreendido pelos pais. (p. 287)

Considero que a relação escola-família é uma componente importante na formação e desenvolvimento equilibrado dos alunos, tendo todos os agentes implicados na Educação a ganhar com a mesma.

### **17 de dezembro de 2010**

No último dia de aulas antes das férias de Natal, os alunos começaram o dia com uma ficha de Língua Portuguesa, durante a qual tiveram que elaborar quatro mensagens alusivas ao Natal e as respetivas ilustrações. Antes do intervalo, ainda leram um texto presente no manual intitulado “*A Prenda do Pai Natal*”, de Ana Saldanha, e fizeram o exercício caligráfico do mesmo texto.

Depois de regressarem do intervalo, resolveram alguns exercícios de aplicação de Matemática sobre a matéria dada nas aulas anteriores. Os exercícios da ficha

consistiam no cálculo de perímetros de figuras geométricas, classificação de triângulos quanto aos ângulos e lados, circunferências e posição de retas no plano e em relação à circunferência.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Neste dia, os alunos estavam mais agitados, talvez por ser o último dia de aulas antes das férias do Natal, o que é compreensível. Mais, todos queriam partilhar com os colegas o que iam fazer nas férias.

Sobre os exercícios caligráficos, antigamente designados por “cópias”, Condemarín e Chadwick (1987) apresentam algumas razões para a prática deste tipo de exercícios:

- Permite à criança avançar em seu conhecimento das características específicas da linguagem escrita quanto aos sinais de expressão, pontuação, [...] percepção da palavra como um conjunto de letras separadas por dois espaços [...].
- Permite praticar as destrezas caligráficas [...].
- [...] favorece a familiaridade da criança com diversas modalidades de estruturação das palavras nas frases e orações [...]
- [...] favorece os mecanismos de memorização, tão importantes para as destrezas de estudo. (p.182)

Com os exercícios de aplicação de Matemática, as crianças fizeram uma revisão dos temas lecionados até à data e assim consolidaram a matéria estudada.

### **3 de janeiro de 2011**

Depois das férias de Natal, no primeiro dia de aulas, a professora começou por perguntar aos alunos o que tinham feito nas férias: onde tinham estado, se tinham gostado ou não dos presentes que tinham recebido... De seguida, corrigiu no quadro, os trabalhos de casa que as crianças tinham levado para realizar nas férias.

De seguida, foi distribuída uma ficha de trabalho de Língua Portuguesa onde estavam diversas palavras homófonas cujo significado os alunos tiveram que procurar no dicionário e passar para a ficha, para depois construírem frases utilizando as palavras homófonas dadas no início.

Depois do intervalo, as crianças tiveram que resolver uma ficha de Matemática com exercícios de aplicação e tiveram também chamada oral de tabuada.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Quando começou o dia dialogando com os alunos sobre as férias, a professora criou um bom ambiente na sala e teve mais uma oportunidade de trabalhar e reforçar uma boa relação com a turma, pois todas as crianças queriam partilhar as suas experiências.

Cunha (1996) propôs dez princípios para caracterizar a relação pedagógica baseada na autonomia. Um dos que penso ter observado neste dia foi o princípio do diálogo:

Nem todas as necessidades resultam em conflitos, [...] nem todos os sentimentos chocam ou desiludem os outros. Pelo contrário, a partilha de ideias, opiniões e sentimentos é o processo normal de aprofundar a amizade, construir a intimidade e desenvolver esse ingrediente essencial da autonomia que é o estar-se contente consigo próprio e com a sua maneira de ser. [...] Devia ser ele o ambiente em que normalmente se move a criança na escola e em casa. (p. 67)

Ao realizar regularmente a chamada oral de tabuada, a professora “obriga” os alunos a estudá-la contribuindo assim para a melhor e mais rápida memorização das mesmas.

Conforme referem Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999, p. 46), “[...] todos os alunos devem adquirir uma compreensão global do número e das operações a par da capacidade de usar essa compreensão de maneira flexível para fazer julgamentos matemáticos e desenvolver estratégias úteis de manipulação dos números e das operações.”

No entanto, o ensino dos números e das operações na Educação Básica não deve incidir apenas na aquisição de técnicas rotineiras mas, também, numa aprendizagem significativa aliada a um conhecimento das propriedades dos números e as operações. Isto é, não basta aprender procedimentos, é preciso modificá-los em ferramentas de pensamento. (idem).

Para finalizar, estes autores defendem que “Ajudar os alunos a desenvolver estratégias que lhes permitam aprender a tabuada, como forma a facilitar o cálculo mental, o cálculo escrito e a estimação, contribui para que compreendam relações entre os números e raciocinem matematicamente.” (p. 49)

**4 de janeiro de 2011**

Para começar o dia, os alunos leram um texto do manual e responderam a perguntas de interpretação. Depois não pude assistir ao resto do dia porque a minha colega K deu a sua aula assistida e, por norma, todos os estagiários das outras salas vão assistir às mesmas. Os temas abordados foram os seguintes: Língua Portuguesa – determinantes indefinidos; Matemática – a raiz quadrada; Estudo do Meio – as marés.

Após a aula seguiu-se a reunião com os alunos estagiários que deram aulas, com os que assistiram às mesmas, com as professoras da equipa de Supervisão Pedagógica e com as professoras da sala, para análise e reflexão das mesmas, que durou até à hora do almoço.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Penso que a aula da K decorreu bem: soube gerir a turma e o tempo, não deu erros científicos e os alunos estiveram sempre interessados pois, participaram ativamente na aula, colocando perguntas pertinentes.

No que diz respeito às reuniões que ocorrem após as aulas, onde estão presentes todos os alunos, as professoras da Equipa de Supervisão e as professoras das salas, e onde se analisa e debate as estratégias e o decorrer da aula, posso dizer que é um momento muito importante na minha formação enquanto futura docente.

Nestas reuniões falamos abertamente dos aspetos positivos e dos aspetos a melhorar, os colegas que estiveram a assistir dão a sua opinião sobre o que viram, as professoras da Equipa de Supervisão também dão a sua opinião e ajudam-nos a “crescer” profissionalmente. Alarcão e Roldão (2010, p. 54) definem o supervisor como “alguém que se preocupa em me ajudar a crescer como professora”, alguém que proporciona “aos seus alunos ambientes formativos estimuladores de um saber didático”, alguém que “sabe abanar quando é preciso” [...].

Por outro lado, e sobre o acompanhamento constante dos estagiários que é realizado pelas professoras da Equipa de Supervisão, as mesmas autoras afirmam que:

A natureza questionadora, analítica, interpretativa, teorizadora e reflexiva do trabalho superviso, assente num acompanhamento e discussão permanentes do processo e da acção e seus resultados, parece ser um alicerce para a construção do conhecimento profissional.



A noção de supervisão remete para a criação e sustentação de ambientes promotores da construção e do desenvolvimento profissional num percurso sustentado, de progressivo desenvolvimento da autonomia profissional. (p.54)

Quero reforçar, mais uma vez, a ideia de que as reuniões que se seguem às aulas assistidas contribuem fortemente para a nossa formação profissional, pois somos confrontados com a realidade da aula logo a seguir à mesma, o que nos permite refletir, planificar melhor, inovar e assim, melhorar a nossa prática pedagógica.

## **7 de janeiro de 2011**

Este dia começou de forma diferente visto que a professora utilizou o material matemático estruturado, Cuisenaire (figura 10), para iniciar o estudo da nova matéria de Matemática, a noção de área. A professora trabalhou a noção de área tendo utilizado as peças amarelas (tendo em conta apenas as faces) para fazer um quadrado e depois levar os alunos a descobrirem a fórmula da área do quadrado.



Figura 10 – Caixa de Cuisenaire aberta

Depois do intervalo, fui assistir à aula surpresa do colega L, que está a realizar o estágio no 2.º Ano. Quando a aula terminou, assistimos à reunião para analisar e refletir sobre a mesma: a reunião durou até à hora de almoço.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Para Caldeira (2009, pp.125-128), o Cuisenaire, é um material matemático estruturado que deve a sua aparição a Emilie Georges Cuisenaire, professor primário belga. Este material é constituído por peças, geralmente de madeira, com a forma de prismas quadrangulares, com dez cores e dez comprimentos diferentes (desde 1cm a 10cm).

Sobre as potencialidades e conteúdos que podem ser trabalhados com o material, e em concordância com Palhares e Gomes (2006, citados por Caldeira, 2009) podemos destacar:

[...] fazer e desfazer construções, fazer construções a partir de representações no plano, cobrir superfícies desenhadas no papel quadriculado, medir áreas e volumes, trabalhar simetrias, construir gráficos de colunas, estudar fracções e decimais, estudar as propriedades das operações, efectuar a decomposição de números, efectuar a ordenação de números e comparar “partes de” e resolver problemas. (p. 129)

O professor deve dominar os conceitos matemáticos e utilizar uma linguagem clara e correta, para poder dirigir os alunos na manipulação do material e também possibilitar-lhes uma experimentação dos princípios matemáticos e consequente construção de conceitos.

#### **10 de janeiro de 2011**

Por não estar bem de saúde, não me foi possível comparecer neste dia de estágio.

#### **11 de janeiro de 2011**

Nesta manhã de estágio, os alunos começaram por relembrar as unidades de medida de comprimento e a professora prosseguiu a aula abordando as unidades de medida de área. Depois, as crianças preencheram, numa ficha, um quadro com as unidades sobre as quais tinham estado a conversar e resolveram exercícios de conversões.

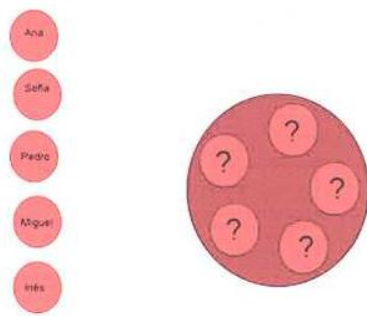
Depois do intervalo, os alunos realizaram um exercício ortográfico e exercícios de funcionamento da língua. Antes da hora do almoço, foi distribuída uma folha com dois desafios matemáticos (figura 11) que os alunos resolveram com entusiasmo.

**Como pôr a mesa para os colegas da Ana?**

A Ana está a organizar um almoço com todos os seus colegas. O problema é que há diversas zangas entre os seus colegas.

De facto:

- a Ana está zangada com a Sofia;
- a Sofia está zangada com o Pedro;
- o Pedro está zangado com o Miguel;
- o Miguel está zangado com a Inês;
- a Inês está zangada com a Ana.



Será que a Ana vai conseguir organizar a mesa para o almoço, sem que colegas zangados fiquem lado a lado?

Figura 11 – Exemplo do desafio distribuído na aula

### Inferências e fundamentação teórica

Quando a professora distribuiu os desafios matemáticos, quase todos os alunos ficaram entusiasmados; apenas as crianças que têm mais dificuldades não se mostraram tão interessadas, apesar de terem tentado resolver os desafios que foram propostos.

De acordo com Ponte e Serrazina (2000):

Os conceitos de tarefa e actividades têm um lugar de destaque na Didáctica da Matemática. [...] o aluno aprende em consequência da actividade que desenvolve e da reflexão que sobre ela faz. O professor tem então de procurar criar situações a partir das quais essa actividade se possa realizar. (p.112)

Acerca dos desafios, os mesmos autores apontam que “uma tarefa pode remeter para diversas estruturas ou conceitos matemáticos. Mas, em rigor estes não se encontram na tarefa. É a conjugação da tarefa com certas estruturas mentais que nos leva a interpretá-la de uma dada maneira.” (p.113)

Neste caso, os desafios propostos pela docente inserem-se, segundo a classificação de Ponte e Serrazina (2000, p.113), no grupo das tarefas não rotineiras: problemas de processo, investigações, projetos e jogos. Estes mesmos autores defendem que:

[...] a realização de tarefas não rotineiras proporciona condições para um desenvolvimento cognitivo no qual:

- Novo conhecimento subjectivo é construído pelo aluno;

- Itens do conhecimento adquirido anteriormente são reconhecidos e avaliados pelo aluno e são reorganizados e reestruturados num corpo de conhecimentos mais alargado. (p. 114)

Com os desafios, os alunos são estimulados a descobrir uma solução, levando-os a pensar e a aplicar o raciocínio matemático noutros contextos, contribuindo para uma aprendizagem mais significativa e estimulante.

#### 14 de janeiro de 2011

Neste dia de estágio, dei a minha primeira manhã de aulas, tendo abordado três áreas disciplinares: Língua Portuguesa, Matemática e História de Portugal.

Comecei o dia com a aula de Matemática, cujo tema era a área do retângulo. Iniciei-a relembrando as unidades de medida de área e também a forma como se calcula a área do quadrado, tema iniciado na semana anterior. Depois, entreguei aos alunos folhas de papel A5 plastificadas com quadrículas de 1cm, onde estavam desenhados três retângulos, e um saco com algarismos móveis (figura 12). Depois de contarem as quadrículas no interior dos retângulos, os alunos indicaram o resultado com algarismos móveis. De seguida, as crianças calcularam a área de outros retângulos com a ajuda da fórmula  $A_{\text{retângulo}} = c \times l$ .



Figura 12 – Material matemático não estruturado utilizado na aula

Após terem arrumado o material com que tinham estado a trabalhar em Matemática, e de ter sido distribuída uma ficha de trabalho de Língua Portuguesa, as crianças leram um texto. O texto utilizado na aula é da autoria de Rómulo de Carvalho, foi retirado da obra *As origens de Portugal*, e sofreu apenas atualização da ortografia. Depois da leitura modelo, foram esclarecidas algumas dúvidas de vocabulário e

colocadas perguntas de interpretação. De seguida, e em conjunto, os alunos resolveram exercícios de funcionamento da língua.

Depois do intervalo, e aproveitando para fazer interdisciplinaridade com a matéria de Língua Portuguesa, os alunos sentaram-se no chão para ouvir um excerto do livro de onde tinha sido retirado o texto de Língua Portuguesa. Depois de lida a história, as crianças colocaram algumas dúvidas mas não realizaram o jogo que estava preparado devido ao comportamento menos adequado de alguns elementos da turma.

### **Inferências**

A aula de Matemática decorreu bem, e depois de a dar e de ter pensado na estratégia que adotei, concluí que não a mudava pois acho que a estratégia resultou e os objetivos foram atingidos. Quanto à aula de Língua Portuguesa, penso que faria uma melhor preparação do texto, porque a exploração do mesmo foi um pouco fraca; teria questionado mais os alunos sobre o tema e colocado mais perguntas de interpretação.

Na aula de História de Portugal, a estratégia que adotei não resultou de todo e, se voltasse a dar a mesma aula, mudava a estratégia: antes de ter pedido aos alunos para se sentarem no chão, devia ter explicado novamente as regras de sala de aula e separado as crianças por equipas, nomeando os chefes e mostrando as regras do jogo. Desta forma, talvez tivesse conseguido gerir melhor o comportamento menos adequado de alguns alunos.

### **17 de janeiro de 2011**

Nesta segunda-feira, a minha colega de estágio deu a sua primeira manhã de aulas nesta turma. Os temas que lhe tinham sido propostos foram: Matemática – as Unidades de medida de tempo; Estudo do Meio – os aspetos da costa (saliências) e Língua Portuguesa – leitura, análise e interpretação de um texto.

Assim, a minha colega G organizou a manhã começando pela área de Matemática, durante a qual, com o quadro interativo, mostrou um *powerpoint* para relembrar as unidades de medida de tempo e as equivalências entre as mesmas. Depois, distribuiu um material não estruturado (elaborado propositadamente para

auxiliar os alunos na representação e cálculos com números complexos) e caixas com algarismos móveis, tendo feito a representação de alguns números complexos.

Seguidamente, distribuiu um texto que os alunos leram, responderam a perguntas de interpretação e resolveram perguntas de funcionamento da língua.

Após o intervalo, e fazendo interdisciplinaridade com a matéria de Língua Portuguesa, a G abordou o tema de Estudo do Meio, os aspetos da costa (saliências), utilizando um *powerpoint*. Para terminar, realizou um jogo de equipas com perguntas sobre a matéria dada na aula e também sobre outras áreas disciplinares.

### **Inferências**

A experiência ou a observação de situações faz-nos refletir sobre a melhor forma de abordar um determinado tema, ou modificar um comportamento, o que é uma vantagem. Neste caso, e por eu já ter dado aula naquela sala, a colega pôde verificar o comportamento dos alunos quando não tinham aula com a professora LA e, desta forma, modificar ou adotar outras estratégias. Assim, acho que este facto foi uma mais-valia para a G porque tudo aquilo que fez resultou como estava à espera.

### **18 de janeiro de 2011**

Nesta terça-feira, a professora LA entregou aos alunos uma ficha de Matemática, e com um *powerpoint*, relembrou as unidades de medida de tempo. De seguida, os alunos preencheram a ficha que lhes tinha sido entregue.

Depois do intervalo, os alunos leram um apontamento sobre D. Sancho I, fizeram interpretação do mesmo e realizaram a análise gramatical.

### **Inferências e fundamentação teórica**

As unidades de medida de tempo são um conteúdo que não faz parte do currículo nacional mas que é um tema trabalhado nos Jardins-Escolas João de Deus.

Conforme se pode ler no Currículo Nacional do Ensino Básico (Ministério da Educação, 2001):

As competências essenciais devem ser entendidas à luz dos princípios de diferenciação pedagógica, adequação e flexibilização, [...] subjacentes ao processo de reorganização curricular do ensino básico. Isto significa que haverá inevitavelmente caminhos muito diferentes para o desenvolvimento das

competências enunciadas, de acordo com a diversidade das situações concretas. (p.11)

O apontamento de Língua Portuguesa utilizado neste dia fazia interdisciplinaridade com a História de Portugal e, por isso, a professora aproveitou para consolidar a matéria que tinha sido abordada em aulas anteriores.

## **21 de janeiro de 2011**

Neste dia, dei a minha segunda manhã de aulas nesta turma. Os temas que me tinham sido sugeridos foram: adição com números complexos; palavras homónimas, homógrafas e homófonas; aspetos da costa – reentrâncias.

Para organizar a manhã, decidi iniciar com os conteúdos da área da Matemática. Distribuí o material não estruturado que já tinha sido utilizado na aula da minha colega de estágio e um saco com algarismos móveis. Os alunos efetuaram duas situações problemáticas com a ajuda dos materiais. Finalizadas as situações problemáticas e tiradas as dúvidas, pedi ajuda a alguns alunos para recolherem os materiais e distribuir uma ficha de trabalho de Língua Portuguesa.

Antes de começar a aula de Língua Portuguesa, realizei um pequeno jogo com os alunos, para que não ficassem tanto tempo sentados na mesma posição. De volta aos respetivos lugares, os alunos preencheram a ficha de Língua Portuguesa sobre as palavras homónimas, homógrafas e homófonas, e elaboraram frases com esse tipo de palavras.

Depois do intervalo, recorrendo ao quadro interativo, relembrei os aspetos da costa que tinham sido abordados na aula da minha colega e introduzi a matéria que me tinha sido proposta: aspetos da costa – reentrâncias. No final, e para consolidar a matéria, entreguei uma ficha de trabalho com um crucigrama para as crianças preencherem.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Tal como sucedeu no 2.º Ano, a minha segunda aula decorreu melhor que a primeira, visto que já conhecia a turma e adequei de forma mais correta as estratégias às crianças e ao seu comportamento.

Para a aula de Matemática, criei, com a minha colega de estágio, um material não estruturado a fim de tornar mais simples e concreta a aprendizagem dos números complexos. O material (figura 13) consiste em duas “placas” com três quadrados cada, de cores diferentes; cada cor representa uma unidade de tempo diferente. As crianças utilizam algarismos móveis para representar os números complexos, colocando a quantidade pedida nos quadrados da cor correta.



Figura 13 – Calculadoras para números complexos

A placa da esquerda é a placa dos anos, meses e dias, onde o quadrado azul representa os dias, o amarelo os meses e o verde representa os anos. A placa da direita representa as horas, os minutos e os segundos, sendo que o quadrado branco diz respeito aos segundos, o laranja aos minutos e o roxo às horas.

Na aula foi apenas utilizada a placa da direita (horas, minutos e segundos). Para fazer operações com números complexos, os alunos tinham três placas iguais, tendo colocado duas placas mais afastadas do seu corpo e a outra mais perto, de forma a que as duas mais afastadas representassem as parcelas e a placa de baixo fosse a placa do resultado. Antes de realizarem os cálculos, as crianças tiveram que perceber as regras do material:

- ✓ No quadrado branco ou laranja apenas podem colocar cinquenta e nove unidades. Se tiverem sessenta unidades ou mais, retiram sessenta unidades e colocam uma unidade no quadrado da cor seguinte (quadrado à esquerda daquele em que estão a trabalhar);
- ✓ No quadrado roxo, apenas podem ter vinte e três unidades. Se tiverem vinte e quatro unidades ou mais, retiram vinte e quatro unidades e colocam uma unidade no quadrado da cor seguinte.
- ✓ No quadrado azul, apenas se podem colocar vinte e nove unidades. Se tiverem trinta unidades ou mais, retiram-se trinta unidades e coloca-se uma unidade no quadrado da cor seguinte.



- ✓ No quadrado rosa, apenas podemos colocar onze unidades. Se tivermos doze unidades ou mais, retiramos doze unidades e colocamos uma unidade no quadrado da cor seguinte.

Há muito que se defende que a utilização de materiais na aprendizagem da Matemática facilita a aquisição de conceitos, uma vez que, tratando-se de objetos palpáveis e concretos, podem ser manipulados e permitem a compreensão de noções abstratas. Por outro lado, existem materiais matemáticos estruturados e outros não estruturados. Hole (1997, citado por Caldeira, 2009, p. 16) considera que o material estruturado “é o material manipulável que tem subjacente algum fim educativo. [...] o material não estruturado surge como aquele que na sua génese não apresenta uma preocupação em corporizar estruturas matemáticas.”.

No decorrer da aula, os alunos não tiveram dificuldades em representar os números complexos, visto que tinham o material não estruturado que os ajudou na concretização das situações problemáticas. Na área de Língua Portuguesa, penso que as crianças ficaram a perceber o tema da aula, apenas faltou um pequeno resumo no final, para que ficassem mais esclarecidos. A aula de Estudo do Meio decorreu muito bem, a turma lembrava-se dos conteúdos da aula dada pela colega G e, como o tema da minha aula era o seguimento da sua aula, as crianças responderam de forma interessada e ordenada às questões que foram colocadas e sentiram-se muito motivadas para preencher, no quadro interativo, o crucigrama sobre a matéria que foi abordada.

## **24 de janeiro de 2011**

Nesta segunda-feira, a minha colega G deu a segunda manhã de aulas e tinha que abordar os seguintes conteúdos: subtração com números complexos; determinantes demonstrativos e D. Afonso II.

Para começar, escolheu a área da Matemática mas, visto que os alunos ainda não tinham adquirido os conhecimentos sobre a adição com números complexos, a minha colega, depois de conversar com a professora da sala, trabalhou novamente esse mesmo conteúdo em vez de iniciar o conteúdo que lhe tinha sido pedido no início. Assim, entregou às crianças o material não estruturado e as caixas com algarismos móveis que já tinha utilizado na primeira aula e pediu-lhes que resolvessem as situações problemáticas que estavam no quadro interativo.

Terminada a aula de Matemática, passou para a aula de Língua Portuguesa. Recorrendo também ao quadro interativo, a G falou sobre os determinantes que os alunos já conheciam e introduziu os determinantes demonstrativos. As crianças fizeram, oralmente, a análise sintática de frases, a análise morfológica de certas palavras presentes nessas frases e ainda colocaram no espaço reservado para o efeito o determinante correto, de acordo com o que era pedido no exercício.

Logo a seguir ao intervalo, a estagiária deu a aula de História de Portugal e falou sobre D. Afonso II. Começou por fazer referência aos acontecimentos mais importantes do reinado do monarca anterior, para depois introduzir os factos importantes sobre o reinado de D. Afonso II.

### **Inferências e fundamentação teórica**

A aula da minha colega decorreu bem. Na área de Matemática, não pôde dar o tema que lhe tinha sido atribuído visto que os alunos ainda tinham dificuldades em realizar adições com os números complexos e, optou por consolidar esse conteúdo. Na área de Língua Portuguesa, o *powerpoint* estava, quanto a mim, bem elaborado, apelativo e adaptado à faixa etária; pareceu-me apenas que era um pouco extenso. Para terminar a manhã, a colega abordou o reinado de D. Afonso II. Aqui, a turma começou a ficar um pouco agitada, não sei se por ser próximo da hora do almoço ou pela falta de diversidade de estratégias utilizada por esta (recorreu sempre ao quadro interativo e *powerpoint* para dar as aulas). É possível que a minha colega já estivesse um pouco cansada e, a meu ver, faltou-lhe uma estratégia de comportamento para segurar a atenção dos alunos.

Não posso deixar de refletir sobre o uso das tecnologias em sala de aula. Sobre este assunto, Bialo e Sivin (1990), citados por Lebrun (2002, p.61), explicam que “os estudantes sentem-se mais motivados e aplicam-se mais na tarefa [...], as suas atitudes em relação à escola são claramente mais positivas [...]”. Para além destes autores, Kulik (1994 citado por Lebrun, 2002, p. 61), também enumera alguns aspetos a favor da utilização das tecnologias de informação e comunicação (TIC) na escola:

- “- Os estudantes aprendem mais na sala de aula;
- Dominam os saberes em menos tempo;
- Gostam mais de ir às aulas e aprender;

- Desenvolvem atitudes positivas em relação ao seu trabalho.”

Mais especificamente em relação aos quadros interativos, e por experiência própria, posso afirmar que antes da instalação desse recurso na sala, todos os alunos estavam ansiosos e não paravam de perguntar à professora em que dia o poderiam utilizar. Depois de ser instalado, a docente deixou as crianças experimentarem o novo equipamento livremente, o que na minha opinião foi muito positivo.

Vários autores pensam como eu, ou seja que o material em questão traz muitas vantagens para a sala de aula, entre as quais posso destacar: tornar as aulas mais dinâmicas e interativas, recorrendo a apresentações animadas, coloridas e atrativas e projeção de vídeos, tornar disponível e de fácil acesso muita informação (Internet), fazer com que os alunos se sintam mais motivados e curiosos, estando sempre à espera de serem chamados para irem escrever no quadro. Quanto às desvantagens, podemos apontar as seguintes: falta de formação dos professores, adaptação (por parte dos alunos) a uma nova forma de aprender, custo elevado (tanto na compra do equipamento como na sua manutenção), condições da sala de aula (iluminação, espaço...).

## **25 de janeiro de 2011**

Hoje, os alunos começaram por corrigir os trabalhos de casa e, seguidamente, a colega G deu uma hora de aula de Matemática, durante a qual abordou o tema que lhe tinha sido proposto para a manhã de aulas, a subtração com números complexos. Para tal, usou novamente o material não estruturado e os algarismos móveis e ajudou-os a resolverem as situações problemáticas que estavam no quadro interativo. Antes do intervalo, a professora pediu aos alunos para abrirem o manual de Língua Portuguesa e lerem o texto “*Não tenho medo de nada*”, de Pedro Bandeira.

Durante o intervalo, o filho da professora torceu o pé e ficou bastante magoado, pelo que a mesma teve que pedir autorização à diretora da escola para o acompanhar ao hospital. Deixou-nos indicações para o trabalho que teríamos que realizar com os alunos até à hora do intervalo.

Quando voltámos para a sala, o professor OU avisou logo os alunos que éramos nós que iríamos ficar a tomar conta deles, pois a professora tinha tido que ir ao hospital e, assim, eles tinham que nos respeitar tal como o fazem com a professora

da sala. Depois voltou para a sua sala mas disse que ia deixar as portas das duas salas abertas e que se tivéssemos alguma dúvida ou se fosse preciso algo, estava sempre disponível para ajudar.

Assim, as crianças responderam a algumas perguntas de interpretação e fizeram análise gramatical do texto que tinham estado a trabalhar antes do intervalo da manhã e, por fim, realizaram um exercício ortográfico.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Tal como era de prever, e o professor OU nos tinha avisado, os alunos quiseram testar os nossos limites. No entanto, estabelecemos as regras e começámos logo a trabalhar, pelo que apenas tivemos que pedir que se acalmassem poucas vezes. Os alunos perceberam que tinham que nos respeitar e trabalharam em silêncio, até à hora do almoço.

A fim de tentar acalmar os alunos, que estavam agitados (primeiro porque estavam sem professora e, segundo, porque queriam saber notícias do amigo que tinha ido para o hospital), conversámos com eles sobre o facto de o colega se ter magoado e também sobre a preocupação que a professora devia estar a sentir, não só para saber se estava tudo bem com o filho, mas também se os alunos estariam ou não a “portar-se bem”. Pedimos-lhes que fizessem silêncio e que respeitassem os colegas que queriam trabalhar e prometemos que, se tal acontecesse, no final poderiam fazer um desenho livre.

Penso que o que fizemos neste dia, para além de os chamar “à razão” e apelar aos sentimentos e à ligação que têm com a professora LA, foi também e, de acordo com Cunha (1996, p. 66), uma *negociação criativa*. Esta consiste numa negociação em que primeiro se reconhece “a sua própria necessidade, saltar depois para o ponto de vista do outro e reconhecer também as suas exigências, e finalmente alçar-se para um terceiro plano, para encontrar uma solução para ambos.”.

Isto quer dizer que, em vez de tomarmos uma decisão, em que uma das partes saía vencedora e a outra vencida, encontrámos uma solução que satisfazia os dois lados. Os alunos trabalhavam em silêncio, e nós não precisávamos de gritar nem de nos “zangarmos” com eles para manter a disciplina.

## **28 de janeiro de 2011**

Neste dia de estágio, os alunos começaram por realizar um exercício de expressão escrita: era dada a personagem principal e o local onde se passava a ação e tinham que elaborar uma composição incluindo esses elementos. Depois de terminado o exercício, tinham que ilustrar a sua história.

Depois do intervalo, foi distribuída uma ficha de Matemática com exercícios de consolidação sobre a matéria que estavam a estudar.

### **Inferências e fundamentação teórica**

A expressão escrita, vulgarmente denominada composição, e segundo Condemarín e Chadwick (1987, p. 208), diz respeito ao “processo de estruturar as palavras de acordo com um plano organizado, a fim de elaborar uma mensagem efetiva e geralmente gramatical, ou um trabalho artístico, quer seja oral ou escrito.”

Neste caso, a composição que os alunos teriam que produzir inseria-se no campo da ficção. As autoras acima citadas sugerem que este tipo de composições têm uma forte componente imaginativa, que estimulam a escrita criativa e, por sua vez, a criatividade, para além de estimularem as crianças a inventar e criar textos de fantasia (p. 218).

Todos os alunos foram criativos, a maioria não teve dificuldades em começar a escrever e foi capaz de criar um texto com conteúdo. No entanto, outros tiveram que ser ajudados pois diziam que não sabiam o que escrever por não terem ideias.

## **31 de janeiro de 2011**

Este foi o dia da minha aula programada e assistida, durante a qual tive que lecionar Matemática, Língua Portuguesa e Estudo do Meio, em sessenta minutos. A professora da sala começou por corrigir oralmente os trabalhos de casa e, depois de distribuir uma ficha de trabalho, introduziu o complemento circunstancial de modo. Nessa ficha, os alunos fizeram a análise sintática de algumas frases.

Quando a professora da equipa de Supervisão Pedagógica chegou para ver a aula assistida, os alunos, a pedido da professora, pararam o que estavam a fazer e prestaram atenção.

Na minha aula assistida, comecei por relembrar as regras de sala de aula e depois iniciei a aula de Matemática. Propus a realização de situações problemáticas com números complexos, com o material não estruturado que já tinha utilizado anteriormente e os algoritmos móveis, necessários para a realização da aula, que já estava preparado em cima das carteiras.

Terminada a primeira parte, pedi a colaboração de dois alunos para recolher o material usado na aula de Matemática e a colaboração de outros dois alunos para distribuírem um texto. Depois de lerem o texto, as crianças ouviram a leitura modelo e colocaram algumas dúvidas de vocabulário. Fazendo interdisciplinaridade com a aula de Estudo do Meio, coloquei perguntas de interpretação e, oralmente, as crianças fizeram a análise morfológica de algumas palavras.

Para terminar, recorri ao quadro interativo para abordar as partes constituintes de uma planta completa e as respetivas funções, tendo dado mais atenção à raiz e aos diferentes tipos de raízes existentes. Os alunos ainda tiveram oportunidade de manipular cenouras e nabos com rama. A aula terminou com a distribuição e resolução de uma ficha de trabalho com um crucigrama sobre a matéria dada.

Após a aula seguiu-se a reunião de avaliação com os alunos estagiários que deram aulas, com os que assistiram às mesmas, com as professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica e com as professoras cooperantes. Esta terminou à hora do almoço.

### **Inferências**

Penso que a aula foi conseguida, apesar de estar um pouco “em baixo de forma” e de não ter sido tão dinâmica como nas aulas anteriores. No entanto, senti-me bem a dar a aula e gostei bastante da forma como a mesma decorreu. Os alunos participaram ativamente e estiveram sempre interessados. Utilizei estratégias diversificadas, consegui gerir bem o tempo destinado a cada área e mantive a disciplina.

### **1 de fevereiro de 2011**

Neste dia, todos os alunos do Jardim-Escola assistiram a um concerto de um grupo chamado “Flor-de-lis”. Os alunos do Pré-Escolar assistiram primeiro e, depois do intervalo, foi a vez dos alunos do 1.º Ciclo.

### **Inferências e fundamentação teórica**

O concerto foi muito divertido e as crianças estiveram sempre interessadas e motivadas. Penso que é importante haver estes momentos de descontração e divertimento na escola porque é uma oportunidade das crianças assistirem a um concerto que, eventualmente, de outra forma, não teriam possibilidades para o fazer.

Acerca da importância da música, Cordeiro (2009, p.536) defende que: “é fundamental educar o ouvido [...] porque, sem isso, a educação global será certamente mais pobre.” E ainda justifica que: “[...] para muitas famílias, nem sempre é possível patrocinar todas as vontades dos filhos, comprar todos os Cd's ou pagar todos os livre trânsitos para festivais de Verão e afins.” (p.536-537).

Sendo a escola um lugar onde as crianças passam grande parte do seu tempo, é benéfico que proporcione diversos momentos como este e, em várias áreas, como a pintura e o teatro, entre outros, contribuindo para o desenvolvimento global de cada um.

#### **4 de fevereiro de 2011**

A professora começou por corrigir os trabalhos de casa e de seguida realizaram uma ficha com exercícios na área da Matemática.

Depois do intervalo, os alunos terminaram os trabalhos que tinham em atraso e corrigiram os erros de um exercício ortográfico, previamente distribuído pela professora da sala.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Os trabalhos de casa são uma tarefa que muitas vezes não agrada às famílias. Sobre este tema, Vatterott (2009) considera que devido às diferentes classes sociais e económicas dos encarregados de educação, à variedade de formas de educar e de crenças acerca dos trabalhos de casa, estas tarefas devem ser revistas e reestruturadas de forma a torná-las mais modernas, interessantes e significativas. A forte ligação entre a escola e os pais deve ser reajustada de forma a considerar os pais como parceiros na educação dos alunos.

Para finalizar, a autora reforça que o papel dos pais na ajuda aos trabalhos de casa deve ser voluntário, respeitador e individualizado, e os valores da vida familiar devem ser honrados.

### **7 de fevereiro de 2011**

Hoje, a colega G deu uma aula de preparação para a aula assistida. Os conteúdos eram na área da Matemática: revisão da área do quadrado e do retângulo; na área da Língua Portuguesa: leitura, análise e interpretação de um texto; e na área do Estudo do Meio: as funções e tipos de caule.

Para começar a aula, a G utilizou um *powerpoint* com o qual fez a revisão do cálculo da área do quadrado e do retângulo, tendo depois distribuído uma ficha com exercícios de consolidação da matéria. De seguida, distribuiu um texto, fez a leitura modelo e colocou perguntas de interpretação e análise gramatical. Para terminar, e fazendo interdisciplinaridade, passou para a área do Estudo do Meio onde utilizou novamente o quadro interativo e um *powerpoint* e mostrou as funções que desempenha o caule e os diferentes tipos que existem.

### **Inferências**

Considero que a aula da minha colega decorreu bem pois estava à vontade com os conteúdos, apresentou estratégias diversificadas e soube gerir a disciplina, bem como o tempo destinado a cada área. Como trouxe algumas plantas para a sala com caules diferentes, motivou os alunos e enriqueceu bastante a mesma.

### **8 de fevereiro de 2011**

Neste dia, acompanhámos os alunos do 3.º Ano numa visita de estudo ao Oceanário de Lisboa. Saímos, de autocarro, do Jardim-Escola, por volta das 9h 15m e regressámos à escola, no mesmo autocarro, às 12h 45m.

Quando chegámos ao Parque das Nações, tivemos que esperar com os alunos no exterior do Oceanário, pela hora de abertura do museu. Depois, fomos acolhidos por duas monitoras e as turmas foram separadas, tendo ido cada uma para uma sala diferente, onde tivemos oportunidade de assistir a uma pequena explicação sobre anfíbios, sob a forma de uma palestra que tinha o nome: “Príncipes ou sapos?”. Visto



que a outra turma não tinha estagiários, acompanhei essa turma durante a visita e a minha colega acompanhou a “nossa” turma.

Após a sessão, fizemos uma visita guiada pelo Oceanário. Quando terminámos a visita, regressámos ao autocarro e voltámos para a escola.

### **Inferências e fundamentação teórica**

As visitas de estudo são importantes porque, na maioria das vezes, existem, nos locais de visita, pessoas especializadas que fazem visitas guiadas para grupos. Eventualmente, alguns alunos já terão tido a oportunidade de visitar os locais das visitas de estudo com as suas famílias mas talvez não tenham feito uma visita guiada. Penso que é uma forma diferente de aprender.

Segundo Almeida (1997, p. 19) as visitas de estudo “têm sido consideradas actividades relevantes, senão mesmo fundamentais, no processo de ensino aprendizagem [...]” e são referidas como actividades “promotoras do desenvolvimento integral do aluno [...]”

Ainda sobre este tipo de actividades, Cordeiro (2009, p. 500) sustenta que “As competências sociais que devem ser ensinadas na escola – muito mais do que a simples aprendizagem da escrita, da leitura e da aritmética –, têm de incluir saídas para o mundo real [...]. As visitas de estudo e passeios são fundamentais.”

Pode também acontecer que diversos alunos da turma nunca tenham tido oportunidade para visitar, fora do contexto escolar, certos locais e, através das visitas de estudo, têm a possibilidade de o fazer.

**11 de fevereiro de 2011**

### **Inferências e fundamentação teórica**

Nos dias de estágio passados nesta turma e relatados anteriormente, não fiz referência à relação que a professora LA tem com os seus alunos. Em vez de relatar o trabalho realizado pelos alunos, achei por bem sustentar o modelo de aulas e a postura desta docente, que considero serem exemplares.

Em todos os dias que estive nesta turma, fui sempre bem recebida e acolhida, esta professora sempre se mostrou disponível para ajudar no que fosse preciso e nunca a ouvi gritar para manter a disciplina.

Percebi, após várias leituras que realizei, que a docente estabeleceu uma relação afetiva, de partilha e respeito mútuo, com os alunos que penso ser o motivo do bom ambiente sentido nesta sala. Pedro D'Orey da Cunha (1996), citado anteriormente, definiu 10 princípios que caracterizam a relação pedagógica baseada na autonomia, que eu adaptei ao meu discurso. Visto já ter indicado dois destes princípios, quero agora, fazer referência aos que considero mais importantes para definir esta professora.

**O princípio da fascinação:** o bom professor não é o que desperta admiração pelo seu saber, nem é aquele que obriga a estudar. O bom professor é aquele que expõe de tal modo a matéria que os alunos se sentem fascinados por ela e mobilizam as suas forças e meios para a conhecer e desfrutar.

**Os princípios da expectativa e do respeito:** no primeiro, o autor explica que não basta apresentar bem a matéria para que ela atraia o aluno. A expectativa transmite-se de muitas formas diferentes: o olhar de cumplicidade, o sorriso de entendimento, a chamada ao quadro repetida... No segundo, o autor fala que uma boa expectativa é uma relação que se baseia numa troca de ações e reações que incluem o respeito pelo que o aluno é e a esperança pelo que ele pode vir a ser.

**O princípio do encorajamento:** não é pelo facto de a criança estar fascinada pela matéria que o caminho se torna fácil. Apesar da esperança que o educador tem no aluno, confortá-lo e fazer com que se sinta mais seguro, há momentos em que essa esperança não passa. As crianças mais desatentas e distraídas não precisam de uma repreensão mas, de uma mão no ombro ou da presença atenta. Uma boa professora circula pelas mesas e ajuda, anima, corrige, encoraja... Não é a explicação que importa, mas sim a presença, a lembrança e o cuidado que fazem toda a diferença.

**O princípio da compreensão:** quando o professor se depara com um conflito, um problema disciplinar, uma perturbação, é essencial que se pergunte a si próprio quem é que sofre com o problema. Se quem está a sofrer é a criança, esta precisa de compreensão e não de um castigo.

**O princípio da exigência:** quanto mais exigimos dos alunos, nunca esquecendo o respeito, o encorajamento e a compreensão, mais eles se sentem

prezados, desejados e entusiasmados. O bom professor não aceita trabalhos mal feitos, respostas mal estruturadas, projetos sem gosto nem cuidado. Todas as crianças podem ser melhores em tudo e nenhuma pode ficar para trás.

Nesta turma sempre senti um ambiente de confiança e de respeito que possibilitou às crianças descobrirem as suas próprias apetências e desenvolverem as suas qualidades. Este ambiente criou um clima de alegria, facilitando uma aprendizagem plena e equilibrada tanto a nível pessoal como social. Para isso, a professora constantemente fomentou nas crianças o sentido crítico e a responsabilidade.

Para finalizar, gostaria de referir Formosinho (2009, p. 102) pois este autor refere as práticas de ensino como sendo “muito importantes, pois permitem ao aluno experienciar métodos e técnicas diferentes dos já observados no seu anterior currículo discente e, assim, alargar o repertório de experiências que poderá transferir para o desempenho docente.”

Neste caso, todas as aulas que observei contribuíram fortemente para perceber o modelo de ensino que gostaria de adotar como futura docente. Esta professora já tem vários anos de serviço e por isso já praticou muito mas será, para mim, um modelo essencial que vou querer seguir.

#### **14 de fevereiro de 2011**

No último dia de estágio nesta turma, teve lugar a aula programada e assistida da minha colega, razão pela qual não mudámos de sala. Os temas da aula foram: na área da Matemática – área do triângulo; em Língua Portuguesa – leitura, interpretação e análise gramatical; no Estudo do Meio – as plantas (folha). Os temas foram abordados pela ordem enumerada e a aula teve a duração de sessenta minutos.

Assim, a colega começou por mostrar um *powerpoint* para exemplificar e explicar a fórmula de cálculo da área do triângulo. Depois, distribuiu a cada aluno um cartão onde estava um triângulo que se podia destacar, cuja área os alunos teriam que descobrir, utilizando a fórmula aprendida na aula.

De seguida, a colega solicitou a colaboração de dois alunos para distribuir um texto. Depois de fazer a leitura modelo, pediu a algumas crianças para o lerem, responderem a perguntas de análise morfológica e sintática. Posteriormente, colocou

perguntas de interpretação sobre o texto, aproveitando para fazer interdisciplinaridade com a aula de Estudo do Meio.

Para terminar a aula assistida, a colega G abordou o tema das plantas, mais especificamente as partes constituintes da folha. Para tal, utilizou novamente o quadro interativo, e mostrou um *powerpoint*, com o qual desenvolveu o tema da aula. No final, distribuiu por cada criança um envelope que continha uma folha de árvore e um cartão para os alunos observarem e preencherem de acordo com as características da folha: forma, nervuras e recorte.

Após a aula seguiu-se a reunião com os alunos estagiários que deram aulas, com os que assistiram às mesmas e com as professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica, para análise e reflexão dos aspetos positivos e a melhorar, que durou até à hora do almoço.

### **Inferências**

Penso que a aula da colega foi conseguida, pois geriu bem a disciplina e o tempo destinado a cada área; fez interdisciplinaridade e recorreu a estratégias diversificadas. Outro ponto positivo foi o facto de ter levado folhas de vários tamanhos e formas, o que enriqueceu o conteúdo da aula, e os alunos ficaram muito contentes, por terem tido a oportunidade de as manipular.

### **1.3. 3.ª Secção – 4.º Ano (Bibe Azul Escuro)**

Período de estágio de 15 de fevereiro de 2011 a 15 de abril de 2011. 1.º Ciclo do Ensino Básico, Professora AI.

#### **1.3.1. Caracterização da Turma**

Segundo informações dadas pela professora da sala, esta turma frequenta o 4.º Ano de escolaridade do Ensino Básico e é constituída por 25 alunos: 12 elementos do sexo feminino e 13 elementos do sexo masculino. Em termos socioeconómicos, a turma caracteriza-se entre o nível médio e o nível médio alto, tendo em conta que a maioria das famílias apresenta curso superior e exerce-o na profissão. Em termos

culturais é uma turma interessada no ambiente que a rodeia e na sua maior parte estimulada pelos familiares.

Destacam-se cinco casos com Necessidades Educativas Especiais (NEE): três crianças (medicadas) que sofrem de Défice de Atenção, sendo uma delas acompanhada, também, de Hiperatividade; duas crianças com Dislexia Fonológica, com dificuldades muito acentuadas na leitura e na escrita.

### 1.3.2. Caracterização do Espaço

A sala de aula do 4.º Ano tem um tamanho razoável para o número de alunos da turma. As carteiras dos alunos estão, na sua maior parte, orientadas de frente para o quadro interativo, exceto cinco que se encontram na perpendicular.

As paredes estão decoradas com cartazes alusivos a temas estudados neste ano de escolaridade e também com *posters* de desenhos animados, como se pode verificar nas figuras 14 e 15 que são apresentadas seguidamente.



Figura 14 – Sala de aula do 4.º Ano



Figura 15 – Outra perspectiva da sala de aula do 4.º Ano

### **1.3.3. Rotinas**

As rotinas diárias desta turma seguem o horário elaborado no início do ano, apresentado mais à frente, e são idênticas às rotinas seguidas pelos outros alunos do 1.º Ciclo do EB.

### **1.3.4. Horário**

Seguidamente, apresento o horário desta turma (quadro 6), fornecido pela professora da sala. É de notar que as áreas de Língua Portuguesa e Matemática têm uma carga horária semanal maior do que as restantes áreas.

A área de Língua Portuguesa tem uma carga horária de oito horas semanais, a área da Matemática tem sete horas semanais. A área de Estudo do Meio tem uma carga horária de quatro horas semanais mais uma hora de Clube de Ciências.

Quadro 6 – Horário do 4.º Ano

	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h00m 10h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h00m 11h00m					
11h00m 11h30m					
11h30m 11h30m	- - - Tempo de jogos - - -				
11h30m 13h00m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13h00m 14h30m	- - - Almoço/Recreio - - -				
14h30m 15h30m	História de Portugal	Clube de Ciências	Informática/ Biblioteca	História de Portugal	Estudo do Meio
15h30m 16h30m	Música	Inglês	Expressão Plástica	Estudo do Meio	Educação Física
16h30m 17h00m	Orquestra	Assembleia			História de Portugal
17h00m	-----Lanche-----				

- \* Programação conjunta – 3.ª feira, das 15h30m às 16h30m
- \* Atendimento aos Encarregados de Educação – 2.ª feira das 15h30m às 16h10m
- \* O Estudo Acompanhado é dado sempre que necessário, durante as diferentes áreas curriculares.

Os alunos do 4.º Ano, tal como os outros alunos da escola, utilizam uma bata, tal como mostra a figura 16, que se segue.

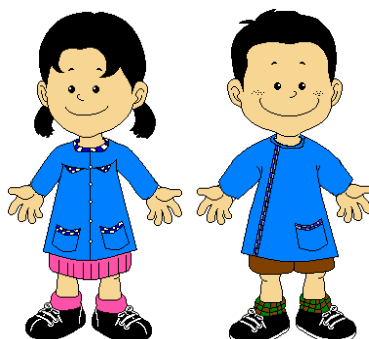


Figura 16 – Representação da bata utilizada pelos alunos do 4.º Ano

### 1.3.5. Relatos diários

**15 de fevereiro de 2011**

No primeiro dia de estágio nesta turma, os alunos realizaram uma ficha de avaliação formativa de Língua Portuguesa, tarefa que durou toda a manhã. Desta forma, apenas nos apresentámos à professora e estivemos a manhã sentadas a assistir à prova dos alunos.

## **Inferências**

A meu ver, este dia não foi muito produtivo para nós, visto que, depois de nos termos apresentado à professora, a mesma não nos pôde dar a atenção que gostaríamos de ter tido, uma vez que tinha que ler e vigiar a ficha de avaliação formativa. Por outro lado, também não estabelecemos contacto com os alunos, já que estes estiveram a realizar a ficha.

No entanto, compreendo que seja difícil para as professoras conciliarem as datas das avaliações com os dias da vinda dos estagiários.

### **18 de fevereiro de 2011**

Nesta sexta-feira, uma das professoras do 1.º Ciclo teve um problema de saúde o que causou alguma preocupação aos outros professores. Assim, a professora da sala onde estou, tal como outras, foi ajudar a docente em questão, a qual acabou por ser levada de ambulância para o hospital. Como os médicos tiveram que entrar na escola, e para não preocuparem as crianças, todas as estagiárias tiveram que ficar nas salas com os alunos, mantendo as portas fechadas, a fim de minimizar a inquietação das crianças. A professora LA pediu-me para ir à sala dela e ajudar o meu colega L a orientar os alunos, porque ele só lá tinha estado um dia e eu já tinha outro tipo de relação com as crianças, pelo facto de já ter estado naquela sala.

Quando a professora que se estava a sentir mal se foi embora, as outras professoras voltaram às suas salas e o resto do dia decorreu com normalidade. Os alunos do 4.º Ano estiveram a realizar a ficha de avaliação formativa de História de Portugal até à hora de almoço.

## **Inferências**

Penso que foi prova de grande consciência e atenção por parte das professoras terem tentado minimizar a preocupação dos alunos e terem feito tudo o que estava ao seu alcance para que as crianças não se apercebessem da presença da ambulância e dos enfermeiros do Instituto Nacional de Emergência Médica (INEM) na escola. Desta forma, o acontecimento passou despercebido e as crianças não sofreram nenhum tipo “stress”.



**14 de março de 2011**

Após o período de férias, esta manhã de estágio profissional começou pela correção do trabalho de casa, que durou a manhã toda. Entretanto, a professora da sala foi tirando dúvidas e respondendo a questões pertinentes que os alunos foram colocando sobre a matéria que estavam a corrigir e também sobre outros assuntos. O trabalho de casa era na área da Matemática, e focava os seguintes conteúdos: números primos, divisores e critérios de divisibilidade.

Quinze minutos antes da hora do almoço, a professora pediu aos alunos para arrumarem tudo o que estavam a fazer e para “se porem à vontade” e, começou a ler um capítulo do livro *George e o remédio milagroso*, de Roal Dahl.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Tal como tinha acontecido noutro dia, fiquei um pouco triste por não ter contactado mais com os alunos, dado que apenas assisti à correção do trabalho de casa e depois à leitura do livro. Por outro lado, penso que o facto de a professora ter tirado dúvidas sobre outros temas para além do tema do trabalho de casa, foi benéfico para os alunos. No entanto, no final da manhã, notei que a turma estava mais agitada e que algumas crianças, já saturadas, não estavam a prestar atenção à correção.

Apesar de tudo, gostei muito de assistir ao momento de leitura antes do almoço. Cury (2004) fala sobre a importância das histórias:

Educar é contar histórias. Contar histórias é transformar a vida na brincadeira mais séria da sociedade. [...] Precisamos de contar mais histórias. Os pais precisam de ensinar os seus filhos, criando histórias. Os professores precisam de contar mais histórias para ensinar as matérias com o tempero da alegria e, às vezes, das lágrimas. (p.132)

Notei também que os alunos estavam muito interessados e atentos a ouvir a leitura da professora. O autor acima citado exprime que “para contar histórias é necessário exercitar uma voz flutuante, teatralizada, que muda de tom durante a exposição. É preciso produzir gestos e reações capazes de expressar o que as informações lógicas não conseguem.” (pp.132-133).

Tenho que dizer que a agitação que se sentiu aquando da correção dos trabalhos de casa desapareceu assim que a professora começou a contar a história. Quando chegou a hora de almoço, os alunos estavam tão atentos e curiosos por saber o que iria acontecer mais à frente que nem se aperceberam que já estava na hora de descenderem para o refeitório.

**15 de março de 2011**

A professora começou por pedir a colaboração dos alunos para se lembrarem do que tinha sido feito na semana anterior, e entregou uma folha para os alunos escreverem os sumários que estavam em atraso. De seguida, resolveram uma ficha de Matemática: expressão numérica, escrever com algarismos números que eram pedidos, pintar um conjunto de objetos de acordo com diversos critérios, multiplicação e divisão por 10; 100; 1000; 0,1; 0,01 e 0,001; representar em conjuntos os divisores de números, definição de números primos e cálculo de áreas e perímetros de figuras dadas (quadrado, retângulo e triângulo).

Depois do intervalo, as crianças realizaram outra ficha de Língua Portuguesa sobre o livro que tinham estado a ler na véspera. Às 12h 30m, a professora do “Clube de Ciências chegou à sala para dar a sua aula, cujo tema era observação de células ao microscópio (células de cebola e do epitélio bucal).

### **Inferências e fundamentação teórica**

Por vezes, pareceu-me que apenas alguns alunos estavam preparados para trabalhar conteúdos do 2.º Ciclo, e os restantes precisavam de treinar mais os conteúdos, já por si exigentes, que lhes estavam destinados. No entanto, o professor deve ter a capacidade de motivar os alunos que já são capazes de trabalhar esses conteúdos, desafiando-os e dando-lhes exercícios com um grau de complexidade mais elevado; mas também deve ser capaz de ajudar os alunos com mais dificuldades a superar as mesmas. Neste caso, penso que a professora o fez.

No que diz respeito à Educação em Ciências no EB, Martins, Veiga, Teixeira, Vieira, Rodrigues e Couceiro (2007, p.16) sustenta que “[...] cada indivíduo deve dispor de um conjunto de saberes do domínio científico-tecnológico que lhe permita compreender alguns fenómenos importantes do mundo em que vive e tomar decisões democráticas de modo informado, numa perspectiva de responsabilidade social partilhada.”

Ainda, segundo estes autores (p. 17), a escola primária deve sempre transmitir algum entendimento, mesmo que simplificado, sobre conteúdos e sobre o processo e natureza da Ciência, assim como também deve desenvolver e fomentar uma postura científica, por parte das crianças, perante os problemas.

Nestas perspectivas insere-se o Clube de Ciências, atividade que integra a área de Estudo do Meio. Tal como nos explicam os autores acima referidos, a Educação em Ciências deve ter como finalidades:

- Promover a construção de conhecimentos científicos e tecnológicos que resultem úteis e funcionais em diferentes contextos do quotidiano;
- Fomentar a compreensão de maneiras de pensar científicas [...];
- Contribuir para a formação democrática de todos, [...] e que responsabilize cada indivíduo pela sua própria construção pessoal ao longo da vida;
- Desenvolver capacidades de pensamento ligadas à resolução de problemas, aos processos científicos, à tomada de decisão e de posições [...];
- Promover a reflexão sobre os valores que impregnam o conhecimento científico e sobre atitudes, normas e valores culturais e sociais [...]. (pp.19-20)

Pelo que pude observar, o Clube de Ciências é uma atividade recebida com muito entusiasmo por parte de todas as crianças.

## **18 de março de 2011**

Na sexta-feira, os alunos começaram por terminar a ficha de Língua Portuguesa que tinham iniciado na terça-feira. Depois, a professora da sala teve uma consulta médica e ausentou-se a partir das 10h, tendo regressado à escola por volta das 12h 45m. Antes de sair, a professora deixou trabalho preparado para as crianças realizarem e, como já estavam três estagiárias na sala, disse que não iria chamar nenhuma professora de apoio para ficar com a turma, reconhecendo que já estavam, na sala, adultos suficientes para acompanhar e vigiar os alunos.

O trabalho que as crianças tinham para fazer consistia no seguinte: depois de terminarem a ficha de Língua Portuguesa, os alunos teriam que executar a prenda para o “Dia do Pai”. Tinham que começar por decorar a fotografia que a professora distribuiu e depois efetuar montagens com papel colorido (que primeiramente tinham que cortar) e colar essa montagem na parte da frente de um saco de papel. Quando terminassem de realizar o presente, cada aluno ia buscar um questionário de História de Portugal ao qual tinha de responder, apoiando-se no manual, de forma a estudar para a ficha de avaliação formativa que se iria realizar num futuro próximo.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Tal como era de prever, os alunos quiseram testar os nossos limites e o comportamento de alguns elementos da turma foi totalmente desadequado. No entanto, o barulho e confusão que se tinham instalado na sala não pareceram incomodar as minhas colegas. A meu ver, a única pessoa que se preocupou em tentar restabelecer a calma na sala de aula fui eu. Desta forma, tive necessidade de chamar a atenção da turma várias vezes mas nunca tive o apoio das minhas colegas, que se mantiveram em silêncio e não foram capazes de elevar o tom de voz para restabelecer o silêncio.

Carita e Fernandes (1997, pp. 100-101) afirmam que “[...] em situações de conflito com os alunos, o docente sente-se ameaçado [...]. A insegurança quanto ao modo mais eficaz de agir nessas situações [...] aumenta a sua dificuldade de encontrar respostas eficazes.”.

Segundo as mesmas autoras, o professor socorre-se de procedimentos tradicionais, que conheceu enquanto aluno, tais como usar a autoridade, levantar a voz, gritar e ordenar; para tentar restabelecer a ordem na sala. Se o docente for firme e os alunos acreditarem nessa firmeza, pode conseguir resultados imediatos. No entanto, se tal não acontecer, a única coisa que pode esperar é um crescendo de distúrbios, através dos quais os seus alunos vão tentar conhecer os limites desse professor.

Sobre o comportamento dos alunos, Capel (1995) citado por estas autoras descreve que

Os alunos “põem à prova” qualquer novo professor, por mais experiente que seja [...]. A nossa resposta é muito importante. Se nos exaltarmos, ou formos demasiado ásperos ou respondermos de modo que recompense os alunos, se ficarmos perturbados ou nervosos, os alunos continuarão a tentar determinar o quão longe poderão ir. Se, todavia, não correremos atrás de um “isco” lançado pelos alunos e, pelo contrário, respondermos friamente, calmamente, firmemente e alegremente, os alunos não tardarão a faltar-se de nos experimentarem e entregar-se-ão à tarefa de aprender. (p.109)

Apesar de tudo, e depois de ter insistido para fazerem silêncio, os alunos perceberam a mensagem, acalmaram e apenas conversaram (baixinho) entre si, continuando a trabalhar individualmente.

## **21 de março de 2011**

Nesta segunda-feira o estágio não se realizou porque teve lugar, na ESEJD, a reunião de avaliação do segundo momento do Estágio Profissional, tendo estado presentes os alunos do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e do Mestrado em Ensinos do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, tal como as professoras orientadoras da Equipa de Supervisão Pedagógica.

## **22 de março de 2011**

Os alunos começaram a manhã com a realização da ficha de avaliação formativa de Matemática. Tal como, sucedeu no primeiro dia de estágio nesta sala, tanto a minha colega como eu apenas estivemos sentadas a olhar para as crianças enquanto estavam a trabalhar. Para as 11h, estavam marcadas aulas programadas de quatro colegas. Por isso, a essa hora, fui assistir à aula da minha colega M no 2.º Ano. Os temas da aula eram: na área da Matemática, as medidas de massa; em Estudo do Meio, animais omnívoros; e em Língua Portuguesa, leitura, interpretação e análise gramatical de um texto.

A minha colega iniciou a aula com uma história e desenvolveu o tema de Estudo do Meio, pedindo a colaboração dos alunos e, apoiando-se num *powerpoint*, projetou imagens numa tela. De seguida, e fazendo interdisciplinaridade, pediu aos alunos para retirarem um envelope, que a própria tinha colado, anteriormente, debaixo das mesas, que continha o texto de Língua Portuguesa. A estagiária realizou tudo aquilo a que se propôs nesta área e ainda fez um pequeno jogo em que os alunos tiveram que procurar palavras escondidas no cenário do bosque que estava montado, para depois construir uma frase e analisá-la sintaticamente. A aula terminou com as medidas de massa, durante a qual lembrou as unidades de medida de massa e deixou os alunos manipularem alguns “pesos”. A estagiária ainda levou uma balança de pratos e outra de culinária para mostrar às crianças e “pesou” sementes.

### **Inferências**

Gostei da aula da colega M; penso que tinha as ideias bem estruturadas e que conseguiu manter a disciplina ao longo dos sessenta minutos. Achei que a minha colega estava nervosa o que por vezes a fez formular de forma incorreta algumas

frases ou questões. Esse nervosismo fez-se sentir mais na área da Matemática, o que tornou a aula um pouco confusa; no entanto, foi uma aula bastante conseguida.

## **25 de março de 2011**

Neste dia de estágio, dei a minha primeira manhã de aulas nesta turma. Os temas eram, em Língua Portuguesa, os determinantes interrogativos; na Matemática, as unidades agrárias (conversões e situações problemáticas); e para Estudo do Meio, os países lusófonos (quais e localização).

Comecei a aula com uma breve conversa com os alunos sobre as regras de sala de aula, e depois pedi a colaboração de dois alunos para distribuir uma ficha de trabalho. Relembrei as unidades de medida de área e as equivalências entre elas, e depois fiz a “ponte” para as unidades agrárias. Fiz questão de focar que apesar de não apresentarem uma potência, cada unidade agrária correspondia a duas ordens. Depois auxiliei os alunos nas conversões e dei a aula por terminada. Ainda antes do intervalo, distribuí uma ficha de Língua Portuguesa com um texto, fiz a leitura modelo e pedi a alguns elementos da turma para lerem.

Após o intervalo, abordei o conteúdo da aula de Língua Portuguesa, com um pequeno jogo onde pedi para colocarem perguntas de acordo com as indicações e escrevi as mesmas no quadro. Depois analisei morfologicamente as palavras das frases no quadro, a fim de chegar ao tema da aula: os determinantes interrogativos. Os alunos preencheram um quadro com os determinantes interrogativos e elaboraram uma pergunta empregando cada um dos determinantes estudados.

Para terminar, mostrei um *powerpoint* sobre os países lusófonos, dei a definição, mostrei a localização e distribuí uma ficha para os alunos pintarem as bandeiras dos países que tínhamos estudado, utilizando as cores corretas.

## **Inferências**

Para este dia, e tal como nos é solicitado sempre que temos que dar uma aula, entreguei as planificações à professora da sala com uma semana de antecedência. Nas mesmas estava expresso que iria utilizar o quadro interativo ao longo de toda a aula. No entanto, quando comecei a aula e quis abrir a proposta de Matemática para resolver em conjunto com os alunos, a professora titular apercebeu-se que o programa não estava a funcionar porque a versão que tinha instalada era uma versão

experimental. Assim, prontificou-se de imediato a resolver o problema mas, essa operação durou até ao intervalo.

Infelizmente, não estava preparada para o facto do quadro interativo não funcionar e não fui capaz de arranjar uma estratégia diferente para auxiliar os alunos a preencher a primeira parte da ficha de Matemática. Na sala existe um quadro de giz mas está coberto de desenhos dos alunos e, como estava nervosa, não me ocorreu pedir à professora se podia tirar os desenhos para utilizar esse quadro.

Tenho que confessar que não fui capaz de dar a volta à situação e que os alunos não colaboraram muito, pois estavam sempre a perguntar se podiam ir dizer “uma coisa à professora” ou se podiam ir à casa de banho... Fiquei extremamente nervosa, pois tenho alguma facilidade na Matemática, mas nada estava a correr como eu tinha planeado. No intervalo, tive uma crise de nervos e quando o intervalo acabou, ainda não estava preparada para continuar a aula. Tive o apoio das minhas colegas e também de vários professores, que ficaram comigo, disseram para me acalmar, deram-me força e pediram para eu não desistir e acreditar em mim. Depois de estar mais calma, regressei à sala e terminei a aula de Língua Portuguesa e de Estudo do Meio.

Apesar de não ter conseguido “dar a volta por cima” e de não ter gostado de dar esta aula, penso que foi uma boa lição, pois percebi que tenho que ser capaz de arranjar uma alternativa para o caso de falhar a tecnologia, ou então de ter mais do que uma estratégia já preparada para o caso da primeira não funcionar. Também percebi que tinha muito apoio dos professores que estiveram comigo, pois abdicaram de uma parte do seu tempo livre para estar ao meu lado e para me ajudar a acreditar em mim. Sinto que a experiência deste dia me fez crescer pessoal e profissionalmente.

## **28 de março de 2011**

Os alunos corrigiram os trabalhos de casa do fim-de-semana, e fizeram revisões para a ficha de avaliação formativa de Língua Portuguesa do dia seguinte.

### **Inferências**

Dados os acontecimentos deste dia, penso que não ocorreu nenhuma situação relevante passível de ser comentada, a não ser o facto de que lamento que o estágio

profissional, neste ano de escolaridade, não esteja a ser o que eu imaginava ou desejava. No entanto, compreendo que as professoras tenham uma rotina, um horário, uma planificação a seguir e que dispõem de pouco tempo para a concretizar, não tendo muita “margem de manobra” para modificá-la a fim de permitir aos estagiários observar aulas dadas pelas próprias.

## **29 de março de 2011**

Logo de manhã, os alunos do 1.º Ciclo realizaram a ficha de avaliação formativa de Língua Portuguesa. A professora de cada turma leu a prova e todos os alunos começaram ao mesmo tempo. A prova durou até às 11h (hora do recreio). A essa hora, a minha colega e eu tivemos que ir para a sala dos computadores para assistir à reunião de avaliação e discussão das aulas programadas e surpresas que tinham sido dadas na semana anterior.

### **Inferências**

Mais uma vez, reconheço que o contacto que tivemos com as crianças foi muito pouco, visto que estivemos apenas a olhar para a turma. Não sei o que se passou nas outras turmas mas, sendo norma da escola, todas as turmas do 1.º Ciclo realizarem a prova ao mesmo tempo, calculo que os meus colegas também tenham ficado a observar os alunos. Penso que, nos dias em que se realizam as fichas de avaliação formativa, as professoras poderiam dar alguma tarefa aos estagiários, para que estes não fiquem sem fazer nada.

## **1 de abril de 2011**

Neste dia de estágio, foi a vez da minha colega G dar a sua primeira manhã de aulas nesta turma. Os temas da aula eram as palavras parónimas na área de Língua Portuguesa, a passagem de números complexos para números incomplexos (dos segundos aos dias), na área da Matemática e as diferenças entre o meio rural e o meio urbano, na área de Estudo do Meio.

De forma a organizar a sua manhã de aulas, a colega começou por mostrar um *powerpoint* onde relembrava a definição de número complexo e de número incompleto. Depois, explicou como se fazia a passagem de um número complexo



para um incompleto e distribuiu uma ficha com exercícios que resolveu em conjunto com os alunos.

A estagiária abordou, seguidamente, a área de Língua Portuguesa, tendo utilizado o quadro interativo; fez primeiro uma breve revisão das palavras homónimas, homógrafas e homófonas e iniciou o tema da sua aula depois do intervalo.

Para terminar a manhã de aulas, a G referiu as diferenças entre o meio rural e o meio urbano, utilizou novamente um *powerpoint*, dividiu os alunos por grupos e distribuiu uma imagem a cada grupo. Depois de alguns minutos a observar as imagens, os alunos teriam que descrever a sua imagem e compará-la com as que estavam projetadas no quadro.

### **Inferências**

A colega estabeleceu logo de início as regras de sala de aula e manteve-as até ao final. No entanto, não diversificou as estratégias e a manhã tornou-se ligeiramente monótona. No final da aula, e pelo facto de os alunos estarem em grupo, houve alguma agitação. Não deu erros científicos, mas não conseguiu gerir bem o tempo e, consequentemente, não conseguiu terminar a aula de Estudo do Meio.

### **4 de abril de 2011**

Neste dia de estágio, foi a minha vez de dar a segunda manhã de aulas. Os temas da aula eram, para Língua Portuguesa, rima rica e rima pobre, rima perfeita e imperfeita; em Matemática, a passagem de números complexos a incompleto (dos segundos aos anos); e, a História de Portugal, o reinado de D. Maria I.

Comecei por usar o quadro interativo para dar a aula de Matemática, relembrar a definição de número complexo e incompleto, e também para recordar como se fazia a passagem de um número complexo para incompleto. Depois, distribuí uma ficha com situações problemáticas e resolvi-a com os alunos.

Depois de resolver as situações problemáticas mostrei outro *powerpoint*, desta vez de História de Portugal, e conversei com os alunos sobre os acontecimentos anteriores ao reinado de D. Maria I e apresentei factos sobre o reinado desta monarca.

A seguir ao intervalo concluí a aula de História de Portugal e distribuí uma ficha de trabalho de Língua Portuguesa. Fiz a leitura modelo do texto e pedi a alguns alunos

para lerem. Depois abordei o tema da aula e preenchi, em conjunto com as crianças, uma tabela e um texto lacunar.

### **Inferências**

Esta aula decorreu de forma completamente diferente da primeira aula que dei. Estava mais confiante apesar de me sentir apreensiva pelo que tinha acontecido da última vez que dei aula nesta turma. No entanto, penso que o balanço desta aula foi positivo. Quanto à área de História de Portugal, surgiu um conceito (liberalismo) que a meu ver é um pouco complexo para esta faixa etária, mas fiquei com a sensação que os alunos perceberam o seu significado.

### **5 de abril 2011**

Hoje a minha colega H teve a sua aula assistida no 2.º Ano. Ela começou pela área da Matemática, trabalhando a Prova Real pela Operação Inversa da Multiplicação: apoiou-se num *powerpoint* e distribuiu uma ficha de trabalho que os alunos realizaram ao mesmo tempo que os exercícios iam aparecendo no quadro.

Enquanto estava a assistir à aula da minha colega, uma professora da equipa de Supervisão da Prática Pedagógica pediu-me para sair da sala e voltar para o 4.º Ano pois iria ter uma aula surpresa. A minha colega G também saiu da sala e acompanhou-me enquanto a professora explicou o tema da aula surpresa. Desta forma, foi-me pedido que “ensinasse” os alunos a resolver o algoritmo da divisão, com 4 algarismos no dividendo e 3 algarismos no divisor. A professora disse-me que podia esperar um pouco fora da sala enquanto estruturava o meu pensamento e, quando estivesse preparada, que entrasse na sala, pois os alunos estariam à minha espera.

Criei uma situação problemática cujos dados iam de encontro ao que tinha sido solicitado pela professora da equipa de Supervisão: levei os alunos a interpretar o problema e expliquei como se resolvia o algoritmo da divisão, pois alguns elementos da turma ainda não eram capazes de o fazer.

### **Inferências**

O conteúdo que me foi proposto para a aula, não era muito complexo e visto ter alguma facilidade na área da Matemática; penso não ter dado erros científicos e considero que os alunos ficaram a perceber o que foi explicado. Por ter sido apanhada

de surpresa, não pude planejar o que queria fazer com o tema e por isso a situação problemática foi pouco explorada. Se tivesse dado a aula novamente ou tivesse tido mais tempo, tinha explorado outras formas de continuar a resolver a situação problemática.

Enquanto estava a dar a aula, os estagiários das outras turmas foram entrando na sala para assistir à minha aula. Apesar de também ter tido 12 colegas a assistir, tal como sucedeu na minha primeira aula surpresa, não fiquei tão incomodada como da primeira vez, talvez por me sentir mais à vontade com o tema.

## **8 de abril de 2011**

A minha colega deu a sua segunda manhã de aulas. Os temas eram a classificação das estrofes quanto ao número de versos, na área de Língua Portuguesa, as unidades de medida de massa, na área da Matemática, e na área de História de Portugal, D. João VI.

Começou por abordar a área da Matemática, e utilizou um *powerpoint* para relembrar as unidades de medida de massa. Resolveu com os alunos uma situação problemática de lógica e trouxe para a sala uma balança de culinária e fruta para os alunos “pesarem”. Depois, distribuiu uma proposta de trabalho e resolveu alguns dos exercícios com os alunos.

Depois do intervalo, a estagiária abordou os conteúdos de Língua Portuguesa, relembrando o significado das palavras homónimas, homófonas e homógrafas, e pediu-lhes para dizerem palavras com essas características, para depois focar o tema da sua aula, as palavras parónimas.

### **Inferências**

Nesta aula, a colega não deu a aula de História de Portugal porque geriu mal o tempo, mas foi-lhe dada a oportunidade de dar a aula noutro dia. Quanto às outras duas aulas que tive oportunidade de assistir, penso que o balanço foi positivo. A estagiária esteve segura dos conteúdos, apesar de ter demorado muito tempo a ajudar um aluno quando este foi fazer um algoritmo da divisão ao quadro e de não ter sabido, a meu ver, ajudá-lo da melhor forma, fazendo com que o resto da turma ficasse agitado pois não estavam a realizar qualquer tarefa.

Nesta situação, eu teria pedido à criança para se afastar um pouco do quadro e teria explicado, para toda a turma, de novo, o algoritmo da divisão. Mais tarde, iria confirmar, com o aluno em questão, se o mesmo tinha compreendido o que explicara anteriormente.

Assim, se a minha colega tivesse explicado a divisão para toda a turma, não teria perdido tanto tempo a acalmar os alunos e teria conseguido dar a aula de História de Portugal.

### **11 e 12 de abril de 2011**

Nesta semana, os alunos já se encontravam de férias da Páscoa; no entanto, os Jardins-Escolas adotam um sistema de rotação de professores, designado *roulement* (do francês: ato de rodar). Este sistema é posto em prática quando as crianças estão de férias ou quando existe uma “ponte” devido a um feriado, pois a escola continua aberta e vêm sempre alunos embora em menor número. Desta forma, apenas um professor de cada ano está presente; estes últimos vão alternando, dando a possibilidade a todos os docentes de terem um ou mais dias de descanso.

Visto que os alunos não têm aulas, cada professor organiza o dia de forma diferente e, excecionalmente, os alunos são autorizados a trazerem, de casa, brinquedos, jogos, consolas...

Durante estes dois dias, estive na sala do 2.º Ano, a fazer algarismos móveis para as professoras desse ano. Nos dois dias que estive a fazer os algarismos móveis, tive a ajuda de outras estagiárias que estavam a realizar o estágio profissional no 2.º Ano.

### **15 de abril de 2011**

Por não me encontrar bem de saúde, não me foi possível comparecer neste dia de estágio.

#### 1.4. 4.<sup>a</sup> Secção – 1.º Ano (Bibe Castanho)

Período de estágio de 2 de maio de 2011 a 1 de julho de 2011. 1.º Ciclo do Ensino Básico, Professora OS.

##### 1.4.1. Caracterização da Turma

A turma do 1.º Ano é constituída por 24 alunos: nove do sexo masculino e quinze do sexo feminino. Dos 24 alunos, 23 têm seis anos (feitos até dezembro) e, um, sete anos de idade. Os alunos que frequentam o 1.º Ciclo são os alunos que já frequentaram o Ensino Pré-Escolar, porque o regulamento desta instituição assim o prevê. Consideram-se, no entanto, algumas exceções, como as transferências de um outro colégio. Nesta turma, os 24 alunos frequentam o Jardim-Escola desde o Bibe Amarelo (3 anos). No presente ano letivo, um aluno foi integrado na turma, transferido de outro Jardim-Escola fora de Lisboa.

De acordo com informações fornecidas pela professora da sala, nesta turma, seis alunos revelam dificuldades de aprendizagem; no entanto, nenhum destes alunos apresenta Necessidades Educativas Especiais. De uma forma geral, a turma sente maior interesse pela área de Estudo do Meio.

O quadro 7, que seguidamente apresento, mostra as dificuldades sentidas pelos alunos ao nível das aprendizagens.

Quadro 7 – Áreas de aprendizagens e dificuldades sentidas pelos alunos do 1.º Ano

X Oralidade	X Escrita
X Leitura	Raciocínio
X Compreensão da leitura	Cálculo
X Resolução de Problemas	Conceitos
Funcionamento da Língua	X Vocabulário
Ortografia	

É de referir ainda que se identifica um aluno com problemas comportamentais.

No que diz respeito ao apoio especializado para os alunos com dificuldades, a escola dispõe de recursos para apoiar esses alunos: o 1.º Ciclo tem duas educadoras de apoio que cumprem, nas aulas, um horário com um plano estabelecido para, semanalmente, apoiar todas as turmas em tempos iguais. O professor da turma dá as

indicações dos alunos que, em cada dia, serão apoiados e em que atividades. Para além deste apoio especializado, o professor titular de turma disponibiliza, naturalmente, todo o apoio e presença direta junto dos alunos que revelam mais dificuldades e maior insegurança durante o tempo letivo, promovendo o ensino individualizado e a adaptação de trabalhos sempre que se verifica esta necessidade.

#### **1.4.2. Caracterização do Espaço**

A sala do 1.º Ano situa-se no salão, no r/c do edifício principal. Está decorada com cartazes e pinturas adequados aos conteúdos lecionados neste ano de escolaridade. No entanto, o espaço é reduzido, tendo em conta o número de alunos da turma. As carteiras estão dispostas em três filas, com as carteiras juntas por pares, orientadas para os quadros de giz, como mostram as figuras 17 e 18.



Figura 17 – Sala de aula do 1.º Ano



Figura 18 – Outra perspectiva da sala de aula do 1.º Ano

### 1.4.3. Rotinas

A rotina dos alunos do 1.º Ano é idêntica à rotina seguida pelos outros alunos do 1.º Ciclo. Uma vez que essas rotinas já foram descritas, considero desnecessário voltar a fazê-lo.

### 1.4.4. Horário

No quadro 8, apresento o horário desta turma, fornecido pela professora da sala. É de notar que as áreas de Língua Portuguesa e Matemática têm uma carga horária semanal mais importante do que as outras áreas.

Tanto a área de Língua Portuguesa como a área da Matemática têm uma carga horária de dez horas semanais; a área de Estudo do Meio tem uma carga horária de quatro horas semanais. As restantes horas estão reservadas para as áreas disciplinares não curriculares.

Quadro 8 – Horário do 1.º Ano

	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h00m 10h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h00m 11h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h00m 12h00m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h00m 13h00m	Música	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13h00m 14h30m	- - - Almoço e Recreio - - -				
14h30m 15h30m	Matemática	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Inglês
15h30m 16h30m	Estudo do Meio	Educação Física	Estudo do Meio	Informática/ Biblioteca	Expressão Plástica
16h30m 17h00m	Hora do Conto	Hora do Conto	Hora do Conto	Hora do Conto	Expressão Plástica

- ★ Atendimento aos Pais – 2.ª feira das 12h10 às 13h;
- ★ Programação Conjunta – 5.ª feira das 15h30 às 16h30.

Na figura 19, que apresento de seguida, estão representados os bibes utilizados pelos alunos que frequentam o 1.º Ano de escolaridade.

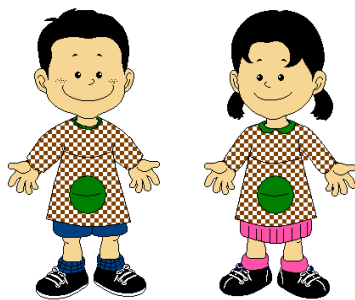


Figura 19 – Representação do bibe utilizado no 1.º Ano

#### **1.4.5. Relatos diários**

##### **2 de maio de 2011**

No primeiro dia de estágio nesta turma, começámos por nos apresentar à professora da sala, que nos apresentou à turma e pediu para os alunos se apresentarem também. Depois explicou-nos brevemente a forma como trabalhava com os alunos e a rotina que seguiam e pediu-nos que a auxiliássemos nessa parte.

Assim, depois das apresentações, fomos ajudar algumas crianças na leitura. Depois, a professora distribuiu uma ficha de Matemática sobre o dobro e a metade. Os alunos resolveram os exercícios da ficha, e nós fomos ajudar alguns elementos individualmente.

#### **Inferências**

Ter mudado do 4.º Ano para o 1.º foi, de certo modo, um choque pois a diferença de idades entre os alunos é grande, os conteúdos e a linguagem utilizada e a postura tiveram que ser imediatamente ajustados às capacidades dos alunos. No entanto, acho que fomos muito bem recebidas pela professora, que se mostrou logo disponível para nos ajudar no que fosse necessário.

##### **3 de maio de 2011**

Nesta segunda manhã de estágio, a minha colega N do Mestrado em Ensino do Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, que também estava a fazer o seu estágio profissional no 1.º Ano, deu a sua primeira manhã de aulas. Os conteúdos que tinha para lecionar eram: na área da Matemática, a leitura de números até às centenas de



unidades; em Língua Portuguesa, a família de palavras e, a Estudo do Meio, profissões relacionadas com a construção da habitação.

A colega N começou a aula lembrando as regras de sala de aula e da utilização dos Calculadores Multibásicos. Depois, fez exercícios de leitura de números com o material e utilizou algarismos móveis que colocou no quadro, assim como uma cartolina em forma de casa com janelinhas, em que cada janela correspondia a uma ordem, e onde colocava os algarismos para auxiliar os alunos na leitura dos números.

De seguida, contou uma pequena história sobre a família para contextualizar o tema de Língua Portuguesa: a família de palavras. Depois, colocou uma árvore de esferovite no quadro e colou, sobre a árvore, cinco palavras móveis (uma estava no tronco da árvore e as outras na copa; das palavras que estavam na copa, três pertenciam à mesma família e uma era intrusa) para depois os alunos identificarem a palavra que não pertencia àquela família. Para terminar a aula, a estagiária distribuiu uma ficha de trabalho que resolveu em conjunto com os alunos.

No final da manhã, apresentou um *powerpoint* com imagens de habitações diferentes (de areia, de madeira, esculpida na pedra, de tijolos, debaixo de água...) e colocou perguntas aos alunos para que os mesmos descrevessem o que viam nas imagens. Seguidamente, explicou a profissão de arquiteto e mostrou imagens de maquetas. Para terminar a aula, levou os alunos para o salão e montaram a maqueta de uma casa em esferovite.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Penso que o balanço da aula foi positivo: a N não deu erros científicos, adotou estratégias diversificadas e apelativas para os alunos e geriu bem o tempo de cada uma das áreas. No entanto, em alguns momentos, não conseguiu gerir o burburinho que se criou e houve alguma indisciplina, obrigando-a a levantar o tom da voz e gritar com os alunos algumas vezes.

A verdade é que esta turma tinha “fama” de ser agitada. Por ter sido o último período de estágio, já todos os meus colegas tinham estado com estes alunos e todos sabíamos que não eram crianças “fáceis”; sempre ouvi dizer que os estagiários não conseguiam acabar as aulas porque os alunos se “portavam mal” e porque tinham que gritar... Sobre este último assunto, Sanches (2001) defende que devemos:

[...] falar baixo para sermos mais facilmente ouvidos. O tom e o volume da voz têm muito a ver com a convicção que incutimos aos nossos comportamentos

verbais. Falar a gritar é perder a razão [...]. É mais fácil sermos ouvidos se falarmos baixo em tom audível. (p. 67).

Penso que o que esta autora defende faz todo o sentido, pois estar sempre a gritar desgasta muito o professor, no entanto, e por talvez termos ainda pouca experiência a dar aulas, não somos capazes de controlar logo a turma quando os alunos começam a dispersar e depois acabamos por ter que levantar o tom da voz para sermos ouvidos e restabelecer a calma.

## **6 de maio de 2011**

Por não estar bem de saúde, não me foi possível comparecer neste dia de estágio.

## **9 de maio de 2011**

Neste dia, a minha colega de estágio G deu uma aula com o material estruturado 5.º Dom de Fröebel, tendo realizado a construção da casa (figura 20). A colega começou por definir as regras de sala de aula e explicar as consequências do não cumprimento das mesmas. Depois, distribuiu três saquinhos (por cada criança), no interior dos quais estavam materiais manipuláveis não estruturados.



Figura 20 – Construção da Casa e material manipulável não estruturado utilizado na aula

Depois de feita a construção, a G realizou exercícios de cálculo mental, utilizando o material que estava nos saquinhos (joaninhas, flores e abelhas). No final, pediu aos alunos para arrumarem a caixa e os materiais dentro dos saquinhos.

Após o intervalo, a professora distribuiu uma ficha de trabalho sobre o conceito de dobro e metade, que resolveu em conjunto com os alunos.

## **Inferências e fundamentação teórica**

De acordo com Caldeira (2009, pp. 237-242), Friedrich Fröebel (1782 – 1854), educador alemão e fundador do sistema do Jardim-de-infância, foi um dos pioneiros a considerar o início da infância como uma fase decisiva na formação das pessoas. Para este pedagogo, o jogo era visto como uma atividade vital e como um meio para conquistar a habilidade e o conhecimento; assim, decidiu criar brinquedos/jogos educativos chamados “Dons”. Cada “Dom” foi criado com a intenção de trabalhar conceitos diferentes.

Segundo a autora atrás referida, “[...] o 5.º Dom é composto por 21 cubos inteiros, três cubos partidos em dois meios e outros três cubos partidos em quartos. Apresentam-se dentro de uma caixa de madeira em forma de cubo.” (p. 292). Os cubos deste Dom têm as seguintes dimensões: 2,5cm x 2,5cm x 2,5cm. Geralmente utiliza-se este material com crianças a partir dos 6 anos de idade.

Penso que a aula da minha colega foi conseguida; os alunos participaram ativamente na mesma, o material utilizado era apelativo e motivante. No entanto, a colega demorou muito tempo para realizar a construção, o que gerou alguma indisciplina na sala de aula; apesar disso, o resultado foi, quanto a mim, positivo.

### **10 de maio de 2011**

Neste dia de estágio, foi novamente a vez da minha colega N dar a sua manhã de aulas. Nesta segunda aula, a estagiária tinha que escolher um tema de Estudo do Meio, adaptado à idade dos alunos, e fazer interdisciplinaridade realizando situações problemáticas e expressão escrita.

Para tal, a colega começou pela área de Estudo do Meio, durante a qual falou sobre o morangueiro e sobre o morango. Depois, distribuiu uma ficha de Língua Portuguesa com um texto lacunar, uma receita de mousse de morango, e preparou a receita na sala com as crianças. Depois do intervalo, a minha colega terminou a receita e distribuiu uma ficha de Matemática com situações problemáticas, que resolveu em conjunto com os alunos. Para além da ficha, também distribuiu algarismos móveis e material manipulável não estruturado (morangos), para auxiliar os alunos na resolução de alguns exercícios.

## **Inferências**

Penso que esta segunda aula da N decorreu melhor do que a primeira, porque, por um lado, ela já conhecia a turma e adaptou algumas estratégias da aula anterior que não tinham resultado muito bem. Por outro lado, o tema era interessante e os alunos mostraram-se participativos e motivados pois a maioria afirmou gostar de morangos. Apesar de ter trazido uma estratégia de comportamento, nem sempre conseguiu manter a disciplina, o que afetou o seu desempenho em alguns momentos da manhã.

### **13 de maio de 2011**

Nesta sexta-feira, começámos por auxiliar alguns alunos nas suas leituras individuais mas, tanto a minha colega G como eu, fomos chamadas para irmos assistir à aula surpresa da estagiária O. A aula surpresa era de Língua Portuguesa, mas quando chegámos já tinha começado, e como tal, não assistimos à primeira parte. No entanto, e pelo que percebi, a O estabeleceu as regras de sala de aula e pediu aos alunos para escolherem um texto do manual; os alunos escolheram o último texto do livro. Assim, depois de fazer a leitura modelo e de ouvir algumas crianças a lerem, a estagiária colocou perguntas de interpretação sobre o texto. No final da aula, realizou um pequeno jogo de equipas para tornar mais lúdica a parte de análise gramatical.

Quando esta aula terminou, a professora da Equipa de Supervisão da Prática Pedagógica que estava a assistir pediu para voltarmos à nossa sala e para levarmos o material matemático Cuisenaire porque a minha colega G ia dar a sua aula, também esta surpresa. A professora da equipa de Supervisão Pedagógica pediu-lhe que trabalhasse com o material, realizando exercícios com conteúdos que estes já conheçam ou, se quisesse, podia introduzir um conteúdo novo, deixando ao critério da própria.

A colega conversou com os alunos e estabeleceu as regras de sala de aula e, de seguida, trabalhou o dobro e a metade de alguns números e a noção de número par e ímpar. No final da aula, a professora pediu às estagiárias que estavam a assistir para ajudarem a colega e as crianças a arrumarem o material e para o levar para o 2.º Ano pois outro colega também ia ter uma aula surpresa.

Quando chegámos à sala do 2.º Ano, a professora orientadora da Equipa de Supervisão Pedagógica pediu ao colega J que trabalhasse a leitura de números, utilizando o material. Após uma breve conversa com os alunos, o estagiário utilizou o material e fez a decomposição de números, colocando perguntas dirigidas aos alunos e utilizou o quadro para exemplificar alguns dos números que os alunos representaram.

Após a aula seguiu-se a reunião com os alunos estagiários que deram aulas, com os que assistiram às mesmas, com as professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica e as professoras da sala, para análise e reflexão das aulas.

### **Inferências e fundamentação teórica**

No geral penso que todas as aulas decorreram bem, apesar dos estagiários terem sido “apanhados de surpresa” e estarem um pouco nervosos.

Gostava de fazer referência à importância das reuniões que ocorrem depois das aulas assistidas, visto ser um momento de reflexão, onde os aspetos positivos e os a melhorar são revistos, permitindo uma aprendizagem mais significativa e crítica sobre as nossas ações e estratégias enquanto futuros docentes. Sobre este tema, Alonso e Roldão (2005) referem que as reuniões de Supervisão Pedagógica têm a intenção de:

promover e enriquecer a recolha de dados, a planificação, a reflexão em torno das ações desenvolvidas e o encontro de soluções para os problemas que vão sendo identificados. [...] permitem que os estudantes se consciencializem do papel que lhes cabe como futuros professores, dando-lhes mais agilidade e segurança na tomada de decisões. (pp. 71-72)

Mais uma vez, penso que estes momentos de partilha de experiências que sucedem as aulas assistidas são uma mais-valia para todos os estagiários e que nos fazem “crescer” e melhorar a nossa prática pedagógica.

### **16 de maio de 2011**

Neste dia de estágio, a minha colega G deu uma aula com os materiais matemáticos 3.º e 4.º Dons de Fröebel. Esta conversou um pouco com os alunos, depois auxiliou-os na abertura das caixas e realizou a construção do poço (figura 21).



Figura 21 – Construção do poço com o 3.º e 4.º Dons de Fröebel

Terminada a construção, realizou oralmente situações problemáticas de cálculo mental sobre o triplo e a terça parte. Para ajudar as crianças na resolução dos exercícios, distribuiu material manipulável não estruturado. Depois de arrumarem o material, resolveram uma ficha de Matemática, sobre o mesmo tema. Alguns alunos, que tinham mais dificuldades, utilizaram palhinhas para realizar os cálculos.

Depois do intervalo, os alunos tiveram aula de Música, que durou até à hora do almoço.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Durante esta aula, foram utilizados dois “Dons” de Fröebel, o 3.º e o 4.º Dons. Estes “Dons” podem ser trabalhados separadamente ou em conjunto. Estes materiais matemáticos permitem a realização de inúmeras construções, que requerem mais ou menos habilidade e destreza, dependendo do “Dom” que é utilizado. Segundo Caldeira (2009, p. 248), “o 3.º Dom é composto por 8 cubos dentro de uma caixa de madeira, também em forma de cubo. [...] Nas construções todos os cubos têm que ser utilizados. No final de uma aula, a criança pode descobrir e criar novas.”

Ainda em relação à utilização deste material, e de acordo com a autora anteriormente citada, devem ser considerados alguns aspetos ligados à postura:

- costas direitas;
- uso das duas mãos em simultâneo;
- utilização dos dedos indicador e polegar em forma de pinça (treino para a utilização correcta da caneta/lápis);
- fazer as construções sempre da esquerda para a direita (propedêutica da leitura e da escrita);
- não destruir. (p. 248)

No que diz respeito ao 4.º Dom, e continuando a citar a mesma autora, pode-se afirmar que “é constituído por 1 caixa de madeira com a forma de um cubo que contém 8 paralelepípedos. [...] Numa fase mais desenvolvida da aprendizagem [...] é importante levar as crianças a concluir que o volume dos 8 cubos é igual ao volume dos 8 paralelepípedos.” (p.260)

A utilização destes “Dons” em conjunto permite a realização de construções e cálculos mais elaborados e complexos.

### **17 de maio de 2011**

Depois da rotina matinal, os alunos terminaram uma ficha de Língua Portuguesa, preenchendo um quadro sobre o género e número dos nomes e também sobre a classificação de palavras quanto ao número de sílabas. Quanto terminaram a primeira ficha, as crianças resolveram outra, em conjunto com a professora sobre a família de palavras.

A seguir ao intervalo, e a nosso pedido, a professora utilizou o material matemático Geoplano. Ditou as regras de utilização do mesmo e com os elásticos pediu para os alunos formarem figuras geométricas. Depois relembrou os nomes das figuras e as suas características. Como um dos alunos já tinha sido chamado à atenção várias vezes, a professora sentiu necessidade de parar o exercício para conversar com a turma, e com ele, sobre o seu comportamento.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Durante a aula, alguns alunos de outras turmas encontravam-se no recreio a brincar nos escorregas. Depois da professora perceber que muitas crianças estavam mais interessadas no que se passava no recreio do que na manipulação do material, baixou os estores (não totalmente pois estava calor) esperando que os seus alunos se concentrassem no material. No entanto, houve um aluno que se levantou e espreitou pelos buraquinhos dos estores para continuar a ver os colegas a brincar. Como já tinha sido chamado à atenção várias vezes, a professora achou por bem parar a aula e explicar a todos que não estava a gostar.

Alguns autores, nomeadamente Amado (2000, p.175) refere que “o castigo constitui uma medida frequentemente utilizada pelos professores, consignada na lei sob forma de expulsão da aula e de suspensão.” Porém, Curwin (1987, pp. 175-176),

citado pelo autor acima referido, aponta que o castigo “produz o efeito de travar a indisciplina por um tempo curto, mas não produz uma mudança de comportamento duradoura. Só detém temporariamente a acção que se castigar.”.

Concordo com o que a professora fez, pois o castigo não ajuda a melhorar o comportamento da criança. Cabe ao professor entender as verdadeiras razões deste comportamento.

## **20 de maio de 2011**

Hoje foi o dia da aula assistida minha colega P. Os temas que tinha para lecionar eram: a segurança na praia, na área de Estudo do Meio, expressão escrita na área da Língua Portuguesa, e uma construção com o material 4.º Dom de Fröebel, na área da Matemática.

Desta forma, a estagiária saiu da sala por uns momentos e quando voltou estava vestida com a roupa de nadador salvador. Começou por conversar com os alunos e questioná-los sobre essa profissão; depois, usou um *powerpoint*, introduzindo o tema de Estudo do Meio. Falou sobre o nadador salvador, sobre as bandeiras e como proceder de acordo com a cor de cada uma delas, os cuidados a ter com o sol... De seguida, distribuiu uma ficha que continha um texto lacunar e ajudou as crianças a preenchê-lo, utilizando palavras móveis que colocou no quadro.

Para terminar a aula, a colega P distribuiu por cada aluno uma caixinha de 4.º Dom e realizou a construção da cama (figura 22). No final, pediu às crianças para arrumarem o material.

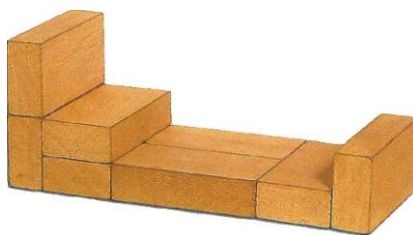


Figura 22 – Construção da cama com o 4.º Dom de Fröebel

Após a aula seguiu-se a reunião de avaliação com os alunos estagiários que deram aulas, com os que assistiram às mesmas, com as professoras da Equipa de



Supervisão Pedagógica e as professoras da sala. A reunião durou até à hora do almoço.

### **Inferências**

Considero que a aula da colega foi bem conseguida pois os alunos estavam interessados e queriam participar ativamente na mesma, partilhando as suas experiências na praia. A P não deu erros científicos, no entanto, demorou algum tempo a vestir-se o que a prejudicou pois, a professora da Equipa de Supervisão Pedagógica não contemplou na sua avaliação a parte final da sua aula, por ter ultrapassado o tempo estipulado.

A ideia de se mascarar foi pertinente e interessante para motivar as crianças e penso que, sempre que possível, o devemos fazer.

### **23 de maio de 2011**

Nesta segunda-feira, teve lugar, na ESEJD, a reunião de avaliação do terceiro momento do Estágio Profissional, tendo estado presentes os alunos do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e do Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, tal como as orientadoras da Equipa de Supervisão Pedagógica e o diretor da ESEJD, Prof. Doutor António Ponces de Carvalho.

### **24 de maio de 2011**

Depois de fazerem as leituras matinais, a professora distribuiu uma ficha de Matemática, sobre o dobro, o triplo, a metade e a terça parte, que os alunos teriam que resolver utilizando o material matemático Cuisenaire. Este trabalho durou até à hora do intervalo.

Neste dia, o professor de Música não veio e, portanto, em vez de terem aula de música, quando regressaram à sala, os alunos fizeram um exercício ortográfico de palavras soltas. As palavras foram: bola, batata, bolacha, copo, caneta, abelha, flor, maçã e ovos. No final do exercício ortográfico, os alunos ilustraram cada uma das palavras.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Após ter tido oportunidade de observar o comportamento dos alunos desta turma, pude constatar que eram efetivamente crianças agitadas. Também me apercebi que, exceto alguns elementos, os alunos eram muito imaturos; tinham falta de regras, levantavam-se do lugar muitas vezes para ir tirar “coisas” aos colegas, interrompiam a aula, gritavam uns com os outros, falavam por cima da professora e respondiam-lhe de forma grosseira. Cheguei mesmo a presenciar cenas de violência física (alunos a baterem noutros).

Sobre os comportamentos desadequados e a insolência, Meirieu (2004, p. 271) ostenta que o aluno que: “[...] fala de forma grosseira ou lança à educadora um olhar que ela considera ofensivo não pode ser responsabilizado por não saber aquilo que não lhe ensinaram. Mas não podemos, por conseguinte, deixá-lo agir assim[...]”.

Por ter sido a última turma que observei, penso que posso fazer comparações sobre o comportamento dos alunos. Apesar de serem muito pequenos (6/7 anos de idade), estes alunos tiveram um percurso, ao longo deste ano letivo, bastante diferente do percurso das outras turmas: no mês de janeiro, a professora titular foi-se embora e veio uma professora de apoio (de outro Jardim-Escola) tomar o lugar da primeira. Para a maioria destas crianças, o professor é o elemento de referência e o modelo a seguir; o facto da professora titular se ter ido embora, fez com que os alunos se sentissem abandonados, e talvez “zangados” e revoltados com a situação.

A relação pedagógica é importante e decisiva para todo o processo ensino-aprendizagem. Neste caso especificamente, as atitudes do professor, quer sejam positivas ou negativas, influenciam os alunos para o resto da vida pois, de acordo com Harper (1996, p. 68), “[...] os professores têm, sem dúvida, uma influência directa sobre os alunos, a partir da sua personalidade, sua atitude, da relação que mantêm com os alunos, seu modo de interpretar as normas da instituição. Esta acção pode, aliás, exercer-se sem que o professor perceba.”.

Penso que o comportamento agitado e intempestivo destes alunos se deve, em parte, a esta partida da professora titular e da perda de referências que essa partida causou.

**27 de maio de 2011**

A manhã estava reservada para a aula da minha colega G. Tal como tinha sido acordado previamente com a professora da sala, numa das manhãs que tínhamos que dar as aulas, o tema de Estudo do Meio era à nossa escolha; na área de Língua Portuguesa faríamos uma expressão escrita e, na área da Matemática, situações problemáticas, sempre fazendo interdisciplinaridade com o tema de Estudo do Meio por nós escolhido. Assim, para esta aula, a G escolheu falar sobre o bicho-da-seda.

Para esta aula, a estagiária trouxe uma estratégia de comportamento que começou por explicar aos alunos. Depois, leu uma história: a Lenda do Bicho-da-seda, e colocou perguntas de interpretação. De seguida, e apoiando-se num *powerpoint*, mostrou o ciclo de vida desses animais e falou sobre curiosidades acerca dos mesmos.

Depois do intervalo, a G distribuiu uma ficha de trabalho, com imagens, onde os alunos teriam que realizar a expressão escrita, neste caso, coletiva. As imagens faziam referência ao ciclo de vida dos bichos-da-seda e a estagiária conduziu-os na resolução da ficha. Para terminar, distribuiu material matemático não estruturado (imagens de bicho-da-seda) e realizou exercícios de lógica com os alunos.

### **Inferências**

Na minha opinião, a aula decorreu relativamente bem apesar da colega não ter conseguido manter a disciplina até ao final e de não ter feito uma boa gestão do tempo. A estratégia de comportamento que adotou resultou no início e em alguns momentos da aula mas, depois, a G esqueceu-se de a aplicar quando era necessário. Penso que a primeira parte da aula foi muito expositiva pois, apesar da minha colega ter contado uma história e de ter captado a atenção dos alunos, estes permaneceram sentados desde que chegaram à sala até à hora do intervalo, apenas a ouvir as explicações da estagiária e a ver um *powerpoint* e, ao fim de um tempo, começaram a ficar cansados e agitados. A área de Estudo do Meio durou muito tempo, pois a colega não conseguiu gerir, da melhor forma, as perguntas dos alunos que, sistematicamente, a questionavam, nem sempre com perguntas pertinentes, e dessa forma não pôde avançar com a aula, acabando por perder um pouco o controlo da turma porque muitas crianças já não a estavam a ouvir. No entanto, ela não cometeu erros científicos e teve o cuidado de responder a todas as questões colocadas pelos alunos, para além de ter trazido um material cuidado e apelativo.

### **30 de maio de 2011**

Hoje, a minha colega G deu novamente a aula de Matemática pois tinha falado com a professora por causa da sua aula de sexta-feira e, visto que tinha considerado que a mesma não lhe tinha corrido muito bem, pediu para a repetir. A G distribuiu uma ficha com exercícios de lógica e utilizou novamente o material matemático não estruturado que tinha usado na aula anterior.

Depois da aula da minha colega e ainda antes do intervalo, a professora distribuiu um texto aos alunos, fez a leitura modelo e pediu a alguns elementos da turma para o lerem. Depois, os alunos fizeram a interpretação do texto por escrito, respondendo às questões da ficha.

#### **Inferências**

A G pediu para dar novamente a aula de Matemática pois, no dia da sua manhã de aulas tinha tido muito pouco tempo para o fazer e os alunos já estavam saturados de estar na sala. No entanto, a meu ver, a sua postura não foi muito diferente da que tivera na aula anterior e, também desta vez, não conseguiu gerir a disciplina. Apesar de dominar os conteúdos e de saber o que estava a fazer, a colega parecia não acreditar nas suas capacidades, prejudicando o decorrer da aula.

Considero que foi muito simpático da parte da professora ter dado à minha colega a oportunidade de repetir esta aula.

### **31 de maio de 2011**

Neste dia, durante a manhã, os alunos estiveram a terminar os trabalhos que tinham em atraso. Após o intervalo, e tal como estava combinado com a professora da sala, dei uma aula extra, durante a qual utilizei o material matemático estruturado, *Tangram*.

Comecei por explicar as regras do material e de sala de aula, assim como a estratégia de comportamento (utilizei a mesma que no 2.º Ano, a das borboletas) e, depois de uma breve conversa, construí com os alunos três Algarismos (1, 2 e 4), usando o Tangram. De seguida, distribuí uma ficha de trabalho onde as crianças teriam que tentar formar todos os números possíveis, de três Algarismos, utilizando

apenas os Algarismos que tinham construído. Realizei, também, a leitura de números, tendo em conta todas as combinações possíveis com aqueles Algarismos.

### **Inferências**

Visto ser primeira vez que estive à frente da turma, considero que o balanço da aula foi positivo: geri bem o tempo, não dei erros científicos apesar de me ter enganado e dito Algarismo em vez de número ou vice-versa umas duas ou três vezes, mas corriji logo a seguir. Quanto ao comportamento dos alunos, também acho que consegui geri-lo bem, através da estratégia de comportamento; no entanto, tive que pedir silêncio algumas vezes.

No decorrer da aula percebi que realmente não era fácil estar à frente desta turma. Tive a noção que os alunos eram muito imaturos e que foi difícil gerir a agitação que se criou nalguns momentos. Terei que pensar noutras formas de motivar os alunos e de adaptar as estratégias e os conteúdos.

### **3 de junho de 2011**

Neste dia, dei a minha primeira manhã de aulas ao 1.º Ano. Os conteúdos que a professora OS me propôs foram: o grau dos nomes, na área de Língua Portuguesa; os ângulos retos, agudos e obtusos, para Matemática; e em Estudo do Meio, a prevenção rodoviária.

Para começar a aula, conversei com os alunos sobre as regras de sala de aula e fiz a leitura modelo de um texto que previamente tinha distribuído. De seguida, pedi a alguns alunos para lerem. Coloquei perguntas de interpretação e abordei o tema da aula através de um jogo: numa caixa de cartão, cheia de esferovite, “escondi” palavras móveis que um aluno de cada vez tinha que vir descobrir. As palavras eram nomes nos diferentes graus; os alunos tinham uma tabela onde deviam identificar em que grau estava o nome e escrever os restantes. No final, fiz um pequeno resumo da aula.

Depois do intervalo, relembrei o nome das figuras geométricas feitas com palhinhas que tinha colocado no quadro (quadrado, retângulo, triângulo, losango) e as suas características. De seguida, distribuí palhinhas e uma folha de papel de lustro a todos os alunos. Com as palhinhas, pedi que formassem um quadrado e introduzi a noção de ângulo e de ângulo reto. Depois, com a folha de papel de lustro, realizei uma dobragem, de modo a obter um ângulo reto e pedi que verificassem se os ângulos do

quadrado eram ângulos retos. Por fim, apresentei a noção de ângulo agudo e ângulo obtuso e solicitei às crianças que formassem um ângulo (agudo, reto ou obtuso) e que dissessem que tipo de ângulo tinham escolhido, corrigindo os alunos cujos ângulos não correspondiam ao que disseram.

Após um breve resumo da aula, e depois de arrumar o material, mostrei um *powerpoint* sobre a prevenção rodoviária. Alertei para os cuidados a ter enquanto peões, mas também quando viajam de carro (utilização de cadeira adequada à idade/estatura, uso obrigatório do cinto de segurança...).

### **Inferências**

A meu ver, a aula decorreu bem. Os alunos estiveram motivados e atentos, tendo apenas sido preciso chamar a sua atenção algumas vezes. A estratégia da caixa funcionou bastante bem pois todos queriam vir tirar uma palavra e os outros encontravam-se sempre na expectativa de saber qual a palavra que viria a seguir. Quanto à aula de Matemática, e depois de receber o *feedback* da professora, percebi que os alunos ficaram a compreender a noção de ângulo e o que era um ângulo reto, agudo ou obtuso. Por fim, na aula de Estudo do Meio, penso que os alunos já estavam cansados de estar na sala, e com a hora do almoço a aproximar-se ficaram um pouco mais agitados; contudo, participaram ordenadamente na aula, colocando perguntas pertinentes sobre o tema.

Considero que esta aula me fez evoluir profissionalmente, pois consegui ter um melhor desempenho; são estes desafios que nos fazem crescer.

### **6 de junho de 2011**

O dia de hoje estava destinado à segunda manhã de aulas da minha colega G. Os temas que a professora lhe propôs foram: o sistema solar, para Estudo do Meio, o euro, na área da Matemática, e os tipos de frase, na área da Língua Portuguesa.

Assim, a minha colega começou por mostrar uma imagem do espaço e questionar os alunos sobre o tema da aula. Depois de dizer as regras de sala de aula, distribuiu uma ficha e um envelope com planetas que os alunos tinham que colocar por ordem de proximidade ao Sol. De seguida, a G iria ajudar e corrigir o trabalho que os alunos tinham feito. Mostrou um *powerpoint* e questionou-os, de forma a saber qual era o planeta que fica mais próximo do Sol. Depois de dizer algumas curiosidades

sobre esse planeta, passava para o seguinte, e os alunos iam colocando os planetas na ordem correta e escrevendo o nome do planeta por baixo do mesmo.

Neste dia, os alunos ficaram no intervalo até mais tarde, pois a professora do outro 1.º Ano teve que ir para a reunião de discussão das aulas programadas das estagiárias da sua sala e a professora OS teve que ficar com as duas turmas.

Quando voltaram para a sala, uma auxiliar de ação educativa veio avisar a professora que já tinha chegado o Encarregado de Educação para falar com ela e que o professor de Música não vinha dar aula. Deste modo, e visto que tinha agendado uma reunião com um Encarregado de Educação, a professora OS pediu-nos que ficássemos com a turma. Solicitou-nos que realizássemos um exercício ortográfico de palavras soltas. As palavras do exercício foram: boneca, balão, mão, gato, girafa, capa, mala, faca e figo. No final, os alunos ilustraram as palavras do ditado.

### **Inferências**

Apesar de ser dia de aula de Música, a minha colega G tinha que dar aula porque, mais tarde, já não teria oportunidade de o fazer. No entanto, penso que ela poderia ter gerido melhor o tempo e não ter deixado prolongar a aula de Estudo do Meio até à hora do intervalo. Por isso, não teve margem para fazer tudo aquilo a que se tinha proposto. Por outro lado, a minha colega não contava com o facto de as crianças terem tido quase sessenta minutos de intervalo, o que não deixou mesmo tempo de fazer a outra atividade. A aula de Estudo do Meio durou quase duas horas, pois, a estagiária não soube gerir, da melhor forma, as perguntas dos alunos, bem como o seu comportamento, menos adequado.

Quando ficámos sozinhas com a turma, os alunos quiseram testar os nossos limites e estiveram agitados, o que, de certo modo, se compreende pois estavam à espera de ter aula de Música e tal não sucedeu. Mas, depois de começar o exercício ortográfico, os alunos concentraram-se na sua tarefa e assim ficaram até à hora de almoço.

### **7 de junho de 2011**

As alunas estagiárias do 2.º Ano da Licenciatura em Educação Básica deram uma aula. O tema que lhes tinha sido proposto foi: experiências. Após a rotina matinal, uma das estagiárias deu a aula, explicando primeiro as regras de sala e, depois, o que

iriam fazer. Seguidamente, realizou a experiência: “Espuma Colorida”; utilizou vinagre e corante alimentar que fez reagir com bicarbonato de sódio e formou uma espuma colorida. Por fim, distribuiu uma ficha com um texto lacunar que os alunos preencheram em conjunto com a estagiária.

Quando a primeira estagiária terminou a aula, foi a vez de a segunda dar a sua aula. Esta também utilizou uma estratégia de comportamento e criou “pega-monstros” com os alunos: utilizou água e borato de sódio com corante alimentar que fez reagir com cola líquida universal, formando uma pasta moldável, o “pega-monstros”.

Depois do intervalo, os alunos terminaram os trabalhos que tinham em atraso.

### **Inferências e fundamentação teórica**

De acordo com Martins *et al* (2007, p. 36) “a designação trabalho prático (ou actividade prática) (TP) aplica-se a todas as situações em que o aluno está activamente envolvido na realização de uma tarefa, que pode ser ou não de tipo laboratorial.”

Neste caso, as atividades desenvolvidas na aula inserem-se no campo do trabalho experimental. Este termo aplica-se, segundo os mesmos autores, “às actividades práticas onde há manipulação de variáveis: variação provocada nos valores da variável independente em estudo, medição dos valores alcançados pela variável dependente com ela relacionada, e controlo dos valores das outras variáveis independentes que não estão em situação de estudo.” (p. 36)

Quanto às finalidades e limitações deste tipo de atividades, os autores referidos anteriormente defendem que:

as tarefas de carácter prático sempre foram consideradas importantes para as crianças, [...] como forma de potenciar o seu envolvimento físico com o mundo exterior, aspecto crucial para o desenvolvimento do próprio pensamento [...]. No entanto, não é a simples manipulação de objectos e instrumentos que gera conhecimento. É necessário questionar, reflectir, interagir com outras crianças e com o professor, responder a perguntas, planejar maneiras de testar ideias prévias, confrontar opiniões, para que uma actividade prática possa criar na criança o desafio intelectual que a mantenha interessada em querer compreender fenómenos, relacionar situações, desenvolver interpretações, elaborar previsões. (p. 38)

A meu ver, a aula da segunda estagiária decorreu melhor do que a da primeira, porque, neste caso, todos os alunos fizeram a experiência dos “pega-monstros”, o que não sucedeu na primeira aula, onde apenas algumas crianças foram ajudar, enquanto as outras ficaram sentadas a observar. Se esta aula fosse minha, teria dado material a



todos os alunos para que todos participassem; ou seja, procederia como procedeu a segunda estagiária.

### **14 de junho de 2011**

Os alunos no 1.º Ciclo realizaram a Ficha de Avaliação formativa de Língua Portuguesa. A professora OS pediu-nos que ajudássemos as crianças com mais dificuldades. Os alunos realizaram a ficha até à hora do intervalo.

Após o intervalo, e tal como tinha sido acordado com a professora da sala, utilizei o material matemático 5.º Dom de Fröebel para dar uma aula extra. Comecei por conversar com os alunos sobre o material e as suas regras de utilização. A construção que realizei, seguidamente, com os alunos, foi inventada por mim, no âmbito de um trabalho para a unidade curricular de Investigação e Metodologia da Aprendizagem da Matemática no 1.º Ciclo, lecionada pela Prof.ª Doutora Mª Filomena Caldeira, na ESEJD.

Esta construção representa uma fonte e três cavalos (figura 23). Depois de realizada a construção, distribuí material matemático não estruturado (cenouras de papel), para realizar alguns exercícios de cálculo. No final da aula, os alunos arrumaram o material e foram almoçar.



Figura 23 – Construção realizada na aula: Fonte e Cavalos

### **Inferências**

Talvez por terem realizado a ficha de avaliação formativa da parte da manhã, senti que os alunos estavam bastante agitados e pouco atentos. No geral, a construção foi conseguida por todos, mas alguns alunos necessitaram de mais apoio para a fazer. Se voltasse a dar esta aula, teria começado por contar uma pequena

história para contextualizar a construção, o que não sucedeu neste caso pois, apesar de ter preparado a história, esqueci-me de a contar.

Gostaria de voltar a referir que a construção realizada na aula foi inventada por mim, no âmbito de uma unidade curricular da ESEJD, e que considerei ser apropriada a esta faixa etária por não ser muito complexa.

## **17 de junho de 2011**

Este dia de estágio estava reservado para a minha segunda manhã de aulas. Desta vez, a professora deixou ao meu critério o tema de Estudo do Meio e apenas tinha que o desenvolver, sempre de acordo com a idade dos alunos, e de trabalhar expressão escrita na área de Língua Portuguesa e situações problemáticas em Matemática, recorrendo à interdisciplinaridade. Assim, escolhi falar sobre os animais mamíferos, mais especificamente, sobre o porquinho-da-índia.

Trouxe para a sala de aula, numa gaiola, um porquinho-da-índia. Primeiramente, pedi aos alunos que adivinhassem que animal estava dentro da gaiola (esta estava tapada); depois de terem adivinhado, dei as regras de sala de aula, explicando que o animal era medroso e não iria sair do seu esconderijo caso houvesse barulho. Expliquei também que a iria colocar destapada no meio da sala para que todos pudessem ver o animal mas, caso alguma das regras fosse quebrada, taparia a gaiola. Todos os alunos concordaram e mantiveram-se em silêncio.

De seguida, dei início à aula de Matemática, distribuí o material matemático Calculadores Multibásicos, e relembrei as regras de utilização dos mesmos. Com a colaboração dos alunos resolvi três situações problemáticas: as duas primeiras envolviam o algoritmo da adição, e a última, o algoritmo da subtração.

Enquanto os alunos arrumavam o material, montei o *datashow* para a área de Estudo do Meio. Nesta parte da aula, solicitei aos alunos que relembrassem as características dos animais mamíferos, mostrei curiosidades (particularidades, local de origem, alimentação...) sobre o porquinho-da-índia, e deixei que colocassem as suas dúvidas (pertinentes) sobre o animal.

Após o intervalo, fiz um pequeno resumo do assunto que tínhamos estado a falar antes do intervalo e distribuí uma ficha de trabalho, com um texto lacunar que preenchi em conjunto com os alunos. Antes de irem para o almoço, os alunos que se

portaram melhor durante toda a manhã tiveram oportunidade de dar comida ao porquinho-da-índia.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Gostei muito da forma como a aula decorreu. A estratégia de comportamento resultou, pois todos os alunos queriam ver o porquinho-da-índia e raramente quebraram as regras de sala de aula. Penso não ter dado erros científicos e geri bem o tempo destinado a cada uma das áreas. Os alunos mantiveram-se sempre interessados, curiosos e motivados, tendo participado ativamente quando lhes foi solicitado. Penso que a aula foi muito bem conseguida.

Desde que me lembro de “andar na escola”, lembro-me de ter animais na sala de aula: tartarugas, peixes, coelhos, hamsters... Sem dúvida que os animais são um incentivo para as crianças (exceto para as que têm medo) pois despertam a curiosidade e o professor pode utilizá-los como forma de responsabilizar os alunos, a fim de cuidarem dos animais. Por outro lado, sei que é necessário ter cuidado devido às alergias e que os professores devem evitar ter dentro da sala animais com pelo, sendo que a minha primeira preocupação quando preparei esta aula foi saber se era possível trazer o porquinho-da-índia.

Segundo as Orientações Curriculares para o 1.º Ciclo do Ensino Básico (2004, Ministério da Educação) e na parte destinada à área do Estudo do Meio:

A curiosidade infantil pelos fenómenos naturais deve ser estimulada e os alunos encorajados a levantar questões e a procurar respostas para eles através de experiências e pesquisas simples.

Os estudos a realizar terão por base a observação directa, utilizando todos os sentidos, a recolha de amostras, sem prejudicar o ambiente, assim como a experimentação. [...]

O professor deve fomentar nos alunos atitudes de respeito pela vida e pela Natureza, assim como sensibilizá-los para os aspectos estéticos do ambiente. (p. 115)

Assim, considero que os animais em sala de aula fornecem um contacto mais estreito com a Natureza e o docente deve apelar à preservação e à conservação das espécies, bem como todos os cuidados a ter com os animais de estimação, contribuindo assim para o seu bem-estar e segurança.

**20 junho de 2011**

Neste dia, realizaram-se, num outro Jardim-Escola João de Deus de Lisboa, as Provas Práticas de Avaliação da Capacidade Profissional (PPACP), sendo que a minha colega G não esteve presente no estágio neste dia, pois foi assistir às provas no outro Jardim-Escola.

Os alunos do 1.º Ciclo começaram, esta manhã, por realizar a Ficha de Avaliação Formativa de Matemática. Tal como sucede sempre que há a realização de uma Ficha de Avaliação Formativa, os alunos do 1.º Ciclo realizam-na ao mesmo tempo. A realização da ficha durou até à hora do recreio.

Depois do intervalo, todos os alunos do 1.º Ciclo tiveram ensaio de música, para a festa de final de ano, no salão da escola.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Gostaria de reforçar a ideia de que a Música é muito importante para o desenvolvimento da criança, tal como sustenta Cordeiro (2010):

Parece provado que o estudo da música permite às crianças adquirir conhecimentos e modelar competências e atitudes que permanecem durante toda a vida, influenciando também outras áreas do conhecimento e do comportamento. Por outro lado, a aprendizagem e a prática da música estimula a coordenação, a objectivação, a capacidade de concentração, e também a de cooperar com os outros e produzir algo para prazer do próprio e dos que o rodeiam.

Finalmente, é sabido que tudo em nós é musical, melódico, e que os ritmos e sons podem fazer a diferença entre o bem-estar e a angústia, a segurança e o abandono. (p.419)

A expressão musical aparece no currículo como uma área curricular não disciplinar mas deve ser frequentada por todas as crianças, contribuindo assim para um crescimento mais harmonioso e pleno.

**21 de junho de 2011**

Por não me encontrar bem de saúde, não me foi possível comparecer neste dia de estágio.

## **24 de junho de 2011**

Por ter sido feriado na véspera, neste dia houve *roulement*. Os alunos que vieram à escola puderam trazer brinquedos de casa, e passaram o dia a brincar livremente.

## **27 de junho de 2011**

Neste dia, a professora OS pediu à minha colega G para dar as áreas que não tinha conseguido dar durante a segunda manhã de aulas. O tema de Matemática manteve-se o mesmo, o euro; no entanto, o de Língua Portuguesa teve que ser mudado visto que a professora já o tinha ensinado, e foi substituído pela classificação de palavras quanto à acentuação.

Assim, a colega escolheu, para começar a manhã, a área da Matemática, durante a qual introduziu o euro. Quando estava prestes a começar, uma aluna do 3.º Ano veio chamar-me a pedido da professora LA. Quando a minha colega G e eu estivemos a fazer estágio no 3.º Ano, a professora dessa sala falou-nos do 6.º Dom de Fröebel, dizendo que era o mais difícil de trabalhar e que quando lecionava o 3.º Ano, usualmente introduzia este material matemático no final do ano. E frisou que no presente ano o iria introduzir, prometendo que nos avisaria para podermos assistir à aula, caso fosse possível. Neste dia, a professora do 3.º Ano utilizou o material pela primeira vez, e por isso, pedi autorização à professora OS para assistir à aula do 6.º Dom de Fröebel, ao que a mesma acedeu.

A professora LA começou por alertar os alunos que iriam trabalhar com um material novo e que teriam que afastar as carteiras umas das outras. Depois, distribuiu o material e pediu para alguns alunos descreverem o que estava dentro da caixa. De seguida, disse que iriam realizar a construção do templo e perguntou o significado da palavra templo (figura 24). Depois de ouvir as respostas de alguns elementos, solicitou a um aluno que fosse ver a definição ao dicionário.



Figura 24 – Construção do Templo

Depois de realizada a construção, a professora disse que iriam fazer outra mas que deixava que fossem os alunos a escolher a que queriam fazer. Após ter dado todas as hipóteses, os alunos concordaram em realizar a ponte (figura 25).



Figura 25 – Construção da Ponte

No final desta construção, e como ainda tinha tempo disponível, a professora da sala decidiu fazer uma última construção, a da casa (figura 26).

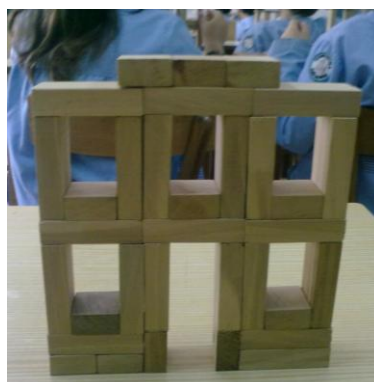
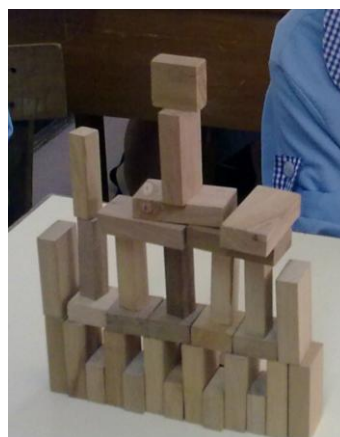


Figura 26 – Construção da Casa

No final da aula, deu tempo aos alunos para manipularem o material livremente (figuras 27, 28 e 29). Quando os alunos arrumaram as caixas, regressei à sala do 1.º Ano.



*Figura 27 – Construção livre n.º 1*



*Figura 28 – Construção livre n.º 2*



*Figura 29 – Construção livre n.º 3*

Quando cheguei à sala, deparei-me com a minha colega e a professora OS muito zangadas com os alunos, sem que estes lhes prestassem atenção, virados para trás e a brincar com o material que tinha sido distribuído. A professora levou os alunos para o intervalo e pediu-me que re confortasse a minha colega. Após o intervalo, todos os alunos tiveram novamente ensaio de música no salão da escola.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Foi muito atencioso da parte da professora LA ter-se lembrado de nós e da sua promessa. Infelizmente, a minha colega G não pôde assistir à aula do 6.º Dom porque tinha que dar a aula no 1.º Ano. No entanto, posso afirmar que adorei a forma como o material matemático foi trabalhado; foi a primeira vez que tive a oportunidade de o manipular e constatar que realmente é mais difícil de trabalhar do que os outros Dons.

O facto de a professora LA ter responsabilizado os alunos e de lhes ter dito que apenas usava o 6.º Dom com alunos “muito crescidos e responsáveis”, fez com que não houvesse agitação na aula e que todos os alunos se mantivessem empenhados e concentrados nas suas tarefas.

No seu livro, Caldeira (2009, p. 313) apenas retrata este material como sendo “composto por uma caixa de madeira, com as mesmas dimensões da caixa do 5.º Dom, sendo que no seu interior estão vinte e sete pequenos paralelepípedos. As construções são mais complexas, requerendo grande destreza manual para o seu manuseamento e construção.”

Quanto à aula da minha colega, não posso fazer nenhum comentário, pois não estive a assistir, mas pelo cenário com que me deparei quando regresssei à sala, penso que não terá decorrido da melhor forma.

## **28 de junho de 2011**

Este dia de estágio começou com a aula de Língua Portuguesa, da minha colega G, sobre o tema da classificação das palavras quanto à acentuação. Ela começou por conversar com os alunos sobre as regras de sala de aula e sobre a estratégia de comportamento que ia utilizar. A colega fez alusão à Cartilha Maternal, lembrando a décima terceira lição, para de seguida explicar as sílabas tónicas e átonas. Depois explicou que, dependendo da posição em que se situa a sílaba tónica, as palavras vão ter nomenclaturas diferentes: agudas, se a sílaba tónica for a última; graves, se for a penúltima e esdrúxulas, se a sílaba tónica for a antepenúltima.

Antes do intervalo e para consolidar a matéria dada, a G utilizou um tabuleiro de jogo para realizar uma pequena caça ao tesouro: os alunos tinham que lançar um dado e se este caísse numa casa de pista, a estagiária lia a pista e o aluno tinha que procurar a palavra. Depois de encontrada a palavra, a turma tinha uma ficha de trabalho onde devia escrever a palavra e classificá-la quanto ao número de sílabas.

Depois do intervalo, a colega distribuiu o material matemático Cuisenaire e trabalhou os itinerários. Antes de manipularem o material, os alunos realizaram percursos dentro da sala, movendo-se de acordo com as indicações dadas pela estagiária. Distribuiu uma ficha de trabalho com quadrículas de 1cm<sup>2</sup> e os alunos



tinham que colocar as peças corretas na ficha e seguidamente pintarem a ficha de acordo com as cores das peças.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Desta vez, penso que a aula da minha colega foi bem conseguida, pois a G não deu erros científicos, soube gerir a disciplina e foi mais dinâmica do que nas outras aulas, para além de ter utilizado uma estratégia diferente (jogo).

No que diz respeito à Cartilha Maternal, elemento basilar da pedagogia do Método de João de Deus, e em concordância com Ruivo (2006, p. 1), este instrumento foi criado por João de Deus em 1876 e consistia num “[...] livro que suportava, num só manual, as lições para os alunos e o *Guia Prático* para o professor. O objectivo era que o ensino fosse feito pelas mães, daí o nome *Cartilha Maternal*.”

A mesma autora (2009) explica que

João de Deus toma como elemento estruturante fundamental a palavra. O seu Método de Leitura, estava baseado na análise da língua feita através de um processo sério e graduado a partir do raciocínio lógico e numa atitude construtivista de descoberta de valores e regras que levam à leitura consciente e significativa. (p. 80)

A Cartilha Maternal está organizada por lições; em cada lição é apresentada uma letra diferente, tal como refere Ruivo (2009, p. 116): “Cada letra consoante é incluída numa lição em que estão reunidos os seus diferentes valores, as letras consoantes são ordenadas em função do seu número de valores, sendo ensinadas primeiro [...] aquelas que só têm uma leitura, um valor, um som.”.

Ainda segundo a mesma autora, as lições estão organizadas por ordem crescente de dificuldade, sendo que primeiro são apresentadas as consoantes que apenas apresentam um som e, progressivamente, vão sendo introduzidas as outras que apresentem mais do que um som.

No que diz respeito à aula com o material Cuisenaire, penso que também foi conseguida apesar de os alunos já estarem mais agitados e cansados. No entanto, a minha colega manteve sempre uma boa postura, tendo conseguido, em vários momentos, manter a disciplina e não deu erros científicos.

**1 de julho de 2011**

Dado que o ano letivo terminou a 30 de junho, neste dia houve *roulement*, sendo que os alunos que vieram à escola puderam trazer brinquedos e jogos de casa e brincaram livremente na sala e no recreio com os colegas.

### **Inferências e fundamentação teórica**

A maioria dos alunos trouxe brinquedos de casa para partilhar com os colegas e organizaram-se por grupos conforme as brincadeiras. Os rapazes construíram uma “cabana” debaixo das mesas, outros trouxeram jogos eletrónicos (*Playstation Portable*, Nintendo...); as raparigas brincaram com bonecas e fizeram desenhos, outras jogaram às cartas ou fizeram penteados umas às outras e também às estagiárias.

Considero que o jogo é uma componente muito importante no desenvolvimento das crianças, pois através dele, estas experimentam várias realidades e têm liberdade para se expressar. Conforme defende Neto (2003, p. 21), o jogo é o “processo de dar liberdade de a criança exprimir a sua motivação intrínseca e a necessidade de explorar o seu envolvimento físico e social sem constrangimentos.”

No seu livro, Brandes e Phillips (2006, p. 14) definem vários tipos de jogos e afirmam que os jogos podem: “ser trabalhados de forma construtiva, [...] resolver problemas, [...] ajudar na inadaptação social, desenvolvendo a cooperação entre grupos; desenvolvem a sensibilidade em relação aos problemas dos outros; promovem a interdependência assim como a independência da identidade pessoal.”

Segundo os mesmos autores, os jogos ajudam a quebrar barreiras entre as pessoas, já que proporcionam uma verdadeira comunicação: ajudam as pessoas a descontraírem e também podem fazer desaparecer a hostilidade.

Apesar de estarem na sala de aula, as crianças tiveram oportunidade de brincar livremente com os colegas; também os estagiários puderam conviver com os alunos de maneira mais informal, pois ensinaram jogos e deixaram-nos fazer penteados... No final, acho que foi um dia bem passado, muito descontraído e com muitas gargalhadas.

## **1.5. 5.ª Secção – Seminário de Contacto com a Realidade Educativa**

Período de estágio de 28 de fevereiro de 2011 a 4 de março de 2011. 1.º Ciclo do Ensino Básico, Professora LA.

### **1.5.1. Caracterização da Turma**

A turma que escolhi para realizar o Seminário de Contacto com a Realidade Educativa, vulgarmente designado estágio intensivo foi a turma do 3.º Ano, do Jardim-Escola João de Deus onde estou a realizar o Estágio Profissional. Dado que já realizei um período de Estágio Profissional nesta turma. Considero também desnecessário voltar a caracterizar a turma e o espaço, assim como descrever as rotinas e apresentar o horário.

### **1.5.2. Relatos diários**

O estágio intensivo dá-nos a hipótese de assistir e participar na rotina de uma turma durante uma semana inteira; o horário que todos os estagiários seguem neste período de estágio é o mesmo que o da professora da sala.

Para realizar esta semana escolhi, a turma do 3.º Ano, da professora LA, onde já tinha estado durante o segundo período de estágio. Esta escolha assentou no facto de me sentir muito à vontade com a professora da sala e também com os alunos e de ter gostado muito do período em que estive nesta turma.

Ao invés de estar a relatar o trabalho realizado pelos alunos durante o dia, considero pertinente inferir antes sobre as atividades curriculares não disciplinares, às quais tive oportunidade de assistir, por estar presente na rotina da turma da parte da tarde.

### **28 de fevereiro de 2011**

Aula de Educação Física: os alunos tiraram os bibes e deixaram-nos pendurados nas respetivas cadeiras, dirigiram-se ao ginásio da escola e a professora da disciplina separou-os por sexo (rapazes sentados num banco, raparigas noutro). De seguida explicou que iria fazer uma avaliação de Basquetebol: depois do aquecimento,

os alunos teriam algum tempo para jogar (os rapazes jogaram entre si e o mesmo aconteceu com as raparigas); após o tempo estipulado, as raparigas saíam do campo e os rapazes jogavam no ginásio todo, sendo avaliados pelas raparigas; depois trocavam.

No final da aula a professora fez um jogo com equipas mistas, tendo os rapazes ajudado e explicado as regras às raparigas, sendo que o jogo decorreu de melhor forma.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Durante a aula, foi notória a diferença entre os rapazes e as raparigas: os rapazes estavam muito mais à vontade no jogo e fizeram-no sem problemas, pois conseguiram organizar-se em equipa, definir uma estratégia e fazer com que o jogo decorresse normalmente; já as raparigas não foram capazes de o fazer: corriam todas atrás da bola sem manter as posições, queriam estar na mesma equipa que as “melhores amigas”...

Foi interessante, do meu ponto de vista pois estando a observar a aula sentada perto dos alunos que estavam a avaliar os outros, perceber a inquietação dos rapazes que se sentiam desesperados ao ver a “confusão” do jogo das raparigas, e a debater a forma como iriam “classificá-las” tendo em conta a pobreza de jogo que tinham demonstrado. E por outro lado, ter presenciado o encantamento das raparigas ao ver os rapazes jogar, muito pouco preocupadas em avaliar mas mais interessadas em observar os seus “amados”...

No Currículo Nacional do EB (ME, 2001), nas Competências Específicas da área da Educação Física, enumeram-se alguns objetivos fundamentais desta área curricular não disciplinar, sempre com vista à melhoria da qualidade de vida, da saúde e do bem-estar:

- Melhorar a aptidão física elevando as capacidades físicas de modo harmonioso e adequado às necessidades de desenvolvimento do aluno;
- Promover a aprendizagem dos conhecimentos relativos aos processos de elevação e manutenção das capacidades físicas;
- Promover o gosto pela prática regular das actividades físicas e aprofundar a compreensão da sua importância como factores de saúde e componente da cultura, na dimensão pessoal e social,
- Promover a formação de hábitos, atitudes e conhecimentos relativos à interpretação e participação nas estruturas sociais [...]. (pp. 219-220)

Cada vez mais se sente a necessidade de alertar as crianças para os perigos da sedentariedade. Mais ainda nos dias de hoje, já que a alimentação pouco saudável e o excesso de oferta de programas de televisão e jogos eletrónicos “obrigam” as crianças, desde muito cedo, a estarem sentados muitas horas e a não praticarem exercício físico regular.

### **1 de março de 2011**

Dado que na sexta-feira era dia de Carnaval, a professora de Inglês veio dar a sua aula neste dia: começou por rever com os alunos os aspetos mais importantes da aula anterior e pediu-lhes que retirassem os cadernos de exercícios para realizarem um exercício. Depois, os alunos fizeram uma ficha de trabalho em que tinham que pintar a cara de um “monstro” que, depois de cortados os olhos, o nariz e a boca, se transformava numa máscara. A professora aproveitou para rever as cores e as partes do corpo.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Hoje em dia, a sociedade está muito globalizada: a informação, acessível de qualquer parte do mundo e em qualquer lugar, chega-nos muito depressa, existe uma grande mobilidade de pessoas e bens por todo o mundo...

Considero que cada vez mais é necessário o conhecimento e aceitação de outras línguas, etnias, culturas, costumes. Portanto, penso que é indispensável que a Escola Básica inicie a construção dos alicerces linguísticos, a fim de preparar os alunos para a sociedade que integram. O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, citado pelo Currículo Nacional do EB (ME, 2001) refere que a aprendizagem das línguas deve ser encarada como uma competência plurilingue, isto é:

Designar-se-á por competência plurilingue e pluricultural a competência para comunicar pela linguagem e interagir culturalmente de um actor social que possui, em graus diversos, o domínio de várias línguas e a experiência de várias culturas. A opção essencial é considerar que não se trata de sobreposição ou justaposição de competências distintas, mas da existência de uma competência complexa, isto é, compósita, mas uma enquanto repertório disponível. (p. 39)

A aprendizagem de uma ou mais línguas estrangeiras é uma mais-valia essencial para o futuro das crianças, sendo que vai permitir que se tornem cidadãos

mais aptos a viver na sociedade atual, para além de lhes proporcionar um leque muito mais variado de experiências de partilha cultural.

## **2 de março de 2011**

Como já foi referido anteriormente, o horário desta semana foi um pouco modificado porque na sexta-feira era a festa de Carnaval da escola. A expressão plástica e as atividades de Biblioteca e Informática tiveram lugar neste dia.

Após o almoço, os alunos dirigiram-se à biblioteca da escola; aí, foram separados pelas professoras em dois grupos: enquanto um grupo estava na sala de informática, o outro estava na biblioteca; depois trocavam.

Na biblioteca, os alunos sentaram-se nos sofás e a professora começou por fazer uma breve introdução ao livro que ia ler e iniciou a leitura. O livro em questão era *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, inserido na coleção "Clássicos da Literatura Portuguesa Contados às Crianças" que reúne vários clássicos adaptados aos mais novos (figura 30).

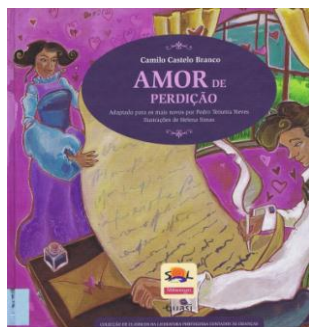


Figura 30 – Capa do livro lido na Biblioteca

Após a leitura do livro, a professora da biblioteca colocou perguntas de exploração da história e deixou os alunos falarem sobre o que sentiram. No final, algumas crianças foram ter com ela para lhe contarem problemas pessoais (separação dos pais...).

Quando regressaram à sala, a professora de Expressão Plástica acolheu os alunos e distribuiu folhas de desenho, tendo depois explicado em que consistia a tarefa.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Nunca tinha tido a oportunidade de assistir à atividade de Biblioteca, pelo que foi muito interessante do meu ponto de vista. No final da leitura, a professora chamou-

me à parte e explicou que muitas vezes depois de ler histórias, os alunos vêm ter com ela para “desabafar”, contando os seus problemas e angústias.

Bettelheim (2002) expõe a sua opinião sobre os livros e as histórias, defendendo que através deles as crianças percebem que os seus problemas não são exclusivos e que há sempre uma saída:

É esta [...] a mensagem que os contos de fadas trazem à criança, por múltiplas formas: que a luta contra graves dificuldades na vida é inevitável, faz parte intrínseca da existência humana – mas que se o homem se não furtar a ela, e com coragem e determinação enfrentar dificuldades, muitas vezes inesperadas e injustas, acabará por dominar todos os obstáculos e sair vitorioso. (p. 15)

Quando voltei para a sala expliquei à professora LA o sucedido, pelo que a própria me disse que os alunos aproveitam, muitas vezes, o facto de estarem na biblioteca e de ouvirem histórias para contar os seus problemas e, frequentemente, acabam a chorar.

No que diz respeito à Expressão Plástica, é sem dúvida outra área disciplinar não curricular muito importante pois permite que os alunos se expressem através de diversos meios, contribuindo para um crescimento mais harmonioso.

Nos Programas do 1.º Ciclo elaborados pelo Ministério da Educação (2004), a Expressão e Educação Plástica vem descrita como uma área que possibilita, através da manipulação e experiência com materiais, formas e cores, descobertas sensoriais, permitindo que

[...] as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade. A exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica não só contribui para despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies.

A possibilidade de a criança se exprimir de forma pessoal e o prazer que manifesta nas múltiplas experiências que vai realizando, são mais importantes do que as apreciações feitas segundo moldes estereotipados ou de representação realista. (p. 89)

Todas as crianças deviam ter a possibilidade de se expressarem livremente, tendo, para que tal aconteça, à sua disposição um leque variado de materiais e recursos que lhes permita desenvolver a criatividade, a imaginação, a genialidade e estética, componentes importantes para um desenvolvimento pleno e equilibrado.

### **3 de março de 2011**

Neste dia, a professora trabalhou com o material matemático estruturado, Calculadores Multibásicos, tendo realizado leitura de números até às unidades de bilhões. Os alunos desta turma têm uma relação muito boa e franca com a professora da sala, pelo que participaram ativamente na aula.

No final do dia, a professora tinha prometido aos alunos que reservava cinco minutos antes do lanche para as crianças tirarem dúvidas sobre o dia seguinte. A maioria dos alunos perguntou se podia trazer serpentinas ou *confetis*. Os rapazes quiseram saber se era possível trazer espadas para a escola. A professora avisou que se a espada fizesse parte da máscara, podiam trazê-las desde que as soubessem utilizar corretamente: podiam brincar mas se a usassem contra colegas, a espada seria confiscada e só era devolvida no final do dia.

### **Inferências**

Os dias que antecedem a festa de Carnaval são vividos com muita intensidade pois os alunos estão ansiosos para se mascarar. A festa de Carnaval é uma ocasião que contribui para o desenvolvimento da criatividade das crianças e também para a sua desinibição. No entanto, é necessário lembrar que nem todas as crianças gostam de se mascarar, opção que deve ser respeitada. Quanto às máscaras, penso que seria interessante que fossem os próprios alunos a elaborá-las, pois desenvolviam a criatividade e também se evitava o consumismo.

### **4 de março de 2011**

O último dia do seminário foi o dia da festa de Carnaval. As crianças podiam vir mascaradas e trazer serpentinas e outros artigos de Carnaval, desde que os usassem corretamente. O dia começou no salão onde todas as crianças e alguns pais estavam a brincar e a tirar fotografias. Seguidamente as professoras e educadoras levaram as suas turmas para as salas onde, os alunos ficaram a brincar. O recreio esteve sempre ocupado, mas as turmas iam trocando entre a sala e o recreio para que todos tivessem oportunidade de brincar ao ar livre. Na sala, as crianças fizeram jogos organizados, brincaram livremente e fizeram desenhos.

As estagiárias do Pré-Escolar, a pedido das educadoras, organizaram números circenses que depois apresentaram às crianças do Pré-Escolar. O teatro das



estagiárias decorreu muito bem, pelo que as crianças que assistiram estiveram sempre com muita atenção e participaram entusiasmadas e curiosas. As estagiárias fizeram o teatro três vezes, a pedido das crianças, que o quiseram ver novamente.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Tal como era de prever, este dia foi totalmente diferente dos outros, por ter fugido à rotina da escola. Os pais estavam no salão com os filhos, o que não é habitual, e os professores apenas conduziram os alunos às suas salas mais tarde do que o habitual. Alguns professores estavam mascarados ou trouxeram acessórios, bem como os estagiários, dando origem a bons momentos de convívio.

De acordo com Agüera (2008, p.73), “[...] as festa e celebrações constituem actos extra, nos quais os mais pequenos participam e que são prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para promover a socialização, a auto-estima, a colaboração e a integração das crianças.”.

Também neste dia, o facto de os adultos (professores, auxiliares, estagiários...) se mascararem ajudou a criar um bom ambiente entre os vários elementos. Penso que é importante celebrar esta época festiva e “alinharmos” nas brincadeiras dos alunos pois eles também gostam disso. E por último, mas não menos importante, o Carnaval, tal como outras ocasiões festivas, torna possível a integração dos pais na escola e na vida dos filhos.

Ao longo das secções que apresentei anteriormente, relatei as práticas que observei nos dias de Estágio Profissional I e II, realizado no 1.º Ciclo do EB. Durante esse ano letivo, tive a oportunidade de contactar com crianças de todos os níveis, o que representa uma mais-valia porque esse contacto proporcionou-me um leque muito alargado de experiências.

As secções que se seguem dizem respeito ao Estágio Profissional III e IV, realizado no 2.º Ciclo do EB, durante o segundo ano do Mestrado. Apenas a última secção diz respeito novamente ao 4.º Ano do 1.º Ciclo do EB.

### 1.6. 6.ª Secção – Colégio particular, 5.º e 6.º Anos

Período de estágio de 26 de setembro de 2011 e 24 de janeiro de 2012. 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Este período de estágio foi realizado num colégio particular em Lisboa, no 5.º e 6.º Anos, nas áreas curriculares de Matemática, Língua Portuguesa, História e Geografia de Portugal e Ciências da Natureza, com as respetivas professoras cooperantes.

O estágio teve lugar às terças e sextas, de acordo com os horários das turmas que acompanhei, estabelecido pela escola onde o mesmo se realizou. No quadro 9, apresento o horário segundo o qual o estágio foi realizado.

Quadro 9 – Horário do estágio realizado no 2.º Ciclo

	Terça-feira	Sexta-feira
8.30 – 10.00	Língua Portuguesa	
10.25 – 11.55	História e Geografia de Portugal	Matemática
12.05 – 12.50	Ciências da Natureza	História e Geografia de Portugal
13.40 – 14.20	Reunião	
14.35 – 16.05	Matemática	Língua Portuguesa

Nas áreas curriculares de Matemática, História e Geografia de Portugal e Ciências da Natureza acompanhei a turma do 5.º Ano; já na área curricular de Língua Portuguesa acompanhei o 6.º Ano.

Ao longo do período de estágio no 2.º Ciclo, fiz grupo com mais duas colegas: a H e a I. No mesmo colégio, estava também outro grupo composto por três colegas que já foram referidos em alguns dos relatos anteriores, os colegas: G, J e K.

### **1.6.1. Caracterização da Turma e Horário**

Durante o período de estágio, tanto os meus colegas solicitámos como eu à professora de Matemática a caracterização e o horário das respetivas turmas, os quais não chegaram a ser-nos fornecidos, pelo que não serão incluídos neste relatório.

### **1.6.2. Caracterização do Espaço**

A sala do 5.º Ano situa-se no r/c do edifício principal do colégio, perto das casas de banho e das saídas para o parque de estacionamento e para o refeitório. Está decorada com alguns cartazes que dizem respeito à vida escolar e a eventos organizados pela escola (calendário dos torneios interturmas, cartaz sobre o tema do ano...). A sala é ampla e luminosa e as carteiras estão dispostas em cinco filas, de seis carteiras cada, orientadas para o quadro de giz. Há ainda um estrado onde se encontra a secretária da professora e que também dá acesso ao quadro.

A sala do 6.º Ano é idêntica à anterior, situa-se no mesmo corredor, no entanto está perto da sala dos professores e da sala de Educação Visual e Tecnológica.

### **1.6.3. Rotinas**

Ambas as turmas seguem a mesma rotina, que é estabelecida pelo horário elaborado no início do ano. As aulas começam às 8h 30m com o toque da manhã e têm a duração de 90 minutos. O início e o final de cada aula são marcados por um toque de campainha.

### **1.6.4. Relatos diários**

Visto que em cada dia de estágio tive a oportunidade de assistir a várias áreas curriculares, optei por fazer os relatos da seguinte forma: começarei por apresentar os sumários de cada aula observada e, seguidamente, relatarei os acontecimentos que penso serem pertinentes para constarem neste relatório, sempre acompanhados das respetivas inferências e fundamentação teórica.

## **27 de setembro de 2011**

Neste primeiro dia de estágio, os meus colegas e eu fomos recebidos pela professora de Matemática, que nos fez uma visita guiada ao Colégio, seguindo-se uma breve reunião onde nos foi explicada a forma como se iria realizar o estágio, e nos foram entregues alguns documentos importantes relativos ao mesmo.

No final da reunião, o meu grupo de estágio e eu fomos com a professora de Matemática para a sala do 5.º Ano, onde assistimos à aula de Matemática, cujo sumário foi: Construção de um hexágono regular; Planificação do prisma hexagonal. A professora pediu que nos apresentássemos e de seguida os alunos puderam colocar perguntas. Após termos respondido, a professora iniciou a aula fazendo uma revisão da matéria dada na aula anterior e, passou, seguidamente, para o conteúdo previsto para a aula.

### **Inferências**

Fomos muito bem recebidos por esta professora que nos fez uma visita ao colégio, o que foi importante para todos, pois nunca aqui tínhamos estado, e foi uma forma de conhecermos o ambiente onde iríamos realizar o estágio, bem como alguns funcionários que nos pudessem ajudar no futuro (bibliotecária, Sr. das fotocópias...).

## **30 de setembro de 2011**

Hoje começámos por assistir à aula de Matemática, cujo sumário foi: Poliedros regulares; Triângulo isósceles; Planificação de pirâmides. Nesta aula, após ter explicado a matéria, a professora pediu-nos que circulássemos pela sala e ajudássemos os alunos com mais dificuldades a resolverem as fichas de trabalho.

Na aula de História e Geografia de Portugal, o sumário foi: Revisões com chamadas orais; Realização de uma ficha para consolidação dos conhecimentos. Nesta aula, apenas estivemos a assistir e, no final, a professora falou um pouco connosco dizendo que por enquanto iríamos apenas assistir às aulas e, eventualmente, mais tarde, poderíamos intervir.

Depois do almoço, fomos para o 6.º Ano e a professora de Língua Portuguesa solicitou que nos apresentássemos e deu tempo aos alunos para nos colocarem

algumas perguntas. Depois escreveu o sumário: Verificação do trabalho de casa; Leitura dialogada do conto “O Caldo de Pedra”.

Após a correção do trabalho de casa, os alunos fizeram o reconto do conto “O Caldo de Pedra” e procuraram no mesmo palavras que tinham caído em desuso, tendo-as substituído por sinónimos atuais. De seguida, a professora pediu-lhes que se juntassem em pares e transformassem o conto em banda desenhada. Nesse momento, a professora veio falar connosco e disse-nos para circularmos pelos grupos, ajudando os alunos com mais dificuldades.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Foi muito simpático por parte da professora de Língua Portuguesa ter dado oportunidade aos alunos para nos colocarem perguntas, pois estes ainda não nos conheciam.

Em relação ao conteúdo da aula, Bastos (1999, p. 58) define que os contos tradicionais ou contos populares se inserem no campo da literatura tradicional de transmissão oral. Este tipo de literatura caracteriza-se por ter uma “origem indeterminada, perdida no tempo, cuja reprodução colectiva, por via oral, se tem perpetuado ao longo dos séculos”. Para além dos contos tradicionais, as lendas, as fábulas, as canções populares, os provérbios e as rimas também fazem parte deste tipo de literatura.

O conto popular, segundo Reis e Lopes (2000, pp. 82-85), é uma narrativa breve, com poucas personagens, e cuja ação se desenvolve à volta de um acontecimento particular. Estes tipos de textos têm autores anónimos, já que circulavam oralmente e eram passados de geração em geração e de boca em boca. Os contos populares são bastante diversificados em termos de tema; o texto dado na aula insere-se no tipo dos contos morais ou filosóficos, já que dele se pode extrair uma lição.

Após a leitura do texto, a professora também pediu aos alunos para fazerem o seu reconto. Conforme está definido no Novo Programa de Português para o EB (ME, 2009, p.85), um dos descritores de desempenho para a área da leitura é exatamente “Recontar e sintetizar textos”. Por outro lado, o facto de a docente ter solicitado a transformação do conto em banda desenhada, também pressupõe que as crianças sejam capazes de “detectar traços característicos de diferentes tipos de texto ou

sequências textuais” (ME, 2009, p.85), de forma a poder aplicá-los na resolução do exercício.

Também considerei muito interessante o trabalho realizado a pares que foi feito na aula, pois nunca tinha assistido a trabalhos de grupo na área da Língua Portuguesa. Considero, também, que foi benéfico para os alunos o facto de a professora ter tido o cuidado de juntar alunos com melhores notas com outros com mais dificuldades, para que os grupos ficassem equilibrados.

#### **4 de outubro de 2011**

Na aula de Língua Portuguesa, a professora começou por escrever o sumário: Concurso: A capa do caderno diário de Língua Portuguesa; Correção do trabalho realizado na aula anterior.

Na aula de História e Geografia de Portugal, a professora falou sobre a posição geográfica da Península Ibérica e elaborou alguns esquemas no quadro para os alunos passarem para o caderno.

Na aula de Ciências da Natureza, a professora escreveu o sumário: Continuação do estudo da diversidade dos animais. Seguidamente, solicitou aos alunos a realização dos exercícios das páginas 23 e 27 do manual. Antes do final da aula, realizou oralmente a correção das perguntas.

Na aula de Matemática, os alunos realizaram uma ficha de exercícios sobre a matéria dada nas aulas anteriores.

#### **Inferências**

Penso que foi muito interessante o concurso que a professora de Língua Portuguesa fez na aula: tinha pedido aos alunos para serem criativos e decorarem um separador para a área curricular de Língua Portuguesa; depois de recolher todos os separadores que iam a concurso, os alunos puderam votar nos dois que mais gostavam.

## **7 de outubro de 2011**

Hoje, na aula de Matemática, a professora fez a preparação dos alunos para o simulacro de incêndio e corrigiu o trabalho de casa.

A aula de História e Geografia de Portugal incidiu sobre as características naturais da Península Ibérica (localização; relevo e rios).

Na aula de Língua Portuguesa, os alunos realizaram alguns exercícios de interpretação de texto e análise gramatical.

### **Inferências e fundamentação teórica**

A professora de Matemática, apesar de não ser a professora responsável do 5.º Ano que estamos a acompanhar, acordou com a outra professora que seria ela a fazer a preparação daqueles alunos para o simulacro para que pudéssemos ver como se deve proceder. Considero que foi muito simpático por parte da professora tê-lo feito.

Por outro lado, esta preparação foi importante para a maioria dos alunos do 5.º Ano, visto ser o primeiro ano que frequentam o estabelecimento e ainda não estarem familiarizados com as regras e formas de agir adotadas pela instituição em caso de emergência.

## **11 de outubro de 2011**

Hoje, os alunos do 6.º Ano realizaram uma ficha de avaliação formativa de Língua Portuguesa no primeiro tempo da manhã, pelo que fomos assistir a uma aula de Matemática, noutra turma.

No segundo tempo, o mesmo sucedeu com os alunos do 5.º Ano, que realizaram uma ficha de avaliação formativa de História e Geografia de Portugal, portanto fomos assistir a outra aula, de Educação Visual e Tecnológica, com o 6.º Ano.

Na aula de Ciências da Natureza, os alunos tiraram dúvidas para o teste da semana seguinte e realizaram exercícios do manual.

Na aula de Matemática, a professora iniciou um tema novo: posição relativa de retas no plano, tendo, de seguida, solicitado aos alunos a realização de exercícios de aplicação, presentes no manual.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Sempre que podem, os professores tentam não marcar as fichas de avaliação para os dias em que nós estamos presentes. No entanto, compreendo que, por vezes, possa ser difícil tal não acontecer. Assim, a professora de Matemática pediu-nos que, quando uma turma tiver uma ficha de avaliação marcada para uma hora em que estejamos a assistir, a avisarmos e ela própria acordaria com professores de outras áreas disciplinares (Educação Visual, Educação Musical, Educação Física, Educação Moral...) para que pudéssemos assistir a essas aulas.

Conforme está definido no Currículo Nacional do EB (ME, 2001, p.155), “A Arte como forma de apreender o Mundo permite desenvolver o pensamento crítico e criativo e a sensibilidade, explorar e transmitir novos valores, entender as diferenças culturais e constituir-se como expressão de cada cultura.”

Desta forma, e ainda segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico (CNEB), a escola, nas suas mais variadas experiências educativas, deve facultar o acesso ao património cultural e artístico, fornecendo perspetivas para a intervenção crítica e propiciar a criação e a expressão através da vivência e fruição deste património.

### **14 de outubro de 2011**

Na aula de Matemática, os alunos realizaram exercícios de aplicação da matéria dada na aula anterior e a professora falou sobre os ângulos.

Em História e Geografia de Portugal, o sumário foi: Recursos naturais e fixação humana. A professora expôs a matéria e elaborou alguns esquemas no quadro que os alunos copiaram para o caderno.

Da parte da tarde, na aula de Língua Portuguesa, os alunos do 6.º Ano realizaram uma ficha de avaliação formativa, pelo que fomos assistir a uma aula de Educação Visual e Tecnológica, noutra turma.

### **18 de outubro de 2011**

Na aula de Língua Portuguesa, a professora entregou as fichas de avaliação e realizou a correção das mesmas.



O sumário da aula de História e Geografia de Portugal foi: As primeiras comunidades recoletoras. A professora apoiou-se no manual e expôs a matéria, tendo igualmente realizado alguns esquemas no quadro (em estilo de banda desenhada), que os alunos passaram para os cadernos.

Na aula de Ciências da Natureza, a professora escreveu o sumário: Estudo da locomoção na água. E expôs a matéria aos alunos, que iam acompanhando as explicações pelo manual.

Da parte da tarde, foi a nossa vez de dar aula de Matemática: a professora pediu-nos que elaborássemos uma ficha de revisões e que dividíssemos os exercícios pelas três, de forma a todas darmos um pouco da aula.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Em comparação com as realidades educativas que observei na Associação dos Jardins-Escolas João de Deus, notei que as aulas neste estabelecimento de ensino eram todas bastante expositivas. As professoras limitam-se a expor matéria e a cumprir o programa, sem verificar se os alunos apreenderam o que foi dado na aula. De acordo com Antunes (2008), a exposição da matéria é uma forma de “dar aula”, mas não é a única; assim

Se um profissional não concebe situações de aprendizagens diferentes para se respeitar diferentes estilos de linguagens em seus alunos e se as aulas que ministra não fazem do aluno o centro do processo de aprendizagem, o que a eles se está impingindo com o nome de aula não é uma aula verdadeira. (p.23)

Ainda o mesmo autor defende que “uma das formas de se identificar professauros transvestidos de professores é buscar saber quantas situações de aprendizagem conhece e aplica e aferir se nas mesmas é o aluno que aprende e não o professor que pensa que ensina.” (p.23).

Sobre o mesmo assunto, Estanqueiro (2010) salienta que

passou o tempo em que ensinar se reduzia à transmissão de conhecimentos do professor para o aluno. Actualmente, muitas informações chegam aos alunos pelas mais diversas fontes, sobretudo a televisão e a Internet. [...] Por comodismo, alguns alunos preferem o método expositivo e o ditado de apontamentos, mas está provado que a passividade trava a aprendizagem. As aulas interactivas são mais estimulantes para a inteligência. (p.40)

No entanto, a professora de História e Geografia de Portugal, apesar de dar aulas algo expositivas, tem o cuidado de colocar perguntas sobre os temas dados nas aulas anteriores e relembra sempre aos alunos que devem estudar um pouco todos os

dias para não esquecerem o que já aprenderam. Ainda sobre as mesmas aulas, notei que os alunos ficam contentes quando a docente faz esquemas ou desenhos no quadro e copiam-nos com agrado para o caderno diário. A realização de quadros e esquemas ajuda a sistematizar e a compreender melhor a matéria.

## **21 de outubro de 2011**

Na aula de Matemática, os alunos resolveram exercícios e a professora falou sobre a classificação de polígonos.

Durante a aula de História e Geografia de Portugal, foi realizada a correção oral do trabalho de casa e, de seguida, a professora entregou e corrigiu (oralmente) as fichas de avaliação.

A aula de Língua Portuguesa começou com a verificação do trabalho de casa, seguindo-se uma aula sobre formação de palavras: derivação e composição.

### **Inferências**

Visto apenas ter estado a observar as aulas, gostaria de referir a observação de um aluno de 6.º Ano sobre o processo de formação de palavras: após ter explicado as palavras derivadas por prefixação (as que têm um prefixo) e as palavras derivadas por sufixação (as que têm um sufixo), a professora perguntou aos alunos qual o nome que seria dado a uma palavra que apresentasse ambos os afixos... após um compasso de espera, um aluno colocou o braço no ar e disse, com alguma dificuldade: “É uma palavra derivada por *pressufixação*!”.

A professora limitou-se a dizer que não e a explicar que seria uma palavra derivada por prefixação e sufixação. Evidentemente que a palavra que o aluno disse não existe e estava incorreta; no entanto, penso que foi uma situação com alguma originalidade, já que o aluno “aglutinou” duas palavras, e a professora poderia ter aproveitado o seu comentário para explicar as palavras compostas e felicitado o aluno pela sua tentativa.

**25 de outubro de 2011**

O dia de hoje começou com a aula de Língua Portuguesa, durante a qual a professora fez a correção do trabalho de casa, trabalhou o significado de alguns afixos mais frequentes e iniciou o estudo das Lendas.

Na aula de História e Geografia de Portugal, o sumário foi: As primeiras comunidades agro-pastoris da Península Ibérica (a agricultura, a pastorícia, os novos instrumentos e as novas técnicas).

Em Ciências da Natureza, a professora entregou as fichas de avaliação e fez a correção oral das mesmas.

Depois do almoço, a minha colega I deu a aula de Matemática sobre construção de triângulos. A pedido da professora, elaborou uma ficha e explicou aos alunos que, de acordo com as informações que são fornecidas, existem três formas diferentes de construir triângulos: a primeira, quando nos são fornecidas as três medidas dos lados; a segunda, quando temos as medidas de dois lados e um ângulo; e, por fim, quando nos são dadas as medidas de dois ângulos e de um lado. A minha colega exemplificou, no quadro, cada uma das formas e os alunos reproduziram, posteriormente, na ficha.

### **Inferências**

Foi a primeira vez que assisti a uma aula desta colega e penso que, pelo menos, em relação a esta aula, haverá alguns aspetos a melhorar. Em termos de disciplina na sala de aula, a colega foi capaz de a manter e não teve necessidade de chamar os alunos à atenção. No que diz respeito à correção e formulação das questões, algumas vezes não foi capaz de formular as perguntas corretamente, pelo que os alunos tiveram dificuldade em responder. Em relação à estratégia utilizada, penso que não a devo criticar, visto ter sido a professora a indicá-la. No entanto, quanto à ficha que entregou, penso que poderia ter tido mais cuidado a elaborá-la, já que apresentava muitas gralhas e erros ortográficos; contudo, a ficha foi enviada na véspera para a professora que respondeu a dizer que estava tudo bem.

## **28 de outubro de 2011**

Na aula de Matemática, a professora deu as propriedades dos trapézios e os alunos resolveram uma ficha de trabalho.

Na aula de História e Geografia de Portugal, o sumário foi: Os homens dos Castros; Contacto com os povos do Mediterrâneo; Correção do TPC.

Da parte da tarde, na disciplina de Língua Portuguesa, a professora realizou um concurso, “O melhor contador de lendas”. Solicitou aos alunos que escolhessem uma lenda e a preparassem em casa, para depois apresentarem aos colegas.

### **Inferências**

Achei muito interessante a atividade desenvolvida pela professora de Língua Portuguesa. O facto de os alunos terem que preparar em casa a sua lenda, para depois a apresentarem aos colegas, também é uma forma de envolver os pais. Por outro lado, notei que estavam nervosos por terem que apresentar a sua lenda à turma; estavam pouco à vontade a ler e enganavam-se muitas vezes. No entanto, e salvo algumas crianças que não fizeram o trabalho de casa, penso que todas apreciaram a atividade deste dia.

## **4 de novembro de 2011**

O dia de hoje começou com a aula de Matemática da minha outra colega, a H, cujo tema foi Círculo e Circunferência. A minha colega levou um *powerpoint* com os conteúdos que queria abordar na aula e foi dialogando com os alunos sobre o tema. No final distribuiu uma ficha de trabalho e ajudou os alunos com mais dificuldades na resolução da mesma.

Na aula de História e Geografia de Portugal, a professora falou sobre a influência dos povos vindos do Mediterrâneo e os alunos realizaram uma ficha de trabalho.

Na aula de Língua Portuguesa, os alunos corrigiram oralmente os trabalhos de casa e preencheram, com preposições, um texto lacunar.

## Inferências e fundamentação teórica

Tenho vindo a notar uma certa rotina nas aulas, que são sempre dadas da mesma forma: aulas expositivas seguidas de resolução de exercícios; sempre com as professoras preocupadas com o cumprimento das planificações e do programa. Para ser sincera, penso que o Colégio tem inúmeras possibilidades e recursos disponíveis, no entanto, não vejo nenhuma das professoras a utilizá-los. Há inúmeras estratégias diferentes, originais e, acima de tudo, estimulantes, que não dão muito trabalho e que podiam ser postas em prática mas que não o são.

Estanqueiro (2010, p.41) exprime que mesmo que alguns professores admitam os benefícios da participação oral dos alunos, valem-se principalmente do método expositivo, apontando três principais razões para que tal aconteça: “medo da indisciplina, valorização excessiva do programa e dificuldades na avaliação.”.

Das três razões enumeradas, quero focar-me nas duas primeiras. Sobre o medo da indisciplina, o autor acima citado comenta que

os professores inseguros não dão a palavra aos alunos, com receio de perderem o controlo da turma. Evitam perguntas e debates. Agarram-se ao seu plano de aula e não arriscam sair do caminho traçado [...] E, em vez de negociarem com os alunos algumas regras de participação, exigem que eles estejam quietos e calados. (p.41)

E, quanto à valorização excessiva do programa, salienta que:

Há professores que valorizam, acima de tudo, o cumprimento dos programas. Vêm a participação dos alunos como uma perda de tempo. Sentem-se mais confortáveis a «despachar» os conteúdos, seguindo os manuais adoptados. [...] Não gostam de desvios. Mostram-se mais preocupados com o problema burocrático de «dar o programa» do que com o objectivo pedagógico de ajudar o aluno a aprender de forma significativa. (pp.41-42)

Gostaria de finalizar expressando que ouvi as professoras apresentarem ambas as razões acima referidas, na aula, aos alunos, para justificarem o facto de os mesmos terem que estar sentados, calados e a ouvir (ou não...) o que elas têm para dizer.

Sobre a aula da colega H, tenho a dizer que gostei e, se fosse eu a dar a aula não mudava nada, a não ser um pouco mais de dinamismo na apresentação do *powerpoint*. Quanto ao resto, penso que a estratégia utilizada foi boa, que a aula no seu todo foi conseguida e que os alunos ficaram a perceber a matéria dada.

**8 de novembro de 2011**

Na aula de Língua Portuguesa, a professora começou por corrigir os trabalhos de casa: análise sintática de algumas frases e classificação morfológica de palavras retiradas das frases. Seguidamente, os alunos realizaram trabalhos de grupo em que tinham que elaborar um texto descritivo a partir de uma imagem.

Em História e Geografia de Portugal, a professora concluiu o estudo sobre os povos visitantes da Península Ibérica, tendo abordado também o comércio e o enriquecimento para a cultura da Península Ibérica.

Em Ciências da Natureza, a professora continuou o estudo dos regimes alimentares.

Depois do almoço, na aula de Matemática, a professora abordou os Números Naturais e os Conjuntos Numéricos.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Todas as aulas de hoje foram semelhantes a outras já descritas. No entanto, o final da aula de Língua Portuguesa, em que os alunos se juntaram em grupos para realizarem um trabalho, foi muito pertinente.

Estanqueiro (2010) afirma que a participação dos alunos nas aulas fomenta o seu interesse pelas mesmas, explicando que:

O diálogo entre o professor e os alunos é uma estratégia motivadora que dá mais significado aos conteúdos. Em contrapartida, o monólogo é cansativo e desmotivador. Quando os professores optam pelo monólogo, os alunos desinteressam-se e distraem-se, mesmo que finjam atenção. Fazem de conta que ouvem. (p.39).

Este autor frisa que, em determinadas aulas, “os professores parecem os assistentes de bordo, no avião, a fornecer as instruções de «salvamento» aos passageiros. Deitam a informação sem entusiasmo, enquanto os destinatários, «presos» nas cadeiras, em filas, falam uns com os outros [...] ou prestam atenção a outras coisas.” (p.39).

Os alunos têm apenas 10 anos e as aulas duram 90 minutos... tenho vindo a notar que, ao fim de um curto espaço de tempo, as crianças já não têm a atenção focalizada naquilo que o professor expõe. Ainda o mesmo autor declara que “é natural que os jovens, habituados a fazer *zapping* televisivo, a viajar na Internet, a trocar mensagens por telemóvel, sintam dificuldade em ouvir, quietos e calados, longas

exposições, em aulas consecutivas, várias horas por dia. Eles têm necessidade de mexer-se e falar.” (pp. 39-40).

Percebi, através de várias conversas com outras professoras, que existe uma grande pressão por parte da direção e dos Encarregados de Educação para que se cumpra o programa, o que poderá explicar, de alguma forma, certas situações.

Espero nunca vir a ser uma docente conformada, mas sim criativa e principalmente diversificar as estratégias que utilizo de forma a ajudar mais os alunos.

### **11 de novembro de 2011**

Hoje, dei a aula de Matemática. A professora pediu-me que elaborasse uma ficha de revisões para o teste que seria na segunda-feira. Comecei por explicar aos alunos a estratégia de comportamento e que a aula seria de revisões. Entreguei as fichas e, à medida que os alunos iam respondendo às questões, fiz a correção das mesmas no quadro.

Na aula de História e Geografia de Portugal, a professora iniciou o estudo dos Romanos na Península Ibérica: a conquista e a resistência dos povos peninsulares.

Na aula de Língua Portuguesa, os alunos resolveram uma pequena ficha de avaliação elaborada por nós, a pedido da professora, sobre formação de palavras. Seguidamente, realizaram a leitura e apreciação dos textos descritivos.

### **Inferências**

Estava um pouco nervosa antes da aula, pois ainda não tinha estado sozinha à frente da turma. Por outro lado, também já tinha assistido aos comentários da professora no decorrer das aulas das minhas colegas: lembrava-se de um conteúdo que talvez fosse melhor elas darem e pedia-lhes para o fazer a meio da aula; interrompia as aulas para dar alguma explicação sobre o conteúdo que elas estavam a explicar; levantava-se e explicava um conteúdo no nosso lugar, sem nos dar oportunidade de o fazer.

Considero que este conjunto de reflexões e atitudes, que a professora tinha, não eram as mais adequadas, visto que nos retirava credibilidade frente aos alunos, e também autonomia.

Sobre a minha aula, por serem revisões para o teste, a pedido da professora tive que elaborar uma ficha com exercícios e não pude utilizar uma estratégia minha. Os alunos aderiram bem à estratégia de comportamento, tendo ficado empolgados com a mesma. Se tivesse podido utilizar uma estratégia própria, teria feito um jogo, tornando a aula mais dinâmica.

### **15 de novembro de 2011**

Hoje, na aula de Língua Portuguesa, a turma iniciou o estudo das fábulas, tendo realizado a leitura, análise vocabular, reconto e interpretação escrita da fábula “O lobo e o cão”.

Em História e Geografia de Portugal, o sumário foi: O aproveitamento das riquezas naturais; a Romanização e a herança romana.

Na aula de Ciências da Natureza, os alunos continuaram a estudar a reprodução nos animais.

Após o almoço, o 5.º Ano teve aula de Matemática, durante a qual resolveram exercícios sobre números naturais.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Tenho verificado que a professora de Língua Portuguesa, sempre que pede para os alunos lerem um texto, insiste para que o façam com entoação, o que é um aspeto, quanto a mim, muito positivo, pois, deste modo, dá-se ênfase ao texto, a leitura torna-se mais interessante e capta-se melhor a atenção dos ouvintes. Sobre este assunto, Jean (1999, p.173) afirma que “Ler bem em voz alta, recitar bem, é, em primeiro lugar, «empregar o tom».”; acrescentando que “para o leitor em voz alta a entoação está, em parte, inscrita no texto lido”.

Penso que a professora, ao insistir sobre este ponto, ajuda as crianças a tornarem-se melhores leitores no futuro.

### **18 de novembro de 2011**

Este dia começou com a aula de Matemática da colega I, cujo tema era: Propriedades da Adição. Esta usou uma apresentação em *powerpoint* para explicar a



matéria, e entregou uma ficha com exercícios para os alunos resolverem no decorrer da aula.

Na aula de História e Geografia de Portugal, a professora fez revisões para a ficha de avaliação da semana seguinte.

Na aula de Língua Portuguesa, os alunos realizaram um debate que foi previamente preparado em casa, a pedido da professora.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Sobre a aula de Matemática da I, considero que houve uma melhoria significativa em relação à anterior: ela estava muito mais segura de si (respondeu às dúvidas dos alunos de formas diferentes); os alunos foram participativos e a estagiária não deu erros científicos.

Conforme vem descrito no Programa de Português para o Ensino Básico (M.E., 2009, p. 81), no capítulo da Expressão Oral do 2.º Ciclo, os alunos devem ser encorajados a produzir textos orais, mas também a “[...] exprimir o(s) conhecimento(s), emitir opiniões, construir uma argumentação, através de um discurso convincente e com alguma complexidade [...]”. Para tal, os professores devem promover algumas tarefas, tais como: “[...] apresentação de trabalho de pesquisa, de conclusões de um debate, de formulação de pedido ou protesto [...]”.

Os alunos estiveram interessados e atentos às opiniões dos colegas e participaram ordenadamente na atividade.

### **22 de novembro de 2011**

Tal como sucedeu no dia 11 de outubro de 2011, os alunos do 6.º Ano realizaram uma ficha de avaliação de Língua Portuguesa, no primeiro tempo da manhã, e os alunos do 5.º Ano, uma de História e Geografia de Portugal, no segundo tempo da manhã. Assim sendo, em vez de assistirmos a essas aulas, assistimos à aula de Educação Visual e Tecnológica.

Infelizmente, de manhã, quando estava a chegar ao colégio, caí nas escadas do metropolitano e fiquei bastante magoada no joelho. Como tinha muitas dores e o joelho estava bastante inchado, decidi ir ao médico e, por esse motivo, não me foi possível permanecer no estágio o resto do dia.

## **25 de novembro de 2011**

O dia de hoje começou com a minha aula de Matemática, cujo tema era a Multiplicação. Para a aula, elaborei um *powerpoint* e uma ficha com exercícios. Comecei por mostrar o suporte digital e fui questionando os alunos sobre o tema da aula. Seguidamente, solicitei a ajuda de uma criança para distribuir a ficha de exercícios e dei tempo aos alunos para os resolverem, tendo circulado pela sala de modo a ajudar os que tinham mais dificuldades.

Na aula de História e Geografia de Portugal, o sumário foi o seguinte: O Cristianismo e a sua difusão na Península Ibérica; A mensagem Cristã.

Após o almoço, na aula de Língua Portuguesa, os alunos começaram por escrever o sumário: Verificação do trabalho de casa. “A Bela Infanta”: audição do texto gravado. Noção de romance popular e interpretação oral. Depois de terminada a verificação do trabalho de casa, os alunos ouviram uma gravação do texto “A Bela Infanta” e realizaram alguns exercícios do manual. No final, a professora escreveu, no quadro, um pequeno resumo sobre o romance popular, que as crianças passaram para o caderno.

### **Inferências**

Como estava ainda magoada no joelho, não podia mexer-me muito. No entanto, acho que a aula decorreu muito bem e que os alunos perceberam o que quis transmitir; a disciplina da aula foi mantida e, quase todas as crianças conseguiram resolver os exercícios da proposta de trabalho, no tempo de aula.

## **29 de novembro de 2011**

Na aula de Língua Portuguesa, deu-se a nossa primeira experiência à frente da turma do 6.º Ano. O tema que nos tinha sido proposto foi: Grau dos adjetivos – formas irregulares. A aula durou 90 minutos e, por isso, cada uma de nós teve 30 minutos para pôr em prática o que tinha preparado. Comecei a aula realizando a correção do trabalho de casa e, depois, através de uma apresentação em *powerpoint*, fiz a revisão dos graus dos adjetivos regulares. De seguida, foi a vez da colega H que, utilizando também um *powerpoint*, falou sobre o grau dos adjetivos irregulares. Para terminar, a colega I elaborou e aplicou uma ficha com exercícios sobre a matéria dada na aula.

Na aula de História e Geografia de Portugal, a professora fez um resumo da matéria dada até à data, tendo realizado esquemas no quadro que os alunos copiaram para o caderno diário.

Tal como sucedeu anteriormente, os alunos do 5.º Ano tiveram uma ficha de avaliação de Ciências da Natureza, pelo que fomos assistir à aula de Educação Física, com o respetivo professor. Os alunos começaram por fazer um aquecimento, correndo à volta do pavilhão. Seguidamente, o professor separou-os por grupos e dividiu-os por várias estações: basquetebol, voleibol, ténis de mesa e salto em altura. Ao longo da aula, o professor foi circulando pelas várias estações, ajudando os alunos com mais dificuldades e corrigindo alguns movimentos.

### **Inferências**

Estava um pouco nervosa no início da aula de Língua Portuguesa pois, apesar de não ser a primeira aula que dava naquela escola, era a primeira aula naquela turma. No entanto, os meus receios foram desaparecendo ao longo dos 30 minutos que estive à frente da turma, pois os alunos tiveram um comportamento irrepreensível, tanto durante a parte da colega H como na minha, e colaboraram em tudo o que foi pedido. Na aula da outra colega, as crianças estiveram um pouco mais agitadas, talvez por esta não ter sido tão assertiva no cumprimento das regras.

Gostaria ainda de referir que gostei da forma como estava estruturada a aula de Educação Física, uma vez que os alunos passaram por todas as estações e experimentaram as várias modalidades. Com esta estrutura, o professor pôde agradar a todos os alunos, sendo que, muitas vezes, nem todos gostam de todas as modalidades escolhidas.

### **2 de dezembro de 2011**

O dia começou com a aula de Matemática da minha colega H, cujo conteúdo era: Propriedades da Multiplicação. Após ter escrito o sumário, a H deu a aula com um *powerpoint*, e foi dialogando com os alunos sobre as situações problemáticas que iam aparecendo no mesmo. No final, distribuiu uma ficha e fez um jogo: entregou uma peça de dominó (grande) a cada criança (de um lado estava um produto e do outro, encontrava-se uma expressão numérica). Tendo colocado a primeira peça no quadro, os alunos tinham que resolver, na ficha previamente distribuída, a expressão

numérica, e o aluno que tivesse a peça com o resultado, devia levá-la. O aluno comunicava qual das propriedades aprendidas na aula tinha utilizado para resolver a expressão e entregava a sua peça à estagiária, que a colocava no quadro. O jogo continuava até acabarem as peças.

Na aula de História e Geografia de Portugal, os alunos realizaram uma ficha com exercícios de aplicação sobre a contagem dos séculos.

Na aula de Língua Portuguesa, a professora corrigiu o trabalho de casa e solicitou aos alunos a leitura de um texto presente no manual (p. 63) “Estando a D. Infanta”. Depois, os alunos realizaram exercícios do livro e, no final, ouviram uma versão cantada do texto estudado nas aulas anteriores. Antes de sair, as crianças copiaram um resumo que a professora escreveu no quadro.

### **Inferências**

Gostei muito da aula da colega H, pois os materiais que preparou eram estimulantes e os alunos mantiveram-se interessados do início ao fim da aula, sempre participando ativamente e ordenadamente. O jogo também foi um sucesso e as crianças estavam empenhadas em descobrir os resultados, para saber se era a sua vez de levantar a peça. Se fosse eu a dar a aula, não mudava nenhum aspeto.

Na aula de História e Geografia de Portugal, houve um episódio que me marcou particularmente: enquanto distribuía as fichas aos alunos, a professora circulava pela sala e ia dando uma “vista de olhos” aos cadernos diários. Ao passar perto de uma criança, reparou que esta tinha um mapa feito a papel vegetal (tal como a professora lhe tinha pedido), mas que, ao invés de estar colado numa folha, estava apenas furado e colocado no meio das lições a que pertencia. A docente, num tom muito alto, para toda a turma ouvir, pergunta: “O que é isto?”; ao que a criança responde: “É o mapa em papel vegetal que a professora pediu para fazer...”. A professora abre bruscamente o dossiê da aluna, tira de lá o mapa (que estava bem elaborado) e responde: “Eu não quero isto assim! Isto devia estar colado, não é para estar assim no meio do dossiê... vai mas é para o lixo!”. De seguida amacha o mapa e vai colocá-lo no lixo.

Este acontecimento marcou-me particularmente porque notei que a criança em questão ficou muito incomodada, mas também porque, num determinado momento da minha vida escolar, vivi uma situação idêntica e lembro-me do que senti quando se deu este episódio.

Considero que a forma como a professora procedeu não foi a mais correta, uma vez que a aluna tinha feito o trabalho solicitado. A docente podia apenas ter dito à aluna que, no sítio onde ela tinha colocado o mapa, este poderia perder-se ou estragar-se, e depois pedido para o colar. Desta forma, tinha evitado o embaraço e o desconforto que a aluna sentiu em frente ao resto da turma e o trabalho redobrado para voltar a elaborar o mapa.

## **6 de dezembro de 2011**

Nas aulas de Língua Portuguesa, História e Geografia de Portugal e Ciências da Natureza, o sumário foi: Entrega e correção das fichas de avaliação.

Após o intervalo de almoço, a colega I deu aula de Matemática, cujo tema era: revisões para a ficha de avaliação. A minha colega distribuiu uma ficha com exercícios e os alunos resolveram-na.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Apesar de ter alguns momentos em que “brinca” com os alunos, por fazer comentários que provocam o riso, considero que a professora de História e Geografia de Portugal não estabelece uma relação de cumplicidade com os mesmos. Segundo Altet (2000):

“a presença de sinais de afectividade positiva, de aceitação das ideias e dos sentimentos dos alunos, de compreensão dos seus esforços, favorece [...] o sucesso da aprendizagem. Uma expressão da afectividade do professor reduzida, ou até mesmo negativa, cria comportamentos dependentes, submissos, passivos, receosos, infantilizados ou até comportamentos de desatenção e barulho que não facilitam a motivação ou a actividade intelectual.” (p. 107).

Já algumas vezes, as crianças nos confessaram que têm medo de responder às questões ou de dizer, por exemplo, que se esqueceram do manual em casa, pois não sabem como a professora vai reagir.

Esta reação das crianças não me parece saudável pois, embora não tendo ainda experiência de lidar com crianças no dia-a-dia, como esta docente, já pude observar e assistir a estratégias de várias professoras. Entendo que a melhor forma de interagir com as crianças será sempre a confiança mútua e o respeito e nunca o medo e a submissão. Por serem crianças precisam de ser respeitadas como seres em

desenvolvimento e não devem ficar receosas ou medrosas, na relação com o adulto responsável.

Espero que os meus futuros alunos nunca venham a ter este tipo de sentimentos para comigo. Quero ser uma professora amiga e afetiva.

## **9 de dezembro de 2011**

Neste dia dei aula de Matemática, cujo tema era: Potenciação. Para que fosse uma aula diferente, levei Algarismos Móveis (pequenos e grandes), mas também um *powerpoint*, mudei a disposição da sala, tendo colocado os alunos aos pares. Através do *powerpoint*, desenvolvi o tema da aula, sempre questionando os alunos. Distribuí o material (Algarismos Móveis) e as crianças realizaram alguns exercícios de aplicação, utilizando o material distribuído.

Na aula de História e Geografia de Portugal, a professora escreveu o sumário: Revisões. Seguidamente, colocou perguntas aos alunos sobre a matéria dada anteriormente e fez esquemas no quadro, pedindo às crianças para os reproduzirem no caderno.

Em Língua Portuguesa, após a verificação do trabalho de casa, os alunos iniciaram o estudo da obra *Os Três Reis do Oriente*, de Sophia de Mello Breyner Andersen, preenchendo uma ficha de leitura.

## **Inferências**

Gostei muito de ter dado esta aula e penso que consegui responder e esclarecer todas as perguntas e dúvidas que me foram colocadas pelos alunos. Apesar de ter mantido a disciplina, notei que as crianças estavam um pouco mais agitadas do que habitualmente; penso que este facto se deve a duas situações: estavam quase a entrar de férias, e realizaram um trabalho que saiu um pouco da rotina a que estão acostumados (trabalho a pares e com Algarismos Móveis).

Quero ainda referir que não gostei, nem aceitei bem, os comentários que a professora de Matemática fez à minha aula: avaliou o meu desempenho com um “Satisfaz”, justificando que a aula estava boa mas que os alunos não levaram nenhum registo no caderno e, por isso, não me podia dar mais nota; depois, disse que baralhei as crianças quando coloquei no *powerpoint*:  $2 \times 2 \times 2 \times 2 = 2^1 \times 2^1 \times 2^1 \times 2^1 = 2^{1+1+1+1} =$

$2^4$ , e eu expliquei que, quando temos uma multiplicação de potências com a mesma base, dá-se a mesma base e adicionam-se os expoentes. A professora referiu também que eu não podia ter colocado  $2^1$ , alegando que estava a dar um erro científico ao colocar 1 como expoente.

Sobre este último comentário da professora, gostaria que me tivesse dito de que forma a mesma explicaria, por exemplo, que  $10 \times 10^4 = 10^5$ , uma vez que o primeiro fator não tem nenhum expoente explícito.

### **13 de dezembro de 2011**

O dia começou com a aula de Língua Portuguesa, durante a qual os alunos continuaram o estudo da obra iniciada na aula anterior. O sumário desta aula foi: “Os Três Reis do Oriente” – Leitura dialogada e compreensão oral. Teste de vocabulário. No final da aula, as crianças passaram, para o caderno, um pequeno resumo da primeira parte do conto.

Na aula de História e Geografia de Portugal, a professora começou por pedir aos alunos para fazerem a autoavaliação do 1.º período. De seguida, eu dei aula sobre a herança muçulmana. Para tal, utilizei um *powerpoint*, onde figuravam vários objetos, costumes e alimentos que foram trazidos pelos árabes e que ainda utilizamos no quotidiano. Depois, os alunos realizaram uma proposta de trabalho sobre a matéria dada.

Na aula de Ciências da Natureza, o sumário foi o seguinte: Continuação da entrega e correção do teste.

### **Inferências**

Acerca da minha aula de História e Geografia de Portugal, penso que decorreu muito bem, e que as crianças perceberam o que quis transmitir. Os alunos estiveram atentos, fizeram muitas perguntas e colocaram dúvidas sobre a matéria que estava a ser projetada.

Ao longo da aula, a professora fez alguns comentários, acrescentando informações ao que eu estava a dizer, facto que não me incomodou.

### **16 de dezembro de 2011**

Durante a manhã, os alunos participaram numa atividade sobre o Natal dinamizada pelo Colégio.

Depois do almoço, realizou-se, na turma do 6.º Ano, um concurso de teatro: a pedido da professora, as crianças organizaram-se em grupos de 3 elementos e dramatizaram o texto “A Bela Infanta”. Ao longo das aulas, os alunos contactaram com várias versões do texto, podendo escolher qualquer uma para a dramatização.

#### **Inferências**

Gostei muito da atividade que a professora realizou com os alunos pois, penso que foi uma forma muito criativa de os cativar e de trabalhar um conteúdo de Língua Portuguesa de forma lúdica, utilizando a área das Expressões artísticas. Notei, também, que a maioria dos alunos se empenhou e foi capaz de criar dramatizações muito originais.

A professora comentou connosco que realizava esta atividade todos os anos e que, todos os anos, é surpreendida pelos alunos, pois estes são sempre bastante criativos.

Considero que este tipo de atividades é uma mais-valia para as crianças e gostaria de a poder pôr em prática no futuro, tanto na área de Língua Portuguesa, como noutra área do conhecimento, uma vez que constatei que resulta.

### **3 de janeiro de 2012**

Após o período de férias do Natal, o dia começou com a aula de Língua Portuguesa. A professora conversou com os alunos sobre as avaliações do 1.º Período, a fim de perceber o que os mesmos tinham sentido depois de as receberem. Seguidamente, explicou uma atividade que seria desenvolvida ao longo do 2.º Período: “Convite à Leitura”; uma proposta de trabalho individual, onde cada criança teria que escolher um livro e apresentá-lo ao resto da turma. Depois das dúvidas esclarecidas, continuaram o estudo da obra iniciada antes das férias.

Na aula de História e Geografia de Portugal, os alunos começaram por registar as datas dos testes no Diário Escolar, tendo depois iniciado o estudo do Tema A4 – A Formação de Portugal.



Em Ciências da Natureza, o sumário foi: Chaves dicotômicas e estudo do caule. Durante esta aula, os alunos ouviram as explicações da professora, seguindo as mesmas através do manual e escreveram algumas definições no caderno.

Depois do almoço, na aula de Matemática, o sumário foi: Potências de base 10. Resolução de exercícios. A professora escreveu exercícios no quadro, os alunos tinham que os passar para o caderno e resolvê-los. Um dos exercícios consistia no cálculo do valor de expressões numéricas dadas:  $2^3 \times 6 \times (3,3 - 3)$ . Nesta situação, a professora referiu que, no cálculo de expressões numéricas, as potências se fazem em primeiro lugar.

### **Inferências**

Considero a conversa que a professora de Língua Portuguesa teve com as crianças na primeira aula foi pertinente, pois permitiu a criação de uma certa ligação com os alunos. Sobre o “Convite à Leitura”, também penso que é uma atividade muito interessante, porque notei que os alunos não se sentem à vontade a falar para a turma e, através destes trabalhos, as crianças terão oportunidade de preparar em casa e de apresentar um livro, de que gostam, aos colegas.

No que diz respeito à aula de Matemática, e sobre as expressões numéricas, considero que a professora não procedeu da forma mais correta quando disse que as potências se resolvem em primeiro lugar. No caso do exemplo dado, a potência não tem implicações com os parêntesis e, portanto, é possível resolvê-la em primeiro lugar. No entanto, em todos os manuais de Matemática que abordam expressões numéricas, vêm descritas as regras operatórias, sendo que, por ordem de prioridades, temos: potenciação e radiciação (pela ordem em que aparecem), multiplicação e divisão (pela ordem que aparecem), e adição e subtração (pela ordem que aparecem). Os parêntesis servem para mudar as regras operatórias; isto é, ao serem introduzidos estes sinais, devemos realizar a operação que indicam, em primeiro lugar.

Por exemplo, na expressão  $(6 - 4)^2 + 2$ , as crianças não seriam capazes de a resolver, tendo em conta a regra enunciada pela professora, uma vez que, para fazer  $(6 - 4)^2$ , tinham que ser capazes de identificar o caso notável da multiplicação,  $(a - b)^2$ .

## **6 de janeiro de 2012**

Por não me encontrar bem de saúde, não me foi possível comparecer neste dia de estágio.

## **10 de janeiro de 2012**

Em Língua Portuguesa, as crianças iniciaram o estudo da obra *Ulisses*, de Maria Alberta Menéres. Ainda sem o livro, a professora distribuiu uma ficha com um texto, no qual a autora explicava as razões que a levaram a escrever *Ulisses*, mas também a justificar a forma de escrita. Depois de lerem o texto, os alunos responderam a algumas perguntas.

Quando chegámos à aula de História e Geografia de Portugal, a professora ainda não se encontrava na sala e os alunos estavam um pouco agitados, pelo que pedimos para se sentarem e acalmarem. Assim que entrou, a professora pediu para não estarmos presentes hoje porque ia dar teste. Posto isto, os alunos disseram que o teste não estava marcado para este dia mas, a professora não voltou com a sua palavra atrás e pediu-nos que saíssemos.

A pedido desta professora, saímos da sala de aula e fomos falar com a professora de Matemática, perguntando-lhe a que aula poderíamos assistir. Assim, fomos para a aula de Educação Visual e Tecnológica, com a turma do 6.º Ano, durante a qual os alunos terminaram os trabalhos que tinham em atraso.

O sumário da aula de Ciências da Natureza foi: Estudo da folha. Depois de fazer uma breve revisão do que tinha sido dado anteriormente, a professora saiu da sala com os alunos e foi para o pátio da escola, onde deu oportunidade aos alunos para recolherem folhas do chão e observarem as características que as mesmas apresentavam.

Da parte da tarde, para a aula de Matemática, a professora pediu-me que construísse uma ficha com exercícios, de modo a consolidar os conteúdos (múltiplos de um número e sobre os critérios de divisibilidade) dados por ela, anteriormente. Quando cheguei à sala, expliquei o que iria suceder durante a aula e solicitei a ajuda de um aluno para distribuir uma ficha. Relembrei o conceito de múltiplos de um número e também os critérios de divisibilidade e as crianças resolveram os exercícios

propostos. Ao longo da aula, fui circulando pela sala, para ajudar os alunos com mais dificuldades.

### **Inferências e fundamentação teórica**

No que diz respeito à aula de Ciências da Natureza, fiquei agradavelmente surpreendida, pois foi a primeira vez que vimos uma aula mais prática. A professora aproveitou o espaço exterior da escola para levar os alunos a explorar a Natureza e a consolidar os conhecimentos que tinham adquirido na sala. Leite (2001) define esta metodologia como sendo parte integrante da metodologia de trabalho prático:

“Trabalho prático” é o conceito mais geral e inclui todas as actividades que exigem que o aluno esteja activamente envolvido. [...] o trabalho prático pode incluir actividades laboratoriais, trabalhos de campo, actividades de resolução de exercícios ou de problemas de papel e lápis, utilização de um programa informático de simulação, pesquisa de informação na *internet*, realização de entrevistas a membros da comunidade, etc.. (p. 80)

Sem dúvida que, pelas dimensões que apresenta e pelas suas características, o colégio oferece condições de aprendizagem singulares, pois as crianças acabaram por realizar uma saída de campo dentro da própria escola.

### **13 de janeiro de 2012**

Este dia começou com a aula de Matemática da colega I, em que o tema era: Decomposição de um número em fatores primos. A estagiária questionou os alunos sobre o que eram números simples, compostos e primos, mas também sobre os múltiplos e divisores de um determinado número. Seguidamente, escreveu no quadro um resumo que os alunos passaram para o caderno e explicou de que forma se procedia para decompor um número composto em fatores primos, tendo, depois, solicitado a resolução de alguns exercícios no caderno.

O sumário de História e Geografia de Portugal foi: Correção do trabalho de casa. Depois de verificar a realização do trabalho de casa e percebendo que muitos alunos não o tinham feito, a professora pediu às crianças para acrescentarem no sumário: A correção do trabalho de casa não foi feita por falta de trabalho dos alunos. Assim sendo, a docente fez revisões para o teste.

Na aula de Língua Portuguesa, as crianças iniciaram o estudo de “Ulisses”, de Maria Alberta Menéres, tendo feito a leitura dialogada da primeira parte do livro.

## **Inferências**

Na sua aula, a I cometeu alguns erros, tais como: “Os divisores de 10 são o 10, o 20, o 30, e por aí fora...” e “ $2 : 2 = 0$ ”. Ora, na primeira afirmação, a colega confundiu divisores com múltiplos e, na segunda, assim que ela disse isso, eu fiz-lhe sinal e ela de imediato se apercebeu do erro que tinha cometido e emendou, dizendo que “ $2 : 2 = 1$ ”. Durante o resto da aula, penso que poderia ter sido mais específica a dar as indicações, uma vez que era matéria nova e que a parte da decomposição de um número em fatores primos não foi entendida pela maioria das crianças, o que causou uma certa agitação.

### **17 de janeiro de 2012**

Por motivos de saúde, não me foi possível comparecer no estágio, neste dia.

### **20 de janeiro de 2012**

Na aula de Matemática, os alunos realizaram trabalhos de grupo, sobre o  $\pi$ . Os trabalhos já tinham sido iniciados em aulas anteriores, e em casa (pesquisa), pelo que durante a aula as crianças apenas se juntaram em grupos e construíram cartazes alusivos ao tema.

Em História e Geografia de Portugal, o sumário foi: Tema B1 – As características naturais no Séc. XIII. O relevo e o litoral. A aula foi expositiva; os alunos acompanharam as explicações da professora, seguindo o manual.

Na aula de Língua Portuguesa, os alunos começaram por corrigir o trabalho de casa e, depois, realizaram um exercício, sobre o texto informativo, incluído no manual.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Quando a professora de Matemática referiu que os alunos iam aproveitar a aula para terminar os trabalhos de grupo, ficámos surpreendidas. No entanto, percebi, ao longo da aula, que os trabalhos não foram orientados da melhor forma: alguns elementos dos grupos não trabalharam, pois preferiram ficar a conversar com colegas de outros grupos; nem todos tinham o material necessário para terminar os cartazes; houve muita agitação e confusão na sala.

Conforme afirma Pato (2001), “O trabalho de grupo é componente indispensável numa postura metodológica que vise aprendizagem e desenvolvimento.” Com este tipo de tarefas, “[...] é possível [...] ter em conta diferentes estádios de desenvolvimento cognitivo e afectivo dos alunos, respeitar ritmos diferenciados de pensamento e de acção, valorizar processos complexos de pensamento e melhorar a aquisição de competências.” (p. 9).

O que verificámos foi exatamente o contrário, uma vez que os alunos não puderam elaborar os cartazes ao seu gosto. As crianças não podiam começar a trabalhar sem antes passarem, um grupo de cada vez, pela secretária da professora, a fim de esta lhes mostrar como deviam colar os diferentes elementos que tinham trazido de casa, mas também o que deviam escrever, e onde. Ora, uma vez que estes alunos estão no 5.º Ano, devia-lhes ter sido dada alguma liberdade; de facto, o que vimos foi apenas as crianças a executar aquilo que a professora lhes tinha pedido, e não puderam ser mais autónomos, responsáveis e por último, criativos.

## **24 de janeiro de 2012**

A aula de Língua Portuguesa começou com a apresentação do “Convite à Leitura: O Clube dos Sete”, trabalho realizado por um aluno. De seguida, a professora entregou uma ficha informativa: “Como elaborar um comentário crítico”. Para terminar a aula, as crianças realizaram a leitura dramatizada de uma passagem da obra “Ulisses”.

Em História e Geografia de Portugal, o sumário foi: Continuação da aula anterior. O clima e a vegetação. Correção do trabalho de casa. Os alunos analisaram alguns documentos e imagens do manual, enquanto ouviam as explicações da professora. No decorrer desta aula, a docente mandou um aluno para a rua.

Depois do almoço, pedimos à professora de Matemática para faltarmos à sua aula, a fim de acompanharmos a turma do 6.º Ano numa ida ao teatro, ao que a professora acedeu. A peça de teatro “Ulisses” teve lugar no auditório do Colégio.

## **Inferências**

Segundo o Novo Programa de Português do EB (M.E., 2009, p. 86), na parte referente à Leitura, nomeadamente “Ler para apreciar textos variados”, um dos critérios de desempenho prende-se com “Distinguir diferentes «vozes» (perspectivas)

no interior de um mesmo texto e valores (socioculturais, éticos, estéticos ou outros) que veiculam”.

Ainda no mesmo documento e na mesma página, são referidas algumas atividades que se podem desenvolver na sala de aula com as crianças, a fim de atingir estes objetivos, designadamente: realizar “Actividades visando distinguir a pluralidade e a diversidade de «vozes» que se fazem ouvir em certos textos, p. ex., através da distribuição de papéis (autor, narrador e outras personagens...)”.

Foi exatamente o que fez a professora de Língua Portuguesa, perguntou aos alunos quantas personagens diferentes havia no excerto que iriam ler e dividiu-as pelos alunos.

Uma vez que as docentes do Colégio, a cujas aulas estávamos a assistir, mostraram alguma indisponibilidade para que pudéssemos lecionar mais aulas, solicitámos ao Prof. Doutor António Ponces de Carvalho, diretor da Escola Superior de Educação João de Deus, o término do Estágio Profissional neste colégio. O mesmo acedeu, permitindo que o continuássemos num Jardim-Escola João de Deus que tivesse a valência de 2.º Ciclo.

A secção que se segue diz respeito ao Estágio Profissional que foi realizado no Jardim-Escola João de Deus fora de Lisboa, no 5.º Ano de Escolaridade, do 2.º Ciclo do Ensino Básico.

### **1.7. 7.ª Secção – Jardim-Escola João de Deus, 2.º Ciclo – 5.º Ano**

Período de estágio de 31 de janeiro de 2012 a 21 de março de 2012.

#### **1.7.1. Caracterização da Turma**

Esta turma frequenta o 5.º Ano de Escolaridade do Ensino Básico e é composta por 12 alunos, 6 do sexo feminino e 6 do sexo masculino. Nenhum dos elementos apresenta dificuldades de aprendizagem, exceto um aluno que demonstra, por vezes, comportamentos agressivos para com alguns professores. No entanto, em

termos gerais, é uma turma participativa e interessada que adquire os conceitos com bastante facilidade.

### **1.7.2. Caracterização do Espaço**

A sala de aula do 5.º Ano é uma sala espaçosa, com um “pé direito” muito alto e com muita luz natural, uma vez que uma das paredes é composta apenas por janelas que dão acesso a uma varanda. Tem um quadro de giz e outro interativo. Na sala há as carteiras para os alunos, a secretária dos professores e outra para o computador do quadro interativo, um armário para guardar materiais e uma estante que serve como biblioteca de turma.

As figuras 31 e 32 mostram a mesma.



Figura 31 – Sala de aula do 5.º Ano



Figura 32 – Outra perspectiva da sala de aula do 5.º Ano

### 1.7.3. Rotinas

A rotina destes alunos faz-se consoante as aulas do dia. Os alunos começam as aulas às 8h 30m, seguidas de um intervalo de cerca de 20 minutos, por volta das 10 horas. Após o intervalo, têm novamente aulas, separadas por períodos de intervalos mais curtos e, cerca das 13 horas, vão almoçar. O intervalo de almoço dura cerca de 1 hora.

Da parte da tarde, os alunos voltam a ter aulas. No final do dia, lancham e ficam a brincar no recreio até os Encarregados de Educação os virem buscar.

### 1.7.4. Horário

De seguida, apresento o quadro 10 que mostra o horário da turma. Este foi-nos cedido pelo diretor de turma, o professor DA, que leciona a disciplina de Ciências da Natureza. As aulas funcionam por blocos de 90 minutos cada, havendo, ou não, intervalos curtos, a cada 45 minutos.

Quadro 10 – Horário do 5.º Ano

Horas	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
08:30 09:15	<b>LPO</b> Profª: RF	<b>MAT</b> Profª: MD	<b>MAT</b> Profª: MD	<b>L. ING</b> Profª: IA	<b>MAT</b> Profª: MD
09:15 10:00					
10:00 10:20	<b>Intervalo</b>				
10:20 11:05	<b>HGP</b> Prof: MN	<b>EVT</b> Prof: RN	<b>CNAT</b> Prof: DA	<b>EF</b> Prof: TR	<b>CNAT</b> Prof: DA
11:05 11:50			<b>TIC</b> Profª: TL	<b>HGP</b> Prof: MN	
12:00 12:45	<b>EA</b> Profª: MD Profª: IA	<b>EM</b> Prof: GI	<b>L. ING</b> Profª: IA	<b>LPO</b> Profª: RF	<b>FC</b> Prof: DA
12:45 13:30					
13:30 14:30	<b>Almoço/Intervalo</b>				
14:30 15:15		<b>LPO</b> Profª. RF		<b>EVT</b> Prof: RN	<b>DESPORTO ESCOLAR</b>
15:15 16:00	<b>EF</b> Prof: TR				
16:00 16:45					

É de notar que as áreas da Matemática (MAT) e da Língua Portuguesa (LPO) têm um peso mais importante que as outras disciplinas, sendo que a carga horária



semanal é de 3 blocos. As aulas de Educação Musical (EM) e de Educação Física (EF) têm uma carga horária semanal de 2 blocos, cada.

A História e Geografia de Portugal (HGP), as Ciências da Natureza (CNAT) e a Língua Estrangeira (L. ING) apresentam uma carga horária de 1,5 bloco, por semana.

Por fim, a Informática (TIC) e a Formação Cívica (FC) representam 0,5 bloco no horário dos alunos.

No seu horário semanal, as crianças têm ainda 1 bloco de Desporto Escolar que é facultativo.

Tal como sucedeu ao longo do período de estágio anterior, neste também fiz grupo com duas colegas: a H e a I.

Uma vez que este Jardim-Escola (JE n.º 1) se encontra fora de Lisboa, o estágio profissional foi realizado às terças e quartas. A fim de podermos assistir às aulas de História e Geografia de Portugal, descolámo-nos com a professora RF, todas as terças-feiras, para outro Jardim-Escola fora de Lisboa (JE n.º 2), entre as 11h e as 13h.

#### **1.7.5. Relatos diários**

##### **31 de janeiro de 2012**

Neste primeiro dia de estágio, fomos apresentadas à turma e começámos por assistir à aula de Matemática, com a professora MD. O sumário da aula foi: Propriedades dos triângulos: Tarefa de investigação 2 – Soma das amplitudes dos ângulos internos de um triângulo.

Seguidamente, fomos com a professora RF, professora de Língua Portuguesa no JE n.º 1, e de História e Geografia de Portugal no JE n.º 2, para o JE n.º 2, a fim de assistirmos a uma aula de História e Geografia de Portugal.

Depois do almoço, voltámos para o JE n.º 1 e assistimos à aula de Língua Portuguesa, durante a qual os alunos deram início ao estudo da obra *Chocolate à Chuva*, de Alice Vieira (figura 33). A professora pediu aos alunos que fizessem um breve resumo da história e dividiu a obra por capítulos. Distribuiu os capítulos pelos

alunos e explicou que cada criança teria que apresentar os capítulos que lhe tinham sido atribuídos.



Figura 33 – Capa da obra "Chocolate à Chuva", de Alice Vieira

### **Inferências**

A sensação que tive, quando assisti, pela primeira vez a estas aulas, foi que existiam poucas regras de sala de aula. Os alunos conversavam muito, levantavam-se sem pedir autorização e chegavam mesmo a ser, em algumas ocasiões, mal-educados com os professores.

A meu ver, o que sucedeu foi que, pelo facto de serem apenas 12 alunos, os professores acharam que não era necessário estabelecer regras de sala de aula. Penso que não deveriam ter pensado assim e que a nossa presença irá, por certo, mudar esta realidade.

### **1 de fevereiro de 2012**

Para hoje estava planeada uma visita de estudo: uma ida ao teatro, no âmbito da área da Matemática. No entanto, os alunos ainda tiveram uma aula, onde corrigiram os trabalhos de casa desta área.

Durante o intervalo, os alunos do 5.º Ano do JE n.º 2 chegaram de autocarro e os alunos do JE n.º 1 foram acolhê-los. Pouco tempo depois, fomos todos de autocarro até ao teatro, onde assistimos a uma peça denominada "Querida Matemática" (figura 34).

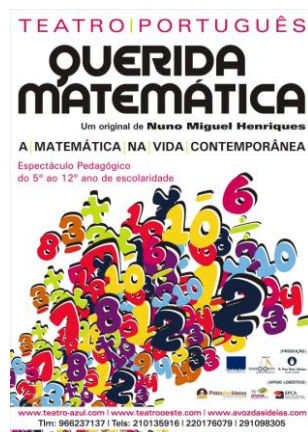


Figura 34 – Cartaz da peça "Querida Matemática"

Após a peça, fomos, novamente de autocarro, até à estação de comboios, onde nos despedimos dos alunos do JE n.º 2, e voltámos para a escola.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Nunca tinha ouvido falar desta peça de teatro e gostei muito de ter ido vê-la. A peça tinha como objetivo principal mostrar aos alunos, através de várias cenas, que a Matemática está presente em tudo o que fazemos no quotidiano.

O Currículo Nacional do Ensino Básico (M.E., 2001, p. 58) salienta a importância da Matemática na Educação Básica: "A matemática é usada na sociedade, de forma crescente, em ligação com as mais diversas áreas da actividade humana mas, ao mesmo tempo, a sua presença é frequentemente mais implícita do que explícita."

Foi exatamente esta presença constante que o autor da peça quis demonstrar às crianças, fazendo com que tomem mais gosto por esta disciplina. Todos os alunos gostaram muito da peça; no entanto, considero que, ao longo da mesma, se fizeram várias vezes referência a conceitos ainda muito complexos (equações, funções quadráticas...) para alunos do 5.º Ano.

### **7 de fevereiro de 2012**

Hoje, o sumário da aula de Matemática foi: Correção do trabalho de casa – Propriedades dos triângulos. Os alunos passaram para o caderno algumas definições que a professora escreveu no quadro e resolveram exercícios do manual. Durante a

aula, a professora referiu o número 0,6 como “zero vírgula seis”, em vez de “seis décimas”.

Já no JE n.º 2, na aula de História e Geografia de Portugal, os alunos realizaram um trabalho a pares sobre “A vida quotidiana no século XIII”, mais propriamente sobre “A vida nos mosteiros”. No final da aula, a professora disse-lhes que a aula já tinha terminado, para arrumarem as coisas e descenderem para almoçar, e veio falar connosco para programar as nossas aulas. Quando estavam a arrumar as suas coisas, duas crianças começaram a insultar-se, tendo uma delas ficado a chorar e com receio de descer para o almoço. A professora foi falar com a criança em questão, dando-lhe segurança e apoio, fazendo com que esta acabasse por aceitar ir almoçar.

De regresso ao JE n.º 1, assistimos à aula de Língua Portuguesa, durante a qual dois alunos apresentaram os seus trabalhos relativos à obra de Alice Vieira, *Chocolate à chuva*. No final da aula, a professora corrigiu os trabalhos de casa.

### **Inferências e fundamentação teórica**

No que diz respeito ao engano da professora de Matemática quando referiu o número “0,6”, e apesar de ser uma prática corrente quer nos media, quer no dia-a-dia, penso que devemos ser rigorosos quando temos a missão de ensinar e vamos ser o modelo destas crianças.

Em relação ao episódio com as duas crianças no JE n.º 2, posso dizer que fiquei surpreendida por ver que, mesmo numa turma tão pequena (apenas 8 alunos), existe o fenómeno de *Bullying*. Sobre este fenómeno, Barros (2010) explica que, quando há *Bullying*,

[...] ocorre um tipo de violência específico, que se pode traduzir num recorrente abuso de poder. Isto significa que o *bullying* não é uma luta entre iguais, mesmo quando ocorre entre pares. No *bullying* há uma relação de desigualdade de poder: de um lado, alguém que se sente superior e que maltrata, persegue, massacra ou humilha; do outro, alguém que se sente inferior e que não tem capacidade de se defender, de enfrentar, de reagir e de lutar, de igual para igual. (p. 100)

Ainda sobre o mesmo tema, Smith (2002 citado por Barros, 2010) comenta

Trata-se também de bullying quando uma criança é ameaçada, quando lhe batem, a empurram, a fecham num quarto, quando esta recebe mensagens injuriosas ou maldosas. Estas situações podem perdurar e é difícil para a criança ou para o jovem em questão defender-se. Uma criança que é vítima de

troça maldosa e contínua é vítima de bullying. Pelo contrário, não se trata de bullying quando duas crianças de força igual lutam ou discutem. (p. 101)

Notei que a criança ficou com receio de descer para almoçar com os colegas, uma vez que não queria que eles percebessem que tinha ficado a chorar. No entanto, depois de falarmos novamente com ele, o aluno foi à casa de banho lavar a cara e acabou por ir almoçar com os colegas. Neste episódio, a professora estava atenta e soube ajudar a criança. Cabe aos adultos estarem sempre atentos e não deixarem que o fenómeno de *Bullying* aumente.

## **8 de fevereiro de 2012**

Hoje, na aula de Matemática, o sumário foi: Construção de triângulos. A professora exemplificou todo o procedimento, no quadro, e também escreveu um pequeno resumo que as crianças passaram para o caderno. Durante a aula, a professora referiu o perímetro de uma figura como “a soma de todos os lados”.

Na aula de Ciências da Natureza, o professor fez revisões sobre as raízes e caules, mas também realizou alguns exercícios utilizando “Chaves dicotómicas”. No final, falou sobre a importância da folha.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Mais uma vez, quando se referiu ao perímetro, apenas estava a dizer como se calculava e considero que a linguagem utilizada pela professora não foi rigorosa, pois o perímetro é o comprimento da linha fronteira de uma figura geométrica. Grosso (2004, p. 130) refere que o cálculo do perímetro, “Em qualquer polígono, [...] é a soma dos comprimentos de todos os seus lados (“medida à volta de”).”. O facto de utilizar linguagem pouco correta e dar definições cientificamente incorretas, leva os alunos a adquirirem conceitos de forma errada.

## **24 de fevereiro de 2012**

Neste dia, demos uma aula de Ciências da Natureza cujo tema foi “A Flor”. Para esta aula, dividimos o tema em três partes, sendo que a colega I falou sobre os órgãos de suporte, a colega H sobre os órgãos de proteção e, eu fiquei com os órgãos de reprodução.

Começámos por explicar a estratégia de comportamento que criámos e por definir algumas regras de sala de aula. Todas utilizámos um *powerpoint*, com imagens alusivas ao tema. Fizemos uma breve revisão das partes constituintes de uma planta completas, e das respetivas funções. Ao longo da aula, questionámos os alunos acerca do que viam nas imagens, criando um diálogo e levando-os a chegar aos nomes de cada parte da planta.

No final da aula, realizámos uma atividade prática que consistia, através de um protocolo, na separação, em partes constituintes, de duas flores verdadeiras.

### **Inferências**

Como era a nossa primeira aula, estávamos um pouco nervosas. Estes doze alunos eram bastante agitados, faziam muito barulho pois conversavam uns com os outros e levantavam-se várias vezes, sem pedir autorização. Cheguei a comentar com as minhas colegas que eram apenas 12 crianças mas faziam barulho como se fossem 30...

Posto isto, em conversa com a colega H, decidimos criar uma estratégia de comportamento para esta aula: no computador, colocámos os nomes dos alunos por ordem alfabética e cortámos quadrinhos de papel colorido (Azul – “Muito Bom”, Verde – “Bom”, Amarelo – “Satisfaz” e Encarnado – “Não Satisfaz”). De seguida, plastificámos tudo e levámos para a aula. Sempre que não respeitassem uma das regras definidas no início, mudávamos a cor do respetivo quadrinho para a cor anterior. Assim que comesçassem a respeitar novamente as regras, “subíamos” a cor.

Enquanto preparávamos os materiais para a aula, o professor já estava no fundo da sala, à espera que começassemos. Os alunos falavam todos ao mesmo tempo, sem pôr o dedo no ar, pelo que avisámos logo que, durante as nossas aulas, ninguém falava sem a nossa autorização. As crianças não esperavam esta nossa reação e calaram-se todas, começando, imediatamente, a pôr o dedo no ar para pedir a palavra.

Sei que estas crianças gostam de nós, mas não deixam de ser crianças e de querer sempre testar os nossos limites mas, quando perceberam que não se podiam comportar como o faziam nas outras aulas, acalmaram e a nossa aula decorreu sem problemas.

Gostei muito desta experiência e de trabalhar em equipa com as minhas colegas.

Os cinco relatos que se seguem, dizem respeito ao Seminário de Contacto com a Realidade Educativa, que decorreu entre os dias 27 de fevereiro de 2012 e 2 de março de 2012. Uma vez que este Seminário foi realizado no JE n.º 1, no 5.º Ano, considero desnecessário voltar a caracterizar a turma e o espaço, bem como a apresentar o horário. Durante o Seminário, assistimos a todas as aulas que os alunos tiveram, ao longo da semana.

## **27 de fevereiro de 2012**

O dia começou com a aula de Língua Portuguesa, onde os alunos realizaram um teste de avaliação.

Seguidamente, durante a aula de História e Geografia de Portugal, o professor fez uma breve revisão da matéria da aula anterior. Ao longo da aula, utilizou o manual, pedindo aos alunos para sublinharem as partes mais importantes da matéria, mas também distribuiu um texto de apoio sobre “A Igreja no século XIII”, que leu com as crianças. Depois, usou o quadro interativo para passar um excerto do filme “O Nome da Rosa”; nesse excerto, podia ver-se o trabalho dos monges copistas. Após o filme, projetou uma apresentação em *powerpoint* com informações sobre os impostos senhoriais. Para terminar a aula, chamou uma criança ao quadro interativo para realizar um exercício de consolidação da matéria dada: o aluno tinha que ligar, através de um traço, os elementos de duas colunas (palavra – definição).

A aula de Estudo Acompanhado é dada, em conjunto, pelas professoras de Matemática e de Inglês. Nos primeiros 45 minutos, os alunos estiveram a corrigir os trabalhos de casa de Inglês. Nos 45 minutos seguintes, resolveram exercícios de Matemática, presentes do manual. Nesta aula, a professora de Matemática referiu que: “A fração é um tracinho com um número em cima e um número em baixo.”

Depois do almoço, os alunos tiveram aula de Educação Física. As crianças começaram por fazer um aquecimento no exterior, correndo por um percurso definido pelo professor. Depois, foram para o ginásio da escola, onde realizaram um circuito de exercícios com elementos gímnicos.

## **Inferências e fundamentação teórica**

Foi a primeira vez que assistimos a uma aula de História e Geografia de Portugal, dada pelo professor MN e ficámos admiradas com a diversidade de materiais que utilizou, apenas numa aula. Sanches (2001) afirma que

Uns aprendem melhor se ouvirem, outros se visualizarem, outros se experimentarem, mas todos aprendem melhor se usarem uma estimulação multissensorial. A diversidade de actividades poderá dar oportunidade a todos de utilizarem as vias para si mais sensíveis. Sempre o mesmo cansa, dizem muitas vezes os nossos alunos. (p. 72)

É, por isso, importante que se diversifiquem os materiais e a forma como as aulas são lecionadas, para que estas não se tornem monótonas e para que os alunos se mantenham interessados.

Mais uma vez, a professora de Matemática deu uma definição pouco correta de fração. Apesar de já terem abordado este conteúdo no 1.º Ciclo, penso que a professora devia ser mais rigorosa nas definições que dá, quando está a lecionar as aulas.

### **28 de fevereiro de 2012**

Na aula de Matemática, a professora corrigiu o trabalho de casa. Depois, a colega H utilizou o 5.º Dom de Fröebel e realizou a construção das “Colmeias”. De seguida, realizei um exercício de frações, utilizando a construção realizada pelos alunos. No final, ajudei os alunos a arrumarem o material.

Em Educação Visual e Tecnológica, os alunos acabaram alguns trabalhos que tinham em atraso e o professor deu início ao estudo da Geometria.

Na aula de Educação Musical, os alunos, em conjunto com o professor, estão a construir um projeto que consiste na criação de uma banda. Alguns os alunos tocam um instrumento: piano, *jambé*, flauta de bisel, guitarra; e outros cantam. Nesta aula, o professor esteve a ensaiar uma música com as crianças.

Depois do almoço, na aula de Língua Portuguesa, a professora iniciou o estudo da notícia, tendo falado sobre as partes constituintes: título, *lead* e corpo; e também sobre que informações contém cada parte.



## **Inferências e fundamentação teórica**

Tal como já foi referido ao longo do estágio no 1.º Ciclo, os materiais manipuláveis constituem ferramentas importantes que os professores devem utilizar para ajudar as crianças a adquirir conceitos abstratos. Assim, e apesar de todos os materiais terem limitações, podem ser utilizados para abordar diversos conteúdos. Em relação ao 5.º Dom, para a introdução das frações, Caldeira (2009, pp. 301-302) explica que este material permite às crianças adquirirem conceitos acerca das frações, uma vez que o manipulam e conseguem visualizar concretamente as frações, tornando mais fácil a ordenação de números racionais e a compreensão de frações equivalentes.

Optámos por realizar esta pequena atividade com os alunos, uma vez que iríamos trabalhar as frações equivalentes e as frações irredutíveis na nossa aula assistida.

### **29 de fevereiro de 2012**

O dia começou com a aula de Matemática, durante a qual a professora falou sobre frações próprias e impróprias, e os alunos realizaram exercícios do manual, bem como duas situações problemáticas. Seguidamente, a professora abordou as dízimas finitas e infinitas periódicas e não periódicas.

Na aula de Ciências da Natureza, o professor fez revisões acerca do capítulo que tinham estado a estudar: Plantas com flor.

Na aula de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), os alunos realizaram um teste de avaliação: a professora distribuiu uma folha com um texto que os alunos deviam copiar, utilizando o processador de texto e, depois, formatar de acordo com algumas indicações.

Antes do almoço, os alunos tiveram a aula de Inglês. Começaram por corrigir o trabalho de casa e, depois, a professora falou sobre o vestuário e os padrões dos tecidos. As crianças escreveram algumas palavras novas no caderno diário.

## **1 de março de 2012**

Na aula de Inglês, a professora continuou a falar sobre as peças de roupa. Para tal, colocou um Cd e os alunos tinham que ouvir um texto, ao mesmo tempo que preenchiam um texto lacunar, com as informações que ouviam.

De seguida, as crianças tiveram a aula de Educação Física. Começaram por fazer um aquecimento no exterior e jogaram basquetebol, em equipas de 3 elementos. No final do jogo, fizeram alongamentos.

Em História e Geografia de Portugal, o professor fez a revisão da matéria dada nas aulas anteriores. Depois, pediu aos alunos para escreverem o sumário: “A vida nos concelhos”. Durante esta aula, o professor utilizou o manual e mostrou um *powerpoint*, no quadro interativo. No final da aula, chamou um aluno ao quadro para resolver um crucigrama de forma a consolidar a matéria dada.

Na aula de Língua Portuguesa, a professora dividiu a turma formando pares e as crianças realizaram trabalhos sobre notícias: através de recortes de notícias que trouxeram de casa, deviam construir a sua própria notícia.

Em EVT, os alunos realizaram trabalhos sobre linhas e pontos.

### **Inferências e fundamentação teórica**

No Currículo Nacional do EB (M.E., 2001), nas competências essenciais da área das Línguas Estrangeiras, alguns dos desempenhos esperados, dos alunos, no final do 2.º Ciclo, são:

- Identificação de informações em função de um objectivo preciso a partir de texto informativos (aviso, anúncio publicitário, informação meteorológica... - em gravação áudio ou vídeo). [...]
- Identificação de uma personagem, objecto, lugar, a partir da sua descrição (apresentação de uma personagem, cidade, objecto – em gravação áudio ou vídeo). (p. 47)

Através dos exercícios que realiza com os alunos na sala de aula, a professora de Inglês prepara as crianças para que atinjam os desempenhos esperados no final do 2.º Ciclo. Também notei que os alunos estavam bastante recetivos a este tipo de exercício, pois estiveram sempre em silêncio, e muito concentrados, a fim de conseguirem preencher o texto lacunar.

**2 de março de 2012**

Para este dia estavam marcadas as nossas aulas assistidas programadas. Primeiro, fomos avaliadas pelas professoras da equipa de Supervisão Pedagógica, na área da Matemática; depois, fomos avaliadas na área de Ciências da Natureza. Uma vez que cada aula tinha a duração de 90 minutos, cada uma de nós deu uma aula de 30 minutos em cada área.

A aula de Matemática começou com a colega I, que falou sobre frações decimais. De seguida, a colega H explicou em que consistiam as frações equivalentes (figura 35) e, por fim, desenvolvi o tema: frações irredutíveis (figura 36). Todas utilizámos o quadro interativo para projetar um *powerpoint* e, tanto a colega H como eu, distribuámos algarismos móveis e palhinhas para as crianças representarem as frações. Na sua aula, a colega I entregou umas folhas de acetato nas quais estavam desenhadas quadrículas.

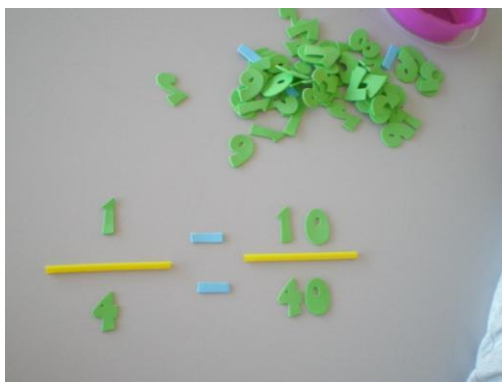


Figura 35 – *Frações equivalentes*



Figura 36 – *Passagem para fração irredutível*

Para a aula de Ciências da Natureza, foi-nos proposto o tema: Plantas sem flor. Assim, a colega I debruçou-se sobre os fetos, tendo abordado o meio onde se desenvolvem, bem como a sua constituição. A colega H falou sobre os musgos e

procedeu da mesma forma que a primeira. Como o tema proposto não tinha mais conteúdos que se pudessem abordar, sugeri ao professor falar sobre os fungos, mais propriamente, sobre os cogumelos. O professor acedeu e explicou que, neste capítulo das plantas sem flor, também costumava falar sobre fungos, como uma curiosidade.

Desta forma, comecei por mostrar uma imagem de um cogumelo e questionar os alunos sobre o que viam na imagem. Depois, perguntei se os cogumelos seriam ou não plantas. No decorrer da aula, expliquei as principais características que separam as plantas dos fungos, bem como a constituição dos cogumelos.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Em relação às aulas assistidas, estas decorreram da forma como estávamos à espera: tivemos tempo para dar tudo o que tínhamos planeado, as crianças estiveram participativas e interessadas e não houve indisciplina.

No que diz respeito ao *feedback* obtido após a aula, considero que o mesmo é fundamental para criar, em nós, um sentido crítico de observação e de correção sobre as nossas ações. Acerca deste assunto, Severino (2007) refere que

A formação deverá, pois, estruturar-se numa interacção permanente entre a prática e a reflexão individual e colectiva, na procura de soluções para a resolução dos problemas que vão surgindo e para a recolha de elementos que permitam repensar crítica, reflexiva e construtivamente a formação dos formandos/ supervisandos e dos próprios supervisores. (p.42)

Sendo assim, vejo as reuniões que ocorrem logo a seguir à aula como uma mais-valia pois, ao existir uma reflexão coletiva, torna possível uma aprendizagem global, que envolve todos os interessados, mas principalmente o avaliado. É o melhor método de criar confronto de conhecimentos e desenvolvimento de capacidades.

Nestas duas aulas, fui sempre a última, devido à escolha do tema. Uma vez que estava à vontade para dar qualquer um dos temas que tinha sido proposto pelos professores, deixei as minhas colegas escolherem primeiro, aqueles com se sentiam mais seguras, deixando um deles para mim. Na aula de Matemática, os temas tinham uma sequência lógica e, na de Ciências da Natureza, falei dos fungos em último lugar pois, desta forma, as crianças podiam comparar as plantas sem flor e os fungos (cogumelos, neste caso).

## **6 de março de 2012**

Hoje, a professora de Matemática abordou as frações próprias e as frações impróprias, exemplificando no quadro e questionando os alunos. Depois, estes últimos resolveram alguns exercícios do manual.

De seguida, fomos com a professora MD para o JE n.º 2, onde assistimos à aula de Matemática da colega K. A colega deu uma aula sobre frações equivalentes, tendo utilizado o 5.º Dom de Fröebel, o material Cuisenaire e os algarismos móveis.

Em História e Geografia de Portugal, os alunos falaram sobre a vida quotidiana na corte de D. Dinis.

De volta ao nosso JE, assistimos à aula de Língua Portuguesa, onde a professora começou por esclarecer dúvidas sobre o trabalho de casa. Depois, fez revisão das partes constituintes da notícia, e explorou a diferença entre notícia e reportagem. Para terminar, solicitou aos alunos que se juntassem em grupos e respondessem a questões presentes no manual.

### **Inferências**

Em relação à aula da colega K, considero que utilizou os materiais manipuláveis de forma excessiva: começou a aula utilizando o 5.º Dom de Fröebel e explorou as frações equivalentes, recorrendo às peças do material e, depois de realizar uma construção com os alunos, pediu que arrumassem o material e trabalhou com o Cuisenaire e com algarismos móveis. Penso que, uma vez que já tinha explorado o conteúdo da aula com um material e os alunos tinham entendido o conceito, podia ter passado logo para a explicação da escrita de frações equivalentes, no papel.

A aula foi dinâmica e as crianças estiveram sempre interessadas e participativas, mas o conteúdo que a colega deu era matéria nova para o teste de avaliação, que se iria realizar dois dias depois, e os alunos acabaram por não praticar com papel e lápis.

## **7 de março de 2012**

No primeiro tempo da manhã, os alunos realizaram um teste de avaliação, na área da Matemática.

Na aula de Ciências da Natureza que se seguiu, o professor fez uma breve revisão dos conteúdos dados anteriormente e as crianças passaram para o caderno uns resumos da matéria que o docente projetou no quadro interativo.

#### **14 de março de 2012**

Para hoje, estava marcada uma visita de estudo a Lisboa, pelo que, em vez de irmos para o JE n.º 1, esperámos pelos alunos ao pé do local da visita. Da parte da manhã, fomos ao “*Media Lab*”, serviço educativo do Diário de Notícias, onde visionámos um filme, assistimos a uma pequena apresentação em *powerpoint*, por parte de uma funcionária e, de seguida, os alunos foram divididos por grupos, de forma a criarem uma primeira página de jornal (figura 37).



Figura 37 – Alunos no “*Media Lab*”

Depois desta atividade, fomos de autocarro até Santos, onde almoçámos e aguardámos pela hora da segunda visita. À hora marcada, entrámos na Caravela Vera Cruz e assistimos a uma explicação sobre o funcionamento da caravela, mas também sobre os hábitos e tarefas dos marinheiros, no tempo dos Descobrimentos (figura 38). Antes de terminar a visita, a senhora que fez a explicação escolheu algumas crianças para se caracterizarem e realizarem uma pequena dramatização. No final, os alunos ainda tiveram tempo para explorar, livremente, a caravela.



Figura 38 – *Visita de estudo à Caravela Vera Cruz*

No fim, voltaram para o autocarro e seguiram viagem até ao JE.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Esta visita de estudo decorreu sem problemas pois todas as crianças se souberam comportar e estiveram muito curiosas e interessadas por tudo o que as rodeou. Tanto a atividade realizada na parte da manhã como a visita à caravela foram bastante estimulantes para os alunos.

No que diz respeito à visita à caravela, o Currículo Nacional do EB (M.E., 2001, p. 91), nas competências essenciais de História e Geografia de Portugal para o 2.º Ciclo, faz referência a várias experiências de aprendizagem fundamentais a pôr em prática com os alunos, nomeadamente: “O contacto/estudo directo com o património histórico-local nacional e regional/local, sobretudo artístico, arquitectónico e arqueológico, através de visitas de estudo/trabalho de campo com carácter de recolha, exploração e avaliação de dados.”.

Penso que esta visita foi, sem dúvida, uma mais-valia para os alunos, uma vez que puderam ver as condições em que viajavam os marinheiros, e como se desenrolavam as viagens de descoberta. E também uma mais-valia para mim, pois pude perceber com se prepara e como se organiza uma visita de estudo, mas também tomar consciência da responsabilidade e importância das mesmas. Para além disso, permitem uma maior aproximação com as crianças, fortalecendo a relação pedagógica.

**16 de março de 2012**

O dia começou com a aula de Matemática, durante a qual tanto a colega I como eu demos aula. Nos primeiros 45 minutos, abordei a “Comparação e Ordenação de números racionais e, nos outros 45 minutos, a colega abordou o tema: a fração como razão. Começámos por escrever o sumário e, de seguida, criei interatividade com os alunos, enquanto mostrava uma apresentação em *powerpoint* com a matéria da aula. No final, entreguei uma proposta de trabalho com exercícios, para consolidação da matéria dada. A colega também optou por utilizar a mesma estratégia.

Na aula de Ciências da Natureza foi, novamente, a nossa vez de dar aula. Iniciámos o estudo de um capítulo novo, as células. A colega H começou por conversar com os alunos sobre a forma como somos constituídos e, seguidamente, mostrou uma apresentação em *powerpoint* e evidenciou as diferenças entre as células animais e as células vegetais. Os alunos completaram a sua explicação com um esquema que fizeram no caderno. Depois, a colega I apresentou o microscópio e as suas partes constituintes e distribuiu uma proposta de trabalho. Por fim, foquei os cuidados a ter quando trabalhamos no laboratório e entreguei uma ficha informativa sobre como se deve proceder para realizar uma observação microscópica, bem como um protocolo experimental que realizei com os alunos, no laboratório da escola (figura 39).



Figura 39 – Aula no laboratório

### **Inferências e fundamentação teórica**

Na minha aula de Ciências da Natureza recorri, essencialmente, à metodologia de trabalho prático, mais especificamente, de trabalho laboratorial. Segundo Pedrinaci, Sequeiros e Garcia (1992, citados em Leite, 2001, p.80), o trabalho laboratorial “[...]”



inclui actividades que envolvem a utilização de materiais de laboratório (mais ou menos convencionais). Apesar de estes materiais também poderem ser usados nas actividades de campo, as actividades laboratoriais realizam-se num laboratório [...]”.

Quando dirigi os alunos para o laboratório, houve uma certa agitação, que foi rapidamente controlada. No entanto, penso que isto sucedeu, devido ao facto de ser a primeira vez que as crianças estavam no laboratório a realizar uma atividade experimental.

A planificação elaborada para esta aula encontra-se no Capítulo II – Planificações – na página 208.

## **20 de março de 2012**

Na aula de Matemática, a professora corrigiu os trabalhos de casa e, seguidamente, a colega H explicou a resolução de expressões numéricas com números racionais, tendo mencionado as regras de resolução das mesmas. No fim, entregou uma proposta de trabalho com exercícios de aplicação da matéria abordada na aula, a fim de verificar se os conteúdos foram adquiridos pelos alunos.

Na aula de Língua Portuguesa, a colega H começou por distribuir um texto, excerto da obra *O Príncipezinho*, de Antoine de Saint-Exupéry, e leu-o com as crianças. Depois de as ouvir a ler, colocou perguntas de interpretação e descodificou a mensagem presente no texto. De seguida, tanto a colega I como eu, entregámos uma proposta de trabalho com exercícios de análise gramatical.

### **Inferências e fundamentação teórica**

A literatura infantil e juvenil apresenta-se como um conceito complexo e controverso no que toca à sua definição. Desta forma, de acordo com Bicchonnier (1991, citada por Bastos, 1999), a literatura infantil é um termo vago, uma vez que abrange dois conceitos contrários:

[...] o mundo da literatura e o das crianças. Por literatura, entende-se geralmente escrita livre, inspirada, uma estratégia pessoal de autor, não tendo a preocupação de agradar a ninguém em particular. [...] É suposto o autor seguir o seu propósito sem se deixar desviar por qualquer compromisso.

Quando escrevemos para crianças, a estratégia é forçosamente muito diferente, uma vez que nos dirigimos a um público preciso, relativamente conhecido e cujo limite de idade costuma situar-se por volta dos 12 anos.

Acrescentar «para crianças» à palavra literatura acaba, de certa maneira, por evocar um outro género literário, uma outra fonte de escrita, adaptada a um público. (p.23)

Ainda sobre o mesmo assunto, Silva (1981, citado por Magalhães, 2009, p.125) define a literatura infantil como “um conjunto de obras artísticas que apresentam «convenções muito peculiares de ficcionalidade» [...]”.

Soriano (1975, citado por Magalhães, 2009, p.125), também definiu literatura infantil como “um conjunto de textos ficcionais que escritores adultos, num determinado espaço e tempos históricos, direccionam a um destinatário extratextual específico – a criança; [...]”. O mesmo autor refere ainda que a criança apenas dispõe de uma forma parcial das experiências da realidade e das estruturas linguísticas, intelectuais, afetivas e outras que caracterizam a idade adulta.

Assim, vários tipos de produções textuais podem ser incluídos na literatura infantil. Conforme afirma Magalhães (2009, p.126) “[...] o escritor ora inventa uma ficção para o público infantil, ora, [...] adapta/reescreve obras provindas quer do património oral, quer da tradição culta, anteriormente direccionadas a público adulto [...]”. Há ainda algumas obras para adultos que podem ser lidas pelas crianças; uma delas é a obra de Antoine de Saint-Exupéry que foi utilizada na aula.

Devo dizer que gostei muito da aula que a colega H, pela forma como leu o texto e como dirigiu a aula, estimulando os alunos a participarem e a darem a sua opinião, deixou-me fascinada. Constatei, também, que os alunos estavam interessados na aula, e com muita vontade de exprimir as ideias que o excerto do texto lhes transmitiu.

## **21 de março de 2012**

Na aula de Matemática, a professora começou por pedir a uma aluna para escrever o sumário no quadro e, posteriormente, entregou uma ficha de autoavaliação. Depois, resolveu exercícios de consolidação da matéria dada anteriormente e introduziu ainda algumas regras de resolução de expressões numéricas com frações.

O professor de Ciências da Natureza não pôde estar presente neste dia e, desta forma, pedi autorização para utilizar a sala de aula a fim de fazer um jogo com os alunos. O jogo que preparei chama-se “*Mickey Mouse*” e processa-se da seguinte forma:

- ✓ São necessárias tantas cadeiras quanto o número de jogadores, mais uma, e fazem-se duas equipas (normalmente, rapazes contra raparigas).
- ✓ Colocam-se as cadeiras em roda e marcam-se quatro cadeiras, seguidas, como sendo “especiais”.
- ✓ Os jogadores devem sentar-se, ocupando primeiro as cadeiras ditas especiais e intercalando os membros das equipas.
- ✓ São distribuídos papéis, onde estão escritos os nomes de personagens de filmes de animação, que os jogadores não devem mostrar a ninguém (figura 40). É colocada uma lista dos nomes das personagens num local visível para todos os jogadores.

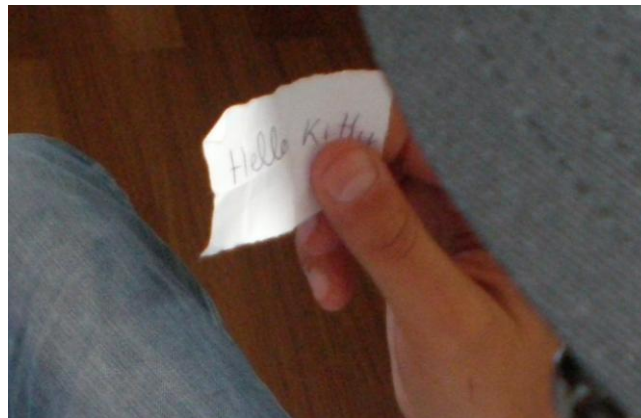


Figura 40 – Jogo do Mickey Mouse (pormenor)

- ✓ O jogador que tem a cadeira vazia do seu lado direito começa o jogo, chamando uma personagem para se vir sentar nessa mesma cadeira.
- ✓ Quando o jogador que mudou de lugar se senta, deve trocar de papel com o que o chamou, passando a ser a personagem que o outro tinha.
- ✓ O jogo continua, sendo sempre a pessoa que tem uma cadeira vazia do seu lado direito a chamar uma personagem (figura 41).



Figura 41 – Jogando ao "Mickey Mouse"

O objetivo do jogo é uma das equipas conseguir sentar nas cadeiras ditas especiais quatro membros da sua equipa.

### **Inferências**

Quando os alunos souberam que o professor de Ciências da Natureza não vinha dar aula, quiseram ficar no exterior a brincar. Uma vez que era o último dia de estágio, e que sabíamos que o professor DA não vinha, pedimos-lhe para realizar um jogo com as crianças, durante o período da sua aula e ele acedeu.

Ao início, os rapazes não queriam vir para a sala mas, depois de os ter deixado ficar no recreio mais cinco minutos do que o previsto, os alunos subiram e expliquei as regras do jogo. As crianças gostaram tanto que, depois de terem jogado uma primeira vez, perguntaram se podiam repetir, pois ainda faltava algum tempo para a aula seguinte, ao que acedi.

A secção que se segue diz respeito ao período de Estágio Profissional que foi realizado no 4.º Ano, do 1.º Ciclo do EB, no mesmo Jardim-Escola João de Deus de Lisboa.

## **1.8. 8.ª Secção – 4.º Ano (Bibe Azul escuro)**

Período de estágio de 10 de abril a 22 de junho de 2012. 1.º Ciclo do EB, Professora AO.

### **1.8.1. Caracterização da Turma**

A turma do 4.º Ano é constituída por 17 alunos: 9 do sexo feminino e 8 do sexo masculino.

De acordo com as informações fornecidas pela professora da turma, posso referir que em termos socioeconómicos, a turma caracteriza-se entre o nível médio e o nível médio alto, tendo em conta que, na maioria das famílias, os pais possuem curso superior e exercem-no na sua profissão. Em termos culturais, é uma turma interessada no ambiente que a rodeia e na sua maior parte estimulada pelos familiares.

Em termos de comportamento em sala de aula, é uma turma conversadora, o que por vezes dificulta o decorrer das aulas. Por outro lado, o facto de alguns elementos da turma demonstrarem dificuldades na área da Matemática, acaba por levar a situações pontuais de desinteresse e falta de atenção.

Na turma, há uma criança que beneficia de apoio individualizado, fora da sala de aula, com uma psicóloga, que faz medicação para o Défice de Atenção e uma outra medicada para a Hiperatividade.

### **1.8.2. Caracterização do Espaço**

A sala do 4.º Ano é relativamente espaçosa; mas, o facto de a turma ser apenas constituída por 17 alunos também contribui para haver mais espaço na sala. Existe um quadro interativo e outro de giz. Na sala, há armários, onde a professora arruma os materiais e os dossiês dos alunos, e as secretárias individuais dos alunos e a da professora. A professora dispõe de material manipulável (algarismos móveis, palhinhas...) que pode ser usado pelos alunos, para diversificar as metodologias usadas. As figuras 42 e 43 mostram a sala de aula do 4.º Ano.



Figura 42 – Sala de aula do 4.º Ano



Figura 43 – Outra perspetiva da sala de aula do 4.º Ano

Desde meados de fevereiro, a professora trouxe um coelho, a “Cookie”, para a sala. O animal em questão encontra-se dentro de uma gaiola, no fundo da sala.

### 1.8.3. Rotinas

As rotinas diárias destes alunos seguem o horário elaborado no início do ano letivo, que será apresentado mais à frente, e são iguais às rotinas seguidas pelos outros alunos do 1.º Ciclo, do Jardim-Escola João de Deus de Lisboa.

Quando chegam à escola, as crianças esperam até às 9 horas, no ginásio ou no recreio, dependendo das condições climatéricas. Por volta dessa hora, uma professora de cada ano vai buscar as duas turmas e conduz as crianças à casa de banho, levando-as, depois, para as respetivas salas. Aí, cada turma segue o plano das

atividades planeadas para esse dia, até cerca das 11 horas, quando as professoras distribuem o lanche e levam os alunos para o recreio, que dura 30 minutos.

Antes de voltarem para a sala, os alunos vão, novamente, à casa de banho e, posteriormente, continuam as atividades nas respetivas salas. Às 13 horas, as crianças descem para almoçar, passando antes na casa de banho para lavarem as mãos. O intervalo de almoço tem a duração de 1h 30m.

Às 14h 30m, os alunos regressam às salas de aula, com as respetivas professoras, e realizam outras atividades. Às 17 horas, uma auxiliar traz o lanche da tarde e os alunos lancham na sala, antes de descenderem para o salão, local onde ficam a aguardar a chegada dos Encarregados de Educação.

#### 1.8.4. Horário

Seguidamente, no quadro 11, apresento o horário desta turma, fornecido pela professora da sala. É de notar que as áreas de Língua Portuguesa e Matemática têm uma carga horária semanal maior do que as restantes áreas.

Quadro 11 – Horário do 4.º Ano

	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h00m 10h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h00m 11h00m					
11h00m 11h30m					
11h30m 13h00m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13h00m 14h30m	- - - Almoço/Recreio - - -				
14h30m 15h30m	Inglês	História de Portugal	História de Portugal	História de Portugal	Estudo do Meio
15h30m 16h30m	Clube de Ciências	Música	Educação Física	Informática/ Biblioteca	Expressão Plástica
16h30m 17h00m	Orquestra	Estudo do Meio	Assembleia	Estudo do Meio	
17h00m	----- Lanche -----				

\* Programação conjunta – 3.ª feira, das 15h20m às 16h00m

\* Atendimento aos Encarregados de Educação – 2.ª feira das 14h30m às 15h20m

\* O Estudo Acompanhado é dado sempre que necessário, durante as diferentes áreas curriculares.

Neste período de estágio, o grupo foi constituído pela colega H e por mim.

### **1.8.5. Relatos diários**

#### **10 de abril de 2012**

Neste primeiro dia de estágio no 1.º Ciclo, a professora começou por conversar com as crianças acerca das suas férias da Páscoa, pediu também que contassem um episódio divertido que tivesse acontecido durante as mesmas e, depois de ouvir todos os alunos, explicou algumas das atividades que iriam acontecer no 3.º período, relembrou as regras de sala de aula e acrescentou que faltava muito pouco tempo para irem para o 5.º Ano e que, por isso, queria trabalhar com alunos muito crescidos.

Seguidamente, e durante o resto do dia, em conjunto com as crianças, a professora fez a correção do trabalho de casa: provas de aferição de Matemática e Língua Portuguesa (de outros anos), propostas de trabalho sobre potências e sobre números complexos.

#### **Inferências**

O primeiro contacto com a turma foi positivo, apesar de não ter havido uma grande interação com as crianças pois estiveram sempre a trabalhar, e nós a assistir.

No entanto, gostei muito da forma como a professora falou com a turma no início do dia, pois o facto de ter frisado que estavam quase a ir para o 5.º Ano e valorizar o bom comportamento dos alunos, fez com que as crianças ficassem orgulhosas de si próprias, e também aumentou a sua autoestima.

#### **13 de abril de 2012**

Os alunos começaram por fazer uma Prova de Aferição de Matemática, de anos anteriores, como treino para a prova que se aproxima. Depois do intervalo, as crianças, em conjunto com a professora, corrigiram outra Prova de Aferição, desta vez de Língua Portuguesa.

Após o almoço, tiveram a aula de História de Portugal, onde fizeram uma revisão da matéria dada anteriormente, as Invasões Francesas. Por volta das 16h, os alunos tiveram aula de Informática na sala, durante a qual elaboraram uma apresentação em *powerpoint* sobre a matéria dada na aula de História de Portugal.



## **Inferências e fundamentação teórica**

Durante a manhã, tanto as minhas colegas, como eu, estivemos apenas a assistir à aula, uma vez que as crianças estiveram sempre a trabalhar autonomamente, pelo que o contacto com os alunos foi quase nulo.

Da parte da tarde, só na aula de Informática é que a professora nos pediu que ajudássemos as crianças com os seus computadores. O Currículo Nacional do EB (ME, 2001) refere alguns aspetos importantes no que diz respeito à Educação Tecnológica:

A educação tecnológica, no âmbito da formação para todos, integra uma forte componente educativa, orientada para a cidadania activa, com base no desenvolvimento da pessoa enquanto cidadão participativo, crítico, consumidor responsável e utilizador inteligente das tecnologias disponíveis. [...] As actividades humanas visam criar, inventar, conceber, transformar, modificar, produzir, controlar e utilizar produtos ou sistemas. Podemos dizer, genericamente, que estas acções correspondem a intervenções de natureza técnica, constituindo a base do próprio processo tecnológico. (pp. 192-193)

É importante que as crianças, que contactam desde cedo com a tecnologia, sejam educadas, de forma a tornarem-se cidadãos capazes de integrar a sociedade, cada vez mais tecnológica, do futuro.

### **17 de abril de 2012**

Para hoje estava agendada a aula de manhã inteira da estagiária Q, do 1.º Ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo. Os temas que abordou foram: os quantificadores existenciais, em Língua Portuguesa; a passagem de números complexos para números incomplexos, na área da Matemática; a emigração, para a área de Estudo do Meio.

Da parte da tarde, os alunos arrumaram os trabalhos nos respetivos dossiês e tiveram a aula de Expressão Plástica.

## **Inferências**

Fiquei agradavelmente surpreendida com a aula que a colega Q deu, uma vez que decorreu muito bem: a estratégia utilizada foi a correta, fez uma boa gestão do tempo e foi disciplinadora. Fiquei surpreendida pelo facto de ser a sua primeira aula no 1.º Ciclo. Apesar de ter sido uma boa aula, a estagiária ainda não estava segura e confiante com os conteúdos científicos.

**20 de abril de 2012**

Hoje, a estagiária R, também do 1.º Ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo, deu a aula de manhã inteira. Os temas que lhe tinham sido propostos foram: Voz ativa e voz passiva, na área da Língua Portuguesa; passagem de números incomplexos para números complexos, em Matemática; e, para a área do Estudo do Meio, os Países Lusófonos. A estagiária abordou os temas por esta ordem.

Depois do almoço, deram-se as nossas aulas de História de Portugal assistidas por uma professora da Equipa de Supervisão Pedagógica. Primeiro, a colega H falou sobre o reinado de D. Pedro IV e, de seguida, abordei o reinado de D. Miguel e a Guerra Civil.

### **Inferências**

Tal como já tinha acontecido anteriormente, desta vez, também fiquei agradavelmente surpreendida pelas aulas dadas pela colega R. Considero que foram boas aulas, uma vez que as estratégias utilizadas funcionaram muito bem e as crianças estiveram sempre interessadas e participativas. A colega também foi disciplinadora, facto que contribuiu para que tudo decorresse da melhor forma.

Em relação às nossas aulas assistidas, posso afirmar que estava um pouco nervosa, por ser a minha primeira aula naquela turma e ainda não conhecer bem os alunos. No entanto, apesar do nervosismo, ambas as aulas decorreram sem problemas e obtiveram *feedback* positivo.

**24 de abril de 2012**

Durante toda a manhã, as crianças realizaram uma Prova de Aferição de Língua Portuguesa, de anos anteriores, como treino para a que vão realizar. Antes do almoço, a professora reservou algum tempo para que explicássemos de que forma se iria suceder a visita de estudo que tínhamos planeado para a parte da tarde.

Depois do almoço, fizemos uma visita de estudo com as crianças ao Museu Nacional do Traje e da Moda. A figura 44 apresenta uma das fotografias tiradas à porta do museu, no início da visita.



Figura 44 – 4.º Ano A à porta do Museu do Traje e da Moda

### **Inferências e fundamentação teórica**

Esta visita de estudo surgiu no âmbito da Unidade Curricular de Investigação e Metodologia da Aprendizagem da História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo, da Escola Superior de Educação João de Deus, lecionada pelos docentes Teresa Botelho e Pedro Oliveira. Depois de nos dividirmos por grupos de estágio, foi-nos atribuído um museu nacional, com o objetivo de elaborarmos uma visita de estudo para a turma onde estamos a realizar o Estágio Profissional IV.

Uma vez que, na área de História de Portugal, os alunos estavam a estudar o período das Invasões Francesas, esta visita constituiu uma oportunidade para as crianças verem não só o vestuário utilizado nessa época, mas também a evolução do mesmo, até aos nossos dias.

Sobre as visitas de estudo no âmbito da área de História de Portugal, Fabregat e Fabregat (1991) afirmam que

A visita ao museu supõe o contacto directo com a arte, imprescindível para a sua perfeita captação. [...] O contacto com a arte apresentar-se-á como necessidade formativa. Se o museu está dedicado à pintura, escultura ou restos arqueológicos, a realização da visita adquire características imperativas, não podendo, por isso, deixar de a realizar. (p. 101)

Neste caso, o museu que visitámos não tem núcleo educativo. Sobre este assunto, os mesmos autores defendem

No caso de se tratar de um museu onde não exista este departamento pedagógico, será trabalho da equipa docente a elaboração de questionários, bem como a preparação das explicações que se pense dar. Para isso, realizar-se-á um estudo prévio do material e se for necessário uma selecção do mesmo. (p. 102)

Foi exatamente o que defendem os autores acima citados que nós fizemos: fomos várias vezes ao museu para recolher as informações necessárias e elaborámos

um questionário, cujas respostas os alunos tinham que procurar ao longo da visita. Para tornar a mesma mais lúdica, dividimos as crianças por pares e realizámos uma caça ao tesouro, dentro do museu, através do questionário.

Em relação à realização da visita, propriamente dita, penso que decorreu da forma como a tínhamos planeado, exceto o facto de o autocarro ter avariado antes de nos vir buscar, no final da visita; problema que foi rapidamente resolvido, uma vez que levámos as crianças até ao jardim botânico do museu, enquanto esperávamos pelo autocarro.

No final da visita, também realizámos uma breve avaliação (anónima) da mesma, a fim de verificar se os alunos tinham ou não gostado da atividade que propusemos. Numa cartolina, os alunos tinham que colocar um ponto no local que considerassem mais adequado, tendo em conta a sua opinião em relação à visita, sendo que a área verde correspondia ao “Sim” ou a uma resposta afirmativa, e a área encarnada dizia respeito ao “Não” ou a uma resposta negativa.

A figura 45 mostra o resultado da avaliação realizada pelos alunos, no museu, no final da visita.

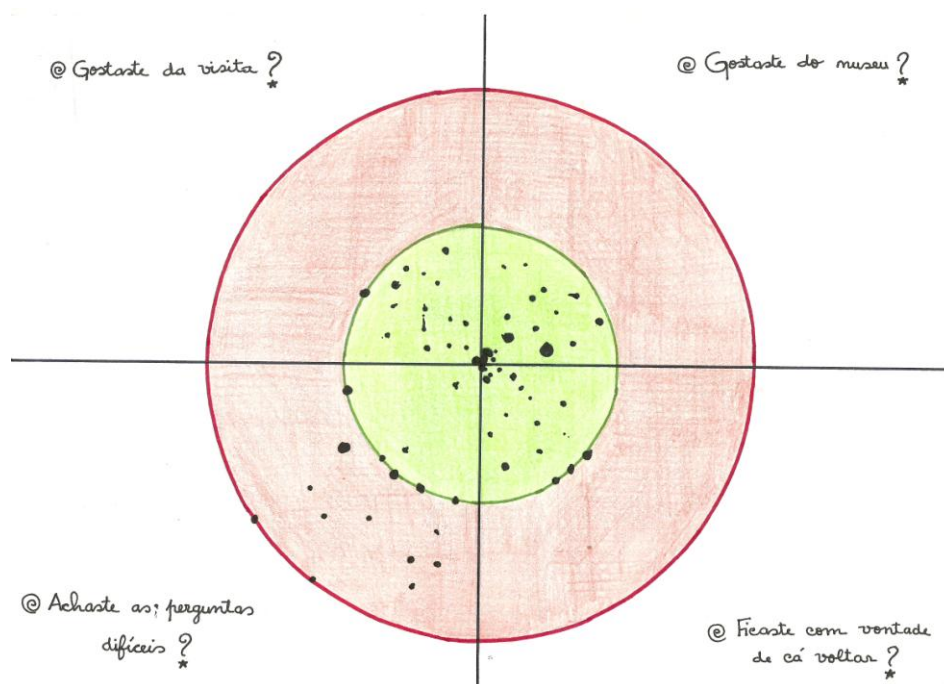


Figura 45 – Avaliação realizada pelos alunos no final da visita

Através da análise da figura, é possível verificar que os alunos gostaram da visita e ficaram com vontade de voltar ao museu. Queria, também, referir que alguns

dias depois, a professora confessou que as crianças se sentiram muito bem por lhes termos dado a liberdade de circularem sozinhas pelo museu e de as termos deixado explorar o mesmo livremente (apesar de estarem a ser vigiadas por nós, pelos nossos colegas de turma, pela professora da sala e pela professora da unidade curricular).

## **27 de abril de 2012**

Neste dia, a colega H deu a sua primeira aula de manhã inteira. Os conteúdos que abordou foram: os quantificadores universais, em Língua Portuguesa; as unidades de massa, na área da Matemática; e experiências com ar, na área de Estudo do Meio.

A H começou por distribuir uma receita de gomas, e leu-a com os alunos, seguidamente distribuiu uma proposta de trabalho, que os alunos preencheram, com a sua ajuda. Depois, elaborou a receita que tinha distribuído e deu a aula de Matemática, apoiando-se numa apresentação em *powerpoint*. Usou também um *site*, disponível na Internet, onde é possível introduzir a nossa massa corporal e verificar o peso nos vários planetas e nalguns astros. Para terminar a manhã, a estagiária distribuiu e realizou um protocolo experimental.

Da parte da tarde, enquanto as crianças preenchiam um texto lacunar sobre a matéria de História de Portugal, dada anteriormente, a professora comentou a aula da colega.

### **Inferências**

Para esta aula, notei que a colega não se preparou com grande rigor. Apesar de não ter dado nenhum erro científico, e de ter realizado tudo o que tinha planeado, não trouxe todos os ingredientes necessários para a receita; no entanto, conseguiu improvisar e a mesma resultou. A H também manteve a disciplina, foi dinâmica e conseguiu cativar os alunos, que estiveram sempre interessados e participativos.

## **4 de maio de 2012**

Neste dia dei a minha primeira aula de manhã inteira. Os conteúdos que abordei foram: na área da Matemática, o volume dos prismas; na área da Língua Portuguesa, as formais verbais não finitas; e, na área de Estudo do Meio, uma atividade experimental.

Comecei a manhã abordando a área da Matemática: distribuí prismas de esferovite pelos alunos e explorei as características desses sólidos, e de que forma se calcula o seu volume. Depois realizei exercícios de aplicação com as crianças. Seguidamente, passei para a aula de Língua Portuguesa: solicitei a ajuda do chefe de material para distribuir um texto, li o mesmo e coloquei perguntas de interpretação e exploração do texto.

Depois do intervalo, desenvolvi o tema da aula através de uma apresentação em *powerpoint*, enquanto as crianças iam acompanhando, preenchendo uma proposta de trabalho. Para terminar a manhã, distribuí um protocolo experimental e realizei-o, em conjunto com os alunos, como mostram as figuras 46 e 47.



Figura 46 – Realizando o protocolo experimental



Figura 47 – Circuito já montado

### Inferências

Estava um pouco nervosa antes de dar esta aula, por ser a primeira nesta turma, no entanto, tudo decorreu bem.

Porém, se voltasse a dar esta aula, mudava uma estratégia: elaborava um suporte escrito, no qual me pudesse apoiar para dar a aula de Matemática, pois penso que demorei algum tempo a chegar aos alunos e a fazê-los perceber o conceito que quis explicar.

## **8 de maio de 2012**

Tanto na parte da manhã, como na parte da tarde, as crianças realizaram e corrigiram Provas de Aferição de anos anteriores. Antes de saírem para almoçar, a professora verificou se todos os alunos tinham o material necessário para realizarem as Provas. No final do dia, ajudámos a professora a tapar, com papel de cenário, as paredes da sala, uma vez que estas estão decoradas com elementos alusivos a conteúdos aprendidos ao longo do ano, que não poderiam ser utilizados para ajudar os alunos na realização das Provas de Aferição.

### **Inferências**

Desde que começou novamente o estágio no 1.º Ciclo, e excluindo os dias em que as estagiárias deram aulas, penso que não foi uma mais-valia para nós termos mudado de local de estágio, uma vez que apenas estivemos a assistir, pois os alunos estavam a ser preparados para as Provas de Aferição. Considero que, se tivéssemos ficado no 2.º Ciclo, pelo menos até à data dessas provas, tínhamos tido mais tempo para dar aulas, facto que teria sido benéfico para nós.

## **11 de maio de 2012**

Hoje, os alunos realizaram a Prova de Aferição de Matemática. No entanto, por razões de saúde, não me foi possível comparecer neste dia de Estágio Profissional.

## **15 de maio de 2012**

Para hoje estava marcada a segunda manhã de aulas da colega H. Os conteúdos que lhe foram propostos foram: as palavras parónimas, na área de Língua Portuguesa; o volume do cilindro, em Matemática; e o reinado de D. Pedro V, para História de Portugal. Assim, a estagiária começou por distribuir um texto, fazer a leitura modelo do mesmo e pedir às crianças para ler; depois, fez perguntas de interpretação e algumas de análise gramatical. De seguida, mostrou uma apresentação em *powerpoint* a fim de desenvolver o tema da aula.

Seguidamente, passou para a área da Matemática, fazendo interdisciplinaridade com a de Língua Portuguesa. Relembrou a fórmula de cálculo do volume dos prismas e distribuiu uma proposta de trabalho com situações

problemáticas. Apoiando-se numa apresentação em *powerpoint*, levou as crianças a chegar à fórmula de cálculo do volume do cilindro.

Por fim, distribuiu um texto lacunar e falou sobre o reinado de D. Pedro V, tendo como suporte uma apresentação em *powerpoint*.

Da parte da tarde, os alunos concluíram o estudo do reinado de D. Maria II.

### **Inferências**

No que diz respeito à aula da colega, posso afirmar que senti uma grande evolução em relação à aula anterior, uma vez que, para este dia, teve o cuidado de elaborar todos os materiais com antecedência, o que fez com que a própria estivesse mais à vontade e segura de si.

### **18 de maio de 2012**

Hoje foi a segunda vez que dei a aula de manhã inteira, nesta turma. Os temas que me foram propostos foram os seguintes: na área da Matemática, a multiplicação e divisão de potências com a mesma base; na de Língua Portuguesa, a conjugação pronominal; e para a área de História de Portugal, o reinado de D. Luís. Os temas foram abordados por esta ordem.

Comecei por distribuir as caixas com algarismos móveis (grandes e pequenos). Seguidamente, através de uma apresentação em *powerpoint*, relembrei o conceito de potência e iniciei o tema da aula. No decorrer da mesma, solicitei aos alunos que representassem sob forma de potência algumas expressões que apresentei, de forma a aplicarem as regras que tinham aprendido (figuras 48 e 49).



Figura 48 – Aula de Matemática





Figura 49 – Representação de potências com algarismos móveis

Ainda durante a aula de Matemática, os alunos questionaram como procediam caso as bases fossem diferentes e o expoente igual, e eu expliquei-lhes.

Depois de arrumarem o material, solicitei a ajuda do chefe de material para distribuir um texto, que li de seguida. Após ter ouvido as crianças a ler, tirei dúvidas de vocabulário e coloquei perguntas de interpretação. Depois do intervalo, pedi a um aluno para fazer um resumo do texto e desenvolvi o tema da aula, através de uma apresentação em *powerpoint*, ao mesmo tempo que os alunos iam preenchendo uma ficha com frases lacunares acerca da matéria dada.

Para finalizar a manhã, dei aula de História de Portugal, onde falei do reinado de D. Luís. Utilizei novamente uma apresentação em *powerpoint* e, para terminar a aula, os alunos preencheram um texto lacunar (figura 50), sobre o monarca.



Figura 50 – Proposta de trabalho na área da História de Portugal

Da parte da tarde, as crianças preencheram um texto lacunar sobre os reinados de D. Maria II e D. Pedro V, apoiando-se no manual para o fazer. Por volta das 16 horas, tiveram a aula de Informática, na sala de aula.

## **Inferências**

Se voltasse a dar esta aula, não mudaria nada, em termos de estratégia. Penso que as estratégias que adotei funcionaram muito bem, pois os alunos perceberam todos os conteúdos que abordei. Considero também que pelo facto de ter a sorte de as poder dar e aplicar, estou a crescer profissionalmente, apesar de ter bem consciente que ainda tenho muito para aprender.

### **22 de maio de 2012**

Hoje, os alunos começaram por corrigir os trabalhos de casa, a fim de realizarem revisões para a ficha de avaliação de Matemática. Após o intervalo, a professora distribuiu uma proposta de trabalho e os alunos efetuaram um exercício ortográfico e caligráfico.

Da parte da tarde, as crianças utilizaram o manual e preencheram, em conjunto com a professora, um quadro com as diferenças entre o meio rural e o meio urbano.

## **Inferências**

Quanto ao dia de hoje, gostaria de referir que o contacto com os alunos foi quase nulo, uma vez que estes estiveram sempre a trabalhar e que passámos o dia, no fundo da sala, apenas a observar. Tenho pena, pois tinha a ideia de que este período de estágio iria ser mais desafiante e proveitoso do que está a ser, na realidade.

Teria sido positivo consultarmos, por exemplo, o projeto educativo, as planificações da professora, as grelhas de avaliação, ou mesmo visualizarmos as grelhas de correção dos exercícios ortográficos e das composições, entre outros.

### **25 de maio de 2012**

Para hoje estava marcada a minha aula assistida pelas professoras da Equipa de Supervisão da Prática Pedagógica. Às 9h 40m, a minha colega H e eu fomos assistir à aula da colega G, no outro 4.º Ano. A G começou por distribuir e ler um texto, que depois explorou e fez perguntas de análise gramatical. Seguidamente, passou

para a aula de História de Portugal, onde abordou o reinado de D. Carlos I. Para finalizar a aula, a estagiária falou sobre a média aritmética.

Às 11h, foi a minha vez de dar a aula. Depois de ler o texto que já tinha distribuído previamente, tirei dúvidas de vocabulário e coloquei perguntas de interpretação. De seguida, e fazendo interdisciplinaridade, abordei o reinado de D. Carlos I. Depois, voltei ao texto e realizei exercícios gramaticais. Para terminar a aula, abordei o tema da área da Matemática: a mediana; através de uma apresentação em *powerpoint*.

Da parte da tarde, os alunos preencheram um texto lacunar sobre o reinado de D. Luís e, de seguida, tiveram aula de Informática na sala de aula, durante a qual realizaram trabalhos com o programa *powerpoint*.

### **Inferências**

Sobre a aula da colega G, penso que esta deveria ter sido mais dinâmica e ter estimulado mais a participação dos alunos. Penso que a minha colega não geriu o tempo da melhor forma, uma vez que deu 30 minutos de Língua Portuguesa, 20 minutos de História de Portugal e apenas 10 minutos de Matemática. No entanto, creio que não deu erros científicos e foi disciplinadora.

Acerca da minha aula, tal como aconteceu na minha última aula de manhã inteira, senti-me muito bem no decorrer da mesma, os alunos participaram e estiveram atentos e interessados. A estratégia que utilizei resultou muito bem, uma vez que recorri à interdisciplinaridade, o que me permitiu fazer uma boa gestão do tempo, dando todos os conteúdos que me foram propostos.

### **29 de maio de 2012**

Este dia começou com a aula assistida da minha colega H, por uma professora da Equipa de Supervisão da Prática Pedagógica. Ela leu um texto cujo tema estava relacionado com a matéria de História de Portugal, e colocou perguntas de interpretação. De seguida, mostrou uma apresentação em *powerpoint* e desenvolveu o tema de História de Portugal: a Implantação da República. Voltou novamente ao texto e fez exercícios de análise gramatical. Por fim, utilizou outra apresentação em *powerpoint*, para falar sobre a média aritmética.

Após a aula da H, fui assistir à aula de outra colega, a K, no outro 4.º Ano, também esta avaliada por uma professora da Equipa de Supervisão da Prática Pedagógica. Depois de distribuir um jornal, elaborado por ela, leu uma notícia, explorou a mesma e colocou perguntas de análise gramatical. Seguidamente, e continuando com o mesmo material, pediu aos alunos que abrissem um envelope com imagens e que as fossem colando no jornal, à medida que, através de uma apresentação em *powerpoint*, desenvolvia o tema de História de Portugal: as medidas da 1.ª República. No final, a colega K explicou o diagrama de caule-e-folhas, na área da Matemática.

Da parte da tarde, os alunos sublinharam alguns parágrafos no manual e responderam a um questionário de História de Portugal, sobre os reinados que já tinham estudado anteriormente, com base nos parágrafos sublinhados.

### **Inferências**

Acerca da aula da colega H, posso dizer que gostei bastante da estratégia que utilizou, uma vez que fez interdisciplinaridade entre as áreas de História de Portugal e Língua Portuguesa. Estes alunos gostam, particularmente, da área de História de Portugal, pelo que estiveram sempre interessados e participativos. A H fez uma boa gestão do tempo e foi disciplinadora.

Sobre a aula da colega K, considero que o material que esta elaborou era muito interessante, apesar de ter alguns erros, no entanto, penso que não fez a melhor exploração do mesmo. A K não fez uma boa gestão do tempo, pois demorou muito na área de Língua Portuguesa e de História de Portugal, pelo que dispôs apenas de cinco minutos para dar a área da Matemática.

### **1 de junho de 2012**

Os alunos começaram o dia respondendo ao resto do questionário de História de Portugal, de forma a fazerem revisões para o teste. Depois, a professora fez o “Jogo da Teia” para consolidar a matéria do questionário. Para este jogo, a professora entrega um novelo de lã a uma das crianças e faz-lhe uma pergunta; se a mesma responder corretamente, desenrola um pouco o novelo, dá uma volta no dedo e passa o novelo a um colega. A professora faz uma nova pergunta à criança que recebeu o novelo. Ao longo do jogo, e à medida que as crianças vão respondendo às perguntas

e o novelo vai sendo desenrolado e passado de aluno para aluno, a lã vai formando uma “teia”, onde todos os alunos estão incluídos, uma que vez, ao acertarem na resposta, devem ficar com um pouco de lã na mão e passar o novelo a um colega.

Após o intervalo, as crianças abordaram uma matéria nova: frases simples e frases complexas. Para isso, a professora distribuiu uma proposta de trabalho que resolveu em conjunto com os alunos, e também falou sobre as conjunções coordenativas.

Da parte da tarde, a professora distribuiu outra proposta de trabalho e iniciou, com as crianças, outro conteúdo novo: as percentagens. Por volta das 16 horas, os alunos foram para o recreio, brincar nos insufláveis.

### **Inferências**

Apesar de ser o Dia Mundial da Criança, os alunos iniciaram duas matérias novas. A meu ver, penso que foi um pouco excessivo, visto que todos os outros alunos fizeram atividades lúdicas durante o dia. Notei que as crianças não estavam muito concentradas nas aulas, pelo que a professora teve que lhes chamar a atenção inúmeras vezes.

No entanto, no final do dia, as crianças foram brincar para os insufláveis e criaram-se momentos de grande cumplicidade entre a professora e os alunos.

### **5 de junho de 2012**

Quando chegaram à sala, as crianças corrigiram o trabalho de casa, que consistia na criação de frases complexas, nomeadamente orações coordenadas. Depois, a professora distribuiu um texto, leu-o e pediu aos alunos para o lerem. De seguida, colocou perguntas de interpretação e distribuiu uma proposta de trabalho com exercícios gramaticais. Ainda da parte da manhã, os alunos iniciaram um novo tema: a proporcionalidade direta.

Depois do almoço, as crianças terminaram a proposta de trabalho de Matemática e fizeram revisões para o teste de Estudo do Meio.

**8 de junho de 2012**

Os alunos começaram por realizar uma proposta de trabalho, na área da Matemática, com exercícios de aplicação sobre a matéria dada anteriormente. Depois, antes do intervalo, a professora iniciou um novo tema, na área da Língua Portuguesa: Discurso direto e discurso indireto.

Da parte da tarde, na área de Estudo do Meio, os alunos falaram sobre a complementaridade entre o campo e a cidade, apoiando-se no manual. Antes de irmos embora, a professora mostrou uma apresentação em *powerpoint* e falou sobre a proclamação da República, na área de História de Portugal.

**12 de junho de 2012**

Uma vez que os alunos do 4.º Ano estavam na viagem de finalistas, passámos este dia na sala do 3.º Ano. Depois do acolhimento, o professor pediu para irmos buscar o material matemático 5.º Dom de Fröebel, uma vez que a estagiária R ia ter uma aula surpresa.

Para começar, a R utilizou as peças do material para abordar as frações equivalentes. De seguida, contou uma pequena história e realizou a construção do poço (figura 51), utilizando o material distribuído, tendo feito uma situação problemática que envolveu soma de frações com o mesmo denominador.

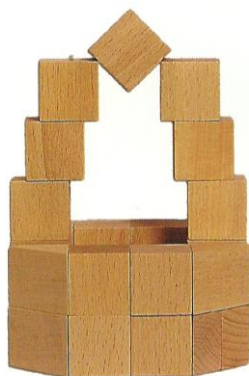


Figura 51 – Construção do poço com o 5.º Dom de Fröebel

Para terminar, a estagiária ajudou as crianças a arrumarem o material. Antes do intervalo, os alunos escreveram os sumários do dia, realizaram exercícios de análise gramatical e fizeram um exercício ortográfico.

Depois do intervalo, as crianças realizaram divisões, com 3 e 4 algarismos no divisor.

Da parte da tarde, os alunos tiveram a aula de Música e, de seguida, juntaram-se em grupos para realizarem os trabalhos sobre a matéria de História de Portugal que tinham estado a estudar.

### **Inferências**

Fiquei agradavelmente surpreendida com a aula que a colega R deu, pois decorreu muito bem. Gostaria de referir que a estagiária não teve ainda nenhuma Unidade Curricular onde aprendessem a trabalhar os materiais manipuláveis para o 1.º Ciclo, pelo que a sua prestação, a meu ver, deve ser ainda mais valorizada.

Gostei muito de estar nesta sala, pois fomos muito bem recebidas pelo professor titular. Também gostei muito de ver uma aula de Matemática com materiais manipuláveis, porque já não via há muito tempo. Apesar de não conhecer os alunos desta turma, uma vez que quando estive no 2.º Ano, no ano letivo anterior, estive com a outra turma, as crianças lembravam-se de nós e vieram pedir-nos ajuda aquando da realização dos trabalhos na área de História de Portugal.

### **15 de junho de 2012**

Hoje, o dia começou com a correção do trabalho de casa e com revisões para o teste de avaliação de Língua Portuguesa, bem como o esclarecimento de dúvidas para o mesmo. Depois do intervalo, as crianças corrigiram uma proposta de trabalho, da semana anterior, com exercícios de aplicação da área da Matemática.

Após o almoço, a professora criou interatividade com os alunos e fez a revisão dos cuidados a ter durante a exposição solar. Depois, passou para a área da História de Portugal e, apoiando-se numa apresentação em *powerpoint*, abordou as medidas da 1.ª República e a Constituição de 1911, enquanto os alunos sublinhavam, no manual, alguns parágrafos mais importantes sobre esse mesmo conteúdo.

### **Inferências e fundamentação teórica**

Já anteriormente, a professora nos tinha explicado a sua estratégia para as aulas de História de Portugal: fala sobre os conteúdos com os alunos, mostrando uma apresentação em *powerpoint*; entrega um texto lacunar para que os alunos o

preenchem, recorrendo às informações presentes no manual; faz a leitura dos textos do manual e pede às crianças para sublinharem as partes mais importantes e, por fim, aplica um questionário.

Acerca deste assunto, Sanches (2001) explica que

Com a facilidade que hoje temos de aceder ao saber, a dificuldade está precisamente em saber selecionar o que é importante para aquele momento. Com a dificuldade de leitura que alguns dos nossos alunos apresentam é necessário ensiná-los a localizar a informação importante e a destacá-la para depois a utilizar. (pp. 68-69)

Mais à frente na sua obra, a mesma autora menciona estratégias que podem ser postas em prática, a fim de ajudar as crianças a estudar:

Na sala de aula tem de começar a organização do estudo a realizar. Principalmente para os mais jovens, nunca termine a sua aula sem fazer a síntese do que foi dado, localize com os alunos aquela matéria no manual, leia com eles o texto que o manual lhes propõe, faça-os sublinhar a cores diferentes. (p. 69)

É precisamente este tipo de estratégias que a professora desta sala utiliza nas aulas de História de Portugal e penso que as mesmas funcionam pois as crianças adquirem os conceitos com facilidade.

## **19 de junho de 2012**

Durante a manhã, até ao intervalo, as crianças realizaram uma ficha de avaliação de Língua Portuguesa. Após o recreio, as crianças corrigiram o trabalho de casa na área da Matemática e esclareceram dúvidas.

Da parte da tarde, as crianças responderam a um questionário com perguntas sobre a matéria de História de Portugal, dada anteriormente.

### **Inferências**

Uma vez que a Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional ficou marcada para dia 22 de junho, e que os alunos realizaram uma ficha de avaliação, a professora da sala permitiu que usássemos os nossos computadores para terminar os materiais para essa prova. Só da parte da tarde é que estivemos com os alunos e ajudámos alguns elementos na resolução do questionário.



Sendo que o Estágio Profissional chegou ao fim, gostaria de fazer um balanço de todo o percurso.

Analisando as estratégias e as propostas de trabalho que elaborei no início, e no final, do Estágio Profissional, considero que houve uma grande evolução da minha parte. Penso que, apesar de algumas contrariedades que encontrei ao longo deste momento da minha vida como estagiária, consegui evoluir enquanto futura docente.

Considerando que realizei o meu Estágio Profissional I, II, III e IV no 1.º Ciclo, no 2.º Ciclo e, por fim, novamente no 1.º Ciclo (4.º Ano), pude observar diferentes realidades. Em cada uma delas, encontrei aspetos positivos e negativos. No entanto, conhecer o desenvolvimento das crianças, dos 6 aos 12 anos, permite-me entender melhor o que as crianças são ou não capazes de fazer.

Assim, apercebi-me que o seu aproveitamento escolar depende de vários fatores. Não posso deixar de referir que a motivação, dos professores e dos alunos, e a relação pedagógica que se estabelece entre eles são, sem dúvida, uma mais-valia para todo o processo de ensino-aprendizagem. Um professor organizado e com bons níveis de conhecimento, também influenciará esse aproveitamento.

No capítulo II, irei apresentar as planificações que ajudam a promover o desempenho e o trabalho do professor.

Ao longo do estágio, tive oportunidade de observar modelos de professores e estratégias de ensino muito diferentes e, espero retirar, de cada uma, o que de melhor têm para oferecer. Também pude pôr em prática diversas ideias minhas e constatar que algumas funcionaram melhor do que outras. Todo este percurso foi, sem dúvida, uma aprendizagem.



## **CAPÍTULO 2 – Planificações**



O presente capítulo destina-se à análise da planificação, sendo que primeiramente me irei debruçar sobre a sua importância, bem como sobre as diferentes formas de planificar que considero relevantes, sempre sustentando a minha pesquisa com a opinião de diversos autores. Indispensável também é a referência ao modelo T de aprendizagem, visto ser o modelo de planificação utilizado nos Jardins-Escolas João de Deus.

O capítulo está dividido em três secções: na primeira inclui-se a fundamentação teórica do tema; na segunda secção, apresento duas planificações relativas ao 1.º Ciclo do EB (Matemática e Estudo do Meio); na terceira, estão inseridas as planificações do 2.º Ciclo do EB, quatro no total (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências da Natureza e História e Geografia de Portugal).

As planificações ostentadas dizem respeito a aulas dadas por mim, ao longo do Mestrado, na unidade curricular de Estágio Profissional I, II, III e IV. As mesmas foram elaboradas tendo em conta o ano de escolaridade e os conteúdos a abordar nas aulas, foram analisadas e debatidas com a professora titular de turma, e com as orientadoras da Equipa de Supervisão Pedagógica (aulas assistidas), sendo que a versão aqui exposta é a versão final das mesmas.

Posteriormente à apresentação de cada plano, farei uma breve reflexão crítica sobre os procedimentos utilizados, suportada pela opinião de diferentes autores.

## **2.1. Fundamentação teórica**

### **2.1.1. O que é a planificação?**

A planificação educativa, quando inserida na perspetiva escolar, é vista como a planificação de um determinado currículo. Assim sendo e segundo Vilar (1998, p. 11), o currículo é “um objecto social e histórico” porque traduz as condicionantes ligadas ao seu conceito, elaboração e desenvolvimento.

Desta forma, de acordo com Gairín (1990 citado por Vilar, 1998)

[...] a organização e desenvolvimento do currículo exige a ordenação de diferentes “realidades” [...] de uma forma dinâmica e a vários níveis. Supõe, na prática, uma delimitação do conjunto de protagonistas que participarão na sua configuração, assim como uma consideração sobre a sua forma de actuar. (p. 11)

Como tal, a planificação não consiste apenas na previsão ou antecipação de um curso de ação mas sim na tradução curricular de uma determinada política educativa, a fim de estabelecer uma forma de selecionar, ordenar e modificar o currículo dentro do sistema educativo (Gimeno, 1988, citado por Vilar, 1998, p. 12).

Por outro lado, de acordo com Zabalza (2000, p. 12), o currículo é “um conjunto dos pressupostos de partida, das metas que se deseja alcançar e dos passos que se dão para as alcançar; é o conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes, etc. que são considerados importantes para serem trabalhados na escola, ano após ano.”

Para finalizar a definição de currículo e conforme explicam Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 51), o currículo corresponde ao “plano estruturado de ensino-aprendizagem, incluindo objectivos ou resultados de aprendizagem a alcançar, matérias ou conteúdos a ensinar, processos ou experiências de aprendizagem a promover.”

Em concordância com Zabalza (2000), a escola apresenta-se como a unidade estrutural de referência para o currículo, pois traça as linhas gerais de adaptação do Programa às imposições do contexto social, institucional e pessoal, como também descreve as prioridades. No entanto, cabe ao professor concretizar essas conjeturas, como também é seu dever adotar as resoluções antes referidas.

Para que tal aconteça, torna-se imprescindível que o professor seja capaz de planificar as suas ações, mas também elabore, com tempo, os materiais de apoio às aulas, bem como diversifique as estratégias de ensino.

### **2.1.2. Finalidades da planificação**

Depois de explorar algumas definições sobre a planificação, gostaria agora de me debruçar sobre as finalidades da mesma, isto é, sobre o *porquê* e *para quê* planificar. Assim, Zabalza (2000, p. 47) expõe que planificar “trata-se de converter uma ideia ou um propósito num curso de acção”; mais à frente, o mesmo autor cita Escudero (1982) que explica igualmente que planificar:

Trata-se de prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projecto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos levar a cabo, um plano para as concretizar. (pp. 47-48)

Posso ainda acrescentar que para além das opiniões acima referidas, também Clark e Peterson (s.d. citados por Zabalza, 2000), descrevem a planificação como um conjunto de *processos psicológicos* elementares que nos permitem visualizar ações futuras, fazer um inventário de finalidades e métodos e, construir pontos de referência que dirigem as nossas ações.

Sobre a questão *para quê planificar?* Zabalza (2000, pp. 48-49) refere Clark e Yinger (1979) que colocaram a mesma pergunta a um conjunto de professores e ordenaram as respostas dos mesmos, afirmando depois que há três razões:

- os professores planificam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais, tais como reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes cria, definir uma orientação que lhes dê confiança, segurança, etc.;
- os professores usam-na como determinação dos objetivos a alcançar no final do processo de ensino-aprendizagem: que conteúdos devem ser aprendidos, que materiais devem ser preparados, que atividades têm que ser organizadas, como distribuí-los no tempo, etc.;
- os professores servem-se da planificação como estratégia de atuação durante o processo de ensino-aprendizagem: qual a melhor forma de organizar os alunos, como iniciar uma atividade, que limites de referência para a avaliação, etc.

Tal como foi mostrado anteriormente, quando nos referimos ao domínio da Educação, torna-se imprescindível elaborar planificações. É, por isso, muito importante planificar os conteúdos que se irão lecionar ao longo do ano letivo, planificar-se as unidades temáticas, as aulas, as visitas de estudos e muitas outras atividades educativas, de modo a que o docente saiba onde e como começar e, até onde pode levar o processo de ensino-aprendizagem.

As planificações também se tornam necessárias para que o professor perceba o momento em que deve iniciar o processo de ensino-aprendizagem, o modo como o vai desenvolver e, também, o momento em que o vai terminar.

### **2.1.3. Tipos de planificação**

Devido à natureza de cada atividade, as planificações devem ser elaboradas em momentos próprios; isto quer dizer que a planificação pode e deve, de acordo com

Simões (1996), ser dividida em três tipos distintos: o primeiro, que acompanha o percurso da criança na instituição, designa-se por planificação a longo prazo; o segundo diz respeito ao currículo e denomina-se por planificação a médio prazo; por fim, o terceiro tipo – planificação a curto prazo – é aquele que tem em mente a criança ou um grupo de alunos.

No início do ano letivo, o professor tem que ter em mente uma perspetiva abrangente sobre o processo de ensino-aprendizagem que vai desenvolver ao longo do ano. É essencial que esta perspetiva diga respeito, não só às disciplinas que vai lecionar, mas também, de uma forma mais generalizada, a todo um conjunto de ações educativas.

Para que tal aconteça, o professor deve ter o cuidado de elaborar a planificação a *longo prazo*. Este tipo de planificação, tal como já foi referido anteriormente, deve acompanhar o percurso da criança e ter em mente o currículo. O professor deve distribuir o tempo letivo pelo ensino do currículo nacional. Este tipo de planificação cobre todas as áreas de aprendizagem e transforma-se num “menu” de capacidades e conhecimentos que se têm em conta para a maioria das crianças dessa idade e no período de tempo a que diz respeito.

Por outro lado, quando o ano letivo se inicia e, principalmente, no seu desenrolar, o docente vai ter necessidade de idealizar planificações a *médio prazo*. Neste tipo de planificações, vão-se elaborar atividades para cada unidade temática inseridas na planificação a longo prazo. A planificação a médio prazo tem a ver com a continuidade e a progressão de um determinado estágio de cada área de aprendizagem mas, também tem em mente o currículo. Acontece que vão ser identificados e analisados os conhecimentos, os conceitos e as capacidades que serão trabalhos pelos alunos durante um determinado período de tempo, que pode variar entre um e três meses.

Desta forma, no decorrer do ano letivo, o professor tem que ser capaz de se focalizar nas ações educativas que irão ser realizadas pela turma; é por este facto que o docente deve elaborar planificações a *curto prazo*. As atividades inseridas nas planificações a curto prazo têm uma extensão reduzida e correspondem a ações que vão ser realizadas no dia-a-dia, e que vão concretizar os conteúdos apresentados nas planificações a médio prazo. Por outras palavras, pode-se dizer que a planificação a curto prazo deve ter em mente um aluno ou um grupo de crianças, e deve apresentar pormenores sobre as atividades a desenvolver durante um período que pode variar



entre um dia a uma semana. Esta planificação deve incidir sobre conhecimentos e capacidades que o docente pretende que as crianças atinjam de uma forma significativa e relevante.

Por fim, o professor deve também ter bem ciente que as planificações não são rígidas; estas devem permitir a inserção de novos conteúdos e elementos, caso seja necessário e se torne relevante ao longo do processo ensino-aprendizagem, mas também as deve articular com o projeto educativo da escola e o projeto curricular de turma.

#### 2.1.4. Modelo T de aprendizagem

Tal como foi referido anteriormente, o modelo de planificação utilizado nos Jardins-Escolas João de Deus têm como base o modelo T de aprendizagem, criado pelo Dr. Martiniano Román Pérez, tendo sofrido algumas alterações. Desta forma, o autor define esta ferramenta como uma forma de

agrupar os objectivos fundamentais (capacidades – valores) e complementares (destrezas e atitudes) com conteúdos (formas de saber) e métodos/actividades gerais (formas de fazer) numa visão global e panorâmica. Denomina-se modelo T porque tem a forma de um T duplo: de objectivos (capacidades – valores) e de meios (conteúdos – métodos/actividades gerais). (s.d. (a), p. 7)

O mesmo autor explica que existem dois tipos fundamentais de Modelos T: de setor de aprendizagem, criado geralmente um por ano; e de unidades de aprendizagem, elaborados entre três a seis por ano. Seguidamente apresento um exemplo de uma planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem (quadro 12).

Quadro 12 – Exemplo de uma Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem

Conteúdos		Procedimentos	
Capacidades/Destrezas	Competências		Valores/Atitudes

De acordo com Pérez (s.d.) (b):

- **Capacidades/destrezas:** indicam os objectivos fundamentais cognitivos (três capacidades e quatro destrezas por capacidade), que queremos desenvolver.
- **Valores/atitude:** mostram os objectivos fundamentais afectivos (três valores e quatro atitudes por valor) que pretendemos desenvolver.
- **Conteúdos (conhecimentos):** apresentam-se em três ou seis blocos de conteúdos ou blocos temáticos (unidades de aprendizagem) que se pretende aprender ao longo do ano escolar. Cada unidade divide-se entre três e seis distintas.
- **Métodos/procedimentos:** apresentam-se entre nove a doze métodos ou procedimentos gerais, como formas de fazer, para serem aprendidas no curso escolar. (p. 40)

O autor reforça a ideia de que utilizando este modelo de planificação, é possível integrar numa só página “todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser aprendida na escola ao longo do curso escolar.”, obtendo uma visão integral e panorâmica da planificação. Também para ele, é obrigatório, no final de cada uma, proceder à avaliação das capacidades/destrezas e dos valores/atitude.

## 2.2. Planificações fundamentadas

Seguidamente serão apresentadas as planificações elaboradas ao longo das unidades curriculares de Estágio Profissional I, II, III e IV. Primeiramente encontram-se as duas planificações referentes ao 1.º Ciclo, seguidas das planificações do 2.º Ciclo, quatro no total.

A primeira planificação, na área da Matemática, diz respeito a uma aula dada, num Jardim-Escola João de Deus de Lisboa, ao 2.º Ano de Escolaridade. O objetivo da aula era dar a conhecer aos alunos o relógio e iniciá-los na leitura das horas, no relógio analógico. Esta aula foi lecionada em novembro de 2010.

A segunda planificação foi elaborada para uma aula, que teve lugar em janeiro de 2011, também nesse Jardim-Escola, para o 3.º Ano de Escolaridade, e diz respeito à área de Estudo do Meio. Durante a aula, dei a conhecer aos alunos os diferentes aspetos da costa, nomeadamente, as saliências, uma vez que a minha colega de estágio G já tinha falado sobre as reentrâncias.

Depois, a terceira planificação foi preparada para uma aula, em março de 2012, de 5.º Ano de Escolaridade, no JE n.º 1. A aula tinha a duração de 90 minutos, no entanto, foi dividida em três partes, para que, tanto as minhas colegas H e I, como eu,

tivéssemos oportunidade de dar a aula. Depois da colega H ter lido e interpretado um excerto da obra *O Príncipezinho*, de Antoine de Saint-Exupéry, tanto a colega I como eu distribuímos uma proposta de trabalho com exercícios gramaticais.

A planificação seguinte, na área da Matemática, foi criada para uma aula, para a mesma turma que a anterior, e também em março de 2012. Enquanto estive com os alunos, abordei a comparação e ordenação de números racionais, tendo o cuidado de mostrar todos os casos (frações com o mesmo numerador, com o mesmo denominador e com numeradores e denominadores diferentes).

Depois, apresento a quinta planificação que foi preparada para uma aula de Ciências da Natureza, em março de 2012, para o 5.º Ano de Escolaridade, no mesmo Jardim-Escola que as anteriores. Tal como aconteceu para a aula de Língua Portuguesa, também esta teve a duração de 90 minutos, mas foi dividida em três partes, para que todas a pudéssemos dar. Foi-nos proposto que iniciássemos um novo tema: “Unidade na diversidade dos seres vivos”.

Para terminar, a sexta planificação diz respeito a uma aula de História e Geografia de Portugal, lecionada num colégio particular, em dezembro de 2011, no 5.º Ano de Escolaridade. O conteúdo que me foi proposto prendeu-se com “A herança muçulmana”.

Quadro 13 – Plano de aula da Área de Matemática no 2.º Ano

Conteúdos		Procedimentos	
★ As Horas		<ul style="list-style-type: none"><li>★ Iniciar a aula relembrando algumas medidas de unidade de tempo (dia, horas, minutos);</li><li>★ Mostrar um relógio analógico aos alunos e questioná-los sobre os conhecimentos que já possuem acerca do tema;</li><li>★ Explicar como é constituído, qual a sua função e como funciona;</li><li>★ Pedir às crianças para retirarem os relógios que previamente foram colocados debaixo das mesas;</li><li>★ Deixar tempo aos alunos para explorarem o material e realizar alguns exercícios oralmente;</li><li>★ Esclarecer quaisquer dúvidas que possam surgir;</li><li>★ Distribuir uma ficha de trabalho para consolidação dos conhecimentos.</li></ul>	
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes	
<ul style="list-style-type: none"><li>★ Expressão oral<ul style="list-style-type: none"><li>• Organizar informação;</li><li>• Expressar ideias;</li><li>• Saber ouvir.</li></ul></li><li>★ Raciocínio lógico<ul style="list-style-type: none"><li>• Interpretar;</li><li>• Compreender;</li><li>• Concluir.</li></ul></li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>★ Respeito<ul style="list-style-type: none"><li>• Escutar;</li><li>• Compreender;</li><li>• Dialogar.</li></ul></li><li>★ Responsabilidade<ul style="list-style-type: none"><li>• Autónomos;</li><li>• Conscientes;</li><li>• Motivados.</li></ul></li></ul>	
<u>Material:</u> relógio analógico, 25 relógios de cartão (um para cada aluno), ficha de trabalho.			
Baseado no Modelo T de Aprendizagem Plano sujeito a alterações			

O quadro 13, que apresento na página anterior, diz respeito à planificação, na área da Matemática, para o 2.º Ano de Escolaridade do EB.

Tal como vem descrito no Novo Programa de Matemática (ME, 2007, p. 20), no capítulo de Geometria e Medida, no 1.º Ciclo, os alunos devem ser capazes de “[...] compreender as grandezas dinheiro, comprimento, área, massa, capacidade, volume e tempo [...]”.

Aginda no mesmo documento, se salienta que

A noção de intervalo de tempo e a percepção de que há acontecimentos que são sequenciais no tempo são adquiridas progressivamente ao longo dos quatro anos. Além disso, os alunos devem ser capazes de comparar a duração de acontecimentos e de utilizar instrumentos para medir o tempo. (p. 21)

Como objetivos específicos para este tópico, propõe-se que os alunos sejam capazes de:

- Estabelecer relações entre factos e acções que envolvam noções temporais e reconhecer o carácter cíclico de certos fenómenos e actividades.
- Relacionar entre si hora, dia, semana, mês e ano.
- Identificar a hora, a meia-hora e o quarto-de-hora.
- Resolver problemas envolvendo situações temporais. (p. 24)

A fim de levar os alunos a atingir estes objetivos, os professores devem pôr em prática determinadas atividades, tais como:

- Criar situações para o uso dos termos antes, entre, depois; ontem, hoje, amanhã; agora, já, em breve; muito tempo, pouco tempo, ao mesmo tempo; rápido e lento.
- Salientar a sequência de algumas rotinas relacionadas com as actividades que os alunos fazem regularmente num determinado período de tempo.
- Utilizar ampulhetas e relógios para explorar a duração de acontecimentos. (p.24)

Apesar de alguns alunos já saberem ler as horas, penso que esta estratégia resultou, uma vez que todas as crianças tinham um relógio e, para muitas, esta foi a primeira experiência com esse instrumento.

Enquanto dava exemplos de atividades do dia-a-dia, por exemplo: acordar, começar as aulas, voltar para casa; os alunos puderam manipular os ponteiros, colocando os mesmos na posição certa, de acordo com as horas a que essas atividade ocorriam. No final, quando dei a ficha de trabalho, os alunos puderam consolidar os conhecimentos.

Quadro 14 – Plano de aula da Área de Estudo do Meio no 3.º Ano

Conteúdos		Procedimentos	
★ Aspetos da costa – saliências		★ Iniciar a aula com os alunos sentados nos respetivos lugares; ★ Questionar as crianças acerca dos conhecimentos que já possuem sobre o tema (aspetos da costa); ★ Relembrar os aspetos da costa já aprendidos (reentrâncias); ★ Explicar, recorrendo ao quadro interativo, os aspetos da costa (saliências); ★ Entregar a cada criança uma proposta de trabalho com diversos exercícios de aplicação sobre a matéria dada (crucigrama, mapa onde têm que assinalar com a cor azul a costa marítima e com a cor verde a fronteira terrestre...); ★ Terminar a aula esclarecendo quaisquer dúvidas que possam surgir.	
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes	
★ Expressão oral <ul style="list-style-type: none"><li>• Expressar ideias;</li><li>• Saber ouvir;</li><li>• Fluidez mental.</li></ul> ★ Raciocínio lógico <ul style="list-style-type: none"><li>• Interpretar;</li><li>• Comparar;</li><li>• Formular.</li></ul>		★ Cooperação <ul style="list-style-type: none"><li>• Partilha;</li><li>• Colaboração;</li><li>• Trabalhar em equipa.</li></ul> ★ Respeito <ul style="list-style-type: none"><li>• Escutar;</li><li>• Compreender;</li><li>• Conviver.</li></ul>	
<u>Material:</u> quadro interativo, proposta de trabalho.			
Baseado no Modelo T de Aprendizagem Plano sujeito a alterações			

O quadro 14, que apresentei anteriormente, diz respeito à planificação na área do Estudo do Meio, para o 3.º Ano de Escolaridade do EB.

O conteúdo, que lecionei nesta aula, vem descrito no Currículo Nacional do Ensino Básico (M.E., 2004) como sendo uma competência específica do 4.º Ano de Escolaridade. Dentro do tema “O Contacto entre a Terra e o Mar”, salienta-se que os alunos devem:

- Observar directa ou indirectamente:
  - alguns aspectos da costa (praias, arribas, dunas, cabos...);
  - alguns aspectos da costa portuguesa («Ria» de Aveiro, Cabo Carvoeiro, Cabo da Roca, Estuário do Tejo e do Sado, Ponta de Sagres). [...]
- Reconhecer o Oceano Atlântico como fronteira marítima de Portugal. (pp. 121-122)

No entanto, e visto que os Jardins-Escolas João de Deus têm um currículo adaptado, a professora da sala entendeu que os seus alunos já tinham adquirido competências suficientes para compreender este tema, pelo que mo propôs.

Uma vez que a aula tinha a duração de 60 minutos, e não me era possível levar os alunos a observar diretamente os aspetos da costa, recorri às TIC. Sobre este assunto, Silveira-Botelho (2009) refere:

[...] uma utilização adequada das novas tecnologias é aquela que permite expandir, enriquecer, diferenciar, individualizar e implementar a globalidade dos objectivos curriculares. Portanto, as actividades desenvolvidas em redor da tecnologia devem ser perspectivadas como novas oportunidades educativas mas integradas num todo que lhes atribuirá e reforçará o seu sentido. (p. 124)

Considero que, o contributo das TIC foi muito importante, para esta aula, pois permitiu uma aula mais interativa. Através de imagens e animações, a aula foi mais estimulante, pois promovi o diálogo constante e os alunos adquiriram os conteúdos que planifiquei.

Com a entrega do crucigrama, pude verificar, de imediato, se as crianças tinham compreendido a matéria. Durante a realização da proposta de trabalho, fui circulando pela sala, observei o que os alunos estavam a fazer e esclareci várias dúvidas.

Fiquei impressionada com os conhecimentos que os alunos tinham, e também foi possível trabalhar a memória pois recorri às aulas anteriores, dadas pelas colegas.

Quadro 15 – Plano de aula na Área da Língua Portuguesa no 5.º Ano

Conteúdos		Procedimentos	
<ul style="list-style-type: none"><li>★ O Principezinho</li><li>★ Análise gramatical – Adjetivos e Pronomes</li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>★ Iniciar a aula com os alunos sentados nos respetivos lugares;</li><li>★ Solicitar a ajuda de uma criança para distribuir uma proposta de trabalho com exercícios;</li><li>★ Resolver, no quadro interativo, exercícios de análise gramatical, pedindo a colaboração dos alunos;</li><li>★ Terminar a aula esclarecendo quaisquer dúvidas que possam surgir.</li></ul>	
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes	
<ul style="list-style-type: none"><li>★ Expressão oral<ul style="list-style-type: none"><li>• Organizar informação;</li><li>• Expressar ideias;</li><li>• Compreensão.</li></ul></li><li>★ Raciocínio lógico<ul style="list-style-type: none"><li>• Relacionar;</li><li>• Formular;</li><li>• Aplicar.</li></ul></li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>★ Cooperação<ul style="list-style-type: none"><li>• Dinâmica;</li><li>• Colaboração;</li><li>• Partilha.</li></ul></li><li>★ Responsabilidade<ul style="list-style-type: none"><li>• Empenhado;</li><li>• Interessado</li><li>• Respeitador.</li></ul></li></ul>	
<u>Material:</u> proposta de trabalho e quadro interativo.			
Baseado no Modelo T de Aprendizagem Plano sujeito a alterações			

O quadro 15, que apresento em cima, diz respeito à planificação na área da Língua Portuguesa, para o 5.º Ano de Escolaridade, do 2.º Ciclo do EB.

Tal como já foi referido nos relatos, após a aula da minha colega H, tanto a colega I como eu, entregámos uma proposta de trabalho aos alunos. Estas propostas de trabalho centravam-se, sobretudo em exercício gramaticais, isto é, de Conhecimento Explícito da Língua.

O Novo Programa de Português do EB (ME, 2009) explica:



Entende-se por *conhecimento explícito da língua* a reflectida capacidade para sistematizar unidades, regras e processos gramaticais do idioma, levando à identificação e à correcção do erro; o *conhecimento explícito da língua* assenta na instrução formal e implica o desenvolvimento de processos metacognitivos. (p. 16)

Mais à frente, no mesmo documento, vem referenciado que é no 2.º Ciclo que “O conhecimento explícito da língua é reinvestido na melhoria dos desempenhos nas outras competências.” e, por isso “Sistemizam-se aspectos essenciais do conhecimento explícito da língua.”

Ora, os objetivos desta aula vão ao encontro do que é sugerido no Programa.

Ao realizar a proposta de trabalho, pude constatar quais os alunos com mais dificuldades. Quando fiz a correcção de alguns exercícios no quadro, esclareci dúvidas em relação a alguns pontos, nomeadamente as diferenças entre pronome e determinante.

De acordo com Lopes (2011, p. 123), um determinante é “uma palavra que se emprega antes do nome para melhor o determinar ou especificar. Os determinantes fornecem informações sobre o género e o número do nome [...]”. Já um pronome, “é a palavra que substitui um grupo nominal ou outros grupos constituintes [...]. O emprego do pronome torna-se necessário a fim de evitar a repetição de palavras ou de grupos de palavras. Os pronomes constituem uma classe fechada de palavras. (p. 133).

Depois desta explicação e da comprovação com alguns exemplos, os alunos ficaram esclarecidos.

Durante as aulas, e sempre que foi possível, recorri à ajuda dos alunos para distribuir o material. Ao solicitar a sua cooperação, estou a promover a autonomia e o sentido de responsabilidade.

Quadro 16 – Plano de aula na Área da Matemática no 5.º Ano

Conteúdos		Procedimentos	
★ Comparação e ordenação de números racionais		★ Iniciar a aula com os alunos sentados nos respetivos lugares; ★ Desenvolver o tema da aula, utilizando um <i>powerpoint</i> ; ★ Dar tempo aos alunos para passarem para o caderno os resumos; ★ Realizar alguns exercícios de aplicação da matéria dada; ★ Terminar a aula esclarecendo quaisquer dúvidas que possam surgir.	
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes	
★ Expressão oral <ul style="list-style-type: none"><li>• Organizar informação;</li><li>• Expressar ideias;</li><li>• Compreensão.</li></ul> ★ Raciocínio lógico <ul style="list-style-type: none"><li>• Interpretar;</li><li>• Relacionar;</li><li>• Aplicar.</li></ul>		★ Respeito <ul style="list-style-type: none"><li>• Compreender;</li><li>• Aceitar;</li><li>• Dialogar.</li></ul> ★ Responsabilidade <ul style="list-style-type: none"><li>• Respeitador;</li><li>• Organizado;</li><li>• Interessado.</li></ul>	
<u>Material:</u> quadro interativo, manual.			
Baseado no Modelo T de Aprendizagem Plano sujeito a alterações			

O quadro 16, que apresento na página anterior, diz respeito à planificação na área da Matemática, para o 5.º Ano de Escolaridade do EB.

Os conteúdos, que me foram proposto para esta aula, vêm descritos no Novo Programa de Matemática (ME, 2007, p. 32) pois, fazendo uma articulação com o 1.º Ciclo, durante o qual, os alunos “desenvolvem a compreensão das operações elementares e a destreza de cálculo com números naturais e racionais não negativos na representação decimal.”, deseja-se que:

No 2.º ciclo, a aprendizagem aprofunda esta compreensão e esta destreza, e amplia-as aos números inteiros e racionais não negativos na forma de fracção, considerada nos seus múltiplos significados, como, quociente entre dois números inteiros, relação parte-todo, razão, medida e operador, tendo sempre em vista o desenvolvimento do sentido de número. (p. 32)

No mesmo documento acima citado, como objetivos gerais de aprendizagem para o capítulo “Números e Operações”, salienta-se que os alunos devem “[...]ser capazes de apreciar a ordem de grandeza de números e compreender os efeitos das operações sobre os números; [...]”.

No que diz respeito aos objetivos específicos, pretende-se que os alunos consigam

- Compreender e usar um número racional como quociente, relação parte-todo, razão, medida e operador.
- Comparar e ordenar números racionais representados de diferentes formas.
- Localizar e posicionar na recta numérica um número racional não negativo representado nas suas diferentes formas. [...] (p. 34)

Para atingir estes objetivos, os professores devem pôr em prática algumas atividades (M.E., 2009, p. 34), tais como: “Recorrer a representações de números por fracções, decimais e numerais mistos.”; e ainda “Solicitar a localização e o posicionamento na recta numérica de números racionais, como por exemplo,  $\frac{5}{4}$ ,  $\frac{4}{5}$  e 1,2 e  $1\frac{1}{2}$ .”

Depois da explicação através de uma apresentação em *powerpoint*, os exercícios de aplicação que realizei com os alunos foram ao encontro do que está estipulado no programa.

Os resumos que elaborei e que os alunos passaram para o caderno têm como finalidade consolidar a matéria e promover o estudo pois servem como apontamentos.

Quadro 17 – Plano de aula na Área das Ciências da Natureza no 5.º Ano

Conteúdos		Procedimentos	
<ul style="list-style-type: none"><li>★ Observação de células (vegetais e animais) ao microscópio ótico composto.</li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>★ Iniciar a aula com os alunos sentados nos respetivos lugares;</li><li>★ Explicar algumas regras de conduta aquando da utilização de material de laboratório;</li><li>★ Distribuir uma ficha informativa sobre os procedimentos a seguir para realizar uma observação microscópica;</li><li>★ Solicitar a ajuda de um aluno para distribuir o protocolo experimental e realizar a leitura do mesmo;</li><li>★ Dividir os alunos por pares e encaminhá-los para o laboratório;</li><li>★ Deixar tempo às crianças para seguirem o protocolo;</li><li>★ Terminar a aula esclarecendo quaisquer dúvidas que possam ter surgido.</li></ul>	
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes	
<ul style="list-style-type: none"><li>★ Classificação<ul style="list-style-type: none"><li>• Analisar;</li><li>• Identificar;</li><li>• Distinguir.</li></ul></li><li>★ Raciocínio lógico<ul style="list-style-type: none"><li>• Observar;</li><li>• Comparar;</li><li>• Relacionar.</li></ul></li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>★ Responsabilidade<ul style="list-style-type: none"><li>• Cumpridor;</li><li>• Organizado;</li><li>• Interessado.</li></ul></li><li>★ Cooperação<ul style="list-style-type: none"><li>• Entreajuda;</li><li>• Partilha;</li><li>• Colaboração.</li></ul></li></ul>	
<p><u>Material:</u> microscópio ótico composto, preparações definitivas de células de origem vegetal e de origem animal, protocolo experimental e ficha informativa.</p>			
<p>Baseado no Modelo T de Aprendizagem</p> <p>Plano sujeito a alterações</p>			

O quadro 17, que apresento na página anterior, diz respeito à planificação na área das Ciências da Natureza, para o 5.º Ano de Escolaridade do EB.

A estratégia que utilizei para esta aula insere-se na metodologia de trabalho prático, mais especificamente trabalho experimental, tema que já desenvolvi e fundamentei no capítulo anterior.

No entanto, conforme vem descrito no Currículo Nacional do EB (ME, 2001, p. 131), “Para os conhecimentos científicos serem compreendidos pelos alunos em estreita relação com a realidade que os rodeia, considera-se fundamental a vivência de experiências de aprendizagem [...]”. Uma das experiências de aprendizagem, que se pretende que se desenvolva com os alunos, prende-se com

Realizar actividade experimental e ter oportunidade de usar diferentes instrumentos de observação e medida. [...] Mesmo nos 2.º e 3.º ciclos a actividade experimental deve ser planeada com os alunos, decorrendo de problemas que se pretende investigar e não constituem a simples aplicação de um receituário. Em qualquer dos ciclos deve haver lugar a formulação de hipóteses e previsão de resultados, observação e explicação. (pp. 131-132)

No Programa de Ciências da Natureza (ME, 1991), como sugestões metodológicas para o tema: “Unidade na diversidade dos seres vivos”, são referidas as importâncias da

[...] necessidade do microscópio para a visualização da grande maioria das células, salientando que a grande quantidade de trabalhos realizados, depois das primeiras observações de células, conduziram à formulação de um dos mais importantes temas unificadores em Biologia.

Observação da diversidade do mundo microscópico, relacionando o seu conhecimento com a invenção do microscópio. (p. 15)

O protocolo experimental que foi elaborado para esta aula obedeceu às regras de elaboração de protocolos científicos, nomeadamente: Introdução; objetivos, hipóteses ou questão-problema; material; procedimentos; resultados e conclusões.

Foi manifesto o interesse e entusiasmo que as crianças mostraram ao longo desta aula. Todos eles tiveram um comportamento muito bom, revelando um grande sentido de responsabilidade; pareciam mesmo “pequenos cientistas”.

Concluo dizendo que cabe ao professor, mesmo quando ainda é estagiário, desafiar e motivar a turma que tem à sua frente. Ainda bem que “arrisquei” numa aula experimental.

Quadro 18 – Plano de aula na Área da História e Geografia de Portugal no 5.º Ano

Conteúdos		Procedimentos	
★ A herança muçulmana		<ul style="list-style-type: none"><li>★ Iniciar a aula com os alunos sentados nos respetivos lugares;</li><li>★ Questionar as crianças acerca dos conhecimentos que possuem sobre acontecimentos anteriores ao tema da aula, a fim de contextualizar o mesmo;</li><li>★ Utilizando uma apresentação em <i>powerpoint</i>, mostrar em que aspetos os muçulmanos influenciaram a nossa cultura (agricultura, ciências, costumes, língua...);</li><li>★ Dialogar com os alunos sobre a herança muçulmana;</li><li>★ Deixar tempo às crianças para responderem a um questionário, acerca do tema da aula, e proceder à correção do mesmo;</li><li>★ Terminar a aula esclarecendo quaisquer dúvidas que possam surgir.</li></ul>	
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes	
<ul style="list-style-type: none"><li>★ Expressão oral<ul style="list-style-type: none"><li>• Expressar ideias;</li><li>• Saber ouvir;</li><li>• Fluidez mental.</li></ul></li><li>★ Raciocínio lógico<ul style="list-style-type: none"><li>• Observar;</li><li>• Comparar;</li><li>• Relacionar.</li></ul></li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>★ Respeito<ul style="list-style-type: none"><li>• Escutar;</li><li>• Compreender;</li><li>• Dialogar.</li></ul></li><li>★ Criatividade<ul style="list-style-type: none"><li>• Espontaneidade;</li><li>• Habilidade;</li><li>• Curiosidade.</li></ul></li></ul>		
<u>Material:</u> Manual, computador, Data show, questionário.			
Baseado no Modelo T de Aprendizagem Plano sujeito a alterações			

O quadro 18, que apresento na página anterior, diz respeito à planificação na área da História e Geografia de Portugal, para o 5.º Ano de Escolaridade do EB.

Nas suas aulas, a professora de História e Geografia de Portugal utilizava sempre a mesma estratégia: aulas expositivas que os alunos seguiam, ou não, através do manual; ou leitura e análise de documentos, figuras ou quadros, presentes no manual.

Acerca deste assunto, Sanches (2001, p.26) escreve que “[...] O manual é um bom recurso, mas não é o único a ser utilizado, não será de seguir à risca o que é proposto. É preciso saber recriar o manual.”.

Assim, apostei numa estratégia diferente para esta aula, e elaborei uma apresentação em *powerpoint*, que serviu de suporte às minhas explicações.

O tema abordado nesta aula estão de acordo com o Programa de História e Geografia de Portugal (M.E., 1999, pp. 14-15) pois, através da lecionação destes conteúdos, pretende-se que os alunos:

- “[...] - reconheçam mudanças operadas na Península Ibérica com a permanência dos Muçulmanos, através do reconhecimento de testemunhos;
- reconheçam a possibilidade de coexistência, no mesmo espaço, de povos com culturas diferentes.”

Depois da explicação e, principalmente, depois de ter abordado os vocábulos de origem árabe, percebi que as crianças tinham ficado curiosas e entusiasmadas, e com vontade de aprender mais.

Mais uma vez, o recurso às novas tecnologias foi essencial para a realização da minha aula.

Apelei sempre que possível ao diálogo apesar de, em vários momentos, ser só eu a falar e, por isso mesmo, também ser um pouco expositiva; percebo agora que também são precisos estes momentos onde o professor apresenta os factos ou as ideias. No entanto, tentei aproveitar o que as crianças já sabiam e que aplicassem e relacionassem com a matéria nova.

Durante a aplicação do questionário, verifiquei que tinham assimilado bem a informação e o conhecimento.

Ao longo deste capítulo, aprendi a importância que a planificação tem para a minha futura profissão; mas que também existem várias formas de planificar. A que aprendi ajudou-me em todas as aulas que lecionei.

Planificar é um ato imprescindível para os professores pois, para além de transmitir alguma segurança, as planificações servem para ajudar o professor a melhorar a sua prática pedagógica e, por consequência, promover o sucesso escolar das crianças.

O professor deve ser capaz de adaptar as planificações que elabora, de acordo com as necessidades educativas dos seus alunos, fazendo com que todos alcancem os objetivos propostos.

As mesmas devem ser avaliadas pelos próprios e sempre que necessário alteradas e adaptadas à realidade escolar.

Posso ainda referir e, para concluir este capítulo, que o mais difícil é gerir o tempo que se tem para lecionar. As crianças, curiosas por natureza, colocam questões que o professor deve tentar sempre responder para que nunca percam essa curiosidade e interesse pelo conhecimento.

No entanto, nem sempre é fácil gerir estas situações na sala de aula e dar a palavra a todos. Deve, por isso, imperar o bom senso do professor e a sua capacidade para ser um bom mediador e impulsionador de descobertas a todos os níveis.



## **CAPÍTULO 3 – Dispositivos de avaliação**



Neste capítulo estão inseridos os dispositivos de avaliação de algumas das atividades que apliquei ao longo do meu estágio profissional. Irei apresentar seis propostas de atividades, duas para o 1.º Ciclo, sendo que uma é na área da Matemática, e a outra diz respeito à área de Estudo do Meio, e quatro para o 2.º Ciclo, para as áreas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências da Natureza e História e Geografia de Portugal.

Para cada uma das propostas de atividade, apresento uma grelha de avaliação, onde estabeleço os parâmetros e os respetivos critérios e cotações, uma grelha de correção, e um gráfico que ilustra as classificações obtidas pelos alunos nas propostas de atividades. Nas grelhas de correção, os nomes dos alunos foram retirados e foram substituídos por números, a fim de preservar a identidade de cada criança.

### **3.1. Fundamentação teórica**

#### **3.1.1. O que é a avaliação?**

O conceito de avaliação, segundo o Programa do EB – 1.º Ciclo (ME, 2004), deve centrar-se “[...] na evolução dos percursos escolares através da tomada de consciência partilhada entre o professor e o aluno, das múltiplas competências, potencialidades e motivações manifestadas e desenvolvidas, diariamente, nas diferentes áreas que o currículo integra.” (p. 25)

Segundo Roldão (2008), a avaliação é:

[...] um conjunto organizado de processos que visam o acompanhamento regulador de qualquer aprendizagem pretendida, e que incorporam, por isso mesmo a verificação da sua consecução. [...] é indispensável criar mecanismos de acompanhamento do processo para o ir entendendo, acertando e reorientando no sentido desejado.” (p.41)

A avaliação tem que rigorosa. No entanto, o professor apenas deve avaliar os conteúdos escolares, isto é, os conteúdos que transmite em situação de ensino/aprendizagem: conhecimentos, capacidades, valores e atitudes.

Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 337), definem que a função de avaliar: “corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades.”.

Segundo Guerra (1998 citado por Roldão, 2008, p. 84), “a avaliação permite saber (com maior ou menor rigor) se foram atingidos os objectivos definidos. [...] No caso da avaliação dos alunos vê-se com clareza quando estes não conseguiram realizar as aprendizagens exigidas devido a algum problema seu.”.

A avaliação educativa é considerada, segundo a autora, como um dos mais importantes elementos para o sucesso educativo. De facto, é através dessa avaliação, que o docente afere se os objetivos por ele propostos foram ou não atingidos.

Importa ainda realçar, que conforme Fernandes (2005, p. 139), “[...] todas as actividades que se realizam em ordem a obter informações que permitam decisões ou pontuações correctas no final da acção educativa, constituem a avaliação.” Ou seja, não basta avaliar os resultados, é fundamental aferir o processo a eles associados; assim, a avaliação do aluno é mais do que a atribuição de uma simples nota. Passa, sim, por detetar os problemas/dificuldades de aprendizagem, ajudando os alunos nesse sentido, potenciando as suas possibilidades.

A avaliação não serve para avaliar somente o aluno, mas também serve para apreciar o docente e sua prática pedagógica. Esse processo de mudança implica necessariamente uma nova forma de encarar o ensino, sobretudo por parte dos docentes.

É fundamental que se reflita sobre este assunto, de forma a existir um ensino com qualidade e não uma mera soma de quantidades que se resumem apenas na nota, aprovação ou reprovação. Como sustenta Pais e Monteiro (2002, p. 76), “[...] não haverá avaliação eficaz, como não haverá ensino nem aprendizagem eficaz, se o professor não reflectir sobre as suas práticas diárias, se não se avaliar diariamente.”.

Para concluirmos o conceito de avaliação, segundo o autor Oliveira e Oliveira (1996):

[...] quanto mais parâmetros houver para a avaliação, menos injusta ela será, porque há sempre qualquer injustiça nesta avaliação, pois é impossível controlar totalmente o esforço, a capacidade, a motivação pessoal e familiar, a disciplina e outras variáveis que facilitam ou dificultam a aprendizagem. (p.143)

O docente deve ter consciência da diferença entre avaliar e classificar. A avaliação não deve ser apenas abordada pelos professores em finais de períodos, quando têm, de facto, de atribuir uma classificação a cada aluno, mas sim durante todo o percurso escolar, ao longo do período.

No entanto, avaliar é, para a grande maioria dos docentes, um verdadeiro desprazer, mesmo que desfrutem ou não do seu trabalho. Fazer um juízo sobre qualquer coisa ou alguém é uma tarefa difícil e complicada. Apesar de tentarem sempre ser o mais justos e coerentes possíveis, nem sempre satisfazem as expectativas dos seus alunos. Pais e Monteiro (2002, p. 46) salientaram que a dificuldade de avaliar “[...] advém sobretudo do facto de que, ao fazê-lo, estamos a emitir juízos de valor, a privilegiar saberes, maneiras de ser e de estar. Por muito objectiva que se queira a avaliação, ela dependerá sempre dos intervenientes, dos momentos e das situações concretas.”.

Para além destas investigadoras, e seguindo a mesma ordem de ideias, mais autores expõem as suas opiniões. Por exemplo, segundo Roldão (2008):

A avaliação surge como uma entidade mal-amada, o “mal” necessário, uma espécie de mancha negra neste mar azul que poderia ser o ofício de ensinar, se nos dispensassem de a desempenhar [...] as questões que afligem os professores acerca da dificuldade de avaliar competências se prendem sobretudo com a representação que têm de avaliação construída ao longo de décadas pela prática social e institucional – a ideia dominante da avaliação como associada a classificação, por outro lado, e a conteúdos a saber, ou “matérias a dar” (pp. 39-41)

O próprio professor já foi avaliado ao longo do seu percurso académico e pessoal, tendo uma opinião pré-formada sobre a avaliação. Por vezes, considerou-a justa; outras vezes, considerou-a injusta. E, na maior parte das vezes, apercebeu-se que os seus professores avaliavam e seguiam escalas diferentes. Por exemplo, um “14” de um determinado docente correspondia a um “18” para outro. O principal não devia ser a classificação obtida, mas sim os progressos, as dificuldades superadas, o esforço, a motivação pessoal, entre outros aspetos.

Infelizmente, os alunos são vistos como um grupo que tem de atingir os objetivos, e não importa a história e o percurso individual de cada um.

### **3.1.2. Finalidades da avaliação**

Como tal, e conforme Fernandes (2005),

O propósito primordial da avaliação é o de melhorar as aprendizagens e o de ajudar os alunos a superarem as suas dificuldades. Enquanto a opinião completamente adversa a esta, rege-se simplesmente por testar apenas as dificuldades dos alunos, ou seja, com o único objectivo de os classificar. (p.23)

Se por um lado, alguns docentes têm como principal objetivo avaliar, indo ao encontro das dificuldades, de forma a melhorar as aprendizagens; por outro, considerando diversos autores, existem outros a quem só interessa avaliar com o propósito de classificar. Este tipo de avaliação é o mais desmoralizante e o que provoca mais abandono escolar.

De acordo com Canavarro (2007),

O significado de estudar, de estar na Escola, não é um dado adquirido, é muito mais uma construção de cada aluno, reforçada no grupo. E essa construção é tão mais adequada e equilibrada quanto melhor situado e posicionado o aluno estiver na Escola, isto é: quanto mais útil for a percepção dos estudos; quanto mais familiar for a Escola; e quanto mais esta lhe proporcionar a concretização das aspirações. (p. 36)

Assim, um professor que avalie os alunos com o intuito de regular as suas aprendizagens contribui para um melhor aproveitamento escolar e, conseqüentemente, reduz o risco de abandono, uma vez que, através dos dados obtidos, pode adequar as estratégias e ajudar os alunos a ter sucesso.

O Ministério da Educação, através do Despacho Normativo n.º 1/2005, define a avaliação e os seus objetivos como:

A avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens.

A avaliação visa:

- a) Apoiar o processo educativo, de modo a sustentar o sucesso de todos os alunos, permitindo o reajustamento dos projectos curriculares de escola e de turma, nomeadamente quanto à selecção de metodologias e recursos, em função das necessidades educativas dos alunos;
- b) Certificar as diversas aprendizagens e competências adquiridas pelo aluno, no final de cada ciclo e à saída do ensino básico, através da avaliação sumativa interna e externa;
- c) Contribuir para melhorar a qualidade do sistema educativo, possibilitando a tomada de decisões para o seu aperfeiçoamento e promovendo uma maior confiança social no seu funcionamento. (pp. 71 – 72)

Pais e Monteiro (2002), refletiram sobre as suas experiências na formação de professores, e partilharam práticas bem-sucedidas, passíveis de serem utilizadas e adaptadas por outros professores, no contexto da sua autoformação.

As mesmas autoras, citadas por Fernandes (2005, p. 49), referem que “[...] encarar a avaliação como um meio e não como um fim, permite a progressiva melhoria

e regulação dos processos e resultados do ensino e da aprendizagem.”. Através desta afirmação, podemos inferir que estas pedagogas veem a avaliação como uma ferramenta para trabalhar as aprendizagens, e não, como uma mera obrigação, a de avaliar.

### 3.1.3. Tipos de avaliação

O problema da avaliação no nosso país tem vindo a sofrer significativas alterações ao longo dos anos, tendo sofrido um grande desenvolvimento nas duas últimas décadas, e principalmente a partir dos anos 90.

No ano de 1992, surgiram, no nosso país, novos conceitos sobre avaliação: avaliação formativa, avaliação sumativa e avaliação aferida. Para que seja mais fácil perceber do que realmente se trata, tentarei, seguidamente, definir cada um dos tipos de avaliação.

A avaliação formativa tem como finalidade proporcionar informações acerca do desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem, para que o professor possa ajustá-lo às características dos alunos a que se dirige. Entre as principais funções desta avaliação, podemos destacar: harmonizar, tranquilizar, apoiar, orientar, reforçar, corrigir, para além de outras. Torna-se, por isso, essencial que esta avaliação seja incluída no ato de ensino/aprendizagem. A avaliação formativa contribui, também, para melhorar a aprendizagem, pois informa o professor sobre a evolução da aprendizagem e o aluno sobre os seus êxitos e fracassos e sobre o seu percurso escolar.

Segundo Abrecht (1994):

A avaliação formativa não é uma *verificação* de conhecimentos (ao contrário da avaliação sumativa). É antes o *interrogar-se sobre um processo*; é o refazer do caminho percorrido, para refletir sobre o processo de aprendizagem em si mesmo, sendo útil, principalmente, para levar o aluno a considerar uma trajetória e não um estado (de conhecimentos), dando sentido à sua aprendizagem e alertando-o, ao mesmo tempo, para eventuais lacunas ou falhas de percurso, levando-o, deste modo, a buscar – ou nos casos de menor autonomia, a solicitar – os meios para vencer as dificuldades (pp. 18-19).

Desta forma, este tipo de avaliação dá, por exemplo: segurança e autoconfiança ao aluno, *feedback* ao fornecer informações úteis sobre etapas vencidas e dificuldades encontradas; diálogo entre professor e aluno, bem fundamentado em dados precisos e consistentes. Além disso, a avaliação formativa assume uma função reguladora quando permite tanto a alunos como a professores

ajustarem estratégias e dispositivos, pois pode reforçar positivamente qualquer competência que esteja de acordo com alguns objetivos previamente estabelecidos e permitir ao próprio aluno analisar situações, reconhecer e corrigir eventuais erros.

Por outro lado, a avaliação sumativa é normalmente uma avaliação pontual, porque, geralmente, acontece no final de uma unidade de ensino, de um curso ou ciclo. Este tipo de avaliação tem como objetivo principal o de determinar o grau de domínio do aluno sobre objetivos previamente estabelecidos; realiza, portanto, um balanço somatório de uma ou várias sequências de um processo de formação. Ao utilizar a avaliação sumativa, o professor apenas faz um inventário com o objetivo de pôr à prova, de verificar, de classificar.

Por fim, a avaliação aferida é uma avaliação da responsabilidade do ME e visa aferir a qualidade do ensino. Deste modo, este tipo de avaliação tem como principal objetivo medir o grau de cumprimento dos objetivos curriculares mínimos, definidos, a nível nacional, para cada ciclo do EB, visando o controlo da qualidade do sistema de ensino, a tomada de decisões para o seu aperfeiçoamento e, ainda, a confiança social no sistema escolar. Esta avaliação utiliza-se quando se pretende avaliar o sistema de ensino, a nível nacional, regional ou local, tendo em conta, especialmente, os respetivos resultados curriculares e procedimentos adotados. Ao contrário do que sucede com os outros tipos de avaliação, a avaliação aferida não tem quaisquer efeitos sobre a progressão escolar dos alunos e pode ter lugar em qualquer momento do ano letivo, sendo da responsabilidade dos organismos competentes do ME a elaboração das respetivas provas.

Em 2005, o ME publicou o Despacho Normativo n.º 50/2005, onde se descreve minuciosamente em que consiste a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação sumativa.

#### Avaliação diagnóstica

A avaliação diagnóstica conduz à adoção de estratégias de diferenciação pedagógica e contribui para elaborar, adequar e reformular o projecto curricular de turma [...]. Pode ocorrer em qualquer momento do ano letivo quando articulada com a avaliação formativa.

#### Avaliação formativa

A avaliação formativa é a principal modalidade de avaliação do ensino básico, assume carácter contínuo e sistemático e visa a regulação do ensino e da aprendizagem [...]. Este tipo de avaliação formativa fornece ao professor, ao aluno, ao encarregado de educação [...] informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências, de modo a permitir rever e melhorar os processos de trabalho.



A avaliação formativa é da responsabilidade de cada professor, em diálogo com os alunos e em colaboração com os outros professores [...]. Compete ao órgão de direção executiva [...] mobilizar e coordenar os recursos educativos existentes na escola ou agrupamento com vista a desencadear respostas adequadas às necessidades dos alunos. Compete, igualmente, ao conselho pedagógico apoiar e acompanhar o processo definido no número anterior.

#### Avaliação sumativa

A avaliação sumativa consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular. A avaliação sumativa inclui:

- a) A avaliação sumativa interna;
- b) A avaliação sumativa externa no 9.º Ano de Escolaridade.

Tendo em conta que o Mestrado que frequento diz respeito à Educação Básica, mas apenas ao 1.º e 2.º Ciclos, só me irei debruçar sobre as questões da avaliação desses dois ciclos de escolaridade, excluindo, neste trabalho, questões que digam respeito aos outros níveis de escolaridade.

#### Avaliação sumativa interna

A avaliação sumativa interna ocorre no final de cada período letivo, de cada ano letivo e de cada ciclo. Esta avaliação é da responsabilidade do professor titular da turma em articulação com o respectivo conselho de docentes, no 1.º Ciclo, e dos professores que integram o conselho de turma, nos 2.º e 3.º Ciclos, reunindo, para o efeito, no final de cada período.

A avaliação sumativa interna tem como finalidades:

- a) Informar o aluno e o seu encarregado de educação sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências definidas para cada disciplina e área disciplinar;
- b) Tomar decisões sobre o percurso escolar do aluno.

Podemos ainda referir que o docente deve refletir sobre as intenções educativas de forma a adequá-las aos interesses e experiências do grupo.

Como afirma Abreu, citado por Fernandes (2005), fazem parte da avaliação:

Os testes de avaliação ou os exames devem ser vistos como instrumentos do processo de ensino – aprendizagem e não propriamente como fins estanques da aprendizagem. A avaliação de um aluno deve ter em conta todos os elementos que estão envolvidos no processo educativo, como a “eficácia dos professores e dos programas e currículos, estratégias e métodos de ensino, organização da classe, rendimento escolar, etc. (p.138).

Além de todos os elementos que constituem o processo educativo, também se revela pertinente que os alunos façam auto e heteroavaliação, de forma a tomar mais consciência de si próprios, bem como dos docentes que os rodeiam. Não esquecendo,

no entanto, que todo este processo não deve “incidir” apenas nos conhecimentos demonstrados mas sim na globalidade do processo.

Para finalizar, Fernandes (2005, p. 24), afirma que “há quase uma relação de causa-efeito entre o que pensamos, ou que sabemos, acerca das formas como os alunos aprendem e as formas como avaliamos as suas aprendizagens.”.

Importa não esquecer que a aprendizagem, na sala de aula, não se dá de forma uniforme. Cada aluno tem o seu ritmo próprio, as suas facilidades e as suas dificuldades, o que torna mais complexa a ação do professor. Cabe ao docente ajudar o aluno a “crescer” globalmente; não basta reduzir a avaliação a uma constatação do que o aluno é capaz e não é capaz de fazer: a avaliação deve ser encarada como um instrumento orientador de todo o processo de ensino/aprendizagem.

É necessário que a avaliação sirva para que todos possam ter experiências de sucesso, para orientar sobre as dificuldades, sobre os pontos positivos e sobre as necessidades de cada um. Não só para comparar os alunos entre si de acordo com um critério único ou básico, criando competição doentia, inveja e frustração, mas para auxiliar cada um a evoluir em relação a si mesmo, indo ao encontro do seu potencial.

A classificação é rigorosa nas correções de provas e trabalhos, pois é classificado aquilo que está feito na circunstância. A classificação proporciona uma informação que leva o docente a comparar e a seriar os resultados entre alunos.

Posso então concluir que a avaliação é uma área bastante abrangente no qual se insere a classificação. Logo, estas duas ferramentas têm de coexistir de forma equilibrada. Ou seja, o docente deve avaliar todo o processo educativo, permitindo-lhe tomar consciência da evolução dos seus alunos e não simplesmente classificar com o único objetivo de atribuir uma nota.

Posso afirmar, após diversas leituras que realizei, que a avaliação associada à planificação, e vice-versa, vão dotar o professor de melhores ferramentas de trabalho para: ajudar os seus alunos a terem um desenvolvimento equilibrado, diversificado e de acordo com a faixa etária onde se inserem; poder alertar com mais rigor os encarregados de educação para os aspetos onde devem trabalhar mais com os seus educandos, por forma, a ajudá-los a ultrapassar as áreas onde manifestam mais dificuldades.

### 3.2. Dispositivos de avaliação

De forma a realizar a avaliação das propostas de atividade, utilizei a escala de Likert (quadro 19). Esta escala foi criada por Rensis Likert, psicólogo americano, que desenvolveu um trabalho notável ao nível da Psicologia, da Educação e da Gestão.

Quadro 19 – Escala de Lickert inicial

-2	-1	0	+1	+2
Nunca	Poucas vezes	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
1	2	3	4	5

A escala por ele criada consiste em cinco ou sete níveis de gradação, que pode ser utilizada em estudos sociais, mas também na educação. A escala inicialmente criada possui um elemento neutro, o zero (0), e depois níveis positivos e negativos, que correspondem a gradações de escolha.

A partir desta escala podem ser criadas muitas outras. A escala que utilizei foi adaptada, tendo escolhido cinco níveis de gradação, do Fraco ao Muito Bom, cada um correspondente a um intervalo de valores específico, tal como está representado no quadro 20.

Quadro 20 – Escala de Lickert utilizada na avaliação das atividades

0 – 2,9	3 – 4,9	5 – 6,9	7 – 8,9	9 – 10
<b>Fraco</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Suficiente</b>	<b>Bom</b>	<b>Muito Bom</b>
0 – 4,9	5 – 9,9	10 – 13,9	14 – 17,9	18 – 20

Para alguns dispositivos de avaliação utilizei uma escala de 0 a 10 valores (escala de cima); noutros, a escala foi de 0 a 20 valores (escala de baixo).

#### 3.2.1. Avaliação da atividade n.º 1 – Matemática (1.º Ano)

A atividade que se segue foi aplicada em maio de 2011, numa turma de 1.º Ano, a 24 alunos, no decorrer de uma aula dada por mim, e diz respeito à área de Matemática. Nesta aula, utilizei um material matemático estruturado, o *Tangram*, com

o qual os alunos construíram algarismos e, de seguida desenvolvi a leitura de números, através dos algarismos criados.

Começarei por apresentar uma grelha de avaliação, com os parâmetros, respetivos critérios e cotações, que estabeleci para cada questão. Depois, irei expor uma grelha de correção e, para finalizar, mostrarei um gráfico que traduz as notas obtidas pelos alunos. A escala utilizada neste dispositivo de avaliação foi de 0 a 10 valores.

A proposta de atividade utilizada encontra-se de seguida (figura 52).

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Com os três algarismos (1; 2; 4) que acabámos de construir, quantos números diferentes podemos criar?


Resposta: Com os três algarismos que construímos, podemos criar \_\_\_\_\_ números diferentes.




Figura 52 – Proposta de atividade na área da Matemática

Para este dispositivo de avaliação defini quatro parâmetros: preencher o cabeçalho; formar números; caligrafia e dar a resposta. Os critérios e cotações de cada um dos parâmetros encontram-se descritos na grelha de avaliação que a seguir apresento (quadro 21).

Quadro 21 – Grelha de avaliação da atividade n.º 1

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Preencher o cabeçalho	Escreveu o nome e a data corretamente	2	2
	Escreveu apenas o nome ou a data corretamente	1	
	Não escreveu nem o nome nem a data	0	
2. Formar números	Formou os 6 números possíveis	4	4
	Formou apenas 5 ou 4 números	3	
	Formou apenas 3 ou 2 números	2	
	Formou apenas 1 número	1	
	Não formou números	0	
3. Caligrafia	A caligrafia está bem legível	3	3
	A caligrafia está legível	2	
	A caligrafia está pouco legível	1	
4. Dar a resposta	Deu a resposta	1	1
	Não deu a resposta	0	
Total			10

Quadro 22 – Grelha de correção da atividade n.º 1

Parâmetro	1	2	3	4	Total
Cotação	2	4	3	1	10
Nº					
1	1,5	4	2	1	8,5
2	1,5	4	3	1	9,5
3	2	4	3	0	9
4	F	F	F	F	F
5	2	4	3	1	10
6	1,5	3	3	0	7,5
7	2	4	3	1	10
8	1,5	3	2	1	7,5
9	2	4	3	0	9
10	1,5	4	3	1	9,5
11	1,5	3	3	1	8,5
12	2	4	3	1	10
13	2	4	3	1	10
14	2	4	3	1	10
15	2	3	2	1	8
16	2	4	3	0	9
17	2	3	3	1	9
18	1,5	3	3	1	8,5
19	2	4	3	1	10
20	2	3	3	1	9
21	1,5	2	3	0	6,5
22	2	3	2	0	7
23	2	4	3	1	10
24	2	4	3	1	10
Média	1,83	3,57	2,83	0,7	8,96

Após a realização da grelha de correção da atividade n.º 1 (quadro 22), pude constatar que a média de todos os parâmetros se aproxima da cotação total. O aluno 4 faltou, sendo que não foi contabilizado no cálculo das médias das cotações.

Os alunos 3, 6, 9, 16, 21 e 22 não obtiveram cotação no último parâmetro, por não terem apresentado a resposta.

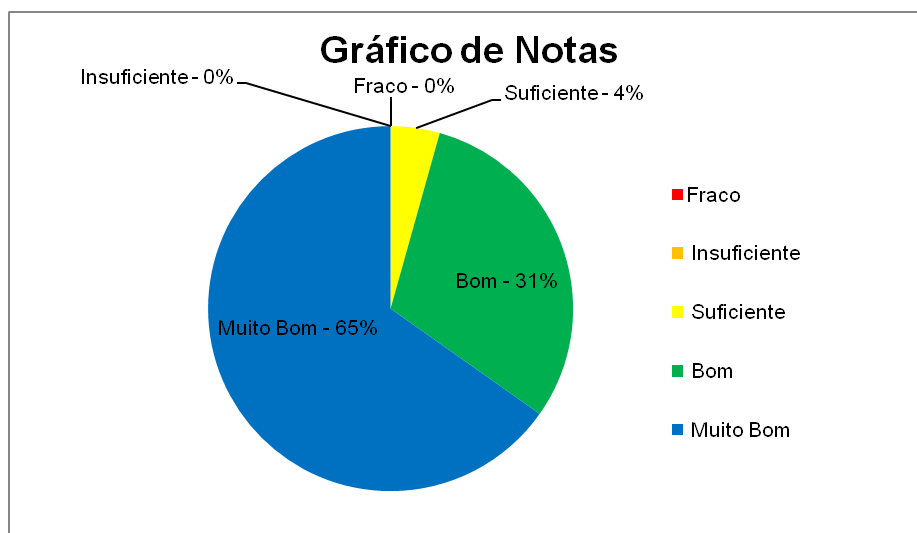


Figura 53 – Gráfico das notas obtidas pelos alunos na atividade n.º 1

Após a análise do gráfico acima apresentado (figura 53), pude constatar que nesta proposta de atividade, nenhum aluno obteve a classificação de Fraco nem Insuficiente; apenas 4% dos alunos da turma (1 aluno) obtiveram Suficiente. Posso ainda concluir que 31% dos alunos (7 alunos) tiveram a classificação de Bom e os restantes 65% (15 alunos) obtiveram Muito Bom. Relembro que um aluno faltou neste dia, pelo que não foi completado para a elaboração do gráfico.

Também verifiquei que a média de notas obtidas pelos alunos se situa num Muito Bom, representando um resultado muito satisfatório. Concluo que, numa próxima oportunidade com esta turma, deverei aumentar o grau de dificuldade da proposta de trabalho.

Com o aluno 21, será preciso realizar um trabalho mais individual, por forma a colmatar as suas dificuldades. Conhecendo bem esta turma, posso referir que este aluno apresenta várias lacunas nesta área.

### 3.2.2. Avaliação da atividade n.º 2 – Estudo do Meio (3.º Ano)

A segunda proposta de atividade foi aplicada em janeiro de 2011, numa turma de 3.º Ano, a 20 alunos, no decorrer de uma aula dada por mim, e diz respeito à área de Estudo do Meio. O conteúdo da aula eram os aspetos da costa, mais especificamente, as saliências.

Primeiro, mostrarei uma grelha de avaliação onde estão definidos os parâmetros e os critérios com as cotações que estabeleci para cada questão. Depois, irei expor uma grelha de correção e, para finalizar, irei apresentar um gráfico que traduz as notas obtidas pelos alunos.

O dispositivo que utilizei tinha dois exercícios: no primeiro, os alunos deviam completar um crucigrama e, no segundo, tinham que pintar um mapa de acordo com várias indicações (figuras 54 e 55).

Para este dispositivo de avaliação, utilizei uma escala de 0 a 10 valores.

1. Completa o crucigrama com a ajuda das definições.

**Horizontais**

- Grande porção de terra rodeada de água por todos os lados menos por um;
- Parte de um rio que se encontra em contacto com o mar e que forma uma boca larga;
- Baía de grandes dimensões e com bastante abertura maior;
- Extensão de terra que entra pelo mar.

**Verticais**

- Foz e estuário de um rio que foram tomados pelo mar;
- Cabo alto e rochoso;
- Porção de mar que entra pela terra, de forma arredondada;
- Porção de areia que entra pelo mar.

Figura 54 – Proposta de atividade na área do Estudo do Meio (exercício 1)



2. Pinta o mapa de acordo com o que te é pedido:

- a. Portugal - cor de laranja;
- b. Espanha - amarelo;
- c. Fronteira marítima de Portugal - verde;
- d. Fronteira terrestre de Portugal - castanho;
- e. Oceano Atlântico - azul;
- f. Mar Mediterrâneo - roxo.

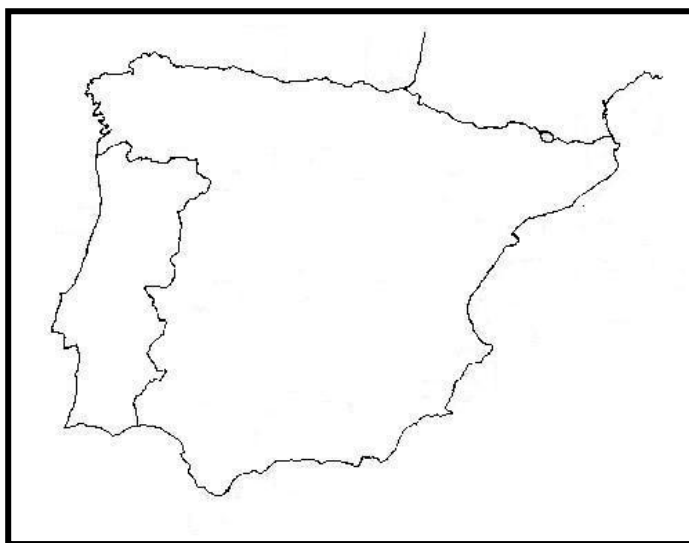


Figura 55 – Proposta de atividade na área do Estudo do Meio (exercício n.º 2)

Para o primeiro exercício, estabeleci dois parâmetros: completar o crucigrama e correção ortográfica. Para o segundo exercício, defini igualmente dois parâmetros: pintar o mapa e apresentação do trabalho. Os critérios de cada parâmetro e as respetivas cotações encontram-se na grelha de avaliação que se segue (quadro 23).

Quadro 23 – Grelha de avaliação da atividade n.º 2

Parâmetros	Critérios		Cotações
Exercício 1			
1. Completar o crucigrama	Identificou e escreveu corretamente as 8 palavras	3	3
	Identificou e escreveu corretamente 7 ou 6 palavras	2,5	
	Identificou e escreveu corretamente 5 ou 4 palavras	2	
	Identificou e escreveu corretamente 3 ou 2 palavras	1,5	
	Identificou e escreveu corretamente 1 palavra	1	
	Não identificou nem escreveu corretamente nenhuma palavras	0	
2. Correção ortográfica	Escreveu corretamente 8 palavras	2	2
	Cada erro ortográfico desconta 0,3		
	Cada falta desconta 0,15		
Exercício 2			
1. Pintar o mapa	Identificou e pintou corretamente os 6 pontos	4	4
	Identificou e pintou corretamente 5 ou 4 pontos	3	
	Identificou e pintou corretamente 3 ou 2 pontos	2	
	Identificou e pintou corretamente 1 ponto	1	
	Não identificou nem pintou corretamente nenhum ponto	0	
2. Apresentação	O trabalho está bem cuidado	1	1
	O trabalho está cuidado	0,8	
	O trabalho está pouco cuidado	0,3	
Total			10

Quadro 24 – Grelha de correção da atividade n.º 2

Questões	1		2		Total
Parâmetro	1	2	1	2	
Cotações	3	2	4	1	10
Nº					
1	3	1,4	4	1	9,4
2	3	1,7	3	0,3	8
3	3	1,85	4	0,8	9,65
4	3	1,55	3	0,8	8,35
5	3	1,55	4	0,8	9,35
6	F	F	F	F	F
7	3	1,7	4	0,3	9
8	3	0,5	4	0,3	7,8
9	3	0,8	4	0,8	8,6
10	3	0,35	3	0,3	6,65
11	3	1,4	4	0,8	9,2
12	3	1,85	3	0,8	8,65
13	F	F	F	F	F
14	3	1,85	4	1	9,85
15	3	0,65	4	0,8	8,45
16	3	0,8	4	0,8	8,6
17	F	F	F	F	F
18	3	1,55	4	0,8	9,35
19	3	0,95	4	0,3	8,25
20	3	1,85	4	1	9,85
Média	3	1,31	3,72	0,69	8,76

Após a realização da grelha de correção da atividade n.º 2 (quadro 24), pode constatar que a média dos quatro parâmetros se aproxima da cotação total.

Os alunos 6, 13 e 17 faltaram pelo que não foram contabilizados para o cálculo das médias das cotações. O aluno 10 teve uma cotação muito baixa no parâmetro 2

porque cometeu muitos erros ortográficos; no parâmetro 4, também não conseguiu obter a cotação máxima visto que o trabalho estava pouco cuidado.

É ainda importante referir que nenhum aluno obteve a cotação máxima no parâmetro 2 (correção ortográfica), do exercício 1.

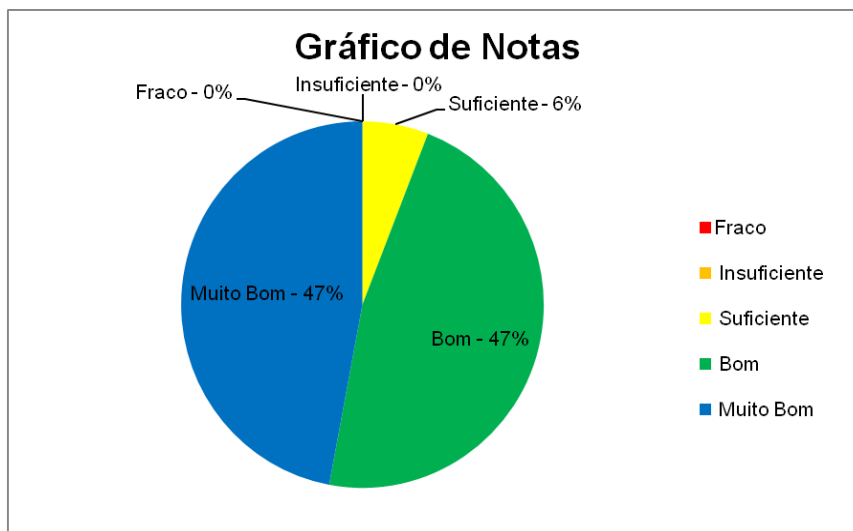


Figura 56 – Gráfico das notas obtidas pelos alunos na atividade n.º 2

Após a análise do gráfico acima apresentado (figura 56), pude constatar que nesta proposta de atividade, nenhum aluno obteve a classificação de Fraco nem Insuficiente; apenas 6% dos alunos da turma (1 aluno) obtiveram Suficiente. Posso ainda concluir que 47% dos alunos (8 alunos) tiveram a classificação de Bom e os restantes 47% (8 alunos) obtiveram Muito Bom.

Por outro lado, também verifiquei que a média de notas obtidas pelos alunos se situa num Muito Bom, representando um resultado muito satisfatório. Da próxima vez, deverei ser mais exigente, ou melhor deverei criar uma atividade mais difícil e que promova a correção ortográfica.

### 3.2.3. Avaliação da atividade n.º 3 – Língua Portuguesa (5.º Ano)

A terceira proposta de atividade foi aplicada em março de 2012, numa turma de 5.º Ano, a 12 alunos, no decorrer de uma aula dada por mim, e diz respeito à área de Língua Portuguesa. O conteúdo da aula era a análise gramatical, mais especificamente, os adjetivos e os pronomes.

Primeiro, mostrarei uma grelha de avaliação onde estão definidos os parâmetros e os critérios com as respetivas cotações que estabeleci para cada questão. Depois, irei expor uma grelha de correção e, para finalizar, irei apresentar um gráfico que traduz as notas obtidas pelos alunos.

O dispositivo que utilizei tinha cinco exercícios: no primeiro, os alunos deviam indicar o grau em que se encontravam os adjetivos sublinhados; no segundo, tinham que preencher um quadro sobre o grau dos adjetivos regulares (figura 57); no terceiro, as crianças deviam reescrever frases, pronominalizando-as; no quarto, deviam sublinhar os pronomes presentes nas frases; por último, no quinto exercício, pedia-se que completassem as frases lacunares com os pronomes adequados (figura 58).

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

## Pronomes e Adjetivos

1. Em que grau se encontram os adjetivos sublinhados?

a. Esta ovelha é muito velha.

\_\_\_\_\_

b. Aquele motor estava velhíssimo!

\_\_\_\_\_

c. O planeta do Príncipezinho era mais pequeno do que uma quinta.

\_\_\_\_\_

2. Preenche os espaços em branco:

Normal			
	De superioridade		
	De igualdade		
		... menos importante do que ...	
Superlativo			O mais importante
		De inferioridade	
	Absoluto	Analítico	
		Sintético	

Figura 57 – Proposta de atividade na área da Língua Portuguesa (exercícios 1 e 2)

3. Reescreve a frase que se segue substituindo por pronomes as expressões sublinhadas.

a. O aviador reparou o motor.

---

b. O avião reparou o motor.

---

c. O aviador reparou o motor.

---

4. Sublinha os pronomes presentes nas frases seguintes:

a. O menino via os desenhos e não gostava de nenhum.

b. "Esta é velha demais."

c. Aquela avaria não era como as outras.

d. O Príncipezinho não explicava tudo.

5. Completa as frases com os pronomes adequados:

a. A minha ovelha é mais nova do que a \_\_\_\_\_.  
(Pronome possessivo)

b. \_\_\_\_\_ horas são?  
(Pronome interrogativo)

c. Este avião está avariado. Mas \_\_\_\_\_ não.  
(Pronome demonstrativo)

d. \_\_\_\_\_ não ouviu as explicações do avião.  
(Pronome pessoal)




Figura 58 – Proposta de atividade na área da Língua Portuguesa (exercícios 3, 4 e 5)

Para o primeiro exercício, estabeleci, um parâmetro: indicar o grau dos adjetivos presentes nas frases. Para o segundo, defini igualmente um parâmetro: preencher o quadro com as palavras adequadas. Com o terceiro exercício, pretendi verificar se as crianças eram capazes de substituir por pronomes os constituintes destacados. Para o quarto exercício, o parâmetro de correção foi: Identificar os pronomes e, por fim, para o quinto e último exercício, defini o parâmetro: Aplicar os pronomes. Os critérios de cada parâmetro e as respetivas cotações encontram-se na grelha de avaliação que se segue (quadro 25).

A escala utilizada para este dispositivo de avaliação foi de 0 a 20 valores.

Quadro 25 – Grelha de avaliação da atividade n.º 3

Parâmetros	Critérios		Cotações
Exercício 1			
1. Indicar o grau dos adjetivos	Identificou e escreveu corretamente os 3 graus	3	3
	Identificou e escreveu corretamente 2 graus	2	
	Identificou e escreveu corretamente 1 grau	1	
	Não identificou nem escreveu corretamente nenhum grau	0	
Exercício 2			
2. Preencher o quadro	Preencheu corretamente os 10 espaços	5	5
	Preencheu corretamente 9 a 7 espaços	4	
	Preencheu corretamente 6 a 4 espaços	2,5	
	Preencheu corretamente 3 a 1 espaços	1	
	Não preencheu nenhum espaço	0	
Exercício 3			
3. Substituir por pronomes	Escreveu corretamente as 3 frases	3	4
	Escreveu corretamente 2 frases	2	
	Escreveu corretamente 1 frases	1	
	Não escreveu nenhuma frase	0	
Exercício 4			
4. Identificar os pronomes	Sublinhou corretamente os 4 pronomes	4	4
	Sublinhou corretamente 3 pronomes	3	
	Sublinhou corretamente 2 pronomes	2	
	Sublinhou corretamente 1 pronome	1	
	Não sublinhou nenhum pronome	0	
Exercício 5			
5. Aplicar os pronomes	Completoou corretamente as 4 frases	4	4
	Completoou corretamente 3 frases	3	
	Completoou corretamente 2 frases	2	
	Completoou corretamente 1 frase	1	
	Não completoou nenhuma frase	0	
Total			20

Quadro 26 – Grelha de correção da atividade n.º 3

Exercícios	1	2	3	4	5	Total
Parâmetro	1	2	3	4	5	
Cotações	3	5	4	4	4	20
Nº						
1	3	5	4	3	4	19
2	0	2,5	4	2	3	11,5
3	1	1	4	3	4	13
4	0	2,5	4	0	4	10,5
5	1	2,5	4	1	4	12,5
6	1	2,5	2	1	2	8,5
7	2	4	4	2	4	16
8	0	4	4	2	4	14
9	1	4	4	3	4	16
10	2	4	4	1	4	15
11	0	4	4	3	4	15
12	0	1	1	4	1	7
Média	0,92	3,08	3,58	2,08	3,5	13,17

Após a realização da grelha de correção da atividade n.º 3 (quadro 26), pude constatar que, no exercício 1, a média das cotações obtidas ficou muito distante da cotação máxima para esse parâmetro, uma vez que as crianças erraram muitas vezes. No quarto parâmetro, podemos constatar que os alunos ainda não conseguem identificar corretamente os pronomes. No quinto parâmetro, apenas um aluno (12) não conseguiu completar corretamente as quatro frases, pois é um aluno que revela ter um ritmo de trabalho lento e não conseguiu acabar a proposta no tempo estipulado para o efeito. Percebi também que esta turma está muito habituada a realizar este tipo de exercícios.

Nenhum aluno faltou neste dia, pelo que todos foram contabilizados para o cálculo das médias das cotações. O aluno 1 foi o único que obteve o total da cotação em todos os exercícios, exceto no quarto. Os alunos 6 e 12 foram os únicos que tiveram uma nota negativa.



Seguidamente, na figura 59, exponho um gráfico com as notas obtidas pelos alunos, neste dispositivo de avaliação.

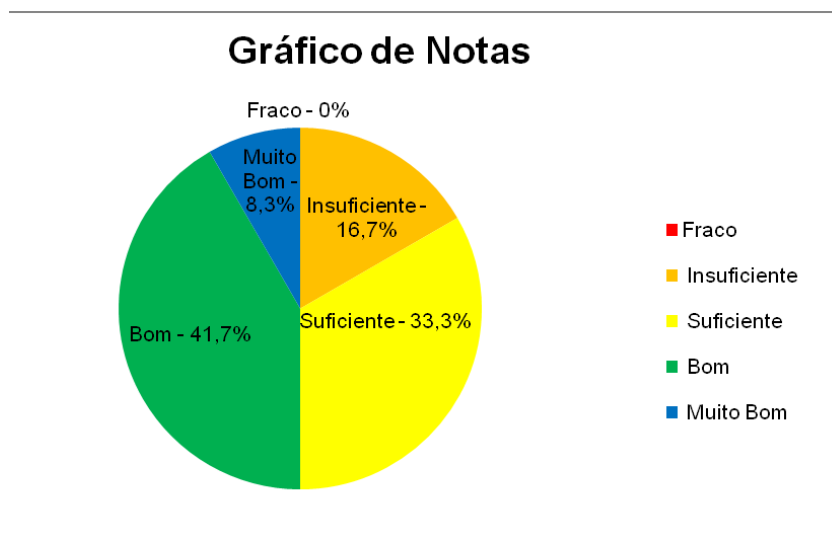


Figura 59 – Gráfico das notas obtidas na atividade n.º 3

Após a análise do gráfico acima apresentado (figura 59), pude constatar que nesta proposta de atividade, nenhum aluno obteve a classificação de Fraco. No entanto, 16,7% da turma (2 alunos) obteve a classificação Insuficiente. 33,3% dos alunos da turma (4 alunos) obtiveram Suficiente. Posso ainda concluir que 41,7% dos alunos (5 alunos) tiveram a classificação de Bom e os restantes 8,3% (1 aluno) obtiveram Muito Bom.

Também verifiquei que a média de notas obtidas pelos alunos se situa num Suficiente, representando um resultado algo inesperado, uma vez que a professora referiu que os alunos já dominavam estes conceitos. Penso que seria proveitoso rever estes conteúdos e, posteriormente, aplicar outra proposta de trabalho, a fim de verificar se os resultados se mantêm ou melhoraram.

#### 3.2.4. Avaliação da atividade n.º 4 – Matemática (5.º Ano)

A seguinte proposta de atividade foi aplicada em janeiro de 2012, num colégio particular em Lisboa, numa turma de 5.º Ano, a 30 alunos, no decorrer de uma aula com a duração de 90 minutos, e diz respeito à área de Matemática. A pedido da professora, para a lecionar, tive que elaborar uma proposta de trabalho com exercícios de consolidação da matéria dada, anteriormente, pela mesma: “Múltiplos e Divisores de um número”.

O dispositivo, que utilizei, estava dividido em duas partes e tinha sete exercícios. No primeiro, os alunos deviam completar as lacunas das afirmações dadas, escolhendo números, ao lado, apresentados. Para o segundo exercício, os alunos deviam escrever os múltiplos, menores que 50, dos números apresentados. O terceiro exercício consistia numa situação problemática. No quarto exercício, as crianças deviam indicar o menor número que se deve adicionar a 811, para que este fosse divisível por 2; 5; 10 ou 100 (figuras 60 e 61).

### Múltiplos e Divisores de um número

★ Os múltiplos de um número inteiro obtêm-se multiplicando esse número por 0, 1, 2, 3, 4, ...

★ Um número natural é **divisível** por outro quando a divisão do primeiro pelo segundo é exata.


1. Considera os números representados nas estrelas e completa, com eles, as frases de modo a obteres afirmações verdadeiras:

a. \_\_\_\_\_ é divisor de 25;

b. \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_ são divisíveis por 2;

c. \_\_\_\_\_ é divisor de qualquer número;

d. \_\_\_\_\_ é múltiplo de \_\_\_\_\_ e de \_\_\_\_\_.



2. Escreve os múltiplos, menores que 50, dos números que de são dados:

$M_1 = \{ \text{_____} \}$

$M_2 = \{ \text{_____} \}$

$M_{13} = \{ \text{_____} \}$

Figura 60 – Proposta de trabalho na área da Matemática para o 2.º Ciclo (exercícios 1 e 2)

3. É preciso formar equipas na escola! Os 28 alunos da turma do Frederico escolheram todos a mesma modalidade e conseguiram formar equipas completas. Observa o quadro seguinte e, sabendo que todos os alunos foram integrados, indica que modalidade escolheram.

Modalidade	N.º de jogadores por equipa
Voleibol	6
Andebol	7
Futebol	11

R: \_\_\_\_\_

4. Indica o menor número que se deve adicionar a 811 para obteres um número:

a. divisível por 2 »»» \_\_\_\_\_

b. divisível por 5 »»» \_\_\_\_\_

c. divisível por 10 »»» \_\_\_\_\_

d. divisível por 100 »»» \_\_\_\_\_

Figura 61 – Proposta de trabalho na área da Matemática para o 2.º Ciclo (exercícios 3 e 4)

No quinto exercício (figura 62), os alunos deviam resolver os enigmas apresentados; e no sexto, deviam utilizar lápis de cor para circundar os números apresentados, de acordo com o que era pedido. Finalmente, no sétimo exercício, as crianças deviam fazer combinações, com os algarismos fornecidos, de modo a obterem o menor número possível, divisível por 3 e por 4, simultaneamente (figura 63).



Figura 62 – Proposta de trabalho na área da Matemática para o 2.º Ciclo (exercício 5)

6. Com lápis de cor, circunda:

- ✓ a amarelo os números divisíveis por 2;
- ✓ a azul os números divisíveis por 3;
- ✓ a encarnado os números divisíveis por 4;
- ✓ a verde os números divisíveis por 5.

6      5568      23481      1140      492      2012      75      935

7. Qual é o menor número de quatro algarismos, divisível por 3 e por 4, que se pode formar utilizando (sem os repetir) os algarismos 0, 2, 4, 9?

---



---



---

Figura 63 – Proposta de trabalho na área da Matemática para o 2.º Ciclo (exercícios 6 e 7)

Seguidamente apresento uma grelha de avaliação onde estão definidos os parâmetros e os critérios com as cotações que estabeleci para cada questão. Depois, irei expor uma grelha de correção e, para finalizar, irei apresentar um gráfico que traduz as notas obtidas pelos alunos. Os parâmetros e respetivos critérios e cotações, que estabeleci para cada exercício, encontram-se descritos na grelha de avaliação (quadro 27) que apresento de seguida. A escala utilizada foi de 0 a 20 valores.

Quadro 27 – Grelha de avaliação da atividade n.º 4

Parâmetros	Critérios		Cotações
Exercício 1			
1. Escolher os números adequados	Completoou corretamente as 4 afirmações	2	2
	Cada erro desconta 0,2		
Exercício 2			
2. Reconhecer o conceito de múltiplo	Enumerou corretamente todos os múltiplos	3	3
	Cada erro desconta 0,1		
Exercício 3			
3. Resolver uma situação problemática	Resolveu a situação problemática e justificou a resposta corretamente	4	4
	Resolveu a situação problemática, mas não justificou a resposta corretamente	2	
	Não resolveu a situação problemática, nem justificou a resposta	0	
Exercício 4			
4. Representar um número	Indicou corretamente os 4 números	2	2
	Indicou corretamente 3 ou 2 números	1,5	
	Indicou corretamente 1 número	1	
	Não indicou corretamente nenhum número	0	
Exercício 5			
5. Resolver enigmas	Resolveu corretamente os 4 enigmas	2	2
	Resolveu corretamente 3 ou 2 enigmas	1,5	
	Resolveu corretamente 1 enigma	1	
	Não resolveu corretamente nenhum enigma	0	
Exercício 6			
6. Identificar números	Circundou corretamente os 18 números	5	5
	Circundou corretamente 17 a 13 números	4	
	Circundou corretamente 12 a 9 números	3	
	Circundou corretamente 8 a 5 números	2	
	Circundou corretamente 4 a 1 números	1	
	Não circundou corretamente nenhum número	0	
Exercício 7			
7. Aplicar as regras de formação de um número	Conseguiu formar corretamente o número	2	2
	Não conseguiu formar corretamente o número	0	
Total			20

Quadro 28 – Grelha de correção da atividade n.º 4

Exercícios	1	2	3	4	5	6	7	
Parâmetros	1	2	3	4	5	6	7	
Cotações	2	3	4	2	2	5	2	TOTAL
Nº								
1	1,8	3	2	2	2	3	2	15,8
2	2	3	2	2	2	4	2	17
3	1,8	3	2	2	2	4	2	16,8
4	2	3	2	2	2	3	2	16
5	2	3	2	2	2	5	2	18
6	2	3	2	2	1,5	3	0	13,5
7	2	2,8	4	0	2	3	2	15,8
8	2	3	2	2	2	4	2	17
9	2	3	2	2	2	4	2	17
10	2	3	2	2	2	4	2	17
11	2	3	4	2	2	3	2	18
12	2	3	2	2	2	3	2	16
13	2	3	4	2	2	3	2	18
14	2	3	2	2	2	2	0	13
15	2	3	2	2	2	4	2	17
16	1,8	3	2	2	2	3	2	15,8
17	1,8	3	4	2	2	4	2	18,8
18	2	2,9	2	2	2	4	2	16,9
19	2	3	4	2	2	4	2	19
20	2	3	2	2	2	4	2	17
21	2	2,9	2	2	2	4	2	16,9
22	1,8	3	2	2	2	4	2	16,8
23	1,8	3	2	2	2	2	2	14,8
24	2	3	2	2	2	4	2	17
25	2	3	2	2	2	3	0	14
26	2	3	2	2	1,5	3	2	15,5
27	1,6	2,5	2	2	1,5	3	0	12,6
28	2	3	2	2	2	3	2	16
29	1,8	3	4	2	2	4	2	18,8
30	2	3	2	2	2	4	2	17
Médias	1,94	2,97	2,4	1,93	1,95	3,5	1,73	16,43

Após a realização da grelha de correção da atividade n.º 4 (quadro 28), pode constatar que a média de todos os parâmetros se aproxima da cotação total, exceto nos exercícios 3 e 6, nos quais os alunos demonstraram mais dificuldades.

A minha interpretação desta grelha leva-me a afirmar que os exercícios referidos eram mais difíceis, pelo facto de os alunos não estarem habituados a resolver tarefas deste tipo.

Os 30 alunos estiveram presentes, neste dia, pelo que todos foram contabilizados para o cálculo das médias das cotações. O aluno 19 recebeu a melhor classificação da turma, uma vez que obteve a cotação total em todos os exercícios, exceto num (exercício 6).

É, ainda, importante referir que apenas um aluno (o aluno 5) obteve a cotação máxima no exercício 6.

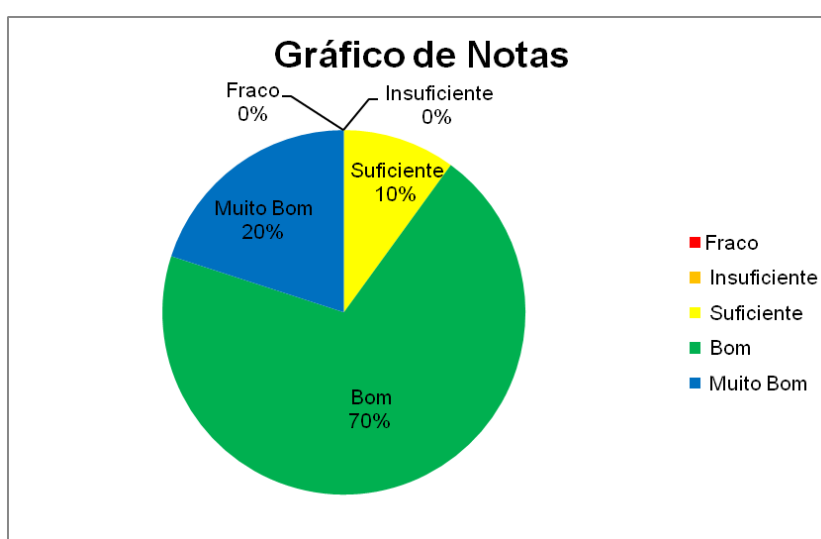


Figura 64 – Gráfico das notas obtidas pelos alunos na atividade n.º 4

Após a análise do gráfico acima apresentado (figura 64), pude constatar que nesta proposta de atividade, nenhum aluno obteve as classificações de Fraco ou Insuficiente. No entanto, 10% da turma (3 alunos) obtiveram a classificação Suficiente. Posso ainda concluir que 70% dos alunos (21 crianças) tiveram a classificação de Bom e os restantes 20% (6 alunos) obtiveram Muito Bom.

Por outro lado, também constatei que a média de notas obtidas pelos alunos se situa num Bom, representando um resultado muito satisfatório. À exceção dos alunos que tiveram Muito Bom, alunos que não têm dificuldades, penso que os bons resultados se devem ao facto de muitas crianças terem emendado as suas respostas, aquando da correção dos exercícios no quadro.

### 3.2.5. Avaliação da atividade n.º 5 – Ciências da Natureza (5.º Ano)

A fim de realizar a avaliação desta área, optei por não elaborar uma proposta de trabalho, mas sim uma grelha de observação dos alunos, de modo a avaliar as competências desenvolvidas ao longo da aula. Utilizei essa grelha durante uma aula, dada por mim, em março de 2012, ao 5.º Ano de Escolaridade, num Jardim-Escola João de Deus fora de Lisboa. A turma tinha 12 alunos.

A aula consistia na observação, com o microscópio ótico composto, de células de origem vegetal e de origem animal. Assim, dividi a turma em quatro grupos, de três elementos, cada grupo com o seu microscópio. Ao longo da realização do protocolo experimental, fui registando as competências e o comportamento dos alunos na grelha que preparei previamente e que, de seguida, apresento no quadro 29.

Quadro 29 – Grelha para avaliação de competências

Grupos	Parâmetros	Classificação			Raciocínio lógico			Responsabilidade			Cooperação		
	CrITÉRIOS	Analisar	Identificar	Distinguir	Observar	Comparar	Relacionar	Cumpridor	Organizado	Interessado	Entreajuda	Partilha	Colaboração
1	A												
	B												
	C												
2	D												
	E												
	F												
3	G												
	H												
	I												
4	J												
	K												
	L												



Para ser mais fácil realizar a avaliação dos alunos, no decorrer da aula, decidi utilizar a seguinte escala (quadro 30):

Quadro 30 – Escala de avaliação de competências

Fraco	Insuficiente	Suficiente	Bom	Muito Bom
1	2	3	4	5

De seguida, na figura 65, apresento a grelha com os resultados da avaliação de competências. Os nomes dos alunos foram removidos e substituídos por letras, a fim de preservar o anonimato das crianças.

Utilização do microscópio ótico composto – Observação de células de origem vegetal e animal

16/03/2012

Grupos	Parâmetros	Classificação			Raciocínio lógico			Responsabilidade			Cooperação		
	Crítérios	Analisar	Identificar	Distinguir	Observar	Comparar	Relacionar	Cumpridor	Organizado	Interessado	Entreajuda	Partilha	Colaboração
1	A	5	5	5	4	5	4	5	5	4	3	4	4
	B	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
	C	4	4	3	5	5	4	5	5	5	4	5	5
2	D	5	5	5	5	5	4	4	5	3	4	5	3
	E	5	5	5	5	5	5	5	5	5	4	2	3
	F	4	5	4	4	4	5	4	5	3	5	5	5
3	G	4	5	4	4	5	5	3	5	3	2	5	2
	H	5	5	5	5	5	4	5	5	5	2	3	2
	I	3	4	5	5	5	3	5	5	5	2	3	2
4	J	5	5	4	4	5	5	5	5	5	4	5	5
	K	4	5	5	5	5	5	4	5	4	3	5	4
	L	5	5	5	5	5	4	5	5	5	4	5	5

Figura 65 – Grelha de avaliação de competências (resultados)

Analisando a grelha dos resultados da observação dos alunos (figura 65), posso concluir que a maioria foi capaz de analisar, identificar e distinguir as células que observaram com o microscópio. Também no parâmetro do raciocínio lógico, os alunos obtiveram uma boa classificação, pelo que concluo que entenderam a explicação que antecedeu a utilização do microscópio.

Em relação ao parâmetro da responsabilidade, todos os alunos obtiveram a classificação máxima no critério da organização, já que o protocolo experimental foi realizado em conjunto. Quase todas as crianças cumpriram as regras de conduta do

laboratório, pelo que as classificações, no critério “Cumpridor”, foram boas. No que diz respeito ao interesse, alguns alunos (D, F e G) dispersaram-se no decorrer da aula, pelo que tiveram que ser chamados à atenção.

Quanto ao parâmetro da cooperação, constato que alguns grupos não funcionaram bem, uma vez que os seus membros não foram capazes de trabalhar em grupo, colaborando entre si. O grupo 1 e o grupo 4 foram os que melhor funcionaram; já, nos grupos 2 e 3, os alunos não foram capazes de se coordenar, pelo que obtiveram classificações mais baixas e, na altura, foi necessário falar com eles e dar-lhes pistas para melhorarem o seu desempenho (ex.: distribuir tarefas).

A figura 66, que se segue, representa o gráfico com as classificações médias de cada critério.

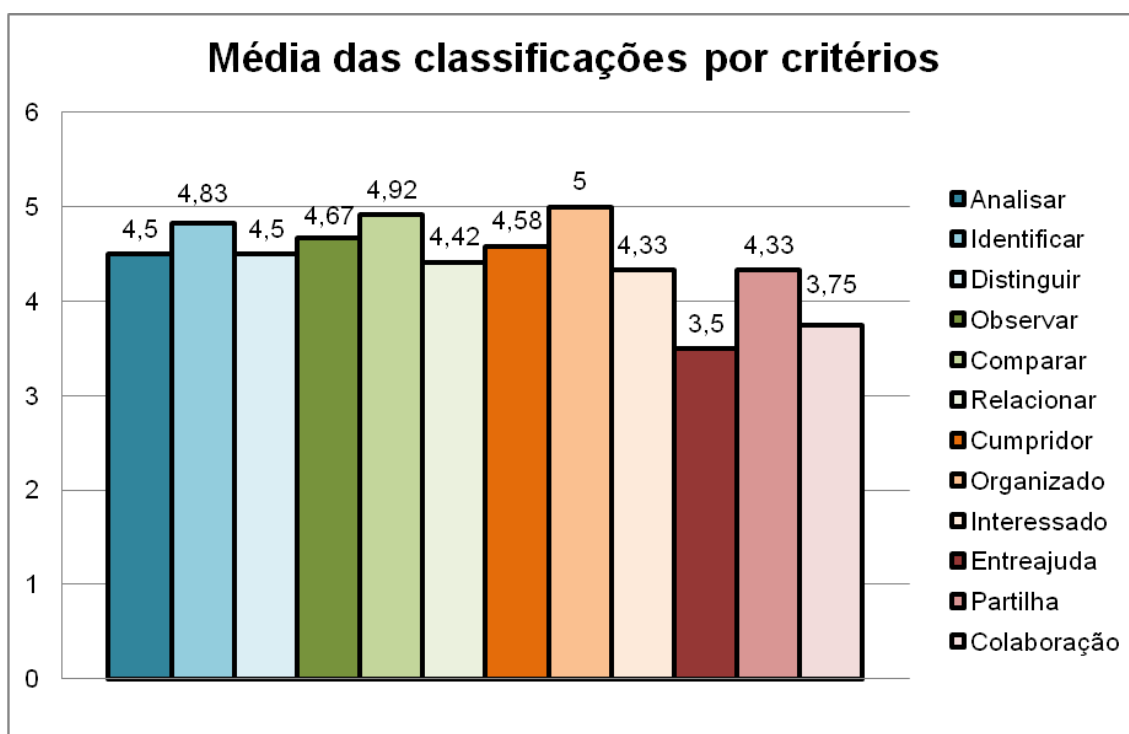


Figura 66 – Gráfico das classificações médias obtidas pelos alunos, por critérios

Após a análise do gráfico presente na figura 66, posso concluir que o parâmetro, no qual os alunos obtiveram melhor classificação, foi no de “Cumpridor”. Depois, os melhores resultados ocorreram tanto no parâmetro “Identificar” como “Comparar” pois, a maioria dos alunos foi capaz de identificar o tipo de células que observou no microscópio e comparar as diferenças entre as células de origem vegetal e de origem animal.

O parâmetro que teve uma classificação mais baixa foi a “Entreajuda” porque, tal como foi referido anteriormente, alguns grupos não funcionaram bem.

Considero que devo continuar a promover o trabalho de grupo nesta e noutras áreas. Penso também ser pertinente diversificar as estratégias para formar grupos pois, desta vez, fui eu a fazer os grupos mas, de uma outra vez posso deixar os alunos escolherem com quem preferem trabalhar. No entanto, é bom para o futuro destas crianças, aprenderem a trabalhar com vários e diferentes colegas.

### **3.2.6. Avaliação da atividade n.º 6 – História e Geografia de Portugal (5.º Ano)**

Esta proposta de atividade foi aplicada em janeiro de 2012, num Colégio particular, numa turma de 5.º Ano, a 30 alunos, no decorrer de uma aula dada por mim, e diz respeito à área de História e Geografia de Portugal.

O tema da aula foi “A herança muçulmana” pelo que, depois de ter mostrado uma apresentação em *powerpoint* e ter questionado os alunos sobre os seus conhecimentos acerca do tema, distribuí um pequeno questionário, a fim de aferir se os conteúdos foram assimilados.

O dispositivo, que elaborei, tinha três questões: na primeira, os alunos deviam referir quais as zonas do país que sofreram mais influência muçulmana, justificando as suas respostas; na segunda pergunta, com base na página 58 do manual, as crianças deviam mencionar quais os elementos decorativos com que eram embelezados os palácios e as mesquitas muçulmanas; por fim, na terceira questão, os alunos deviam indicar em que domínios se fez sentir a influência muçulmana, e dar 2 exemplos para cada domínio.

A proposta de trabalho encontra-se na figura 67, que se segue.

**A herança muçulmana**

★ Lê com atenção as perguntas que se seguem e responde de forma completa.

1. Em que zona do país são mais fortes as marcas da influência muçulmana? Justifica a tua resposta.

---

---

---

---

---

---

---

---

2. Que elementos decorativos embelezavam as mesquitas e os palácios muçulmanos?  
Podes consultar o manual na página 58.

---

---

---

---

---

---

---

---

3. Os muçulmanos influenciaram a nossa cultura em vários domínios. Indica quais foram esses domínios e dá 2 exemplos para cada um deles.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Figura 67 – Proposta de trabalho na área da História e Geografia de Portugal

Os parâmetros e respetivos critérios e cotações, que estabeleci para cada exercício, encontram-se descritos na grelha de avaliação (quadro 31) que apresento de seguida. A escala utilizada para a avaliação foi de 0 a 10 valores.

Quadro 31 – Grelha de avaliação da atividade n.º 6

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Correção ortográfica	Escreveu sem erros ortográficos	2	2
	Cada erro ortográfico desconta 0,2		
	Cada falta desconta 0,1		
2. Caligrafia	A caligrafia está bem legível	1	1
	A caligrafia está legível	0,8	
	A caligrafia está pouco legível	0,3	
Questão 1			
3. Identificar a zona do país onde se faz sentir mais a influência muçulmana	Referiu corretamente a zona a sul do Tejo e justificou a resposta	1	1
	Referiu corretamente a zona a sul do Tejo mas não justificou a resposta	0,5	
	Não referiu corretamente a zona a sul do Tejo, nem justificou a resposta	0	
Questão 2			
4. Mencionar os elementos decorativos	Referiu os 6 elementos decorativos	2	2
	Referiu 5 a 3 elementos decorativos	1,5	
	Referiu 2 ou 1 elementos decorativos	1	
	Não referiu nenhum elemento decorativo	0	
Questão 3			
5. Indicar os domínios de influência muçulmana	Indicou os 6 domínios	1	
	Indicou 5 a 3 domínios	0,7	
	Indicou 2 ou 1 domínios	0,3	
	Não indicou nenhum domínio	0	
6. Dar exemplos	Deu 12 exemplos corretos	3	4
	Deu 11 a 8 exemplos corretos	2	
	Deu 7 a 4 exemplos corretos	1,5	
	Deu 3 a 1 exemplos corretos	1	
	Não deu nenhum exemplo correto	0	
Total			10

Quadro 32 – Grelha de correção da atividade n.º 6

Parâmetros	1	2	Questão 1	Questão 2	Questão 3	TOTAL
Cotações	2	1	1	2	4	
Nº						
1	2	1	1	1,5	4	9,5
2	1,8	1	1	2	4	9,8
3	2	0,8	1	1,5	3	8,3
4	2	1	0,5	2	2,7	8,2
5	2	1	1	2	4	10
6	1,8	1	1	2	2,2	8
7	1,6	0,8	0,5	2	1	5,9
8	2	1	1	2	2,5	8,5
9	1,7	1	0,5	1,5	2,7	7,4
10	2	1	1	1	4	9
11	1,5	1	1	2	2,5	8
12	1,8	1	1	2	3	8,8
13	2	0,8	1	1,5	4	9,3
14	1,7	0,3	0,5	2	2,7	7,2
15	1,6	1	1	1,5	2,7	7,8
16	1,6	0,8	0,5	1,5	3	7,4
17	1,4	0,8	0,5	1,5	2,7	6,9
18	2	1	1	1,5	3	8,5
19	2	1	1	1,5	3	8,5
20	2	1	1	2	2,7	8,7
21	1,9	1	1	1,5	3	8,4
22	1,2	0,8	1	2	2,2	7,2
23	1,7	1	1	2	3	8,7
24	1,5	1	1	1,5	2,7	7,7
25	1,8	1	1	1,5	3	8,3
26	1,6	1	0,5	1,5	2,2	6,8
27	2	1	1	1,5	4	9,5
28	1,7	1	1	2	3	8,7
29	1,9	1	1	1,5	2,7	8,1
30	1,5	1	0,5	1,5	2,2	6,7
Médias	1,78	0,93	0,87	1,7	2,91	8,19

Após a realização da grelha de correção da atividade n.º 6 (quadro 32), pude constatar que a média de todos os parâmetros se aproxima da cotação total, exceto na questão 3. Nesta questão, catorze alunos (4, 6, 8, 9, 11, 14, 15, 17, 20, 22, 24, 26, 29 e 30) demonstraram algumas dificuldades em enumerar a totalidade dos domínios e a

dar exemplos, o que me surpreende em virtude de todos terem tido acesso ao manual para apoio, durante a realização desta proposta.

Os 30 alunos estiveram presentes, neste dia, pelo que todos foram contabilizados para o cálculo das médias das cotações. O aluno 5 obteve a classificação máxima, uma vez que respondeu acertadamente a todas as questões e não deu erros ortográficos. O aluno 2 só não obteve a classificação máxima porque deu um erro ortográfico.

É, ainda, importante referir que, na questão 3, o aluno 7 não deu exemplos para cada domínio, o que justifica a sua cotação.

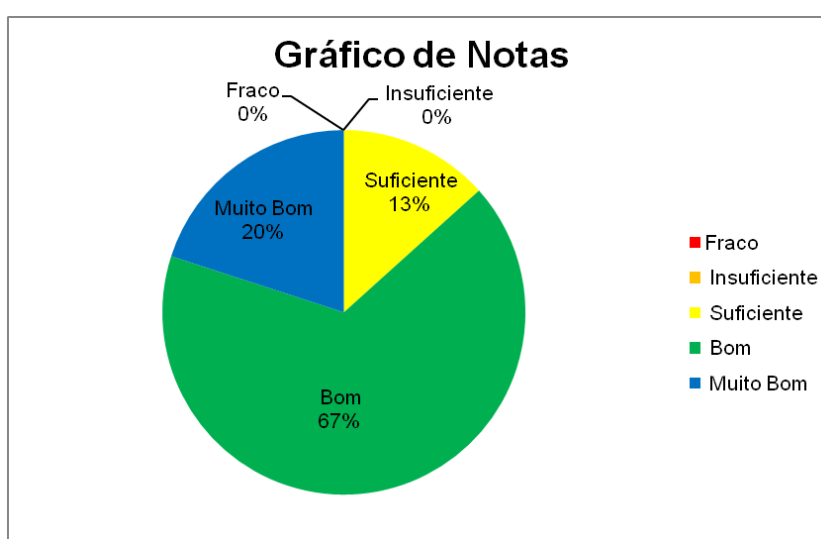


Figura 68 – Gráfico das classificações obtidas pelos alunos na atividade n.º 6

Após a análise do gráfico acima apresentado (figura 68), pude constatar que nesta proposta de atividade, nenhum aluno obteve as classificações de Fraco ou Insuficiente. No entanto, 13% da turma, o que corresponde a 4 alunos, obtiveram a classificação Suficiente. 67% dos alunos da turma, fração correspondente a 20 alunos, obtiveram Bom. Posso ainda concluir que os restantes 20% (6 alunos) obtiveram Muito Bom.

Por outro lado, também constatei que a média de notas obtidas pelos alunos se situa num Bom, representando um resultado muito satisfatório. Considero que os conceitos lecionados, durante a aula, foram assimilados pela maioria dos alunos.

Considero também que o tempo que foi estipulado para a consecução desta proposta de trabalho foi suficiente, pois todos os alunos terminaram no tempo estabelecido para o efeito.

Para terminar este capítulo, gostaria de referir que aprendi muito sobre a forma de avaliar, apesar de ter utilizado, na maioria das vezes, dispositivos de avaliação do tipo formativo, pois estes permitem identificar as dificuldades que surjam e solucioná-las.

Em virtude de ter sempre papel e lápis à mão, nos diferentes momentos de estágio, para poder registar o que fosse pertinente a elaboração deste relatório, tirei várias notas sobre o comportamento e as atitudes dos alunos que, mais tarde, me foram muito úteis aquando das aulas que lecionei, pois estava melhor preparada para lidar com as crianças.

Outro aspeto importante, foi a comunicação que estabeleci com os professores cooperantes e as orientadoras da Equipa de Supervisão Pedagógica, uma vez que todos me sugeriram estratégias e metodologias que melhor se adaptavam às turmas, mas também aos conteúdos que iria lecionar. Pois, conforme afirma Mialaret (1981, p.101), “[...] um estágio bem conduzido [...] dá os seus frutos durante vários anos.”.

Desta forma, considero que o apoio dos professores cooperantes e das orientadoras da Equipa de Supervisão Pedagógica foram preponderantes para o meu sucesso enquanto futura professora.



**Reflexão final**



## **Considerações finais**

Este documento foi elaborado tendo como base o Estágio Profissional I, II, III e IV, realizados ao longo de dois anos de Mestrado. Cabe-me, agora, fazer uma reflexão de todo o trabalho aqui desenvolvido.

O Estágio Profissional é, sem dúvida, uma mais-valia para todos os formandos da ESEJD, uma vez que oferece a possibilidade de contactar diretamente, desde o início da Licenciatura, com a profissão que desejamos seguir. Assim, durante todo este meu percurso, tive o privilégio de conhecer diversas realidades educativas e de me cruzar com diferentes profissionais, que me transmitiram largos conhecimentos.

De acordo com Formosinho (2009, p. 105) a prática pedagógica é “a fase prática docente acompanhada, orientada e reflectida, que serve para proporcionar ao futuro professor uma prática de desempenho docente global em contexto real que permita desenvolver as competências e atitudes necessárias para um desempenho consciente, responsável e eficaz.”. De todas as experiências que tive, ao longo do estágio, pretendo retirar o que melhor se encaixa na minha personalidade, a fim de poder utilizá-lo e melhorar a minha prática pedagógica.

Considero que, enquanto futura professora dos 1.º e 2.º Ciclos do EB, ter tido a oportunidade de realizar o Estágio Profissional em ambos os ciclos, constitui um fator importante na minha formação, uma vez que pude contactar com estas diferentes realidades, o que me ofereceu um leque mais alargado de experiências, mas também a consciência do percurso escolar que as crianças fazem, desde os 6 aos 12 anos de idade. De seguida, gostaria de destacar os aspetos mais significativos, quer do estágio decorrido no 1.º Ciclo, quer no 2.º Ciclo, respetivamente.

No 2.º Ano, o que mais gostei foi do comportamento da turma, que quase sempre foi exemplar. No entanto, também quero referir o facto de a professora ter utilizado inúmeros materiais matemáticos manipuláveis, para que pudéssemos ver aulas mais dinâmicas e lúdicas.

No 3.º Ano, o que mais me cativou foi, sem dúvida, a professora titular e a relação que estabeleceu com os alunos. Todas as estratégias que utilizou são, para mim, um modelo a seguir na minha futura profissão.

No 1.º Ano, o que mais me chamou a atenção foi, novamente, o comportamento da turma mas, neste caso, pela negativa pois havia muita indisciplina.

Uma vez que mudaram de professora a meio do ano letivo, senti que eram crianças bastante instáveis e com algumas dificuldades. O meu desafio pessoal, no período que passei com estes alunos, foi tentar encontrar estratégias para os cativar e manter a disciplina, utilizando as teorias que tinha aprendido durante a minha formação.

Finalmente, no 4.º Ano, queria salientar que infelizmente não tive oportunidade de assistir a muitas aulas lecionadas pela professora da sala, uma vez que os alunos estiveram quase sempre a realizar fichas de avaliação, correção de trabalhos de casa ou revisões para o teste.

Já no 2.º Ciclo, e no que diz respeito ao período em que estive no colégio particular, o que mais me marcou foi a estratégia de ensino adotada pelos docentes. Fazendo uma retrospectiva de todas as práticas pedagógicas que lá observei, considero que as aulas eram maioritariamente expositivas: o professor, em cima do estrado, expunha a matéria e os alunos, sentados nas suas cadeiras, limitavam-se a ouvir e, talvez, a tirar apontamentos. Às crianças, raramente era dada a palavra e, da parte delas, reinava um clima de medo dos professores. Percebi que neste colégio, ainda se promove um ensino centrado no docente, contrariamente ao que se defende atualmente.

Em relação à turma do 5.º Ano do JE n.º 1, um dos fatores que me chamou a atenção foi a falta de regras de sala de aula por parte de alguns professores, fazendo com que houvesse muita agitação e alguma indisciplina.

No entanto, gostaria de referir que senti, por parte de todos os professores cooperantes desta escola, um verdadeiro apoio, preocupação, disponibilidade e uma genuína vontade de nos ajudar a melhorar a nossa postura e estratégias de ensino.

Uma consideração que não posso deixar de fazer, prende-se com o facto de a nossa formação contemplar a monodocência no 2.º Ciclo. De acordo com várias pesquisas que realizei no *Education, Audiovisual & Culture Executive Agency*, pude confirmar que Portugal é o único país europeu que não pratica a monodocência até este nível de escolaridade. Muito se tem questionado acerca da capacidade dos professores e da sua preparação (ou falta dela) para lecionar, no 2.º Ciclo, as quatro áreas do conhecimento. No entanto, considero que, se o modelo existe em toda a Europa e se está provado que o mesmo funciona, por que razão não irá funcionar em Portugal? Penso que é apenas uma questão de resistência à mudança ou falta de abertura de espírito.

Com a realização deste relatório, aprendi a ser mais organizada, metódica e responsável, mas também cresci como futura profissional da educação pois, através das pesquisas, leituras e seleções que fui fazendo, percebi a importância da planificação e da avaliação na profissão docente.

A elaboração deste documento também me permitiu fazer uma análise crítica e pormenorizada das aulas que lecionei. Durante o estágio, os conselhos dos professores cooperantes e das professoras da Equipa de Supervisão da Prática Pedagógica foram indispensáveis para que pudesse aperfeiçoar as estratégias que utilizei. De acordo com Severino (2007, p.119), algumas das grandes funções do supervisor passam por “refletir, encorajar, cooperar, orientar, motivar, questionar e ensinar os alunos.”. Assim, sinto-me privilegiada por ter recebido, por parte da grande maioria dos professores que me orientaram, um verdadeiro apoio, a todos os níveis.

No que diz respeito à forma como a profissão docente é vista na sociedade atual, e de acordo com várias leituras que realizei, mas também debates com diversas pessoas, apercebi-me que a mesma não é valorizada como devia.

Antigamente, só frequentavam a escola as crianças pertencentes a famílias mais abastadas, que eram uma minoria, pois as outras, a maioria, tinham que trabalhar para ajudar a sustentar a família. Com o passar do tempo, houve uma massificação do ensino (felizmente) que levou a uma necessidade importante de encontrar docentes que lecionassem nas escolas para responder ao grande número de alunos que surgiram. Esta massificação foi prejudicial para a profissão docente, mas não para a sociedade, porque uma sociedade alfabetizada e instruída é uma sociedade mais evoluída e informada.

No entanto, hoje em dia, verificamos que muitos dos professores do EB que lecionam nas nossas escolas são pessoas cuja vocação não está direcionada para “dar aulas”. São professores porque, na altura de escolherem um curso, as suas classificações académicas não permitiam o acesso ao curso superior desejado; apenas eram suficientes para ingressar no curso de docentes cujas médias eram bastante mais baixas.

Alguns docentes que encontramos, hoje em dia, são indivíduos que não têm vontade de estar nas salas de aulas, que se sentem desmotivados e contrariados. Também acontece, por exemplo, encontrarmos professores que têm um curso teórico (História, Línguas...) e que, por não terem conseguido arranjar um emprego na sua

área de formação, foram “dar aulas” sem, no entanto, terem tido qualquer formação na área da pedagogia e, muito menos, das didáticas.

Tudo isto levou a uma desvalorização significativa e a uma banalização da nossa profissão.

Para além destes factos, a sociedade está em constante mudança. Com os avanços da tecnologia, a informação chega-nos cada vez mais depressa e por todos os meios. As crianças e jovens que frequentam as escolas têm o direito de ser preparados para integrarem uma sociedade do futuro; não do presente e muito menos do passado. Ora, quantos professores não vemos a ensinar da mesma forma como aprenderam?

Os tempos mudaram e, com eles, também a educação e o ensino deviam sofrer grandes transformações. É certo que algumas mudanças são divulgadas e aprovadas pelo Ministério, no entanto, daí a serem aceites e postas em prática, deparamo-nos com um fosso desmedido. Os professores são pessoas, e as pessoas são resistentes às mudanças. É difícil mudar algo que está moldado há muito tempo e ao qual os indivíduos já se acomodaram.

Torna-se, portanto, indispensável alterar a forma como os professores são vistos aos olhos da sociedade. A credibilidade dos professores tem que ser readquirida, o quanto antes, pois, estão em jogo o futuro e a vida de crianças que serão os cidadãos ativos de amanhã.

Sei, também, e de acordo com Ryan (1986) que, neste momento me encontro no *estádio da fantasia*, estádio este que me permite, ainda, pensar que conseguirei inovar na minha prática, tendo em conta aquilo em que acredito e defendo. Este autor refere que, a partir do primeiro dia de trabalho, um novo estádio se inicia, denominado *de sobrevivência*, que durará, sensivelmente, até ao Natal. Durante este período, o professor principiante terá que lidar com vários aspetos e situações que ultrapassam a sala de aula, sendo posto em causa, constantemente. Posteriormente, virão o *estádio do domínio* e o *estádio do impacto*. Espero, quando conseguir chegar ao *estádio do impacto*, poder ser uma professora que contribuirá, com consciência, para a credibilidade dos docentes.

Por fim, outro cariz importante do estágio, foi o facto de o termos realizado, integrados num grupo. O grupo de estágio foi muito importante para mim, pois, com as minhas colegas, pude discutir ideias, pedir opiniões e receber conselhos e críticas

construtivas. Estivemos juntas ao longo destes dois anos de Mestrado, e juntas partilhámos sucessos, vitórias e conquistas, mas também desilusões. Aprendemos a trabalhar em conjunto, a ser resilientes e mais compreensivas umas com as outras. Sinto que aprendi muito com cada uma das colegas que integraram o meu grupo de estágio, pois todas elas eram pessoas sensíveis e me marcaram, de uma forma ou de outra; espero, igualmente, tê-las marcado positivamente. Esta experiência permitiu-me perceber o quão importante é o trabalho entre pares, para a minha integração na vida ativa.

### **Limitações ao estudo**

No decorrer da realização do presente trabalho, algumas limitações se foram sucedendo.

Primeiramente, considero que a principal contrariedade se prendeu com a dificuldade em encontrar fundamentação teórica para muitos dos pontos que considerei pertinentes relatar.

Tendo em conta o que acima foi referido, e apesar das bibliotecárias se terem sempre disponibilizado a ajudar-nos no que fosse preciso, deparei-me, muitas vezes, com livros extraviados, ou emprestados durante largos períodos de tempo. Apesar dos esforços, por vezes, em vão, das funcionárias para tentar que os alunos entregassem os livros, penso que seria importante aplicar sanções àqueles que entregam os mesmos muito tempo depois do período de empréstimo ter chegado ao fim, pois de outra forma, torna-se difícil controlar.

Seguidamente, penso que o horário da biblioteca deveria ser alargado, sobretudo no período de férias da Páscoa, uma vez que é uma época em que temos menos trabalhos para entregar e nos podemos dedicar, com mais afinco, à elaboração do relatório. Também durante a semana, seria benéfico que a biblioteca não fechasse tão cedo.

Depois, também o espaço disponível na ESE, para elaborar o relatório, era, inúmeras vezes, ocupado por alunos com a finalidade de realizar trabalhos de grupo, fazer refeições ou ver filmes, atividades que provocam alguns distúrbios a quem está a tentar concentrar-se num trabalho de extrema importância, como este. Ainda em relação ao espaço, gostaria de ter tido acesso ao um local com mais luz natural pois,

do meu ponto de vista, é sempre mais agradável e motivador do que as luzes brancas artificiais.

Por fim, quero referir o fator tempo, que talvez tenha sido, a meu ver, o que menos obstáculos me causou. É claro que a quantidade de trabalho, no final do ano letivo, é abundante, com todos os trabalhos para entregar (muitas vezes de grupo, o que torna mais difícil a conciliação de todos os elementos), as aulas e os materiais que queremos elaborar, a Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional e as avaliações finais de algumas unidades curriculares. No entanto, penso que, com muita disciplina, esforço, rigor e organização, tudo se consegue.

### **Novas pesquisas**

O término de mais um capítulo da minha vida, não significa, forçosamente, o fim do meu percurso como estudante. Uma vez que a sociedade se encontra constantemente em mudança, é imprescindível que, enquanto boa profissional da educação que desejo ser, me dedique a novos estudos, para que os meus conhecimentos estejam sempre atualizados.

Uma das áreas à qual gostaria de me poder dedicar prende-se com as Necessidades Educativas Especiais. A inclusão de crianças com dificuldades de aprendizagem em turmas regulares é, cada vez mais, uma prática adotada, desafiando os professores a encontrar estratégias para o sucesso desses alunos. Mas, por muito criativo e inovador que um professor possa ser, é essencial que saiba o que fazer para ajudar essas crianças, em determinadas situações.

Por fim, por ser a minha área favorita e constituir um “fantasma” de que tanto se fala na sociedade, desejo ter oportunidade de realizar pós-graduações na área da Matemática, e poder passar o gosto que tenho por esta ciência a muitas e muitas crianças.



## **Referências Bibliográficas**



Abrantes, P., Serrazina, L. e Oliveira, I. (1999). *A Matemática na Educação Básica*. Lisboa: Ministério da Educação.

Abrecht, R. (1994). *A Avaliação Formativa em Portugal*. Porto: Edições ASA.

Agüera, I. e Espejo-Saavedra, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância: actividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa-Letras.

Alarcão, I. e Roldão, M. C. (2010). *Supervisão: Um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Mangualde: Edições Pedagogo.

Almeida, A. (1997). *Visitas de Estudo – Concepção e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.

Alonso, L. e Roldão, M. C. (2005). *Ser Professor do 1.º Ciclo: Construindo a Profissão*. Coimbra: Edições Almedina.

Altet, M. (2000). *Análise das Práticas dos Professores e das Situações Pedagógicas*. Porto: Porto Editora.

Amado, J. S. (2000). *Interacção pedagógica e indisciplina na aula*. Porto: Edições ASA.

Amado, J. S. e Freire, I. P. (2002). *Indisciplina e violência na escola – compreender para prevenir*. Porto: Edições ASA.

Antunes, C. (2008). *Professores e Professauros – Reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas*. Petrópolis: Editora Vozes.

Azevedo, M. (2000). *Teses, Relatórios e Trabalhos Escolares: Sugestões para Estruturação da Escrita*. Lisboa: Universidade Católica.

Barros, N. (2010). *Bullying – Violência nas Escolas*. Lisboa: Bertrand Editora.

Bastos, G. (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.

Bettelheim, B. (2002). *Psicanálise dos Contos de Fadas*. Lisboa: Bertrand Editora.

Brandes, D. e Phillips, H. (2006). *Manual de Jogos Educativos – 140 jogos para professores e animadores de grupos*. Lisboa: Padrões Culturais Editora.

Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Canavarro, J. M. (2007). *Para a Compreensão do Abandono Escolar*. Lisboa: Textos Editores.

Carita, A., e Fernandes, G. (1997). *Indisciplina da sala de aula – Como prevenir? Como remediar?* Lisboa: Editorial Presença.

Condemarin, M., e Chadwick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Conferência de Salamanca (1994, junho). *Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais*.

Cordeiro, M. (2009). *O Grande Livro dos Adolescentes*. Lisboa: Esfera dos Livros.

Cordeiro, M. (2010). *O Livro da Criança – do 1 aos 5 anos*. (5.<sup>a</sup> Ed.). Lisboa: Esfera dos Livros.

Cunha, P. D. (1996). *Ética e Educação*. Lisboa: Universidade Católica Editora.

Cury, A. (2004). *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes – Como formar jovens felizes e inteligentes*. Cascais: Pergaminho.

Estanqueiro, A. (2010). *Boas Práticas na Educação – O Papel dos Professores*. Lisboa: Editorial Presença.

Fabregat, C. H. e Fabregat, M. H. (1991). *Como Preparar Uma Aula De História*. Porto: Edições ASA.

Fernandes, D. (2005). *Avaliação das Aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editores.

Formosinho, J. (2009). *Formação de Professores: Aprendizagem profissional e acção docente*. Porto: Porto Editora.

Gardner, H. (1995). *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Grosso, C. (2004). *Matemática Volume III – Grandezas e Medida, Áreas e Volumes*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Harper, B., Ceccon, C., e Oliveira, M. D. (1996). *Cuidado, escola! Desigualdade, domesticação e algumas saídas* (35.<sup>a</sup> ed.). Apresentado por Paulo Freire. São Paulo: Editora Brasiliense.

Hohmann, M. e Weikart, D. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Gulbenkian.

Jean, G. (1999). *A Leitura em Voz Alta*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

Lebrun, M. (2002). *Teorias e métodos pedagógicos para ensinar e aprender*. Lisboa: Instituto Piaget.

Leite, L. (2001). *Contributos para uma utilização mais fundamentada do trabalho laboratorial no ensino das Ciências*. Em H. V. Caetano, M. G. Santos (Orgs.), *Cadernos Didáticos de Ciências*, volume 1, pp. 79-97, Lisboa: ME-DES.

Leite, C., e Fernandes, P. (2002). *Avaliação das Aprendizagens dos Alunos: Novos contextos, novas práticas*. Porto: Edições ASA.

Lima, J. A. (2002a). *As Culturas Colaborativas nas Escolas: Estruturas, processos e conteúdos*. Porto: Porto Editora.

Lima, J. A. (2002b). *Pais e professores: um desafio à cooperação*. Porto: Porto Editora.

Lopes, M. C. V. (2011). *Gramática da Língua Portuguesa 2.º Ciclo do Ensino Básico – 5.º e 6.º Anos*. Lisboa: Plátano Editora.

Magalhães, V. F. (2009). *Sobressalto e Espanto – Narrativas Literárias sobre e para a Infância, no Neo-Realismo Português*. Lisboa: Campo da Comunicação.

Matos, J. M., e Serrazina, L. (1996). *Didáctica da Matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.

Martins, I., Veiga, M.L., Teixeira, F., Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A. e Couceiro, F., (2007). *Educação em Ciências e Ensino Experimental. Formação de Professores*. Lisboa: ME, Coleção Ensino Experimental das Ciências.

Meirieu, P. (2004). *O Mundo não é um Brinquedo*. Porto: Edições ASA.

Mialaret, G. (1981). *A Formação dos Professores*. Coimbra: Livraria Almedina.

Ministério da Educação. (1991). *Programa de Ciências da Natureza*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação. (1999). *Programa de História e Geografia de Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação. (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico - 1º Ciclo*. Mem Martins: Departamento da Educação Básica.

Ministério da Educação. (2007). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação. (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Neto, L. M., Marujo, H. A. e Perloiro, M. F. (1999). *Educar para o Optimismo*. Lisboa: Editorial Presença.

Neto, C. (2003). *Jogo & Desenvolvimento da Criança*. Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana.

Oliveira, J. B., e Oliveira, A. B. (1996). *Psicologia da Educação Escolar II professor - Ensino*. Coimbra: Livraria Almedina.

Pais, A., e Monteiro, M. (2002). *Avaliação uma Prática Diária*. Lisboa: Editorial Presença.

Pato, M. H. (2001). *Trabalho de grupo no Ensino Básico – Guia Prático para professores*. Lisboa: Texto Editores.

Pereira, L. A., e Azevedo, F. (2005). *Como abordar...a escrita no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Areal Editores.

Pérez, M. R. (s.d.) (a). *Estratégias de Aprendizagem na Aula – Desenho e Avaliação*. Madrid: Facultad de Educación. Universidad Complutense.

Pérez, M. R. (s.d.) (b). *Desenho Curricular de Aula como Modelo de Aprendizagem-Ensino*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Pombo, O., Guimarães, H., e Levy, T. (1994) *Interdisciplinaridade: reflexão e experiência*. Lisboa: Texto Editores.

Pombo, O. (2004). *Interdisciplinaridade : ambições e limites*. Lisboa: Relógio d'Água.

Ponte, J. P., e Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da Matemática do 1º Ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.

Quivy, R. e Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Reis, C., e Lopes, A. C. M. (2000). *Dicionário de Narratologia*. (7.ª Ed.). Coimbra: Almedina.

Reis, M. P. I. F. C. P., (2008). *A Relação entre Pais e Professores: Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Tese de Doutoramento em Educação Infantil e Familiar. Universidade de Málaga e E.S.E. João de Deus.

Ribeiro, A. C., e Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e Avaliação do Ensino - Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Roldão, M. C. (2008). *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências - As questões dos professores*. Barcarena: Editorial Presença.

Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

Ryan, K. (1986). *The Induction of New Teachers*. Estados Indiana: Phi Delta Kappa Educational Foundation.

Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Serrazina, M. L., e Matos, J. M. (1998). *Geoplano na Sala de Aula*. Lisboa: Associação de Professores de Matemática.

Severino, M. A. (2007). *Supervisão em Educação de Infância – Supervisores e Estilos de Supervisão*. Penafiel: Editorial Novembro.

Silveira-Botelho, A.T.I.F.C.P. (2009). *As Tecnologias de Informação e Comunicação na formação inicial de professores em Portugal*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

Vatterott, C. (2009). *Rethinking homework: best practices that support diverse needs*. Alexandria: ASCD.

Vilar, A. M. (1998). *O Professor Planificador*. Porto: ASA Editores.

Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Porto: Edições ASA.

### **Referências eletrónicas**

Ruivo, I. (2006). *João de Deus: Método de leitura com sentido*. recuperado em 2011, setembro, 16,  
[http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/ot\\_metodo\\_leitura\\_joao\\_deus\\_b.pdf](http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/ot_metodo_leitura_joao_deus_b.pdf)

Simões, A. (1996). *Planificações*, recuperado em 2011, outubro, 9,  
<http://www.prof2000.pt/users/folhalcino/formar/outros/planifica.htm>

Sistema Educativo Europeu, *Education, Audiovisual & Culture Executive Agency*, recuperado em 2012, julho, 15,  
[http://eacea.ec.europa.eu/education/eurydice/index\\_en.php](http://eacea.ec.europa.eu/education/eurydice/index_en.php)

### **Legislação**

Decreto-Lei n.º 319/91, de 23 de agosto.

Despacho Normativo n.º 1/2005, de 5 de janeiro.

Despacho Normativo n.º 50/2005, de 9 de novembro.

Lei n.º 46/86, de 14 de outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo).